OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXIII

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXIII

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1 vol.)

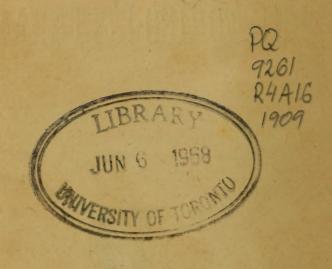
OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXIII

ESTUDOS CRITICOS — I

BOSQUEJOS
HISTORICO-LITTERARIOS

VOLUME UNICO

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1909

NOTA DOS EDITORES

Centenas de artigos de indoles diversas, mas revelando todos as superiores faculdades de Rebello da Silva, andam disseminados por uma dezena de publicações notaveis do seu tempo, como são a *Revista Universal Lisbonense*, a *Epoca*, o *Panorama*, os *Annaes das Sciencias e Lettras*, etc. E' já muito difficil alcançar todas estas publicações, onde, a par de muita coisa boa, se encontra muita futilidade; e só os apaixonados de um determinado escriptor se abalançam a colleccionar essas publicações, só porque ellas trazem um ou outro artigo do seu auctor predilecto. Com o trabalho que estâmos fazendo, de englobar em pequenos volumes esses multiplos artigos, evitâmos ao colleccionador as fadigas da procura e as despezas da acquisição d'aquellas revistas, em geral em numerosos volumes e occupando, portanto, um grande es-

paço, e prestâmos, nos parece, um serviço ás boas lettras patrias. A este volume arbitrámos o titulo de *Bosquejos historico-litterarios*, pela qualidade dos artigos que o constituem; aos volumes subsequentes daremos novos titulos, consoante o genero de composições de que forem formados, sendo alguns d'elles bastante curiosos e reveladores dos extraordinarios dotes de talento, de erudição e de trabalho do mallogrado escriptor.

Os Editores.

BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS

I

Anthologia

(1843)

A imprensa converteu-se em mercado de retalhos, aonde qualquer pelotiqueiro com ares de mandarim vem fazer *operações mixtas* com o trabalho e fadigas alheias; vem: e de braços encruzados, e olhos no céu os philosophos, os Triptolemos da agronomía litteraria rezam uma lenda de motes sem gloza, todos ôccos, todos da bocca e não da alma, todos nascidos do peccado miseravel e lodoso de abrir o porto a estes chavecos de argelinos, posta a fé na mirifica cruz da moeda das suas alfandegas, nas deliciosas addições do livro da caixa, no regalado beneficio simples de trocar a pthysica dos bolsos n'uma obesidade miraculosa.

D'antes quem não tinha officio util practicava as artes subtís: uma tesoira ou uma gazúa descerravam o Eldorado, e levavam o inventor direito aos paços do conde Andeiro, ou até ás saudosas salas da Cordoaria: hoje —

descobriu-se um requinte de civilização, de cortezia, de transcendente livelamento social: novo, intellectual, e altamente democratico: quem não quer, ou não tem de que viva, deita-se a um jornal politico ou litterario, trepâna-o, retalha-o; é bem commum: todas as vespas lhe cravam o ferrão; todos os lebreus lhe dão uma dentada: e não ha-de o triste queixar-se, que logo lhe tapam a bocca com a tacita approvação da sociedade, que não aproveitou, entre mil outras questões de menor interesse, uma hora para realizar o mais sancto, o mais sagrado dogma do systema representativo — o direito de propriedade.

Que nos valem boa vontade e zêlo de tantos engenhos cultos, tantas esperanças a desatar-se viçosas, futuros tão formosos e dourados? Que valem elles?... á terra mais uma vergonha, ao escriptor martyrio cruelissimo! Uma vergonha — uma infamia íamos quasi dizendo — uma vergonha indelevel, escripta nas faces com o ferrete do opprobrio, com a lettra do nome mais vil, que se póde estampar na fronte do homem da sociedade, que, acceito por uma nação — se o é — se o póde ser n'este seculo e n'este tempo, a deve e ha-de rebaixar ao mais abjecto desprêzo — ao escarneo, que a converterá em fabula das gentes, em exemplo tristissimo das miserias humanas.

Ahi andam soltos pelos mares os piratas de gravata, honestos no exterior aos olhos do mundo dos parvos, negros, cobertos de lepra, immundos d'alma e de obras — no entender

dos sisudos: esses—para aquelles a quem Deus concedeu consciencia e intelligencia são dez, cem mil vezes mais covardes e pygmeus, mais refalsados e tristes ratoneiros do que os outros, que saem á estrada a jogar n'um combate a vida, ou a arriscar portas a dentro da morada alheia a segurança e a liberdade: a uns quasi que os ennobrece o perigo, aos outros a impunidade é o seu patibulo de ignominia mas patibulo aonde tambem geme na affronta a nação que o permitte.

A imprensa era a vida d'este seculo: vida grande e grande fé lhe affiançava ella: direitos sustentava-os, crenças discutia-as — melhoramentos ampliava-os: e mataram-n'a logo ao nascer... ou estão-n'a rasgando de golpes lentos, que a dilaceram até ao íntimo—que a hão-de acabar por si.

O beduino litterario ninguem o aponta com o dedo — passa como os poderosos, sem lhe vestirem o trajo que lhe cabe — a opa do algoz: — o Procusto desconjuncta no leito das dores o que entre nós, apenas creado, é já cadaver — e nem uma clava lhe quebra as forças!... pobre terra! e pobre gente!

Ha leis aos centos para tudo em Portugal — a maxima — aquella que é intima e travada com a existencia social na sua expressão mais alta — essa não a fizeram; não a fazem... porquê?... ao criminoso mais atroz respeitam-se os seus direitos; ao escriptor cospe-se, algema-se, e expõe-n'o em logar alto ás mordeduras dos insectos — devoram-lhe o coração

os abutres e sem poder soltar um brado que se oiça, ou a que não respondam risadas descompostas da chusma dos piratas mendigos.

Todos os dias lhe alimenta novas forças este desfavor — em que jazem os unicos que sabem e querem annunciar aos reinos do estrangeiro, que existiu, que existe ainda a sombra de uma nobre e grande nação, e todos os dias alguma lagrima, ou alguma deserção d'esta bandeira lhe cavam sepultura esquecida e affrontosa.

Mas hoje já não ha rebuço: ao sol, no meio da praça, apregoa-se ao povo com um rótulo, que o resume todo este tráfico vilissimo, e a lei dorme na mente, na intelligencia tarda, ou... esquecida do que a devia logo escrever como uma das mais sanctas do livro d'ouro dos direitos sociaes.

Alegrem-se os piratas — mais um alliado navega nos seus mares: entôem o seu hosannah, bradem victoria — venceram—mataram as lettras—mas hão-de morrer tambem com ellas!

Se uma coisa chamada—Anthologia Litteraria—Revista das Revistas, Pirata mór de litteraturas, estranhas e nossas—parece tomar a si o assassinio da lingua e da grammatica, se assim fizer, abjurou a logica, e vendeu como Judas por alguns dinheiros a honra, as esperanças, e o futuro das lettras da nossa patria!!!

Começa roubando o titulo a um jornal acreditado, acabará talvez por lhe copiar columnas inteiras: exemplos não lhe faltam já — e

pelo que vimos, hão-de crescer em cada minuto.

A esta maravilha hão-de os curiosos desejar naturalmente um horóscopo: nasceu nos braços da semsaboria á noite na typographia de... Martins—seja-lhe a terra leve depois da carreira brilhante que lhe está patente.

¿Macte puer, sic itur ad astra?

(Da *Rev. Univ. Lisbonense*, n.º 35 do vol. 2.º, Maio 18 de 1845).

II

Um quarto de papel impresso

(1843)

Saiu á luz da imprensa, que já a tem dado a tantos abortos litterarios, mais um escrito em quarto de papel, varrido de idéas, mas cheio de affrontas a transbordar: é uma verrina, em que os redactores da *Revista das Revistas* investem furiosos com o nosso collega do Correio, por ser o primeiro a arvorar o pendão contra os violadores da propriedade litteraria.

As armas, que elles esgrimem nem são novas, nem agudas: indecencias e miserias sempre as houve: são antiquissimas: parece, que a íra d'aquelles escrevedores, doidos de lhes pôrem na praça o *innocente* plano de se realizar na provincia litteraria a celebre communhão das terras, lhes levou o pouco acerto, que podessem ter: vem férvidos, loucos, e delirantes como Bélides fugidas aos tormentos: e o nosso collega do Correio não fizera mais de que mostrar, que o elmo de Mambrino não passava de tristissima bacia de barbeiro: bastou isto para lhe assaltarem o credito com a homérica boa fé de acreditar, que valeriam con-

tra o seu conceito e bem merecida reputação as injurias sandias, malcreadas e razas, que enfastiam estiradas em duas columnas, onde não avulta senão a disposição, que o compositor soube dar aos typos.

A questão ficou intacta. Ha alli uma erudiçãosinha de Polyanthéa sobre a palavra anthologia, que veneram aquelles escrevedores como os Troianos o seu palladium: já que tanto amor lhe têem, permittam que lhes apontemos do abysmo da nossa ignorancia, a mais exacta significação d'esse vocabulo.

Tirando a anthologia de Meleagro de Gadara, verdadeiro ramalhete, onde se desatavam as flores de quarenta e cinco poetas, realçando Aintes, que alli representava o lyrio, e Sapho a roza, novos ramos bracejou o tronco d'esta arvore plantada sessenta annos antes de Christo — mas já na cultura lhe estragaram a primeira formosura, e aquella, que fôra a mãe de todas perdeu-se nas trevas dos tempos com as outras, até ás duas ultimas que temos, e pelas quaes forçosamente se haviam de regular, como tão sabedores, os litteratos da *Revista das Revistas*:— a de Constantino Céphalas do seculo x, e a do monge grego Maximo Planudo. Felizmente Heidelberg, salvou-a de morrer affogada no pó das livrarias e deu, sem o saber, um bom modêlo de jornal ás nossas letras patrias. ¿E o que que era essa anthologia de Heidelberg? perguntára o leitor curioso.

Eu vos digo — imaginae uma babel de tres

mil versos, em que os epigrammas se arrastam devassos e licenciosos como as poesias do Aretino; sobre este prostibulo assentae o que os Gregos chamavam *Epigrammata amathematika* mais castos, mais insipidos eram elles: d'estes — que se inscreviam nas offrendas do templo — passae para os epitaphios, e só depois d'esta aborrecida peregrinação de Ashaverus é que entraes em veiga mais cultivada — do alcoice ao templo, do templo ao sepulcro pagão — e de lá á poesia verdadeira!

Mas, como não designam qual escolhêram para mólde: quem sabe se nobres brios lhe despertou a Arabe de *Hamasah*, ou *Chrestomatia* de Silvestre de Sacy: se assim é, desde já nos retratamos do que dissémos na *Revista*, e damos os parabens á nossa litteratura pela fonte riquissima — que a poesia oriental nos vae de novo brotar.

Melhor era em verdade que o tentassem. Voltando á questão, declaramos, que o quarto de papel impresso pelos redactores da anthologia em vez de os lavar da nodoa, que, estampa na fronte do homem honesto da sociedade essa colligação rapinatoria, que leva na vanguarda como anciã e mestra — *a Revista dos jornaes politicos* — serviu só de lavrar mais um documento para se instruir este grande processo nacional.

Já hoje se não póde tolerar esta pirataria normanda: — já quando todos os direitos assentam na garantia da lei, este não-ha de ficar, como os christãos do circo, exposto á feroci-

dade esfaimada d'estas hyenas litterarias: se o exemplo de outros reinos, se a voz da razão não brada, ou não é ouvida, aonde o devia de ser e logo, aos escriptores limpos de consciencia e de mãos cabe estreitar os laços, que os tornam irmãos pela sua alta missão civilizadora, e unirem as forças para varrer dos mares os piratas descarados, que, sem pudor nem receio, como o Uscoque de Byron, entram soltos pela terra firme.

¿Porque não hão-de ajunctar-se os redactores, esquecerem, deante d'esta grande necessidade social, as cores ou matiz de partidos, e offerecerem á salvação das nossas letras tão despresadas uma hora de meditação; sagrar uma oblata minima no altar da patria? Em Inglaterra, em França, em toda a parte as sociedades são verdadeiro meio de mover os negocios publicos mais difficultosos: ¿porque o não hão-de ser aqui?

A lei de propriedade litteraria assim discutida e elaborada, confiamos que achará nas camaras o apoio, que ao direito dos auctores está mostrando a opinião geral.

Represente a imprensa o elevadissimo principio que advoga—seja portugueza de véras ao menos uma vez, levantando este monumento, verdadeiro symbolo da intellectualidade, e do amor; das letras; monumento para si, e para os outros; util no presente; utilissimo e expiatorio para o futuro.

(Da *Rev. Univ. Lisbonense*, n.º 37, vol. 2.º, 1 de Junho de 1843)

III

Novo Amaro da Lage
(1843)

Por volta de nove horas da manhã, em um dos ultimos dias, atravessava as ruas da cidade um sugeito de boa presença e decentemente vestido. Um sorriso de sincera alegria lhe floria na bocca ao volver a vista para um embrulho de soffrivel volume, que levava debaixo do braço. Nos modos, no andar, em todo o exterior transparecia aquelle typo do negociante de segunda ordem, que, a pouco e pouco, a mania especuladora da épocha vae fundindo na raza despoetica do capitalista frio e quasi sem alma.

Depois de dobar pela rede baralhada de becos e travessas, de enfiar á pressa as ruas, e dobrar as esquinas, parou deante de uma loja de confeiteiro, situada em local classico para os emprehendedores de façanhas gulosas: tomou uma respiração larga; enxugou o suor, e já sem cautella atirou com o embrulho ao balcão interior, onde deu um som metalico capaz de o revocar á vida e á inspiração usual o defuncto *Amaro da Lage*, o maior e mais profundo especulador dos bens alheios. Todavia aquel

le tinir de prata ouviu-o, com ar indifferente, um individuo, que de longe media o passo pelo do honrado commerciante de trouxas d'ovos e cocada. No rosto sério apparecia o carregume de uma familia numerosa a roer-lhe n'alma; e nos traços certo desleixo galante de homem substancial no recheio das algibeiras. Cortezia, palavras escandidas, afflautadas; o maior escrupulo nas demasias quando o engano em seu favor era de alguns réis, tudo isto juncto a certas insinuações deitadas como ao acaso, cariaram ao sujeito certa confiança do sancto do confeiteiro: o gesto afavel com que o recebeu foi uma prova manifesta.

— Calor? am? já a esta hora está de arder!...

— Então por cá? temos a compra do costume?

Antes de responder, o sujeito esgueirou um olhar límpido, mas ardente, para o balcão interior: annuviou-se-lhe um pouco o semblante, e carregou o sobrolho como quem medita lá para si. Foi acto d'um instante. O bom do vendedor de bollos na sua homerica innocencia tomou aquella reflexão, por uma natural incerteza sobre as especies, que deviam sortir o arratel de doces, que o freguez consumia hebdomadariamente.

— São os mesmos: e até se quizer, olhe por ser freguez, lhe posso...

— Hoje não! — Accudiu o outro extendendo a mão com um gesto digno de Napoleão em Waterloo — nada, os pequenos fazem-se-

nos gulosos, e depois aturem-n'os... Vamos, temos por ahi assucar?

— Algum ha, sim senhor... Mostra aqui ao senhor das qualidades que temos!...

Durante este dialogo o cavalheiro manobrava com muita presença d'espirito por se avisinhar do embrulho — pesava-o com a alma nos dedos, e os dedos na vista.

— Não me serve d'este. Olhe ahi em baixo no armazem já lh'o ví optimo, se quizesse...

— Pois não — duas passadas; é virar a esquina! faz favor!

E ambos partiram para o armazem: o sujeito prégou um sermão contra as compras fiadas—quem não tem, não gasta—é cá a minha regra, disse elle ao bom do negociante, que lhe ía tomando já quasi tanto amor n'este terceiro ou quarto encontro, como o sábio Jonathan Oldbuck de Monckbarns ao phenix dos viandantes, ao seu nunca assás elogiado Lovel.

A doutrina do freguez pareceu tão orthodoxa ao vendedor, que a apoiou com todo o pêso de um aceno e de um suspiro.

Chegaram, e não estiveram em grandes questões para chegar *á razão:* o confeiteiro accommodou-se nos preços, o sujeito deu por optimo o assucar: arêado para o chá — ahi umas oito arrobas — sua mulher era impertinente n'aquillo; mas á vista d'aquelle assucar não tinha que dizer. Cortou tambem por largo na quantidade de outras qualidades, e a final, metteu mão á carteira.

— Isto são deveres bilateraes: fazenda e

paga ... espere, que me esqueceu! ... não importa, faça-me o favor de ir pesando, que eu já volto: não me demoro nem dois minutos.

Saiu, correu de trote á loja de confeiteiro, e disse ao caixeiro:

—Teu amo manda-te ir ao armazem para lhe ajudares a pesar e assentar uma carga d'assucar, não sei para quem. Diz que chames gallego. Eu aqui o espero, não te esqueças de o avisar!

O caixeiro enthronizou a creatura de Sanctiago ou de Tuy, e deitou até ao armazem.

—Ouviste? disse o cavalheiro ao animal de dois pés e cachaço asinario.—Ouviste, vae alli áquella tenda traz-me um caderno de papel, para eu passar aqui uma conta;... é verdade, arranja quatro gallegos para um frete ... anda, anda que tenho pressa.

O sórdido estafermo saiu: rápido como milhafre, aquella harpia transpôz o rubicon, empolgou o embrulho, e antes do gallego voltar nem fumos de tão sublime moralista.

Desapparecêra como um corisco.

Passados minutos, quatro gallegos grunhiam encostados ao páu e corda contra o aprendiz do caixeiro, e este consolava na sua entaramelada aravia—o patrão, que ao entrar em caza, déra por falta do embrulho, — e assim aprendèra á sua custa *a comprar com dinheiro á vista.*

O homem dos sermões furtou-lhe umas boas setenta moedas. Foi um pouco cara a licção dos deveres bilateraes; mas o sancto do negociante ainda espera em Deus arranjar-lhe outra melhor na calcêta, ou a bórdo de um navio do estado fazel-o viajar a vêr terras d'Africa, onde dilate a sua missão commercial.

(Da *Rev. Univ. Lisbonense*, n.º 6,
de 28 de setembro de 1843).

IV

Retratos de homens illustres

(1843)

Os retratos dos homens illustres em Sciencias, Politica, e Artes, que sobresairam no Seculo XIX, é uma obra nascida de nobre pensamento:—quando o presente se converter em passado, e esta actualidade palpitante e animada, que ora se revolve, dormir no repouso dos Seculos, á historia caberá sentencial-a pelo bem que fez, pelos erros e illusões que abraçou. Sugeitos á regra invariavel do tempo, nós, os que hoje compomos a geração presente, que tão inexoraveis nos havemos sentado no tribunal para condemnar, sem mercê, as maculas dos que nos precederam; para responder com a ironía de Beaumarchais, com o sarcasmo de Figaro a tanto esforço generoso, nós tambem temos de passar na terra, e de calar para sempre: alli os filhos de nossos filhos, os herdeiros do glorioso thesouro social das épochas, virão pagar-nos desprezo com desprezo: talvez ingratos como nós fomos:—ou bem póde ser que mais rectos hão de sellar o sepulcro, e escrever-lhe absoluta reprovação, ou judiciosa censura na pedra rasa da campa.

Mas que ao menos nos não possam lançar em rosto a nódoa que ennegrece tanta pagina esplendida do livro poetico das nações; que não ousem com verdade reprehender ao Seculo XIX, o esquecimento e desamparo, cynico desprezo pelas provas da sua habilitação historica:—que não tenham argumento para imprimir na fronte d'esta pobre terra de Portugal o ferrete affrontoso de estupida e ingrata:—que o não possam fazer sem calumnia!

Já não poucos desaires d'estes pezam sobre ella; não lhe junctem mais um.

A arte, que resuscite os vultos, que a proximidade dos annos ainda não extremou distinctamente das sombras do indeciso crepusculo do dia de hontem, apenas apagado no seu occaso. Baterá, e não tarde, a hora em que ao raiar da sua aurora aquelles vultos se hão de accusar com o grandioso das suas fórmas em horisonte limpo de paixões de pigmeus: hão de resair como as imagens saudosas e poeticas dos filhos da terra na lucta estrondosa dos Deuses com os Titões;—porque tambem esta, que ora se peleja, é gigante e immensa; virá ao depois um Eschylo que a cante—um drama que a pinte; um homem, que atravez do crêpe luctuoso encare as feições immoveis do cadaver, e dando-lhe subitaneo movimento, o colloque de pé ao limiar da épocha.

A arte, que legue ao futuro todos os elementos, todas as tinctas para este sublime painel. —Quando se recuarem as balizas, e o que hoje nos apparece claro, desmaiar na distancia,

o tenue, como sombra ou nevoa d'Abril, fugir, e se resolver no ar deante dos olhos do investigador, do romancista, e do poeta, então os *Retratos dos Homens Illustres do Seculo* XIX, appensos como esclarecimento á historia, servirão de marco seguro, onde o antiquario desfallecido assente uma idéa exacta, e rica de côr local: onde refresque as tradições e retempere a sua poesia nas phisionomias characteristicas das individualidades poderosas, que deram valente impulso aos acontecimentos, e á gloria das lettras e sciencias.

Se o systema historico de hoje, se não accommoda já com as certidões d'óbito e assentos de baptismo; se uma épocha se não esboça afferindo-a pela medida sempre falsa de um vulto agigantado que elle seja em volta do qual outros, quasi atomos, giram e se enredam, todavia o palpado e perfeito conhecimento d'aquelles vultos, a analyse philosophica da sua indole e meios d'acção, concorre muito para resair em relevo gracioso a parte dramatica, que as tempestades da nossa épocha, n'isto bem similhante á meia edade, encerra no remoinho da sua continua agitação: ajudar tão curioso estudo, harmonia intima certa, de certa alliança, que nem sempre, mas não poucas vezes, se percebe entre as feições do homem e os dotes e energia d'alma, é porventura rematar com soberba cupula o famoso edificio, que se traçou, e está erguendo.

Bem nobre, bem repassado de amor patrio, e bem sentido foi o pensamento artistico do

Sr. P. A. J. dos Sanctos, que a sós comsigo concebeu, dirigiu, e a final poz em obra tão bella idéa d'arte. O seu merecimento inculcará já qual tem de ser o desempenho: contentará e muito a quem ainda não observou pelos seus olhos o esmero e primor da obra: nós que — por delicadeza da sua amizade—alcançamos esta experiencia inutil para o conceito, mas boa para o gosto, ousamos assegurar que leva rigorosamente cumpridas as condições do programma, e não é pouco o que o programma promette, senão muito e difficil de satisfazer. Caso raro este; não apparece uma mentira solemnissima embellecada com os sabidos atavios, e momices do costume.

O valor da obra já de leve o mencionámos; o que ella importa no presente e no futuro egualmente o apontámos; resta dizer que o Sr. Sanctos se accommodou ás conveniencias de todas as circumstancias por mais acanhadas que fossem, pondo a sua obra ao alcance de todos os que tiverem gosto, amor patrio, e intelligencia artistica.

Sabemos que os retratos do Sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira*, a reputação européa de Portugal, e o de *Joaquim Machado de Castro*, auctor da *Iliada* de pedra e bronze á memoria de D. José, são os primeiros, n'estes proximos dias, que abrem a publicação do Sr. Sanctos. A escolha e acerto dos dois retratos ainda realçam mais que o pensamento da obra já tinha de mimoso em si: continuando com os dos nossos mais insignes poetas actuaes, e com os

dos outros sabios e litteratos que floresceram anteriormente.

As estampas serão em papel velino, e em formato de quarto francez grande. O preço de cada estampa é para os assignantes de 100 réis; e avulso de 160 réis. As assignaturas fazem-se na lithographia do editor P. A. J. dos Sanctos, no largo do Conde Barão.

(Da *Rev. Univ. Lisbonense*, n.º 9 de 19 de outubro de 1843).

V

O Roubo

(Drama em quatro actos e um prologo, em beneficio do sr. Epiphanio)

(1843)

O *Roubo* é um drama chistoso, meio serio—meio comico; a verter lagrimas por entre riso; a suspirar uma saudade por entre maliciosos e brandos epigrammas, que ferem as fraquezas e as illusões de uma côrte, que, não contente de se coroar com o seu glorioso diadema de guerra e a aureola do genio, rebaixava a sublimidade da sua esphera, e para obedecer ao orgulho, se rodeava dos restos de uma aristocracia caduca, e sem significação.

O pincel que tão leve e gracioso deitou no quadro aquellas alegres côres, que no caracter de *Miguel*, novo para nós, mas verdadeiro e profundo, segundo o coração; o pincel que se deleitou na scena das modistas a realçar tão elegantemente o dialogo d'aquellas borboletas de toucador sabe carregar, quando convém, o colorido, e desenhar com tanta correcção, como natural e caracteres tão severos e

honestos no serio, como o de *Miguel* é garrido no meio da sinceridade aldeã ou da rudez da tarimba.

Tão gentil, tão bello, tão corrente o dialogo, que, sem forçar a attenção com subtilezas metaphysicas, n'uma linguagem accommodada a cada personagem, nos transparece com todo o mimo o menor reflexo das paixões que luctam, e das que se disfarçam por meio de rosas, como áspide, para ferir á hora dada e por traição.

O prologo, falado singelamente, rico de natural, declara os caracteres com facilidade e aproveita todos os accidentes para aclarar a acção, desfazendo contradicções, e livelando-lhe o caminho. *Ravennes*, *Gustavo*, e *Margarida* são lindas creações; para contraste, Miguel, a virtude agreste e sem rebuço como nasce espontanea; o corcunda do hospital, com o riso amarello proprio das creaturas enfermas, que se querem vingar de ter nascido contrafeitas olhando de revez os outros homens.

Os lances são formosos: as opposições calculadas com muita arte; e o gosto que uniu em ramalhete tanta flor, matizado com tacto e sciencia depurado d'exaggerações. Nem anguloso e escuro, nem tão simples que decaia em prosa villã; mas sempre no meio termo assisado se conserva o estylo do drama; agradou muito, e offerece um modelo para se acertar por elle especialmente o dialogo, e a maneira de preparar os lances.

O Sr. *Epiphanio* encantou pela naturalidade, graça desaffectada, e fecundissima comprehen-

são de todas as tão diversas phrases do seu papel;—melhor não se póde ir; e é tanto mais para maravilhar, quanto teve de crear em tudo; e nunca resvalou em caricatura, ou falseou, de leve que fosse, o caracter do seu personagem.

O Sr. *Sargedas* aproveitou com tal arte uma parte pequena, estudou com tanto acêrto o gesto, a voz presa, e a má catadura do ruim villão, que representa, vencendo mil obstaculos se podéra ser, ainda na creação d'esta figura foi além da sua conhecida mestria.—E' copia em tudo que admitte e requer copia —mas é espirituoso, profundo, e soberanamente actor quando o exigem a scena e a situação.

Todos os actores realçam n'esta peça, que se nos figura uma das mais completas pela execução que n'estes ultimos tempos teem subido á scena.

Recommendâmol-a ao publico para recreio e instrucção.

(Da *Rev. Univ. Lisbonense*, n.º 14, de 23 de novembro de 1843).

VI

A censura moral do theatro

(1845)

As ruinas dos paços do Rocio transformaram-se n'um theatro: e o ministro, que se honrou com a sua edificação, para completar a sua obra, publicou o regulamento de 30 de janeiro, organizando uma sociedade de artistas dramaticos. Portugal teve então um theatro, digno da sua bella capital: e uma lei para o reger, segundo os principios adoptados pelas nações civilizadas. N'estes dois actos manifestou-se o pensamento generoso de estimular as artes collocando-as á sombra da poderosa tutela do govêrno; e muito tempo havia já que uma idéa fecunda e nobre, como ésta, não occorrêra a nenhuma administração. Honra e glória pois á que se illustrou, concedendo protecção á scena portugueza.

Mas o proposito de a restaurar exigia alguns sacrificios pecuniarios. Seria ridiculo levantar um edificio, como o theatro novo, e negar aos artistas os recursos necessarios para caminharem. Era a loucura de fazer um tumulo de Nino para sepultar o cadaver da arte

dramatica, morta de fome, entre os ironicos duetos e cavatinas da opera lyrica, tam feliz! O ministro, que fundou o theatro era incapaz de similhante paradoxo. A lei de 30 de janeiro prometteu os supprimentos que a experiencia reclamasse. O thesouro havia de ser economico, mas não havia de ser surdo ou cego. Estes subsidios, que o tempo e o gôsto todos os annos diminuiriam á medida que os espectaculos melhorassem, e a concorrencia augmentasse, propunham-se auxiliar o theatro para atravessar as maiores difficuldades. Creando a censura litteraria, o regulamento preparára a boa escolha d'um reportorio; estabelecendo os direitos d'auctor, premiava o talento, e chamava os bons engenhos á quasi deserta carreira dramatica. Do impulso simultaneo d'estes meios, devia resultar, d'um lado, o progresso das artes comicas, prosperando com a protecção do governo; do outro, o estimulo aos escriptores de merito, que as remunerações convidavam a enriquecer o paiz de poemas, gloriosos para elles, e honrosos para a nação.

Com a queda d'esse govêrno cahiu tambem o theatro —soccorrido entretanto, posto que insufficientemente, pelo seu successor. Tractava-se, mesmo, de constituir uma dotação propria para subsidio da scena portugueza, quando, em 6 d'outubro passado, um novo ministerio se installou.

D'ahi em deante o theatro cahiu no maior desamparo. Para o podêr foi como se não exis-

tisse. O theatro que a nação adoptou solemnemente por uma lei; e a sociedade, que ahi se estabeleceu confiada na protecção promettida pelo govêrno—não mereceram o menor auxilio, ou favor. Negou-se-lhe tudo. Em Portugal chamar-se artista portuguez equivale a ser posto em interdicto de fome e desprezo. Entregue a si, com as despezas excessivas, que demanda o custeio da casa e com as obrigações impostas pela classificação d'actores, o theatro debalde implorou esse diminuto subsidio provisorio, que o Duque de Palmella concedêra. Até esse lhe suspenderam.

Envergonha referir ésta perseguição calculada, que um estrangeiro, se lh'a contassem, nunca poderia acreditar. O que se pretendia era sitiar por um bloqueio de miseria os actores, afim do os curvar ao jugo d'um emprezario, abolindo-se o principio liberal do regulamento de 30 de janeiro—o principio d'associação, que reina no theatro francez, e que Napoleão sanccionou, datando-o do mais glorioso campo das suas batalhas. Para um negociante de trinados e padidus havia ouro, havia favor, havia tutela. Para um theatro, edificado por ministro portuguez, organizado por uma lei, que o honrará sempre, e creado para fins tam nobres, e tam uteis, houve só repulsas e silencio.

Pobre theatro! pobre nação!

Dotou-se a empresa de San'Carlos com largos subsidios—22 contos de réis para quatro mezes! Desembargou-se-lhe a guarda-roupa;

e affiançou-se o prompto pagamento das prestações;—e tudo isto para aquelle palco ser pisado por uma companhia abaixo de mediocre. Depois, no mesmo dia em que se mandou fechar o hospital das Caldas, prorogou-se por um mez o seu contracto.

Em quanto todas as predilecções se accumulavam sôbre a opera lyrica italiana o theatro-Nacional, sem recursos, abria representações de dia, suspendia as recitas, e acabava por fazer, o que ainda hoje continúa, por se limitar a beneficios semanaes, com o justo empenho de não deixar morrer de fome os artistas que o govêrno alli mandou reunir, affiançando-lhes auxilio e protecção n'um decreto com vigor legislativo.

Esta questão é litteraria e como tal pertence a todos os partidos;—e a todos os escriptores. Não se elimine a opera lyrica; mas, não se dê o escandalo publico de locupletar o estrangeiro, reduzindo á miseria o portuguez. As artes não não teem patria—são bem vindas de toda a parte;—a da scena, porém, é mais exclusiva; cada nação funda o seu theatro: estimula-o; sustenta-o; e lucta para que elle a não envergonhe—porque no theatro está a medida da civilização e intellectualidade d'um povo. Ouçam Donizetti e Verdi, admirem-n'os; mas não proscrevam os Garretts, os Mendes Leaes, e os auctores, que nos illustram; applaudam *duettos*, *cavatinas*, *rondós*, mas não condemnem á morte o *Captivo de Fez*, o *Alfageme*, e o *Pagem de Aljubarrota*. Sejam co-

herentes. Protegem a opera lyrica; porque não auxiliam o drama portuguez? Por ser nacional?...

Entretanto as urgencias do thesouro, que não são urgentes para San'Carlos, foram inflexiveis para o theatro de D. Maria II. O emprezario italiano impõe condições e recebe avultados subsidios; a sociedade portugueza implora auxilio e não é escutada! - Ha mais ainda. Como, apezar do seu desamparo, achou na concorrencia publica algum soccorro, e se não dispersou pedindo esmola pelas ruas, ou emigrando para o Brazil, um novo flagello, aggravando-lhe as difficuldades, veiu cahir sôbre ella. Falâmos do modo inaudito, por que é hoje exercida a censura moral da Inspecção-geral dos theatros.

Não tractaremos aqui da legalidade da censura deante do § 3.º do art. 145 da Carta. Bem dirigida, póde prevenir, sem damno da arte, coisas que offendam os costumes, ou devassem a vida particular. As vantagens d'ella são talvez superiores aos inconvenientes. Mas a censura não é uma tesoura de alfaiate, mettida nas mãos de qualquer individuo, que se lembre de mutilar o pensamento dos poemas dramaticos; ou de a converter em ruina e oppressão do theatro. A censura tem regras. Prohibe as palavradas e grosserias; as allusões pessoaes; e as *caricaturas* politicas; as injurias á moral e aos dogmas da religião; e obrando assim está no seu logar. A censura, porém, é obrigada a motivar as sentenças, porque é um tribu-

nal responsavel; é obrigada a respeitar a propriedade do pensamento e o melindre dos escriptores, não os offendendo com vétos ridiculos e arbitrarios. A historia, os factos, os vicios, as paixões humanas são do dominio da arte; e em toda a Europa se lhe reconhece o direito sagrado de as animar e trazer á scena. No systema representativo nada é arbitrario e limitado. A censura tem deveres a cumprir; mas por cada acto que practica, responde ao govêrno e á opinião publica. Se é uma excepção consentida do § 3.º do art. 145 da Carta, por isso mesmo mais escrupulosa deve ser em justificar o uso d'este excesso de poder.

Não entendeu assim o actual secretario da Inspecção dos theatros, o Sr. Lopes de Andrade. No seu conceito a censura não se restringe a tam pouco. E' uma cousa altamente diplomatica. Um meio de politica transcendente. Uma renovação litteraria, inflexivel na dictadura, e infallivel no julgamento.—A censura moral nas suas mãos é a vara do litor; é a machadinha consular, cortante e horrivel como a da republica romana. Desorelhar dramas, fazel-os mancos, estropeados, ou manetas nada é. A sua omnipotencia cria milagres. Faz dos frades bonzos; dos hespanhoes chinezes; dos inglezes satrapas; e do senso commum, irrisão. Dicta leis ao drama, que esqueceram aos criticos de Corneille—que reduziriam as cinzas essas miseraveis poeticas dos Goethes e dos Schillers! Debaixo da modestia de um empregado civil, ferve na sua mente a ambição da

grande gloria litteraria. Reformar a arte dramatica é o seu nobre proposito; mas reformal-a por meios verdadeiramente revolucionarios. Nada de frades; nada de freiras; nada de imagens ou recordações religiosas na scena. Uma tocha ou uma Virgem do Amparo são altas offensas aos dogmas religiosos! Nada de memorias historicas. Aljubarrota; Montesclaros; os doze de Inglaterra de que servem? De alterar a cordeal harmonia, que reina entre nós e os alliados. As côrtes estrangeiras teem os olhos fictos no theatro faminto de D. Maria II, e um grito, echo dos que saudaram as batalhas do velho Portugal, põe em perigo a existencia da Hespanha, ou da Inglaterra! A historia de uma nação pela nova poetica-diplomatica deve supprimir-se, para não fazer ultrage á historia dos outros reinos. Estão passadas notas para um tractado europeu, cujas bases estipulem: 1.º Que os frades e freiras não sejam postos em scena, porque offendem o pudor das potencias. 2.º Que a religião periga se o theatro reproduzir alguma das fórmas externas do culto. 3.º Que para evitar conflictos, e especiaes convenções, as potencias declaram em interdicto a historia das nações, sob as mais graves penas para o infractor. 4.º Que um Lazareto censorio purificará os trabalhos historicos de todos os factos, que de algum modo destruam as disposições tomadas. 5.º Que o mundo, por economia, começará para o theatro da data do tractado em deante. São exceptuados Adão e Eva.

Talvez alguem imagine simples gracejo, as clausulas do supposto tractado. Engana-se. Existem. São idéas que pullulam na cabeça do secretario da Inspecção-geral dos theatros: são licções que elle dá com a ferula aos auctores; acham-se registadas nos factos da sua censura; e formam hoje a poetica do Conservatorio. Se uma rizada longa e estrondosa accudir á bocca, deve suspender-se: porque as incansaveis tesouras lá estão abertas para provar, que não ha n'isto parodia, mas triste realidade!

No estado da pobreza, a que o governo reduziu o theatro portuguez, negando lhe subsidios, o seu reportorio acha-se embargado quasi todo pela falta de recursos. As peças escaceiam, e apenas uma se offerece é indispensavel ensaial-a logo, para se não suspenderem as poucas representações que se dão. A censura moral, em vez de proteger a scena, esmera-se em a vexar. Demora semanas e semanas os dramas, sem os ler; guerreia as virgulas e as palavras, suspende-os á ultima hora; tenta tudo para desgostar os auctores, subjeitando-os ao humilhante *placet* de um individuo sem habilitações nenhumas; e faz de cada poema que se licenceia o objecto de uma espinhosa negociação Um tal procedimento é irritante, e ha-de provocar desagradaveis represalias á auctoridade superior, que não é culpada.

Estamos muito longe de attribuir ao Sr. Marquez de Fronteira, inspector dos theatros, esta inqualificavel perseguição. Occupações graves embaraçam-n'o do exame attento d'es-

tes abusos; e S. Ex.ª teve sempre a honrosa modestia de se não julgar omnisciente. Sobre o Sr. Lopes de Andrade é que deve recahir todo o odio e toda a responsabilidade. A ser exacto o que se diz, o secretario da Inspecção não occulta o desejo de fazer do theatro de D. Maria uma especie de arca de Noé, onde cantores, bailarinos, artistas dramaticos, e não sei se tambem ursos, pantheras, e bugios, vivessem debaixo da vara de um emprezario italiano, seu amigo, disfructando bons subsidios, e a protecção da politica-poetica. Se isto é verdadeiro, a censura seria então nas suas mãos uma arma dirigida contra a lei de 30 de janeiro, lei que só as côrtes pódem revogar; e teria explicado os excessos que ousou, com offensa dos auctores e ruina do theatro.

E' util, que o publico não ignore até que ponto se atreveu a alçada censoria. Tinha sido licenciada uma peça espirituosa recebida com applauso pelas platéas. Depois de licenciada, e quando estava produzindo algum lucro, foi repentinamente suspensa por ordem da policia. Ha, portanto, duas censuras: uma que a lei reconhece e que verbalmente licenciára o drama; outra, que se fez a si, e que o suspendeu. *O habito não faz o monge*, este chistoso proverbio de todas as nações, que não consta que esteja em indice expurgatorio, foi supprimido, porque entravam n'elle dois officiaes em trajos monasticos, e meia duzia de freiras.

O bello drama *Fr. Luiz de Sousa*, a obra

prima do Sr. Garrett, elogiada pela douta Allemanha, coroada de sinceros louvores pela mais escolhida sociedade portugueza intimou-se *verbalmente* o theatro do Salitre para o não pôr em scena; e se, depois, se concedeu subir elle ao palco, foi mutilando-o com ineptas tesouradas! O conservatorio, que nas suas reuniões víra com enthusiasmo este monumento de gloria, hoje saberá, que tinha victoriado uma obra peccaminosa; uma heresia litteraria!

A peça o *Rei ou Impostor* do Sr. Bordallo acha-se debaixo da excommunhão, e recusam-lhe a licença. O assumpto, é esse mysterioso personagem, que os Filippes martyrizaram em Veneza por se intitular D. Sebastião de Portugal. O Sr. Dr Abranches, o engenhoso auctor do *Captivo de Fez*, recommendou-o como um poema digno do theatro, e das melhores esperanças. O Sr. Lopes de Andrade descobriu n'elle cousas *perigosas*, e fecha-lhe as portas do theatro.

Para córar a suspensão do *Habito não faz o monge* falou-se n'uma reclamação da Nunciatura por causa dos frades, ou das freiras. Fazemos á Nunciatura a justiça, de nem levemente acreditar que ella tentasse esmagar o pensamento em Portugal com as restricções anti-liberaes da censura romana. Se tal se medita, porém, a reacção dos escriptores e da imprensa é de suppor que faça arrepender os imprudentes, que, a titulo de religião, procuram obrigar-nos a recuar a tempos im-

possiveis. Nesse caso a imprensa faria d'isso uma questão de vida, ou morte; e tinha a seu favor o seculo em que vivemos que nada favorece as demonstrações ultramontanas.

Para suspender, e depois mutilar *Fr. Luiz de Sousa*, argumentou-se com Hespanha! O rasgo nobre de um portuguez não póde nunca offender um castelhano. Para não licenciar o *Rei ou Impostor* invocam-se os mesmos pretextos; e parece, que se treme de um drama historico como de uma invasão de Tartaros! Isto, além de oppressor, é indecente. Desafiamos a censura para que em 24 horas justifique o governo portuguez, e os ministros estrangeiros, das ridiculas usurpações, que lhes assaca.

Mas o secretario da Inspecção é homem de recursos. Em se transferindo a acção do *Habito não faz o monge* para a China, e em os frades apostatando para a seita dos Bonzos — licenceia-o! Assim o aconselhou, e prometteu. Ha n'isto um absurdo, um impossivel, uma inverosimilhança, mas que importa? Façamos bonzos dos frades, e mandarins dos officiaes francezes, e fica salvo o pudor da policia. *Fr. Luiz de Sous* sabia o illustre censor o modo de o expurgar. Era mudar-lhe a cabeça para os pés, pôr o *desinat in piscem* na cabeça e a *mulier* formosa na cauda. Eliminar o bello feito de Manuel de Sousa no final do 1.º acto para evitar complicações diplomaticas, e sobre tudo apeiar uma Senhora do Amparo, que alli apparece em imagem com extremo desacato da

religião. Convertido assim o mais regular e admiravel dos nossos dramas n'um monstro informe, a censura licenceia-o! Quanto ao *Rei ou Impostor* o negocio é grave. Para esse as tesouras são insufficientes. O assumpto é venenoso todo. Não ha expurgação possivel. Deve morrer no limbo como creança sem baptismo!

Estes incriveis attentados da censura, que eram dignos da punição da comedia, senão ferissem interesses e direitos, provocam a indignação da imprensa, que é socia do theatro pela liberdade pensamento. O secretario da Inspecção injuria o caracter dos escriptores honestos, com suspensões clandestinas, que fazem pezar sôbre elles a suspeita de promoverem a corrupção dos costumes publicos. E' justo, que a nação, os estrangeiros, e o governo saibam, emfim, que a censura atropella tudo, e está emprehendendo no seculo XIX a ominosa tarefa do despotismo obtuso.

Fr. Luiz de Sousa acha-se impresso, e o nome do seu auctor junto ao conhecimento dos que o leram, basta para condemnar a censura. Mas o *Rei ou Impostor* está ainda manuscripto, e vendo-o suspenso alguem supporia, que era um libello contra a moral, ou contra a religião. Querer fazer do theatro portuguez uma especie de folha official, aonde cada drama serve de artigo de fundo, que idéa original! E' a primeira vez, que o palco se vê elevado á altura de questão politica. D'ora em deante uma peça de 5 actos terá a significação

diplomatica de uma nota; e uma farça a de importante protocollo. *Sic itur ad astra!*

O governo por honra sua deve prover ao abuso, que se faz da censura, e que acabará pelo tornar odioso. Arranque das mãos inhabeis do censor essa vara com que, elle não decapita papoulas como Tarquinio, mas vareja os fructos da arte. Salve-se o theatro das tesouras ineptas, e colloque-se n'esta repartição um homem de capacidade, que sem offender o talento exerça os deveres da sua magistratura. O Sr. Lopes de Andrade é uma provocação a tudo quanto escreve e entende de livros e de dramas em Portugal. A sua reforma poetica, que elle teve a innocencia de não guardar *in pectore*, é tão ridicula como atroz. Corneille ou Racine não lhe podiam escapar, e a *Esther* tinha ânimo de a converter em *oratoria*. Desaffronte-se a scena, e a poesia de um tyrannete, que n'outro paiz menos paciente já houvera sido suppliciado pelo talento de um modo estrondoso; e que n'este mesmo o será, se, proseguir no trilho que leva. O Sr. secretario da Inspecção é incapaz de provar a razão da sua censura; ignorando as regras elementares da arte dramatica, illude-se, cuidando que uma tesoura suppre uma penna. O governo, a quem se revelam os abusos e excessos da censura é que deve cortal-os, retirando o Sr. Lopes de Andrade do logar, que nunca podia occupar; e chamando a elle um homem, que possua as habilitações proprias para bem o desempenhar.

E' o que por hoje se nos offerece dizer; mas protestamos não largar o assumpto, em quanto as violencias da censura opprimirem o legitimo orgulho dos escriptores, e a triste carreira do theatro.

(Da *Rev. Univ Lisbonense*, n.º 32, de agosto de 1847).

VII

Introducção (ao 1.º numero do periodico «A Epocha»)

(1848)

Emprehendendo a creação de um novo Periodico, vamos, bem o sabemos, tomar sobre nós, em tempos difficeis, uma difficil tarefa: move-nos, porém, o desejo de sermos uteis ao paiz; e a sanctidade do desejo desculpa a ousadia da empreza.

De todos os lados se estão alevantando, e vão ou robustecendo pela acção benefica das sympathias publicas, ou morrendo á mingua d'esta salutar influencia, muitos Periodicos, todos de certo filhos do gosto das boas-letras, do ardor philanthropico e da viva admiração pelas artes e sciencias proveitosas ao bem das sociedades. Esses sentimentos, que aos outros teem dado animo para emprehender o estudo e o trabalho, são os mesmos que nos fortalecem a nós; estudaremos, trabalharemos tambem, julgar-nos-hemos felizes se, em premio das nossas fadigas, recolhermos alguma utilidade, por pequena que ella seja.

O futuro hoje representa-se confuso e melancholico: a humanidade vae dobrar um cabo procelloso, além do qual nevoas e sombras extendem um véu impenetravel; mas uma bussola lhe marca o rumo, e um vento rijo lhe incha as vélas; a bussola é a sciencia, e o trabalho e as machinas dão-lhe o movimento. Empenhemo-nos em ter presente sempre aos olhos de todos a agulha salvadora, acordemos nos homens bons de Portugal o amor do trabalho, ensinemos-lhes os meios de o tornar fecundo, e conseguiremos levar a salvamento esta náu, em que a Providencia nos embarcou.

A immensidade das sciencias moraes, das sciencias physicas, e das suas applicações industriaes, difficulta muito hoje a redacção de um Periodico, que se não encerre nos limites, ainda assim mui largos, de uma especialidade só: esta delimitação é mesmo, além de variavel, em extremo util, porque só ella consente que cada materia seja tractada com o desenvolvimento de que carece; mas entre nós, por em quanto, um Periodico d'essa natureza seria impossivel; são pouquissimos os homens especiaes, são muitos e mui diversos os gostos; é mister satisfazêl-os a todos.

Só a grande variedade da materia, a diligente erudição de cousas curiosas, e de poucos ainda conhecidas, póde tornar agradavel aos que a lerem uma publicação d'esta natureza; entretendo sem enfado, tendo, sempre em excitação o apetite.

Não nos engana um orgulho vão, porque o não temos: bem sabemos que nos não chegam as forças para satisfazer plenamente a tão difficeis condições, como essas que levamos apontadas. Sorri-nos, porém, a esperança de que os nossos esforços nos serão tidos em conta.

Procuraremos intermeiar o util com o deleitoso; poremos ao lado do processo agricola a poesia amena; ao lado da severidade da historia a facilidade do romance; juntaremos a descripção enfadonha de um novo invento, com a critica agradavel de um novo livro de litteratura; ornaremos as nossas paginas com modelos de machinas, e com copias de estatuas, ou de quadros celebres; e procuraremos em tudo, e sempre, conservar aquella sisudez e gravidade, que convém manter quando se escreve para leitores que se respeitam a si, respeitando e procurando conhecer os progressos, que cada dia vae fazendo a intelligencia humana.

Em duas partes se dividirá naturalmente o nosso trabalho: uma puramente scientifica e industrial, a outra particularmente litteraria; mas ambas uniformes no pensamento de popularizar a instrucção.

Na primeira esforçar-nos-hemos por divulgar:

Em agricultura — os methodos novos, aperfeiçoados pela chimica, e pela physiologia vegetal;

Em industria — os processos que enriquecem o trabalho, que alargam a esphera do com-

mercio, e tornam quasi infinita a fecundidade da producção;

Em economia social — os principios da liberdade do commercio; da liberdade da terra; da associação, e do progressivo aperfeiçoamento das classes laboriosas;

Em instrucção publica — a analyse das verdades fundamentaes administrativas; a concordancia da sciencia e das artes com as necessidades do trabalho industrial e agricola; a discussão dos melhores systemas, e regras de ensino practico e popular.

Na segunda parte todo o nosso empenho será fazer populares:

Em critica — as bases em que as sciencias moraes, e a poetica moderna, assentaram a regeneração das boas artes;

Em historia — a apreciação das epochas; o quadro resumido da vida politica e social; e a apreciação dos typos, ou individuaes ou collectivos, que representem os factos e as classes;

Em philosophia — a discussão da parte practica dos systemas; a influencia das idéas religiosas e moraes no estado social; o esboço das revoluções intellectuaes consummadas pelo esforço do engenho humano, verificadas por meio do livro ou da eschola;

Em poesia — a historia pela amenidade do romance; e a nobreza dos sentimentos pela elevação da lyrica, ou pela magestade do poema philosophico.

Firmes na defeza de principios, de cuja ver-

dade estamos profundamente convencidos, contamos pelo auxilio das pessoas instruidas e dos amigos do progresso, romper pelas muitas difficuldades, que cercam sempre no seu começo uma empreza d'esta natureza, e chegar em fim a assentar em bases firmes este nosso Periodico A Epoca

(Da *Epoca*, n.º 1, anno de 1848).

VIII

Viagem no Mexico

La Hacienda de la Noria

IMITAÇÃO

(1848)

Estamos no deserto, no seio das solidões septemtrionaes do Mexico. A natureza que se nos representa ahi é tão robusta e virgem como são asperos os costumes, e para nós em tudo raras as scenas d'aquelle mundo, que a audacia do navegador descortinou, e no seu orgulho a antiga Europa chamou novo. Jaz tudo em silencio no ermo; escuta-se apenas o pizar lento do corcel, que a espora estimula em vão. O azul de céu é empanado por véu tenuissimo de vapores que fumegam da terra, e sobem invisiveis. O espaço desenrola-se; a distancia cresce sem limites; quem será o cavalleiro, que leva a fronte reclinada sobre o peito, curvando-a ao dardejar de fogo d'este sol? Como lhe descahem os membros lassos; como lhe esquece a redea na mão frouxa; como se lhe retrata no rosto a fadiga e a amargura!

A sede requeima a bocca; o ar, que respira, incendeia —; e na calada profunda o murmurio surdo da aragem ramalhando nas folhas engana-o com a mentirosa esperança de apetecidas fontes. Debalde! Só aridez e silencio reinam aqui.

Esse homem, que sente pular-lhe nas veias a sezão da febre, e relampejar-lhe na vista como em iris todas as côres da agonia, é Gabriel Ferry, um francez que tinha jurado devassar os segredos do deserto, e já tarde se arrepende de haver ousado tanto.

E o tempo mal lhe permitte até o arrepender-se. Passaram-lhe pelos olhos tres clarões, veiu-lhe um frio de gêlo ao coração, sentiu-se cahir da sella, e, depois de cahido, ficou na suprema apathia que segue as grandes dores do corpo ou do espirito.

Quantas horas o subjugou o torpor assim? Nem elle sabe; lembra-se apenas de que os seus ouvidos escutaram o tinir do aço da espada contra a espora; que este de muito longe chegou a ser tanto ao perto, que os seus olhos amortecidos se abriram, olharam, e viram um cavalleiro voar como o raio, o corcel parar d'um impeto, e um braço extender-se para elle. Ao mesmo tempo a voz cheia do recemchegado interrogava com imperio:

—O que fazeis aqui?

—Morro de sede.

—De sede, por Deus, não morrereis.

Pendia-lhe do arção um odre cheio. A agua, refrescando a ancia em que ardia o

viajante, reanimou-lhe as forças. Poz-se em pé.

—Para onde ides?

—Para o Presidio de Tubaco.

—A Tubaco?... Mas viraes-lhe as costas!...

—Estou perdido então. No deserto quem pára não volta.

—Nem sempre — atalhou o outro sorrindo. — Ouvi-me bem. Já não achaes agazalho hoje senão na Fazenda da Nora. Chegareis ao sol posto. Não posso ir comvosco lá, mas passarei perto; segui sempre o rasto d'este laço; elle vos ensinará o caminho...

E dizendo isto o cavalleiro desenrolava a longa correia de couro trançado, e rasgava o galope deixando apoz si o leve sulco do laço na areia.

Gabriel Ferry fez então um esforço e tornou a cavalgar. Era ainda intenso o calôr. Lufadas de vento, ardente como lava—halito mirrador com que a solidão cresta a vida em tudo—vinham bater-lhe no rosto, e exacerbando-lhe o martyrio incomportavel da sede, passavam depois á flôr da terra soluçando um gemido surdo pelo espaço. No horizonte, na aresta dos bosques cerrados, recortava-se o disco purpureo do sol, afogado em lago de chammas côr de sangue. A areia fervia, a lingua queimada empolava-se, e as fauces estringiam-se abrazadas. Pela segunda vez ia ceder á angustia... De repente, ao sahir do bosque, como por encanto surgiu ante elle uma paizagem

maravilhosa, um espectaculo, que pela sua inesperada grandeza o subjugou.

Plainos immensos desatam-se a perder de vista e luxuriantes e vistosos resplandecem com os tapetes de finas relvas rotos aqui e além nos trilhos calcados por homens e gados. As arvores gomeiras sem conto, torciam os ramos pobres de folha, e entrelaçando-se todas pela cópa formavam um toldo, que servia d'abrigo aos campos. A viração amena e refrigerante, ciciando, dava novo sabor ás delicias do oasis. No meio das ervas mais frescas, e á sombra de freixos bellissimos, a nora gemendo espadana para tinas cavadas em troncos gigantes uma lympha pura, que scintilla com os raios do sol poente. Milhares de animaes, de todas as raças, bebem e nunca as exgotam. Adeante, mais longe, enrola-se a poeira dourada debaixo do galope selvagem das manadas de cavallos, que fogem, pulam, e giram com as crinas dadas ao vento, com os olhos todos em fogo.

Depois de ter apagado junto do poço a sede que o devora, Ferry dirigiu-se á entrada da fazenda. Na direita e na esquerda da entrada, em dois grandes cerrados, eram os touris. Um estava deserto; do outro subiam aos ares rolos de pó ennovellado, e mugidos surdos. Quiz saber o que era; approximou-se; e por entre o cerrado viu um touro debater-se e cahir sujeito ao laço; um homem saltar-lhe no dorso; afiar-lhe as pontas das armas com o punhal; e correr-lhe por ellas uma esponja imbebida

em certo liquido. Dahi o homem de um pulo galgou o cerrado para fóra: e o touro fremente, erguendo-se, tres vezes com a fronte sacudiu os muros do seu carcere.

Quando chegou ao pateo das casas, achou-o solitario, e ao pé do alpendre á entrada não via gente. Estava meio encostada a porta:— dentro ouvia-se o tom monotono de oração a que respondiam em côro muitas vozes. Era um sabbado, e os moradores da fazenda, á antiga moda castelhana, rezavam o rosario em familia. Ferry apeou-se, prendeu o cavallo a um pilar, e foi direito á sala.

Lá estavam em grande roda os amos e os criados ajoelhados todos juntos com a maior devoção. A voz pausada, que se ouvia, era a do reverendo capellão da quinta. Um homem de perto de cincoenta annos, que mostrava ser o dono da casa, vendo entrar o hospede cumprimentou-o com uma cortezia, e sem se interromper continuou a oração. Os mais ficaram como estavam. Gabriel Ferry ajoelhou-se, e com um timido lançar d'olhos procurou estudar então a companhia, á qual a sorte o viera aggregar.

A sala em quadro, espaçosa e alta, tinha paredes branqueadas a cal, e assarapantadas de arabescos, que denunciavam a imaginação selvagem e o pincel barbaro de um artista nómada. As vigas do tecto eram troncos de palmeira esquadrados e polidos com esmero. A frouxa luz da candeia, unica que havia, deixava em meia sombra as phisionomias as-

peras e os rostos bronzeados d'estes homens temerarios que não receiam viver mesmo na raia das fronteiras indianas. Mais adeante duas mulheres, com as faces cobertas de rebuços azues e brancos, que lhes desciam até á cintura, tinham fitos no padre os olhos pretos e bem rasgados como são os de todas as Mexicanas. Dentro em pouco a oração acabou-se, levantaram-se todos, poz-se a meza, e em logar do chocolate de uso, a ceia foi regalada de quantos acepipes podia inventar a gula, bastante rude com tudo, do opulento senhor d'aquelle dominio.

Entre os commensaes avultava um que aos olhos do viajante se distinguia dos outros. Chamava-se Benito. D. Ramon, o dono da fazenda, tractava-o com mais um pouco de attenção que aos mais. De feito tinha estampada no rosto a ousadia e a intrepidez. Era o perfeito typo dos vaqueiros, dos homens das solidões do Mexico, cujo deleite é a lucta corpo a corpo com a braveza das feras, cujo repouso está na carreira que devora a distancia; homens que prezam o perigo pelo gosto de o affrontar: e como os centauros, a cavallo, não conhecem espaço que os assuste ou corcel que lhes resista.

E boa occasião de os admirar se offerecia ao hospede. Esta ceia esplendida festejava a vespera da grande funcção rural:—no seguinte dia faziam-se os *herraderos* ou *ferras* d'aquelle anno. D. Ramon, depois de convidar o viajante para assistir, despediu-se d'elle com uma cor-

tezia, e em breve a sala ficou silenciosa e deserta.

Mal rompia a manhã, achavam-se reunidos na sala, onde tinham ceado D. Ramon, sua filha Maria Antonia, o capellão, e o seu hospede Gabriel Ferry. Só então foi dado a este ultimo admirar a belleza viril que na vespera apenas adivinhava. Agora o rebuço, que lhe escondêra as feições, pregado com elegancia, descahia sobre os hombros. A camiza finissima, bordada, de mangas curtas, por entre as pregas do rebuço, palpitava transparente sôbre o seio. A saia de seda, que o cinto de crepe escarlate da China tomava em dobras caprichosas, desenhava a gentileza das fórmas, sem a revelar toda; o pé breve arqueava-se com graça e parecia feito para se deslizar sobre ricos e molles tapetes. Com os dedos afilados e alvos saccudia os cordões de ouro do chapéu serrano; a outra mão sustinha a vara delgada com seu cabo de marfim lavrado. Era claro que se ia montar a cavallo.

Com effeito d'ahi a nada, depois do chocolate, cavalgaram todos e partiram a esperar a *recogida*. Ladeando o muro da quinta, tomaram para a entrada dos bosque que se extendiam a distancia. Por alli é que devia sahir o gado.

Uma cortina de vapores toucava a copa das arvores; tudo jazia em profundo silencio e escuridade. Subitamente agudos relinchos e mugidos cortam a mudez do campo: um ruido surdo soa de longe, avizinha-se, e a terra

parece tremer. Os vaqueiros rompem então com impeto por todas as sendas do bosque. Atraz dos vaqueiros, em mós cerradas, precipitavam-se com estrondo de trovão manadas e manadas, que fugiam, e pulavam espavoridas deante de outros cavalleiros, que voavam saccudindo no ar os longos laços. Dentro em pouco chegaram aos touris, as portas fecharam-se, e o bulcão retroava com bramidos tremendos, com encontros medonhos, que abalam o chão, e despertam todos os eccos. Finalmente acalmou-se a tempestade, e começou o *herradero*, a *ferra*.

Não sei se o acaso só foi o culpado; mas é certo que Maria Antonia e Benito se achavam ao lado um do outro. Elle vinha repousar um instante; ella olhava-o e córava. A phisionomia do mancebo respirava o mais indomito valor; unia-se n'ella a nobreza do sangue castelhano á firmeza selvagem do Indio, primeiro dominador do deserto. A tez morena, o cabello ondado, a estatura direita e flexivel provavam que a força e a agilidade repartiam com elle de todas as suas prendas. A donzella estremeceu do olhar que a fitou, e o rebuço puxado á pressa para o rosto escondeu castamente as rosas que lhe tingiram as faces, e os hombros e o seio, em que as tranças brincavam soltas. Era um idyllio, um dialogo mudo entre a paixão viril do homem aspero e fero como as selvas nataes, e a Amazona intrepida que de mulher só mostrava querer o pudor e a belleza!

A *ferra* foi como todas costumam ser. Seguiu-se depois a lucta entre o cavallo livre como o deserto que pisa, e o centauro que o toma rebelde, e o restitue escravo. Muitas scenas admiraveis d'este circo arrancaram ao viajante mais de uma exclamação de pasmo. Em um dos intervallos Ferry perguntou a D. Ramon se não havia ás vezes algum desastre no meio de taes exercicios equestres.

—Oh, redarguiu o senhor, é certo, acontecem. Ahi tenho eu o Indemoninhado. Vejam lá se os vaqueiros o trouxeram ao *herradero.*

Os vaqueiros desculpavam-se dizendo que não o tinham achado, em quanto Gabriel Ferry perguntava o que era o *Indemoninhado.*

—E' um cavallo que só foi montado duas vezes. Os meus vaqueiros não se arriscam a montal-o mais.

—E porque?

—Porque o primeiro que o montou ficou espedaçado; e ao segundo esmigalhou a cabeça n'aquella arvore, alli defronte.

—Porque não matam um animal assim?

—Ora! São cousas de familia. Os meus cavallos e os meus vaqueiros entendem-se. Podem matar-se e ferir-se á sua vontade, que eu n'isso não me metto.

Grosseiras rizadas applaudiam a sublime imparcialidade do amo, quando a presença de um homem, puxando com grande esforço um cavallo converteu a alegria em terror e assombro. O homem era o mordomo, chamado Caetano; o cavallo era o Indemoninhado. O

Mordomo olhou para Maria Antonia e se o ciume podesse matar de uma só vista, aquelles olhos matavam-n'a. Depois fitou Benito e o jubilo feroz que lhe transluzia no rosto fez empallidecer o mancebo. Não se carecia de notavel penetração para conhecer, que dois rivaes estavam alli, e que um d'elles não cabia na terra em que vivia a mulher amada d'ambos.

Um laço de correr apertava o beiço superior do Indemoninhado; a dôr, sujeitando-o, forçava-o a ceder; mas o beiço inchado attestava ao mesmo tempo que soubera resistir. Era alazão queimado, com os mais evidentes signaes de um caracter vicioso. Nos olhos, meio cobertos pelos molhos de crinas que trazia soltas na fronte, ardia um fulgor turvo. As orelhas eram fitas para deante. Os cascos duros e agudos davam um som metalico batendo nas pedras de cada vez que elle se atirava contra o Mordomo, e que este o repellia com o látego chumbado. O aspecto do cavallo era mais horrido ainda, que o do seu guia.

—Por honra d'esta casa — gritou o Mordomo, irá ainda este cavallo para a manada dizer que nos metteu medo a todos?

D. Ramon, levantando-se com certa impaciencia, exclamou:

—Não ha entre os vaqueiros um que se atreva a montar o Indemoninhado?

Ninguem respondia, porque ninguem ousava tentar o impossivel. Caetano então, indicando o mancebo, proseguiu:

—Senhor D. Ramon, aqui está quem não ha-de ter modo de montar o Indemoninhado na sua presença.

Mettia susto o sorriso, a ferocidade que illuminava o rosto do Mordomo. Benito Goia pagou-lhe com outro egual, e adeantando-se com firmeza:

—Se é necessario para honra vossa que eu morra... estou prompto... vou morrer.

A fala parecia dirigir-se a D. Ramon; porém os olhos disseram-n'a a Maria Antonia, que se fizera da côr do jaspe. O senhor hesitava entre a supplica que lia na mudez angustiosa da filha, e as exigencias do seu orgulho:

—Não te posso obrigar a ir... mas, se queres, tenta a aventura...

—Pois bem, vou montar o Indemoninhado.

—Se tens medo, monto eu, disse Caetano.

—A cada um de nós o seu papel. Tu metterás no touro que nos deu D. Ramon a primeira farpa.

—E darei até a ultima cutilada, se quizerem, redarguiu Caetano com uma risada rouca.

Começaram entre tanto a sellar o Indemoninhado. Passaram-lhe um laço pelo travadouro da perna esquerda apertando-lh'a com força de modo que o grosso ficasse sobre a barriga. A mão direita prenderam-lh'a de egual maneira; Benito lançou-lhe a sella, que tremia com o dorso fremente do cavallo; arrocharam-lhe a cilha; e o vaqueiro assentou-se

para afivelar as esporas. Maria Antonia n'este momento supremo estava hirta como uma estatua; e branca, branca como a alva tela que vestia. Só os olhos pretos, pasmados e abertos mais que o natural, tinham a luz sinistra que dá a grande agonia ou o delirio da febre. O proprio D. Ramon parecia aterrado e arrependido.

Apenas Benito pôz as esporas, soltaram o cavallo dos pés, e ataram-lhe a venda de couro nos olhos. E, apezar da corda, que lhe torcia o beiço, os saltos do Indemoninhado eram taes que se não podia montar. Foram obrigados a fazel-o ajoelhar, e dois vaqueiros mordendo cada um em sua orelha, conservam-no assim um instante. Benito saltou na sella.

—Agora soltem-n'o! bradou elle.

Recuaram os vaqueiros, em quanto o cavallo se erguia de um pulo, como salta a molla d'aço. Benito, depois de se firmar na sella, inclinou-se, e destapou-lhe os olhos. Então entre o animal e o homem travou-se uma lucta verdadeiramente admiravel. Espantado com o repentino clarão da luz que lhe deslumbrava os olhos, saccudindo a crina emmaranhada que a raiva erriça, o fogoso corcel solta um relincho medonho e em pulos desconformes, torcendo-se todo sobre os pés, vira a cabeça aos quatro pontos cardeaes, como para farejar o vento. O cavalleiro, na defensiva, firme a despeito dos movimentos impetuosos, segurava-se, e repellia com o estribo os dentes, que lhe virava ás pernas tentan-

do espedaçar-lh'as. Illudido na sua esperança, o Indemoninhado levantou então as mãos ao ar, ennovellou-se, e bramindo ao golpe das esporas nas virilhas, e empinando-se, deixou-se cahir para traz. Deram um grito todos os espectadores: mas o arção da sella ao tocar no chão batera uma pancada surda. O cavalleiro, prevendo a queda, saltára de um pulo a terra.

Benito estava como louco de cholera. Era a primeira vez que fôra obrigado a perder a sella. Ancioso de se vingar da affronta, o joelho comprimia os ilhaes do corcel, a espora rasgava-lhe a barriga; as mãos não largavam os cabeções senão para lhe magoar com o látego todo o corpo. Nenhum dos dois levava ainda vantagem, e apoz a primeira lucta ambos ficaram immoveis por minutos. Os applausos rebentavam de toda a parte e para os merecer áquelles centauros, o mancebo certo que tinha feito mais do que ao homem é dado fazer. Enthusiasmado pelos louvores e pela poesia do perigo, Benito, aproveitando a tregua, arrancou da bota o seu punhal:

—Matas o cavallo? gritou D. Ramon.

Um raio de indignação faiscou dos olhos de Maria Antonia, e veiu humilhar seu pae. D'ahi a donzella sorrindo com orgulho tocou-lhe no hombro no momento, em que o moço cavalleiro, por um acto de incrivel temeridade, cortava os cabeções ao cavallo, e sem redea, sem guia, se entregava a todo o furor do seu indomavel contrario. Apenas livre da oppressão do *bozal*, o corcel aspirou com força o ar

agreste da selva, e, saccudindo a fronte e as crinas douradas, voou direito á arvore onde já esmigalhára uma victima. Tão impetuosa, tão despenhada ia a carreira, que todos julgavam que no encontro o cavallo se espedaçava a si e ao cavalleiro. Para este ninguem via salvação. Já a corrida tocava quasi o termo, já distavam só poucos passos da morte... quando por um movimento subito, no instante em que o derradeiro gallão ia consumar a catastrophe, Benito tira o chapéu de largas abas, e passando-o entre a arvore e a vista do corcel obriga-o a recuar de salto para opposta direcção.

Então viu-se no espaço, que a carreira devora, o cavalleiro sem redea guiar á vontade o animal, que ora pula a este, ora áquelle lado, segundo a sombra lhe bate nos olhos. Assim é que veiu passar, férvido e espumando, deante do estrado de Maria Antonia—e a mão do mancebo posta sobre o coração tremia de orgulho e de jubilo, quando, no rapido fuzilar d'um instante, com uma vista em que toda a alma se pintava, a donzella lhe pagou o immenso amor de tamanho sacrificio. O Mordomo cortou com o seu olhar sombrio o inefavel deleite d'esta promessa sublime. Levando os dedos á cabeça, Caetano trouxe com desesperação um punhado de cabellos em cada mão.

Depois, com o triumpho estampado no rosto, Benito, soltas as madeixas ondadas ao vento, com a graça masculina das feições bellas e severas, despediu o cavallo, arfando, pelas solidões do bosque. Alguns vaqueiros metteram a

galope para o alcançar, mas nenhum pôde acompanhar aquella carreira rapida e tempestuosa como o balsão que foge na aza da tormenta.

Muitos juravam que o mancebo ia encontrar a morte onde a achára já outro cavalleiro, que, salvo do golpe da arvore, fôra espedaçar-se mais longe. Alguns, negando, não ousavam comtudo prometter-lhe a victoria. De todos só Maria Antonia tinha fé e esperança—é que tambem só ella tinha amor.

Caetano, o Mordomo, estava mais sombrio do que nunca. As feições contrahidas, os olhos pregados no chão, o odio e o ciume escriptos no rosto, davam-lhe horrenda expressão á phisionomia. Um vaqueiro chegou-se a elle, entregou-lhe as farpas, e chamou-o para o touril, onde só uma féra aguarda o inimigo. Depois de algumas sortes uma das garrochas cravou-se no pescoço do animal, mas partindo-se no impeto do choque, a ponta da arma do touro raspou de leve na coxa de Caetano. Este poz a mão no sitio ferido, enxugou duas gotas de sangue das calças brancas, e tremulo de raiva bradou por novas farpas. Só as trouxeram depois de alguns minutos e foi então que estranho terror pareceu apoderar-se d'elle. Para tamanha prostração não houve motivo, porque o sangue mesmo já não corria da ferida. Ainda tentou erguer machinalmente o braço e metter a farpa, porém não poude mais; o cavallo assustado empina-se, recúa, e com assombro geral leva o cavalleiro, que o não

sustem, para fóra da arena. Apupos e assobios puniram a fuga do toureador, que vacillava na sella como homem ebrio. A pallidez do seu rosto era a pallidez da morte.

N'este momento, quem sabe, espiava Benito um instante de triumpho!

—O que tem o Mordomo?—perguntou D. Ramon ao capellão, que fôra chamado e voltava meia hora depois da fuga do Caetano—Quer outra corrida?

—As corridas do Mordomo acabaram, replicou o padre. As pontas do touro estavam envenenadas. Já morreu.

—Morreu! Quem o envenenou?...

—Não se sabe... Disse que suspeitava que fosse... e não teve tempo de acabar. Muitos podiam ser. Os seus inimigo serão mais que os amigos.

—Perdi hoje dois homens como não torno a ter outros. Caetano pelo veneno, Benito pelo cavallo.

—Oh, não! — exclamou Maria Antonia; Benito ha-de voltar.

—No dia de juizo.

—Agora... vêde!

E o dedo tremia na direcção do bosque. A agonia da donzella fôra atroz e muda como são as grandes dores. Todo aquelle tempo a vista nunca se retirou do horizonte; a mão distrahida e convulsa nunca deixou as flores, que elle lhe tinha dado. Em fim um suspiro, em que o coração desafogou o immenso pezo que o opprimia, agitou-lhe o peito, e as faces

trocaram pela rosa a alvura do lyrio. Um raio de alegria ineffavel fez reviver a luz nos olhos pasmados, e o dedo extendido com ancia mostrava, lá ao longe no horizonte, um leve rollo de pó. E' que o amor adivinhava, que d'alli vinha a vida e a esperança.

De feito, rapido como o raio desce do céu, o mancebo voltava ao sitio d'onde partira. Todos correram, recebendo-o entre duas alas. Bastava olhar para o Indemoninhado, para vêr que, finalmente, estava sujeito. O arfar do corpo, os olhos tristes, e o pó e suor que lhe empastavam o pello provavam que o cavallo obedecia com terror ao cavalleiro. Este, com o vestido roto, o rosto arranhado dos ramos, e o cabello desgrenhado trazia signaes de ter disputado bem rijamente a victoria. Quando o cavallo ia chegando ao estrado, Benito deitou-se um pouco para traz, e deu um grito; o cavallo estacou. Bastava para o guiar a voz do seu vencedor! Rebentam em clamor então vivas e palmas entre os espectadores; e o mancebo, com gentileza digna de a invejar o mais fino cavalheiro, inclinou-se na sella deante de Maria Antonia, como para lhe depôr aos pés o seu triumpho. Novos brados o saudaram; e ella, com as faces accesas nas côres do orgulho e do jubilo, tremula de pudor e de affecto, atirou para o seu amante as flores, que, espalhadas no ar, lhe cahiram sobre o peito e pelo rosto. Aquelle cavalleiro tão forte, tão animoso ha pouco, ao tocar das folhas mimosas vacillou, empallideceu, e não soube senão bal-

buciar um nome. D. Ramon tambem se ergueu sem dizer palavra, pegou depois no braço de sua filha, e sorrindo para Benito retirou-se.

Dois dias depois havia festa na Quinta da Nora, e Gabriel Ferry era convidado a servir de testemunha no casamento de Maria Antonia com Benito Goia. Como os antigos cavalleiros, o mancebo tinha vencido uma empreza quasi impossivel, e conquistado a preço da vida o premio do seu amor.

(Da *Epoca*, n.º 13, anno de 1848)

IX

Litteratura hespanhola moderna

D. Antonio Gil e Zarate

(1848)

Uma causa que está nas paginas mortas da historia tem separado duas nações, que a posição physica, os interesses mutuos, e a reciproca conveniencia intellectual deveriam unir moralmente desde muito. Portugal e a Hespanha, collocados um ao pé do outro, conhecem-se tão pouco como se a extensão dos mares ou a distancia de milhares de leguas se interpozesse entre elles. Filhos do mesmo berço e do mesmo clima, rara vez a inspiração desceu sobre um sem tocar o outro. O raio divino, que accendeu o genio de Cervantes illuminou de gloria o tumulo de Camões. Nas solidões virgens da America, ou nos campos de batalha da Europa, a guereira monarchia de Carlos V lavrou os brazões das suas armas á ponta de espada. Cortez e Pizarro, se não egualam Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque, sentam-se logo abaixo dos Achilles da Cruzada Indica;

em que a Asia quasi toda se ajoelhou á corôa portugueza.

Por que razão, pois, dois povos, feitos para se entenderem e abraçarem, se olham pelo contrario de longe e de má vontade? Qual é o motivo, que ergue entre elles fronteiras moraes tão impenetraveis, que as duas sociedades se ignoram quasi completamente? Como já dissémos, a causa está nas paginas findas da historia. Mas ha sentimentos que nunca morrem no coração dos povos, ou no coração dos homens. O amor da nacionalidade, que nos fez heroes em Aljubarrota e nas linhas d'Elvas, que inspirou aos nossos vizinhos e a nós tambem prodigos de valentia e devoção nas luctas com o imperador Napoleão; o ciume da nacionalidade é que nos afasta de um trato que se nos afigura perigoso, aonde vemos em cada palavra cortez uma caricia traiçoeira, em cada sorriso benevolo uma seducção calculada.

Todo o povo que se esquece da terra em que nasceu e contempla indifferente as côres estrangeiras, que a proclamam vencida — é um povo morto, uma nação, cujo espirito passou em quanto o corpo se dissolve. O apêgo que nos faz amar as aguas, os montes, e o céu da patria, que nos persegue com o pungir da saudade no meio da mais aprazivel viagem, é de todos os affectos o mais sancto e o mais nobre. Mas deve-se elle exaggerar a ponto de nos entorpecer no desenvolvimento intellectual? será justo dar-lhe as proporções repugnantes de um fanatismo, que não vê, que não

pensa, e que só vive de odios irracionaes e contumazes?

Ninguem de certo o dirá. Qualquer que seja a solução do problema que a Europa discute a esta hora — ou sáia d'elle a paz, ou a guerra se levante de novo como nos tempos do Imperio, cada nação deve preparar-se para o seu futuro destino. Hoje não nos parece possivel já a idéa da conquista universal; sellou-a Deus no sepulcro com o cadaver do segundo Cezar. N'esta geração não ha cabeça, não ha alma que possa com ella. Vemos, como na dissolução da sociedade romana, reinos, que se desmembram; e nações que téndem a constituir-se independentes; o momento não convida a trabalhar na estatua de Nabuco. Custará a crear n'esta quadra quem tente realizar o colosso da monarchia universal!

Nada por tanto justifica a antipathia, que faz estranhas uma á outra duas nações que tanto lucrariam em conviverem como irmãs pela intimidade moral quando já o são quasi pela lingua tão similhante, e pelos costumes e clima. As duas litteraturas, filhas da mesma inspiração no seu principio, ganhariam tudo em se entenderem e estimularem mutuamente. O maior serviço que se podia fazer, pois, era chamar os dois povos ao terreno neutro das sciencias moraes e da poesia, estreitando pela mão dos escriptores de ambas as capitaes os vinculos de uma alliança litteraria sincera e solida.

A Hespanha, que tão mal se conhece aqui,

encerra grandes engenhos e gloriosos trabalhos mesmo n'esta epocha, em que o dia de hontem se consumiu na guerra civil, e em que o dia de hoje se perde em novos conflictos. Como nas republicas italianas dos seculos XIV e XV o braço que larga por um pouco a espada descança com a penna. Os soldados são poetas ou escriptores—sabem e usam egualmente as duas armas. Entre nós a eschola moderna nasceu na saudade do exilio e respirou o fogo das batalhas das luctas de 1833 e 1834. Os nossos vizinhos estão no mesmo caso. Martinez de La Rosa, Galiano Gil e Zarate, e os outros fundadores da nova litteratura viram a sorte diversa das contendas politicas, e pagaram mais de uma vez o sorriso da fortuna com o temporal da adversidade. Foram tambem sacerdotes e guerreiros; semearam com a palavra o que depois colheram com o ferro.

Em geral a litteratura hespanhola, como a nossa, repassou-se mais da imitação franceza, copiando do theatro e da lyrica estrangeira com mais fervor de admiração, do que amor da originalidade. Entre tanto o typo castelhano ainda não se apagou de todo, e mais de uma obra notavel o reproduz. No theatro, os nossos vizinhos, se nas peças mais trabalhadas se moldam pelo gosto de Paris, nos sainetes e comedias de costumes, conservam os costumes populares, e deixam vêr em um espelho fiel toda a phisionomia hespanhola. Nos seus escriptos de polemica, e nos esbocetos satyricos, o famoso Mariano Larra soube crear com elles

um genero que faz a sua gloria e imprimiu-lhe o cunho do seu espirito observador, e do seu engenho caustico e incisivo; ora estas obras tão firmes de traço como felizes de expressão em nada se parecem, e nada teem que invejar á litteratura franceza.

Gil e Zarate occupa na poesia dramatica da sua patria um logar distincto e merecido. Foi elle um dos primeiros que achou no passado glorioso da velha monarchia um thesouro de recordações para a arte, e um elemento de força e de regeneração para o theatro. Começando por se alistar na eschola classica, continuadora das tradições immoveis da poesia franceza introduzida por Filippe V, acabou por hastear a bandeira de uma nova poesia, que nem acceita a formula inflexivel da arte greco-romana, nem se humilha a ser o echo servil da eschola denominada romantica. Filho de ambas, combatente feliz dos dois campos, aprendeu de cada uma o que devia aproveitar, e, separando-se a tempo, fundou todas as esperanças de gloria na individualidade e na independencia do seu talento.

Gil e Zarate nasceu no Escurial em Dezembro de 1796. Seus paes eram actores nos theatros do Principe e da Cruz. Foi educado no collegio de Passy, para onde o mandaram da edade de oito annos. A' sua volta á Hespanha tinha esquecido a lingua natal, e o seu primeiro estudo consistiu em a recordar, meditando os grandes mestres da arte, e recorrendo ás origens primitivas, aos monumentos da

poesia castelhana. Em 1819, pouco antes de romper a segunda phase constitucional dedicou-se a traduzir algumas obras eminentes e entre ellas o livro notavel de Philips sobre as attribuições do jury. Todos sabem como a revolução liberal de 1820 expirou suffocada pela intervenção franceza; e ninguem ignora tambem de que modo o partido absoluto deshonrou a victoria com supplicios e perseguições. Gil e Zarate tinha dois crimes aos olhos da côrte reaccionaria: fôra empregado no ministerio do reino durante o regimen das côrtes; e a este crime unira o attentado ainda mais atroz de se deixar eleger official da Guarda Nacional. Já se vê que adquirira soffrivel direito ao martyrio politico.

O governo de Fernando VII, o paternal governo do rei *neto* não se esqueceu pois de o contemplar. Deportado em Cadix, as lettras foram o seu recreio e a sua esperança no rigor da adversidade. As suas tres comedias são d'este periodo. O *Entremettido* representou-se em Madrid no anno de 1825; *Cuidado com a Noiva* e *Um anno depois das bôdas* subiram á scena em 1826, quando o auctor já tinha obtido licença para regressar á capital.

Fernando VII, como excellente rei absoluto que foi, detestava cordealmente a imprensa. Não lhe devia grandes lisonjas; mas este odio de systema e de pessoa admittia certas excepções. A' maneira de um de seus augustos antecessores, S. Magestade gostava de ensaiar a sua penna em artigos anonymos que escre

via ou inspirava. Sabe-se até que pouco antes da intervenção franceza, um jornal disparava sobre todos os monarchas a artilharia grossa das injurias, distinguindo para os maiores ultrages Luiz XVIII. O descendente de S. Luiz, que era entendedor e commentava Horacio com verdadeira paixão entre as causas politicas, não esqueceu as diatribes do periodico para instar pela intervenção. Ora ha quem assevere que o principal redactor e instigador d'esta folha licenciosa era nada menos que D. Fernando, setimo do nome!

Isto prova só que nenhuma regra deixa de ter excepções; e por isso admira menos que a côrte permittisse a publicação de um jornal em Madrid nos fins de 1832. Este periodico, fundado com o titulo de *Boletin del comercio*, aonde escreviam entre outros homens notaveis da opinião liberal, D. Fermino Caballero e Gil e Zarate, é agora o *Eco del Comercio*, a folha mais antiga da imprensa constitucional. Em 1836 o duque de Rivas, Isturitz, e Alcalá Galiano chamaram o poeta para o seu lado, dando-lhe um emprego importante na administração. Depois dos acontecimentos da Granja, Isturitz arrastou Zarate na sua queda. Em 1843, governando o ministerio Lopes, tornou a ser empregado pelo seu amigo Fermino Caballero no mesmo logar. Na secretaria do reino Gil e Zarate dirige a importante secção da instrucção publica.

Gil e Zarate não é só poeta. Talento robusto e engenho laborioso tem estudado as questões

mais graves e aridas, e á custa de esforços mereceu não só á sua patria mas á França o conceito de habil administrador. São d'elle os trabalhos que reorganizaram a instrucção; deve-se-lhe egualmente e a Galiano a redacção tão difficil da lei municipal. A *Collecção de diversas questões politicas e administrativas* emprehendida com D. Cristóbal Bordiu e vários artigos da *Revista de Madrid* attestam a profundidade e a meditação do escriptor n'esta esphera de conhecimentos.

Gil e Zarate tudo o que é deve-o a si. Filho unicamente das suas obras, não entendeu que o mundo se devia curvar para lhe offerecer uma posição—foi elle conquistal-a com o seu trabalho. Dotado de imaginação brilhante e fertil, soube sujeitar-se ao lavor mais severo da administração, e obrigou-a a falar a lingua clara, e positiva dos negocios. Moderado nas idéas politicas, estudou antes de se ingerir na acção dos partidos; e quando se declarou por um systema, achou-se no caso de o sustentar em nome da razão e não com o sentimentalismo ridiculo de um dithyrambo. Uniu o merito solido ao engenho superior, fez-se homem practico pelo estudo; e depois ninguem lhe poude negar nem a sua posição, nem o seu direito a ella.

Zorrilla, que a poesia sagrou sobre o tumulo de Larra, Breton de los Herreros, Escossura, e Madrazo, collaboraram com Gil e Zarate no *Semanario Pintoresco* fundado pelo espirituoso Mesonero de Romanos. Os famosos artigos

denominados—*Tipos Españoles*—em que o duque de Rivas e outros homens eminentes trabalharam descrevendo os costumes actuaes da Peninsula, compõem uma collecção, que ainda continúa e onde se distinguem como modelos tres obras de Zarate — o empregado activo, o empregado inactivo, e o egresso.— A questão do serviço do estado ahi é discutida por todos os aspectos; e a sorte das classes mais respeitaveis é advogada com uma eloquencia que honra o talento e o coração do poeta.

Como auctor dramatico, Gil e Zarate todos os dias vê dilatar-se uma reputação merecida e ganhada á custa de honrosos esforços. Quando principiou a sua carreira, sujeito á disciplina da eschola classica, compôz duas peças tiradas da historia nacional—*D. Rodrigo* e *D. Branca de Borbon*. O assumpto, a elevação do estylo, e a nobreza de sentimentos, que respiram tornaram-n'as dignas da scena tragica, posto que não brilhasse n'ellas a graça attica e a correcção admiravel do *Oedipo* de Martinez de La Rosa. A acção de D. Rodrigo abre com o ultrage da Cava e termina com a queda da monarchia goda. Os moldes estreitos, a que a arte antiga condemnava o poeta, roubam ao *D. Rodrigo* de Zarate a vida e a força que animaria a catastrophe, se a acção substituisse o dialogo, e em vez da magestade do periodo sonoro viesse o terror do crime commover as platéas e explicar o ultimo dia do imperio em Guadalete.

D. Branca é superior. Posto que ainda acanhada pelo inexoravel rigor das regras attribuidas a Aristoteles, basta o caracter do rei D. Pedro o Cruel, perfeitamente cunhado, para a tragedia lembrar algumas das qualidades, que se admiram no *Ricardo III* de Shakespeare. O famoso dialogo entre D. Pedro e Maria de Padilha revê já a transição para a eschola moderna. A verdade das paixões é realçada pela belleza da fórma, e não precisa d'ella todavia para ser excellente. *D. Branca* indica profundo estudo do coração humano, e um adeantamento notavel na arte. D'ahi á renovação completa distava apenas um passo.

Este não se demorou. Ardia a guerra entre a eschola nova e a antiga; e os adeptos da primeira sustentavam que Zarate, apezar da belleza do engenho e do estylo, não podia sahir da imitação classica sem perder a palma, que lhe dera o successo de D. Branca. Para argumentos d'esta natureza ha só uma resposta possivel. O talento deante da critica, que o nega, confunde-a vencendo o obstaculo que ella offerece como insuperavel. Gil e Zarate deixou triumphar os detractores com o seu silencio; e mezes depois replicava honrosamente pondo em scena *D. Carlos el Hechizado*, verdadeiro modelo do drama romantico. Todas as qualidades de imaginação e de estylo, que o genero pede, se acham n'esta peça. Desenho firme e energico; enredo travado; acção rapida; lances inesperados e vigorosos unem-se a fórmas caprichosas mas estudadas, em

que ó verso brilha em toda a magnificencia da lingua, e corre profundo e arrebatado como as paixões sombrias que exprime.

A representação d'este drama foi um successo para a Hespanha. A polemica durou annos, e até passou da arena litteraria para as questões pessoaes. O caracter do protogonista, do padre Froylão, foi defendido por um descendente e justificado perante a historia. Os partidos politicos desceram á liça tambem, e travaram, em volta do monumento litterario, uma lucta, que ficou memoravel. D'este dia data a modificação, que transformou o talento de Zarate. Sem adoptar todas as exagerações que degeneram a eschola moderna, o poeta rompeu com a arte classica, e collocou-se na opinião intermedia que proclama a liberdade sem licença, e estuda os sentimentos e as paixões no coração. Esta opinião, que procura as origens do genero na poesia castelhana nacional de Lope de Vega e de Calderon é representada pelo *D. Alvaro* do Duque de Rivas.

Gil e Zarate compoz, depois da representação de *D. Carlos*, grande numero de comedias e dramas. Entre elles distinguem-se quatro: —*D. Alvaro de Luna; Un Monarca y su privado; El Gran Capitan* (*Gonçalo de Cordova*) e *Masaniello*. Os typos d'estas peças não recordam a eschola franceza; lembram mais o *Conde de Egmont* de Goethe, e a *Maria Stuart* de Schiller. A peça, que assigna porém a Zarate um logar distincto na poesia hespanhola, é o seu *D. Guzman el Bueno*, fun-

dado nas tradições da casa de Medina Cœli. Ahi está descripto em toda a magnificencia um episodio da grande lucta da raça arabe com a christã, e se ostentam caracteres de uma verdade e de um effeito sublime.

O talento do auctor de D. Carlos ainda não disse tudo. Na carreira, que percorre, os passos que adeantou attestam, pelo contrario, que de anno para anno se deve esperar um progresso novo. Na pleiade de escriptores eminentes que honram o reino vizinho, o engenho é fecundo como o solo, e a imaginação graciosa e viva como o sol que lhe doura as ricas paizagens. Gil e Zarate já fez bastante para provar que nasceu poeta; ha direito para confiar ainda, que, depois de *D. Guzman*, um primor d'arte justifique a denominação de *Genio*, que algum dos seus compatriotas lhe liberaliza. Se é difficil, não foi nunca impossivel fechar uma carreira honrosa pela gloria de um monumento immortal.

(Da *Epoca*, n.º 21, do anno de 1848.

X

Associação Consoladora dos Afflictos

(1849)

N'esta epocha, em que a voz dos interesses physicos é tão poderosa e a lucta das ambições tão viva, ha todavia factos, que condemnam as theorias absolutas de alguns moralistas. Exemplos de raro heroismo, rasgos de sublime devoção, e actos de caridade admiravel provam que o homem e a sociedade não são hoje peiores do que eram; e que a virtude não deixou para sempre a terra, marcando o derradeiro vestigio dos seus passos.

Estamos em uma crise social, que nenhum de nós sabe como se resolverá. No passado por cada victoria da civilização o holocausto de centenares de victimas; no presente incerteza e dôr; e sobre o futuro a sombra de um mysterio, que enlucta o coração e verga o pensamento. Nesta jornada eterna para um fim, que todos ignoram, o individuo e a humanidade, como Ashaverus, debalde querem deter-se e descançar; um braço invisivel impelle-os; e

uma voz continua lhes clama: Adeante, caminha!

A historia dos progressos sociaes é a historia do maryrio da intelligencia e da virtude. Desde Socrates até Christo; desde Galilleo até Malesherbes — os tractos e o patibulo, eis o premio dos que disseram a verdade aos homens. Quando os scribas coroavam de espinhos o Messias, e o saudavam rei vestindo-lhe a purpura da irrisão, estavam longe de suppôr, que faziam a historia de tres mil annos. De feito, o que tem sido a gloria e o talento senão uma corôa de dôr na fronte do Genio? A purpura do triumpho senão a tunica do centauro, queimando até aos ossos o martyr que ousa, como Hercules, medir-se com a mentira e ferir os erros?

Mas no meio das vicissitudes d'este combate de tantos seculos, repetimol-o, nem os individuos nem a sociedade se tornaram peiores. Na alma do homem dos tempos modernos coube a virtude antiga—mas no coração da mulher ha talvez mais amor, mais resignação ainda, e maior caridade. Companheira inseparavel na vida e na morte segue o esposo, o filho, ou o irmão pelo desterro do mundo, e carrega no hombro delicado a haste d'essa cruz que vergou as espaduas do Homem-Deus. Sentada aos pés do calvario recolhe na angustia silenciosa o sangue e as lagrimas, consola a desesperação, e alenta o desconforto. Para os que descrêem, tem o amor; para os que penam tem a caridade. Filha do christianismo, a religião

que no peito do homem tantas vezes vacilla, no céu resplandece nas tribulações com uma luz vivissima; fragil pelo sexo nos momentos supremos, acha a grandeza e a força dos heroes para morrer ou triumphar. No circo romano, no campo da peleja, na clausura do mosteiro, vemol-a passar atravez os seculos com o facho da esperança, com o balsamo da caridade, com as consolações da misericordia.

E o que foi então, é hoje, ha-de sempre ser. As Lucrecias Borgias, excepções monstruosas, não matam, confirmam a regra. Onde houver um sacrificio heroico a fazer, ou um acto de grandiosa abnegacão a consummar, procurae a mulher, que a achareis firme sem jactancia, modesta, resignada. Entre nós quantos exemplos não conservou a historia? E de quantos não levou o tempo o segredo comsigo á sepultura?

Estas breves reflexões não significam lisonjas, mas sincero tributo de respeito. Quando os olhos do que padece se enchugam pela mão da caridade—abençoal-a é um dever. Quando o frio, a fome, e a miseria dos que são nossos irmãos pelo berço commum da patria se mitigam, e consolam, referil-o é estimular a que se imite a virtude. Quem ajoelha ao lado da dôr e a adoça; quem sobe ao ninho do pobre e o abriga; quem soccorre a innocencia que geme, a honra que lucta com a desgraça e a firmeza que se não rende á miseria, e como o anjo de Deus desce a espalhar sobre estas agonias as graças da esperança, esse, quem quer

que seja, levantou para si no coração de todos um monumento mais duravel do que o orgulhoso pedestal das glorias mundanas!

No seio de Lisboa, que foi a opulenta côrte de um grande imperio, houve sempre as lagrimas silenciosas da pobreza. Quando as quinas tremulavam nos muros de Adem e Dabul, ou nas ameias de Tanger e Ceuta, quantos dos velhos soldados d'Africa e da India se consumiam de miseria nos desvãos sombrios da orgulhosa capital? Quantos, para calar o pranto dos filhos, enchugavam os olhos a furto, e pondo a mão sobre a fronte tostada do sol das batalhas, procuravam avivar a memoria das proezas do oriente, unico legado que lhes deixavam?

E hoje é ainda o mesmo. Nas trevas da noite tremulas como réus, não vêmos nós passar pelas ruas quasi ermas essas figuras meio escondidas, extender-se a mão envergonhada, e em soluços pedir uma esmola a mesma voz que já commandou o fogo á frente do inimigo nas gloriosas guerras da independencia? Quantos dos fortes de então já expiraram na penuria; quantos mais infelizes que estes ainda se arrastam de miseria em miseria disputando á fome os ultimos dias de uma vida de amarguras? Com a extincção dos conventos, desappareceu a beneficencia monastica, e cresceu a pobreza; os que então repartiam do que lhes sobrava pedem agora. Só no regaço da caridade, irmã gemea da religião, é que hoje podem os desgraçados encontrar amparo e com-

paixão. Tudo o mais acabou para não voltar.

Mas a caridade multiplicou-se; infatigavel no amor como os antigos religiosos das ordens de beneficencia, inquire, adivinha os padecimentos, segue-os, compadece-os e soccorre-os. Conhecendo, que os desejos de um só pouco valem, quando o mal se extendeu a tantos, foi buscar á união a força que só ella dá. Assim no centro da capital, onde moralistas atrabiliarios clamam que só reina a cubiça e a devassidão, ha corações que pulsam com o doce pensamento de suavizar a dôr: e ha boccas que não se pejam de implorar o obulo do rico para consolar o infortunio; ha em fim uma associação sómente inspirada pelo sentimento evangelico, que, imitando o Messias, vae pelo meio do povo, sarando as chagas da alma, e salvando do abysmo os que em uma hora mais talvez se despenhassem!

Falamos da *Associação Consoladora dos Afflictos* auctorizada pelo Governo em 28 de Junho de 1847, e definitivamente approvada em 30 de Novembro do mesmo anno. Esta sociedade, concebida e inspirada pela virtude de uma Senhora, que não fez nunca ostentação nem dos elevados talentos, que Deus lhe dispensou, nem da inexgotavel caridade, a que se póde affirmar que dedica todo o seu tempo, fundou-se sem arruido, sem annuncios vaidosos, sem o menor apparato, e todos os dias se dilata e fortifica. Composta exclusivamente de Senhoras, regendo-se com a maior simplicidade, não despreza nenhum soccorro que possa

prestar á indigencia, não esquece nenhum meio de a conhecer e remediar.

O fim da Associação é prestar soccorros domiciliarios ás familias honestas, recolhidas, e envergonhadas, que d'elles precisarem. O que em diversas nações é obra da acção governativa, emprehende-se em Portugal pela mão beneficente de um sexo, que nunca é tão bello, como quando une ás graças da natureza os nobres sentimentos e os affectuosos instinctos, que em todos os tempos realçaram os seus encantos. A Associação não admitte no seu seio senão Senhoras nacionaes ou estrangeiras, embora o seu culto seja diverso. Com razão. Que importa a fórma, por que se adora a Deus, quando o seu nome é glorificado pela caridade, e a sua lei cumprida no espirito e nas promessas?

A sociedade não tem numero fixo; todas as pessoas do sexo feminino, querendo, podem ser socias, contanto que concorram com a quantia de 480 réis, e sendo filhas-familias de qualquer edade, uma vez que, em logar d'esta prestação, offereçam uma ou mais obras da sua mão annualmente. Acceitam-se todos os donativos prestados por individuos estranhos á sociedade, seja qual fôr o seu sexo ou religião. Eis os meios e os fins. Mas nem todos se reduzem a isto. Se á miseria não bastarem os recursos assim obtidos, se os soccorros, como a gota d'agua no oceano, não accudirem ás maiores afflicções, as associadas, apezar da sua jerarchia, a despeito de todas as falsas convenien-

cias do mundo, consagrarão os seus serviços pessoaes, e invocarão pela esmola a misericordia dos fieis.

Fundada n'estas bases, a associação não teve, nem podia ter, as ambições, que de ordinario entorpecem, ou matam, todas as instituições uteis entre nós, e em todos os paizes. Filha de um pensamento caridoso, satisfazendo ao preceito divino, que manda esconder a mão que soccorre, a humildade foi a divisa e a sua beneficencia o seu objecto. Nada mais simples do que a fórma adoptada para a administração interna. Na distribuição dos cargos, longe de haver o desacordo que dilacera, manifestou-se a mais completa unanimidade. A direcção de cinco socias e a commissão de auxilios composta de doze — coadjuvaram-se mutuamente, e todo o seu esforço consistiu só em rivalizarem na actividade e na devoção, a que se obrigaram, acceitando tão piedoso encargo.

Quantas familias se reputavam já desamparadas, e quando de toda a parte as ameaçava a miseria, viram o auxilio ao pé de si, e a consolação a adoçar-lhes a dôr? Quantas sem leito onde encostassem a cabeça, sem tecto que as abrigasse, estavam quasi a negar a providencia e sentiram de repente a mão beneficente que as erguia e ouviram uma voz que lhes chamava, como Christo ao paralytico: —«Levanta-te e caminha!» Seria infinito relatar os padecimentos que se mitigaram, e contar as lagrimas que se enchugaram. Basta dizer que Senhoras creadas no regaço da mais

mimosa educação, não duvidam descer até ao alvergue do pobre; pôr o dedo sobre os andrajos da indigencia, e curar com o balsamo da esmola e da esperança as chagas d'alma mais crueis que as do corpo. Desde o dia em que se installou a associação não cessou ainda de progredir e de beneficiar. E' este o seu brazão e o seu elogio. Oxalá que o exemplo seja seguido, e que na segunda capital do reino e nas provincias a mesma fé e o mesmo amor do proximo inspirem eguaes sacrificios e egual zelo. As vaidades do mundo passam; a gloria foge como a sombra sobre um tumulo; só a virtude é eterna como Deus, cuja imagem simbolyza entre os homens.

*

Relatorio e contas (1848 1849)

Ha mezes, a *Epoca*, respondendo aos moralistas acerbos, que negam a este seculo sentimentos e virtudes, que pintam a nação portugueza abysmada nas trevas do mais enbrutecido descrer, citou um exemplo, em sua defeza um facto, e protestou que bastava elle só para remir os erros e as culpas, que de proposito se queriam avultar tanto.

O tempo justificou a defeza. Apenas plantada, a arvore da caridade não estranhou a terra, nem o clima. Medrou e cresceu a ponto que já de frondosa abriga á sombra numerosas familias. Aos que sorriam com desdem mostra

a vida robusta, que leva; aos que lhe prophetizavam proximo fim confunde-os, vestindo-se toda com as flores da esperança. Os fructos abençoam a arvore; a palavra divina cumpriu-se nesta instituição como se ha de cumprir em tudo.

Em o n.º 32 deste Jornal descreveu-se a organização simples, as bases naturaes, e o exercicio facil das funções da *Associação Consoladora dos Afflictos.* Nada houve nunca menos apparatoso e mais christão nos meios; e nada ao mesmo tempo houve nunca tão util, tão profundamente caritativo, e tão grandioso nos fins. Filha só do coração e da vontade, esta sociedade tem atravessado todas as difficuldades, com os olhos no seu céu, com o espirito em Deus, e com a luz da fé, deante de si como facho, que a illumina, como guia divino, que ha-de guial-a pelos caminhos que a Providencia sabe, ao melhor porto da sua trabalhosa viagem.

Dissémos então, e repetimol-o hoje:—a caridade multiplica-se: e do coração da mulher, onde de todo o sempre floresceu, desce ao seio do mundo para enchugar as lagrimas da miseria, e consolar a dôr da orphandade, por mãos de senhoras, consagradas especialmente ao piedoso rito da beneficencia. E quando um só pensamento inspira todas as acções, e um desejo unico, o de bem fazer, domina tudo, a fé centuplica os fructos abençoados, que vae colher a mão da caridade. Licção e desengano profundo foram sempre, em todos os tempos,

as obras pias para humilhar o orgulho das vaidades mundanas; aonde umas naufragam, exaltam-se as outras; poucos e desajudados têem conseguido o que fez a desesperação dos grandes poderes do mundo.

E' que elles só crêem o só esperam em si! E o homem nada é e nada póde se lhe não vier de cima a força. Doze apostolos pobres e perseguidos, partindo dos pés da cruz onde expirava o Mestre, só com a palavra e com o exemplo venceram os exercitos, annullaram os thesouros e abateram os imperios do paganismo. Ao vicio não offereceram o attractivo de novos deleites—deram-lhe a enxerga da penitencia para se arrepender; e elle veiu, prostrando-se, e arrastou a fronte nas cinzas. E á civilização carcomida e embalada pelas delicias não propozeram, para se transformar, senão a solidão dos desertos, e o martyrio do circo. E entre tanto, a religião, que era toda resumida n'uma só phrase—«o amor de Deus e dos homens»—deu a volta do mundo, e levou a cruz das margens de Tejo ás do rio Amazonas, aos mares da China, e aos do Japão.

Quem sabe por tanto os prodigios que obrou sempre esta religião, que conhece tudo o que ella venceu e transformou, como se ha-de admirar de mais uma victoria, que veiu confirmar a verdade das promessas de Deus? Como não havia de crer e confiar nos effeitos da caridade, quando ella seguia os passos do primeiro Mestre, e chamava para juncto de si a esperança e a fé, que salvaram o mundo, e

remiram a culpa? Embora no principio a luz trema escondida; embora no começo poucos a vejam, o seu clarão, crescendo, allumiará a terra; e de vivo e resplandecente, que se torna, cegará os olhos dos que não acreditam, ou dos que motejam.

A Associação Consoladora dos Afflictos constituiu-se em 28 de Março de 1848 com 23 Senhoras; e hoje, um anno depois, já conta 353! No principio, limitada e nascente, apenas quasi se póde dizer que vivia do desejo de soccorrer a desgraça; hoje 802:000 reis habilitaram-n'a para remediar os padecimentos de perto de duzentas familias! E de que modo, e com que exame e escolha?! Não se entregando ao acaso; não declinando de si o que ha de mais doloroso espectaculo da miseria e da agonia, levando a esmola subitamente ao alvergue da desesperação, e aos pés do leito dos moribundos. Inquirindo, adivinhando mesmo ás vezes, onde jaziam os maiores infortunios para os suavizar e compadecer. A união creou a força, e corações, que só ardem na esperança de consolar a dôr, mostraram como são infinitos os beneficios da caridade, quando a mão que reparte é a mesma que não se envergonha de implorar o obulo do rico, e de o deitar depois no regaço de familias, que já não tinham a esperar allivio senão na morte.

A mais rigida economia preside a todos os actos da Associação. O seu custeio d'um anno montou apenas a 31:770 réis! Que exemplo, e que censura ao mesmo tempo para estabele-

cimentos, que deviam ter a mesma indole, e que tão pouco se lembram em muitas occasiões de que espalham ou desperdiçam o que é o sangue do pobre, e póde ser a redempção de uma ou de centenares de familias!

Vejamos de que modo o Associação procede para applicar os soccorros aos necessitados, que imploram o seu abrigo. Ouçamos o relatorio, tão claro e tão eloquente na sua simplicidade. Elle nos dirá mais do que muitas paginas de ôccos declamadores.

A Direcção, ao dar principio á distribuição domiciliaria dos soccorros, assentou em que convinha que elles fossem sempre levados por duas associadas, estranhas entre si; isto é, não pertencendo nunca á mesma casa, ou á mesma familia, e assim o tem constantemente practicado.

«Este methodo, com quanto possa parecer filho de um excessivo melindre, não deixa de ser salutar. Além de outras vantagens, que são obvias, põe duplicado numero de socias em contacto com a pobreza desvalida, e excita duplicados sentimentos de piedade.»

Portadoras dos soccorros, ou companheiras das que os levam, quantas de vós têem vertido lagrimas copiosas, ao verem o estado a que se achavam reduzidas familias, outr'ora opulentas, e pelas vicissitudes dos tempos, ou revezes da fortuna, privadas de tudo, tiritando de frio, gemendo de dores, não tendo em que

repousar a cabeça, nem uma manta com que se cubrissem nem um pão de ralla com que se alimentassem? E como viviam ellas n'este lastimavel abandono? Eis o que é incomprehensivel, e de que todavia não pode duvidar-se.

Para se fazer idéa de todos os horrores da miseria é necessario ir examinal-a de perto; devassar os obscuros asylos onde ella, envergonhada, se esconde; vêr correr as lagrimas nos excessos da afflicção; surprehender os gemidos na solidão do desamparo.

A esmola é sempre boa, mas a esmola levada pelas mãos da caridade ao domicilio dos desgraçados tem uma incontestavel superioridade. Ella vai muitas vezes valer a quem não tem força nem meios de a solicitar, e que morreria á mingua sem ella: offerece, a quem a conduz ou acompanha, espectaculos que de outra sorte nunca presenciaria; faz experimentar commoções que de outra sorte nunca se experimentariam; e para a mocidade, principalmente, é uma eschola de moral, a que nenhuma outra póde equivaler.

Quem, depois de contemplar este quadro tirado da verdade das cousas, não sentirá um remorso por se ter esquecido de que no seio do riso louco, do fausto prodigo, e dos prazeres perdidos de uma capital, choram, gemem, ou agonizam familias inteiras do velho soldado da patria ou de antigos magistrados, carregados de annos e de serviços? Quem não invejará aos corações que sabem consolar, a doce mis-

são de suavizar essas dores, de compadecer esses infortunios? E' talvez por isto (diz o relatorio), que Deus tem abençoado tanto a Associação! De certo. Tirae á caridade a vista, o conhecimento dos males que remedeia, e quasi que fizestes d'ella o acaso, cego e vario. As sociedades filiaes hão-de plantar-se e crescer como medrou e floresce a central de Lisboa. Cada dia será um passo mais; cada anno de perseverança ha-de significar centenares de desvalidos arrancados á dor, á ruina, e talvez á morte. Se 802:000 réis valeram a perto de duzentas familias, com o tempo e augmento da Associação a quantas não valerá o seu benefico influxo?

A Direcção, cujos esforços laboriosos, e ardente amor do proximo, foram recompensados com excellentes fructos acha-se reeleita, e é composta das Ex.mas Sr.as D. Maria Miquelina Pereira Pinto, *Presidente*, Marqueza do Faial, *Thesoureira*, Viscondessa da Asseca D. Marianna, *Secretaria*, Condessa da Ribeira Grande D. Anna, *secretaria*. Uma perda que com Lisboa deploram quantos prézam a virtude, roubou á Associação a Exma Condessa do Sobral D. Luiza, *Vice-Presidente*, sendo eleita em sua falta a Ex.ma Marqueza das Minas. Esta perda, se privou porém a sociedade de uma das melhores socias, deu-lhe (como diz o relatorio ácerca das Ex.mas Duqueza de Palmella e Marqueza de Castello Melhor) mais uma protectora aos pés de Deus.

Eis o estado, em resumo, da Associação, de

que tinhamos já dado noticia na *Epoca*. E' tirado do seu relatorio. As obras abençôam-n'a; as suas promessas cumprem-se; e as suas esperanças bastam poucos mezes para as converter em realidades. Oxalá que o seu exemplo ache imitadores e a sua voz echo em todos os pontos do reino, para por todo elle se extender o mesmo sentimento religieso, benefico, e civilizador.

(Da *Epoca*, n.os 32 e 43, de 1849)

XI

A propriedade litteraria

(1849)

I

Ha no mundo uma existencia fatal, que a sociedade tracta ainda quasi como pária; que o poder pouco ou nada protege, e que a legislação esqueceu completamente. Esta existencia tão triste e tão mal galardoada é a vida litteraria.

Achaes talvez exaggerado isto; notaes com um sorriso incredulo as grandezas a que se elevaram alguns homens; a pompa e o luxo que adornam certos nomes? Ides citar, como negação fulminante, Guizot, Thiers, Chateaubriand; mais de uma reputação illustre da Gran-Bretanha; e na Hespanha Martinez de La Rosa e o Duque de Rivas? Fazeis mal. Esses talentos distinctos colheram as palmas do triumpho aos pés da poesia, mas para subir aonde chegaram viram-se na dura necessidade de cortar os joelhos nos espinhos do calvario politico; e se ouviram de um tropel a saudação do «Ave rex!» tremeram tambem escutando a voz de outras turbas que erguiam o lugubre clamor de

«Cruxifige!» Compraram muito cara a posição que occupam; o que são foi a preço de lagrimas, de vigilias, e de amarguras para todos; custou as magoas do desterro e as angustias da pobreza a bastantes. N'esses louros ha sangue quasi sempre.

Não os levou ao capitolio a Musa do Tasso. Para obterem um logar eminente, empenharam a intelligencia em luctas partidarias, e offereceram o coração em holocausto aos idolos da epocha. Não foram coroados como Sophocles por Athenas inteira — pelo contrario foram obrigados a fazerem-se ás vezes da estatura dos outros homens e a falar a lingua dos erros, elles que tinham nascido para falar a lingua dos Deuses. O sacrificio foi absoluto. Para caminhar por ambas as estacadas é necessario nascer gigante, e abrangel-as com egual passo. Os fracos, vendo o abysmo que as separam, vacillam, desvairam, e despenham-se.

Já passou o tempo das grandes ingratidões, exclamam alguns. Se vivessem agora Camões e Cervantes não legariam á patria a deshonra do seu desamparo. Hoje o poeta conquistou o logar que lhe pertence; o talento ganhou os seus fóros, o genio o seu poder, e a intelligencia o seu predominio. Sim? E desde quando? De certo agora a inspiração e a poesia já não condemnam o escriptor ao ostracismo social; já não escondo esse titulo de poeta, que d'antes era quasi a suprema injuria; mas, porque o não reputaes illota, déstes-lhe acaso os direitos que são seus; respeitaes n'elle a soberania do enge-

nho, e a magestado do genio? Basta a admiração esteril; basta o presente sem futuro para metter na tela de uma carreira consumida pelo ardor da imaginação todas as côres da esperança? Onde está o premio, o estimulo, e as honras? onde está a corôa civica que recompensa as fadigas da intelligencia, e a gloria de um povo ganha á custa do talento de um homem?

Começaes pelo entregar a si nas provas mais crueis e acabaes por lhe negar a propriedade, fructo do seu trabalho, e unica herança de seus filhos. Dizeis ao lavrador — esse campo cultiva-o, melhora-o e não receies; ninguem t'o roubará; tens a lei para te proteger! Ao fabricante, ao agiota, ao negociante, a todas as classes asseguraes que o suor do seu rosto e as combinações do seu espirito não lhes serão usurpadas;—e ao escriptor o que prometteis, o que dispõe a legislação ácerca de direitos tão sagrados, sobre o patrimonio de seus filhos? Uma peça de chita goza da garantia da lei:—um livro ou um drama é do primeiro que o contrafaz pela imprensa, ou se apossa d'elle em um palco scenico! bella e profunda distincção que honra as lettras e a civilização de um povo!

Qual é a razão d'esta differença —porque motivo, protegendo todas, exceptuaes só a propriedade que de mais perto interessa a intelligencia? Pois que! o progresso fez-se apostolo, ensina a egualdade, e vós sanccionaes, pelo silencio da lei, a expoliação do talen-

to? A classe media alargou os seus dominios, fortificou o seu poder, arrancou o sceptro das mãos das potencias rivaes, e nem se quer se lembra dos mestres, cujos escriptos, cuja voz eloquente a guiaram á victoria?! O que fizestes vós em favor d'elles? Levantastes a especie de excommunhão social com que a inveja e o orgulho nobiliario se vingavam dos que se sentiam maiores do que elles? Que remedio, senhores da burguezia! Para um negociante ser auctoridade, para um homem filho do povo ousar extender o braço e pezar com elle armado do poder, era indispensavel que um livel inexoravel egualasse tudo. Trabalhastes pois para vós e nada mais.

Não fechastes ao poeta a tribuna? Não lhe negastes o róstro popular da imprensa? Não o excluistes das honras e dos cargos publicos? Em verdade eis ahi admiraveis rasgos de magnanimidade! Sois generosos como Lucullo, convidaes ao vosso banquete aquelles que vos conquistaram as provincias onde reinaes! Tendes distincções para estrellar o peito dos grandes homens que inventaes; tendes empregos para saciar a gula politica de todos os lictores e consules dos vossos comicios; as honras e os premios remuneram os serviços administrativos e militares, e só vos esqueceu contar com a intelligencia n'esta riquissima partilha. Fizestes o quinhão de todos, e, como o Leão, devorastes por differentes titulos o que pertencia a outros. O poeta, o historiador, o philosopho, se não vestirem a vossa libré e

servirem alistados em uma bandeira, das que inauguraes, de que vivem, ou como os consideraes? O que lhes daes? O que obtêem? Nada. Vegetam na miseria, passam desconhecidos na terra do martyrio, e as suas obras, ineditas e perdidas, abysmam-se com elles na sepultura, se o acaso não esfolha algumas paginas na fugitiva tela dos jornaes diarios.

Custa a acreditar que esta seja ainda hoje a posição das lettras em Portugal e fóra d'elle mesmo; nenhum estimulo, nenhuma protecção as alenta; o talento floresce e morre sem que em redor d'elle haja mais do que o rumor surdo de uma admiração discreta. Os partidos só conhecem a intelligencia para lhe impor a servidão da sua tutela; como os patricios romanos, não fazem senão clientes. Os governos ignoram sempre o engenho que os não defende. Actos espontaneos, legislação illustrada, auxilio efficaz, debalde o pedirão; os influentes não querem ou não sabem dál-a. Tudo se reduz a periodos sentenciosos, á gymnastica oratoria, e a phrases tão ôccas como estereis.

E a questão da propriedade litteraria é a prova. Sabemos que o negocio não se resolve com a facilidade com que se discute; vêmos os obstaculos; apreciamos os embaraços. O auctor e a sociedade, cada qual com direitos especiaes e irrecusaveis, encontram-se, e o preceito legal que regula um póde ferir ou restringir o outro. Mas no meio de tanto falatorio ocioso em côrtes, de tanta verrina torpe na imprensa, não houve em quatorze annos

oito dias que dedicar a esse assumpto, que além do mais interessa o paiz pelo aspecto commercial? Ao menos, se não querem trabalhar a favor de livro como fructo intellectual, façam alguma cousa a favor da livraria, que é o negocio material dos typos e das imprensas que se alimentam d'ella!

Entre nós o commercio dos livros é o menos protegido; apezar das industrias que vivem á sua sombra, a legislação continúa a olhar para elle como madrasta. As artes typographicas estão paralyzadas pelo abatimento dos salarios, e pela especie de exclusivo, que a pauta das alfandegas assegura ás officinas da imprensa nacional. O typo é caro e dura pouco; a concorrencia com o estrangeiro torna-se quasi impossivel; o preço é imposto por quem não teme que outro productor o offusque vindo a melhores condições; a qualidade pouco ou nada se aperfeiçôa, porque não ha rivalidades fortes que estimulem. Mesmo depois dos melhoramentos verificados por um homem de notavel capacidade, tão cedo roubado ás lettras, o estabelecimento da imprensa nacional, ainda que muito aperfeiçoado, está longe com tudo de egualar os estrangeiros, e de oppor os seus productos aos que sahem das officinas de Paris se não obtiver alguma protecção. Mas o auxilio devido á industria patria nunca deve exaggerar-se, a ponto de crear o monopolio e de matar até a sombra da concorrencia. —Ora se não é este em rigor o verdadeiro estado das cousas hoje, tão perto vamos d'elle

que não parece facil já distinguir a distancia, que separa a industria protegida do exclusivo absoluto.

Tocámos por incidente este ponto, sobre o qual em mais opportuna occasião contâmos expor todo o nosso pensamento. Citamos hoje um exemplo e nada mais. Em Portugal o escriptor, que deseja imprimir qualquer obra é um martyr que temde luctar com difficuldades pecuniarias, que n'outros paizes não existem, ou são menores. Se o preço dos salarios na composição é moderado, não o são egualmente a tiragem, e os lucros chamados despezas de prélo. Á custa de braços e pouco aperfeiçoada nos processos chimicos, a tiragem, as mais das vezes, sahe pouco nitida e custa carissima; por outra parte os donos das officinas, para obterem lucros proporcionados ao capital empregado e ao custeio da industria, indemnizam-se com razão da pouca duração e pouca barateza do typo. Segue-se o papel, monopolio auctorizado em nome da pauta, em que o fabricante do alto do seu egoismo dicta a lei e impõe a sua vontade soberana ao consumidor.

Com taes algemas póde prosperar a livraria, animar-se o talento, e sustentar-se uma industria que alimenta tantas profissões laboriosas? Mas estes obstaculos venceram-se; o livro transpoz os limbos typographicos; cevou-se a gula de todas as harpias do monopolio; cada pagina foi quasi pesada a ouro; cada volume foi um martyrologio fiscal; que importa? a

nova chrysalida, rompendo o invólucro, poude abrir as azas e correr o mundo. Está livre, é senhora de si? Acha para viver protecção egual á das industrias que a magoaram? Não. Concedem-lhe o espaço e a luz. Dão-lhe licença para viajar sem direitos de barreira, nada mais. Aboliram a censura prévia, e julgam que não lhes resta mais a fazer para serem magnanimos e generosos!

Os livros não viajam de graça; ninguem inventou ainda para elles a navegação aeria. Na falta pois de passarola, vão por mar ou em cargas por terra. Aqui os espera nova exacção. Como não possuimos nenhuma especie de conducção accelerada, pelo simples motivo, de que as não ha onde não ha estradas, quando a communicação maritima falha, o transporte faz-se pelos recoveiros, ou pelos correios e postas. Penosa e de um preço exaggerado, esta conducção, veloz como a tartaruga, collecta os productos em uma despeza addicional, a que não é facil resistir. A pessima organização dos correios e postas (mesmo quando taes conducções lhe devessem pertencer), annullaria o beneficio da rapidez e da segurança do transporte. A completa anarchia das recovagens, que nenhuma disposição policial regula, entrega mais ao acaso do que ao calculo o commercio, que gira por tão duvidoso conducto. Os livros, pois, apenas tentam sahir do seu berço, acham deante de si uma terra sem estradas, sem diligencias, sem communicações faceis e baratas; e pagam o somno morbido

dos governos com a multa enormissima do transporte.

Acrescentae a isto o limitado numero de leitores; a falta de circulação interna; a estagnação do numerario; e a grande penuria de correspondentes idoneos, que recebam e transfiram o dinheiro dos pontos mais distantes para os centros mais activos. Eis notada em resumo a somma de vantagens, que alentam o engenho, e estimulam as lettras na patria de Camões. Para dar dois passos fóra de Lisboa e Porto, toda a sorte de embaraços; e para conduzir um objecto de certo peso de um a outro sitio toda a custa de obstaculos despezas; para vender falta de leitores, porque ha falta de instrucção; para comprar falta de numerario, porque as obras não se pagam em fructos como na epocha patriarchal dos povos Pastores, e um poeta não vive de idilios. Se recebesse em premio do seu livro aquellas

«castinæ molles et pressi copia lactis»

de que fala o bucolico romano; o seu prazer seria menos que mediocre. Para obter mesmo o producto d'essa limitada venda, que se faz, as delongas são incalculaveis; e só á custa de empenhos podem amigos zelosos receber e transferir pelo seguro qualquer quantia. A chuva de Danae em Portugal nunca passou de arrepiado orvalho outoniço. Achaes o quadro sombrio? paciencia, e vereis que não é tudo ainda. Os auctores, aqui, estão como os

companheiros de Ulysses expostos á voracidade do Cyclope. São devorados até pela besta de Panurgio; e só o heroismo póde leval-os ainda a afamarem com mais um naufragio estes mares visitados por tantos infortunios.

As servidões antigas, abolidas pela liberdade, aninharam-se no escriptorio do poeta. O imposto bate-lhe á porta, e pede a sua quota em nome dos beneficios sociaes, e da vigilante tutela do governo; a typographia collecta-o em nome dos progressos de uma imprensa modêlo. O fabricante de papel escorcha-o para manter illezo o pudor dos papelões e almassos nacionaes. O mercado lento e limitado castiga n'elle a temeraria idéa de suppor que Portugal viu uma restea do sol, que illumina a civilização da Europa. Os criticos excommungam ou enguiçam a obra roncando *ab alto do toro* os periodos da Esthetica de Kant ou do tractado do Bello de Hegel. As damas desmaiam se elle pinta paixões fortes; e bocejam se descreve os amores pacificos. Os eruditos polvilham de epigrammas laboriosos e empertigados as infelizes paginas do Livro. O correio estropia os prospectos. Os recoveiros sahem em dia de anno bom e chegam no Domingo de Pascoa ao sitio dado. Os correspondentes esquecem-se ás vezes de se lembrar, que o dinheiro de um poeta é tão sagrado como o de um hortelão. Em fim a sociedade, para coroar todos estes auxilios prestados á sciencia e á arte, põe os auctores abaixo dos histriões, porque garante aos ultimos o premio

das suas peloticas, e nega aos primeiros uma lei que reprima o roubo da propriedade intellectual. E' o caso de se perguntar com a reverencia devida ás côrtes e ao governo o que Cicero perguntava a Catilina:

«*Quousque tandem abutere patientia nostra?*»

Quando a jurisprudencia das nações modernas limitou a propriedade litteraria, e em nome da utilidade publica lhe negou a perpetuidade, obrigou-se por isso mesmo a velar com mais zelo, com mais rigor ainda sobre os direitos da posse temporaria. E' neste sentido que a lei declara a guerra aos dois piratas, que mais de perto infestam as lettras:—ao plagiato e á contrafacção. D'antes a risada estridente da critica punia só o ratoneiro, que vivia d'apanhar as idéas dos outros. Um verso, um chasco, como a formiga de Gesner, mordia o calcanhar do caçador, e salvava a victima. Hoje os tribunaes decidem os pleitos ás vezes comicos, em que dois poetas disputam sobre qual primeiro *teve ou sentiu a idéa* como diz engenhosamente Robin.

Mas em toda a parte, tanto a lei, como a opinião publica ferem com o mais severo stigma o roubo insolente do contrabandista litterario—que se chama contrafacção. O crime d'este não escapa muitas vezes ao argumento juridico como o plagiato; não se vinga como Cervantes vingou Cid Hamet Benengeli dos ultrages do podão imitador — é uma perda

sensivel, um furto publico commettido contra o creador ou contra o usofructuario da propriedade intellectual, de que resulta ruina e damno apreciavel commercialmente. Quasi todos os paizes pelo rigor salutar da legislação, e pelo influxo da auctoridade moral se purificaram d'este contagio. A contrafacção perseguida de astucia em astucia, de disfarce em disfarce, e desesperando salvar-se, foi obrigada a passar as fronteiras e a desopprimir as lettras, livrando-as da sua odiosa presença. O mercado interno respira melhor, é verdade; porém a guerra continúa de longe a assaltal-o. A contrafacção deserta da patria para vestir entre estranhos a libré de industria parasita. Respeita a propriedade indigena, mas explora sem misericordia a estrangeira.

Á legislação, por tanto, compete proteger a propriedade intellectual no mercado interno como protege todas as artes e industrias, e punir a contrafacção como delicto social. Á politica pertence depois, por via diplomatica, destruir as difficuldades, e estreitar as relações internacionaes, assentando-as na base do respeito dos direitos reciprocos. A primeira faz-se no parlamento onde as leis se votam; a segunda faz-se por uma convenção, em que as nações se declaram em pleno accordo para reprimir mutuamente o roubo da propriedade intellectual dos respectivos subditos.

Em Portugal começamos por não ter lei, e não admira que falte a convenção, a qual só deve negociar-se com ella. O trabalho da in-

telligencia exposto á voracidade de livreiros, de plagiarios, e de mercadores de litteratura a retalho, é investido e dilacerado por toda a especie de gente. Ora mesmo os mais indifferentes hão-de confessar que é odioso proteger toda a propriedade, até a dos saltos e equilibrios, e commetter o absurdo de só exceptuar a propriedade intellectual. Os estadistas hão-de reconhecer tambem que, depois do que estabeleceu a legislação dos outros paizes, não consignar em favor dos direitos dos auctores uma só disposição legal, nem abona muito a sua capacidade nem honra demasiado a nação. Demais este silencio da lei, que permitte o contrabando litterario, não fere só os escriptores, os illotas sem foro civico; mata ou infeza duas industrias importantes — a typographia e a livraria. E' impossivel chegar a um accordo com o Brazil e com a França, que são as terras onde as obras portuguezas se contrafazem mais, em quanto a nossa legislação não corresponder á sua n'esta parte; e a politica não tiver meditado sobre a maneira de os indemnizar sem prejuizo nosso de qualquer sacrificio que a justiça e a moral exijam.

E' por isso que no seguinte artigo discutiremos as bases em que deve fundar-se a lei, e insistiremos na urgencia de se negociar sobre ellas uma convenção, que liberte as lettras portuguezas dos piratas, que a expoliam, sobre tudo no grande imperio além do Atlantico.

II

A Carta Constitucional, declarando o direito de propriedade garantido em toda a sua plenitude (art. 145 § 21), decidiu implicitamente a questão da propriedade litteraria. Não é á luz deste seculo, não é em presença da civilização actual, que o sophisma obscuro e enredador ha-de prevalecer. Quem ousasse hoje sustentar que toda a propriedade é sagrada, menos a intellectual, cahiria ao som de apupos geraes. Quem se atrevesse a negar os foros de cidade ao talento e ás lettras, succumbiria ao odio da sua propria obra. O principio liberal da Carta se não é pois expresso e terminante como o da constituição de 1838 (art. 23 § 4.º), nem por isso exceptua da regra geral os direitos da intelligencia, embora sejam limitados em nome da utilidade publica.

As sociedades antigas moldavam-se por outros costumes; era tudo n'ellas a cidade, e quasi nada o individuo. A liberdade, quasi abstracta, sacrificava sem hesitar o homem á patria, e não recuava deante da injustiça mais atroz, uma vez que a podesse sanctificar com a terrivel maxima da «salvação publica». Não admira, por tanto, que n'essas epochas remotas não fossem reconhecidos os direitos da propriedade litteraria e industrial. O trabalho fabril arrastava-se quasi todo escravo; e as artes amenas, que ornam o engenho e cultivam o

espirito, eram o recreio dos ricos ou o exercicio dos que se preparavam para as luctas da tribuna e para os deveres da vida politica.

A' Inglaterra, sempre a primeira a apparecer adeante de todos na estrada do progresso sensato, cabe a gloria de dictar a lei mais antiga sobre a propriedade litteraria. Em 1710, reconheceu solemnemente o estatuto oitavo da Rainha Anna, que os direitos do pensamento eram sagrados e inviolaveis como todos os outros. Em 1741 seguia a Dinamarca este nobre exemplo. Em 1781 a Assembléa nacional de França estabelecia os direitos dos auctores dramaticos; e em 1793 applicava a Convenção nacional o principio a todos.

Não chegou mais tarde á Belgica o culto d'esta verdade. Em quanto unida á republica e ao imperio obedeceu ás mesmas leis; e separada, logo em 1814, por decreto real, constituia direito proprio sobre a materia, que tres annos depois se generalizou em todo o reino dos Paizes Baixos. O acto de Vienna de 8 de Junho de 1815 (art. 18) consignou para a Allemanha federal o principio da propriedade litteraria, confirmado pela declaração da Dieta em 1835; e afinal ainda melhor explicado na lei de 9 de Novembro de 1837.

Na Prussia, onde, desde a publicação do Codigo Frederico, estava protegida e declarada a propriedade intellectual, obteve este direito sacratissimo a mais completa victoria com a lei de 11 de Junho de 1837, onde se proclamam os verdadeiros principios sem restricção, e a

justiça e a razão são confessadas em toda a sinceridade.

Fôra inutil estar citando as nações e os codigos que prestaram á equidade o testemunho, que o seculo já não permitte negar-lhe. Desde a União Americana (em 1831) até ao Digesto da Russia (em 1830); desde a Baviera (em 1813) até á Sicilia (em 1819), raro será o paiz onde a legislação não sanccione o principio, e não rejeite para longe de si a nota de barbara que a civilização lhe poderia lançar em rosto.

Entre nós, qual é a lei que protege o pensamento dos ultrages da expoliação, e defende o escriptor das injurias dos eunuchos intellectuaes? Se um dia, no seu caminhar continuo, a Europa uniformar o seu direito n'este ponto, quebrando as barreiras que ainda separam os povos pela diversidade da legislação, onde está a base para nos associarmos a tão generoso impulso? Desappareceram as tesouras da mesa censoria; fugiu a ave nocturna, que esvoaçava em volta da lampada solitaria do sabio e lh'a apagava tantas vezes; mas ainda ficou de pé o communismo litterario, ainda reina em toda a omnipotencia o delicto que despoja o creador do producto da sua obra, e, prevalecendo-se do silencio da lei, escarnece a voz da razão, e zomba da justiça do offendido.

E' impossivel continuar mais tempo tão flagrante abuso. Pela bocca d'este direito lezado fala a equidade ferida, clama a moral desprezada, e, se é preciso ainda, implora auxilio o

interesse de umas poucas de industrias compromettidas.

No antigo regimen a excepção era o direito. Por mercê régia obtinha o auctor, o impressor, ou qualquer corporação um privilegio temporario ou perpetuo, que o defendesse da cubiça dos piratas. Quasi sempre o exclusivo era expedido por provisão do Dezembargo do paço. Mas findo o privilegio temporario, ou não o havendo, a obra impressa cahia no dominio publico como cousa de ninguem, embora vivesse o auctor, ou pedissem esmola os seus herdeiros. Por outro lado, o privilegio perpetuo enfeudava o vinculo litterario para todas as gerações com evidente detrimento da sociedade, e positiva quebra dos seus direitos.

A Carta matou a excepção iniqua do privilegio; mas a negligencia ou a indifferença consentiram o abuso que elle corrigia ás vezes, quando temporario. O auctor não faz morgados com a penna; o especulador audaz é que poderá, querendo, vestir á gralha a plumagem mais brilhante, e locupletar-se com o trabalho alheio. Se o pudor ás vezes atalha; se o receio do stigma social ainda encolhe a garra do contrabandista litterario, a certeza da impunidade ha-de endurecel-o de dia para dia, e a sêde do lucro tornal-o mais affoito. E então para honra e gloria de Portugal, veremos o auctor, ou seus filhos esmolando á porta d'aquelle mesmo talvez, que lhe arrebatasse o patrimonio do talento, o fructo de cansadas fadigas, e de laboriosos estudos!

Quando a questão da propriedade litteraria se agitou em França em 1839, já duas commissões encarregadas de elaborar projectos de lei tinham declarado que esta propriedade era a mais sagrada. Percorrendo as differentes epochas historicas, e a posição dos escriptores durante ellas, o relator da camara dos pares, o visconde Simeon, ponderava as principaes difficuldades e pronunciava o seu voto ácerca da lei proposta pelo governo no anno anterior. O lumioso debate que se abriu a este respeito, foi sustentado pelos homens mais distinctos de França, e pelas capacidades de maior reputação. A elle iremos pois buscar a solução natural d'este negocio, proposta já com a superioridade do talento e do estudo pelo sr. Almeida Garrett no seu projecto discutido na legislatura de 1841 pela camara electiva.

No seu relatorio a commissão franceza sustentava — «que aprofundando a questão se conhecêra, que era impossivel assignar o caracter de propriedade absoluta, regulando pelo direito commum aquillo, que o não podia ser». Certamente dos tres grandes caracteres juridicos da propriedade commum, a perpetuidade, a inviolabilidade, e a transmissão, falta o primeiro á propriedade intellectual segundo a eschola que pugna que ella não deve ser mantida absolutamente e sem restricção. A legislação de Hollanda, que declarava o contrario foi revogada, diz-se que em nome da necessidade. O sr. Garrett, expondo este mesmo systema, inclina-se tambem para a res-

tricção, de certo por não esperar obter o direito absoluto.

Mas aos olhos de outra eschola, a questão ainda se complica mais. O seculo em que vivemos tem estremecido o edificio social desde a cupula até á base. Poucas verdades deixam de ser contestadas; raras, rarissimas serão aquellas, que o paradoxo ou o sophisma não profanassem. A propriedade já foi considerada como a expoliação de poucos contra o direito de muitos; e nada mais simples do que partir deste ponto, ou d'outro menos amplo, que se enfeita com o rotulo pomposo de socialismo, para condemnar a propriedade litteraria em nome da egualdade absoluta das jerarchias e das fortunas.

O que pode ella ser em presença de taes opiniões senão um privilegio concedido pela sociedade em favor das lettras, que a illustram? Negaada a base geral do direito commum, some-se nas suas ruinas o direito não menos sagrado, porém mais difficultosamente reconhecido, da propriedade do pensamento. Um escriptor socialista M. Luiz Blanc, tractando da *Organização do Trabalho* não recuou deante d'esta consequencia, e, inflexivel como a logica, proscreveu o pensamento. Para elle o direito da intelligencia expira á voz do interesse geral: e a concessão da posse temporaria só representa um exclusivo, um monopolio, que enriquece o individuo e a familia á custa da cultura e da conveniencia da sociedade.

A theoria, ainda que um pouco ideal, podia concluir se acaso o systema, que a dictou, fosse verdadeiro e incontroverso. Ouçamol-a ainda. Quem cria o pensamento é o espirito; cria-o só; e é seu só. Mas esta creação, para tomar corpo e se tornar sensivel, carece do concurso de outros homens. Tinha de certo a existencia intellectual, vivia na mente do seu auctor, como na hora em que viu a luz, porém sem a existencia physica, existencia que recebe só da palavra oral ou escripta, não passava da região invisivel das idéas para o mundo palpavel da realidade.

N'este sentido sem os olhos que os admiraram, Apelles e Miguel Angelo nunca obtinham a gloria, que lhes resultou das suas obras, e o proveito que lhes produziu o seu trabalho. Sem os ouvidos e a percepção dos que os escutaram, Homero e Pindaro, o Tasso e o Dante podiam ter na alma as suas divinas creações e ellas ficariam estereis sem o valor que lhes deu a admiração. E' por isso que não basta a creação mental para constituir a propriedade litteraria; esta não existe sem se unir á creação intellectual o concurso da sociedade; portanto a propriedade do pensamento fica indivisa entre o auctor, que lhe dá o ser, e a sociedade, que coopera para ella, dando-lhe o valor da utilidade. Como consequencia d'esta opinião resahe o direito do Estado pela sua cooperação em tudo egual ao do auctor pela creação da sua obra. Chegados a esta conclusão, os pareceres dividem-se; e oppostas opiniões

combatem-se. Querem uns que o direito do auctor fique satisfeito com a limitação da posse a um determinado praso, findo o qual comece o dominio da sociedade; pelejam outros mais rigorosos para se proscrever o direito do pensamento, reputando-o remido pela gloria resultante da obra, e penhorando assim a posse mesmo temporaria em proveito do dominio publico.

Expoz-se, fundada nos seus mais poderosos argumentos, a opinião que nega ou restringe o direito do pensamento; e reproduziu-se para isso quasi até nas expressões o bello resumo de toda esta discussão feito pelo sr. Garrett no relatorio do seu projecto offerecido ás côrtes em 1839. Resta vêr agora se as objecções colhem, e se as lettras, por um fado inexoravel, devem continuar a existir sem altar e sem lei que as proteja, a pretexto de que a sua gloria e a sua utilidade são taes, que o individuo é nada em presença do paiz, da civilização, e do mundo!

Para a eschola, que nega os seus direitos ao pensamento como nega á propriedade os seus titulos—ha a resposta triumphante dada por M. Thiers aos communistas e aos socialistas de França. Quem contesta ao homem a posse, a herança, e a transmissão, derruba a sociedade pela base e regeita mais de seis mil annos de progresso successivo. Sem estimulo não ha trabalho; sem affeições não ha familia; e ambos elles desapparecem deante da *associação absoluta e do livelamento fraternal*. Quando se

trabalha para todos não se trabalha para ninguem. Quando o pae não pode legar, e o filho não deve herdar, a vida reduz-se ao dia de hoje, a actividade morre, e a intelligencia embrutece. Eliminae a idéa e o facto da propriedade, e o mundo moral dissolveu-se. Sempre que o systema edificar fóra dos laços da familia, e dos sentimentos naturaes, o systema ha de succumbir victima da propria impotencia. Nenhuma das famosas invenções socialistas de hoje é nova; pelo contrario todas escondem os cabellos brancos e a decrepidez dos seculos. Quem ignora que já Aristophanes punia com a satyra no theatro os communistas de Athenas?

A negação d'essa eschola, pois, colhe tão pouco contra a propriedade litteraria como contra a propriedade commum. Se concedeis que a ultima seja eliminada, despojando-se dos caracteres que a distinguem, sois logicos eliminando tambem com ella a propriedade litteraria. De certo ninguem vos accusará de incoherencia ou de tyrannia. Mas se não estaes resolvido a condemnar o direito que tem cada um para possuir o fructo do seu trabalho, se não expoliaes a industria individual a pretexto de repartir por todos o que goza o menor numero, haveis de reconhecer, que a contradicção é flagrante, recusando os foros da cidade ás lettras em nome do egoismo collectivo.

Mas a eschola, que reina e governa pela auctoridade do principio opposto, que representa a conservação da familia e da propriedade, o

respeito dos direitos, e o culto da rasão universal expressa nos factos legaes, como póde negar a propriedade ao pensamento sem a negar a todas as industrias e a toda a especie de trabalho? Quereis affiançar ao trabalho o seu premio natural, e começaes por declarar fóra do direito commum as obras da intelligencia?! Se a propriedade de uma cousa pertence áquelle, que, sem prejuizo de terceiro, a creou com as suas mãos, onde está a justiça que vos auctoriza a contestar a posse absoluta, o fructo do trabalho intellectual, ao homem que soube crear a obra com o seu engenho por meio de cançadas vigilias, exgotando a mocidade pelo estudo, consumindo na reflexão as forças da vida?

Não representa o livro um capital como qualquer industria? Não custa annos o seu lavor? Valem pouco as penosas meditações, as despezas, as viagens, a instrucção que exige muitas vezes? Serão ellas menores do que o preço do trabalho que declaraes sagrado, cuja propriedade protegeis com a magestade da lei? O codigo civil de Baden e o da Sardenha foram mais equitativos. Entenderam melhor os deveres e os interesses do estado, proclamando como inviolavel e absoluta a propriedade dos auctores. A vossa posse temporaria é uma cilada; a titulo de augmentar o privilegio mata o direito pela restricção; não restitue, elimina. E bem sabeis que o direito começa onde finda o privilegio.

Que respondeis a isto? Como se defende a

excepção depois de repellida d'este primeiro baluarte? Appellando para a cooperação da sociedade, e fundando n'ella o direito do dominio publico, imperiosa restricção da propriedade absoluta. Se o espirito cria, e cria só a obra intellectual (insistem), ella fica invisivel, e é infecunda, se os outros homens não concorrem, dando-lhe o valor da admiração, dando-lhe o preço d'utilidade, de que dimana a gloria e o proveito do auctor. Ha pois duas acções e dois direitos paralellos que se limitam reciprocamente; e a propriedade é tanto do escriptor como da sociedade.

Seria bom primeiro, que provassem qual é a obra, cujo valor não dependa da estimação e da concorrencia dos homens; era justo que nos dissessem se as cousas mesmo mais necessarias em uma região, não se tornam superfluas ou não se desprezam completamente em outra. Os objectos e os generos variam de importancia, segundo varia o gosto ou a precisão que d'elles ha. O concurso de muitos, a cooperação dos consummidores é quem estabelece o valor de todos os productos. Demais, porque se vive de pão, porque os cereaes são de absoluta necessidade, admittiu-se já o principio de limitar a industria agricola, marcando ao cultivador um restricto praso de posse? E' porque os escriptores numericamente são quasi nada ao pé dos lavradores—é porque a terra se defende com a força physica, e a intelligencia só com a força moral que duvidaes do direito das lettras?

Não sabeis que o pensamento uma vez emittido não tem dono nem patria e fica sendo uma idéa que pertence a todos e não é de ninguem? — proseguem os partidarios da restricção. Perdoae se não vamos tão depressa, senhores da autocracia predial. Na obra litteraria não ha só o pensamento, ha a fórma, ha por assim dizer o corpo tangivel, em que a idéa incarna para se traduzir e se fazer visivel. Ha mais ainda o direito de multiplicar e reproduzir essa fórma ou se chame livro, ou seja artigo, ou se classifique como jornal. Quem compra o volume compra o exemplar, mas não o direito de o reproduzir. Já vedes que a questão é menos obscura do que julgaveis.

Mas a propriedade absoluta herda-se e transmitte-se; e vós ides condemnar talvez a sociedade a perder uma obra importante, ou a pagal-a pela raridade a preço d'ouro, se consentir que herdeiros ignaros ou cubiçosos a sequestrem para si exclusivamente, privando a sociedade da concessão que lhe queremos dar. Ainda não sois mais felizes n'este ponto, do que nos outros! Expropriae legalmente os herdeiros ou comprae a posse. Tractae esta propriedade como tractaes as outras. Se a razão da utilidade se invoca para obrigar á alienação que o Estado precisa, porque se não ha-de invocar para a propriedade intellectual. Indemnizae previamente o auctor, e adquiri para o dominio publico a sua obra, quando ella o mereça. Conciliaes assim todos os principios, e resalvaes todos os direitos. Em que se funda

a distincção entre as obras do engenho humano applicado á industria ou applicado ás lettras? Porque protegeis ou resgataes umas e restringis as outras? A machina a vapor de What é menos importante do que um bom livro?

Entre tanto, apezar de, a nosso vêr, a questão se resolver por si mesma, e os direitos do pensamento sahirem victoriosos do debate, muitas opiniões sinceras hesitam ainda em os classificar entre os que regula a legislação da propriedade commum, sujeita só á expropriação constitucional por utilidade publica. Apontam-se os exemplos estranhos; citam-se conveniencias geraes que pódem pouco aos olhos da razão pura, mas que na formação das leis fôra imprudencia desprezar completamente. Para nós o facto é irrecusavel; e não vem longe o dia, em que todas as nações o hão-de reconhecer. Até lá basta que o nosso direito affiance ás lettras a protecção que as estimula nos paizes civilizados.

(Da *Epocha*, 1849)

XII

Carta sobre a situação da ilha dos Amores

Pelo Sr. José Gomes Monteiro.

(1849)

Pouco antes de Portugal descer ao tumulo nos campos d'Alcacer Kibir, escrevia o seu glorioso testamento, e fazia o epilogo da grandiosa epopeia da India pela mão de Luiz de Camões. Quando a hora dos triumphos expirava, e iam começar os sessenta annos de captiveiro, erguia-se o padrão de tantos sacrificios e victorias no poema dos *Lusiadas*.

Depois dos versos immortaes do cantor de Ignez, a tyrannia pôde fazer em roda de si o silencio do terror; pôde arrear as quinas deante do Leão de Castella; pôde peitar a infamia dos traidores e comprar a peso d'ouro o seu orgulhoso dominio—mas ficou viva, forte e indelevel no coração do povo a saudade do passado, a dôr da honra perdida, e o desejo tenaz de a vingar. Camões, levantando este padrão á memoria dos soldados da cruzada indica, preparava a ruina do orgulho hespanhol. Um dia os

netos de Duarte Pacheco e de D. João de Castro envergonharam-se de chorar como escravos, lembraram-se de Aljubarrota, de Diu e Malaca, e varreram da face da terra portugueza os conquistadores que a opprimiam.

A influencia dos *Lusiadas* n'este feito é immensa, e só a negará quem ousar negar a influencia das idéas sobre a civilização das nações. Cantico sublime de um soldado-cavalleiro ha-de sempre achar echo em todo o coração portuguez. Cada verso foi então um remorso, cada victoria celebrada era uma humilhação para os degenerados herdeiros, que deixaram converter o ferro da espada em ferros d'algemas. Onde estavam os heroes de Ceuta e Arzilla? onde jaziam os Achilles da India? Tinham cahido até ao ultimo na derradeira peleja? Dormiam seus filhos sem braços nem adagas? Portugal enterrára-se todo com D. Sebastião nos areaes d'Africa? Eis o grito de indignação que os netos dos soldados da India soltavam ao ler as paginas do poeta, ardendo com elle no mesmo amor da patria, sentindo renascer o antigo enthusiasmo e reviverem os passados brios.

Solon, colligindo os esparsos fragmentos da *Iliada*, fez d'elles o cantico nacional da segunda lucta com a Asia. Camões foi o Homero de Portugal. A sua voz, bradando sem cessar aos ouvidos das gerações, entreteve o fogo sagrado da independencia na alma dos Portuguezes, e recordou a antiga Monarchia pela saudade da sua gloria até aos proprios que a ti-

nham trahido. Quando raiou a aurora da liberdade, bastou um grito para levantar o reino; e até os mesmos inimigos, cedendo ao terror do primeiro impeto, pareciam convencidos de que a sombra dos fronteiros d'Africa e dos grandes capitães da India marchava na vanguarda dos exercitos de D. João IV.

E' por isso que entre as nossas glorias brilha como uma das maiores a famosa epopeia dos *Lusiadas*: e a raiva da inveja e a ignara critica debalde tentaram empanar-lhe o lustre. O poema e a Monarchia são indissoluveis; a nacionalidade do povo não os póde, nem sabe separar. Falae-lhe dos trophéos antigos, recordae-lhe a saudade de melhores tempos, e vereis como elle associa o nome de Camões aos nomes e aos feitos que o poeta celebrou. A historia, vestindo as risonhas ficções do ideal, fez-se amiga do pobre e do abastado, consolou os pezares do sabio, e animou as esperanças do plebeo. Todos alli acham uma pagina escripta para si. O amor que empallidece de desejos, o coração que sorri ao perigo, e a alma que ancêa d'ambição e d'esperança inspiram-se nos *Lusiadas*, e fazem d'elles o seu Evangelho.

Quasi todos os talentos distinctos, que honram a historia litteraria, renderam ao grande vulto de Camões o tributo da admiração. O Tasso, Montesquieu, e Chateaubriand vingaram-n'o das setas disparadas ao acaso pela satyra de Voltaire. O auctor do *Cosmos*, o illustre Humboldt, viajante quasi universal, sabio

quasi encyclopedico, é dotado de um genio mui profundo, e de uma sciencia mui vasta para lhe recusar o seu testemunho. Percorrendo as poeticas regiões que visitou Camões e o poema canta, o barão de Humboldt poz todavia uma restricção ao seu elogio. «O poeta, diz elle, quando descreve os phenomenos do Oceano é admiravel; porque não é elle egualmente sensivel ao espectaculo da natureza terrestre?» E para abonar esta opinião, se não adopta a de Sismondi que nega aos *Lusiadas* a menor recordação das viagens de Camões, adverte entretanto a ausencia da vegetação dos tropicos até na mais graciosa de todas as paizagens, na ilha encantada dos Amores.

E' a apreciação critica d'este reparo do sabio Allemão, que constitue o objecto principal da Carta dirigida pelo sr. Monteiro ao seu amigo o sr. Thomaz Norton, como elle curioso investigador das bellezas da nossa litteratura, e sobre tudo da poesia de Camões. Ao sr. Monteiro não faz senão justiça quem reconhecer uma vasta e analysada erudição, incansavel trabalho, e delicado tacto na critica litteraria. Engenho mais serio que imaginoso, mais allemão que peninsular, não se deixa arrebatar pelos horizontes, que primeiro lhe deslumbram a vista, nem admira antes de se convencer de que deve admirar. Paciente no estudo, essencialmente investigador, a sua analyse desce friamente da superficie ao centro, e vai descobrir até no seu derradeiro involucro o pensamento de uma obra; descortinar até a

mais fina allegoria de um poeta, até a mais leve allusão á epocha.

Todas estas qualidades apparecem no seu laborioso estudo sobre a Ilha dos Amores. Fazendo a historia das diversas opiniões emittidas ácerca d'este famoso episodio, o sr. Gomes Monteiro, julgando toda a polemica travada sobre elle passa a expôr o seu parecer com a maior lucidez, e o mais severo exame. Aproveitando a occasião, sem nenhuma especie de vangloria, reivindica para este genero de critica a importancia e a attenção que merece. Com motivo. Ha nos *Lusiadas* duas naturezas por assim dizer: uma popular, cujas bellezas brilham á luz dos mais nobres sentimentos, á chamma do enthusiasmo, da gloria, e do amor; outra scientifica, mais sublime, menos comprehensivel, que resume quasi todo o saber da epocha, e desenha a elevada intelligencia do poeta. A primeira enfeita-se com as galas e flôres, corôa das Musas nacionaes; a segunda orna-se com louros mais severos, colhidos na arvore da sciencia; e muitas vezes a admiração hesita entre a belleza da ficção e a profundidade do saber no poema de Camões.

A interpretação, pois, quando se esmera, deve caminhar com vigilante resguardo para não desfigurar o pensamento ou mutilar a idéa por apreciações incompletas e falsas. A critica seria o mais facil de todos os lavores litterarios, se unicamente se reduzisse a rastejar a lettra, sem entender o espirito da poesia. Em um escriptor tão original mesmo na imitação

dos melhores modelos, é sempre arriscado, é mais que perigoso decidir fiado em uma analyse superficial. Quem quizer comprehender Camões, ha-de primeiro subir á região ideal d'onde elle traçou o desenho do seu poema, e dominar d'ahi todas as ficções e todos os episodios. Sem isto, a fórma terá uma belleza morta, e a idéa ficará enigmatica ou truncada.

E' justo confessar, que o sr. Monteiro respira á vontade n'estes largos horizontes, e que a sua vista penetrante os abraça todos sem difficuldade. Senhor da theoria da arte, firme nas bases que serviam de elementos á epopeia antiga, o critico entra sem receio no amago dos *Lusiadas* e resolve a duvida, ou destroe a falsa conjectura com grande sagacidade, umas vezes com citações exactas, outras por meio d'uma approximação irrespondivel.

Como bem adverte o sr. Monteiro, o auctor dos *Lusiadas* soube imitar, sem deixar de ser eminentemente original no desenvolvimento e na applicação; o segredo d'isto revelou-o M. Villemain em uma phrase tão eloquente como concisa—«é que na verdade está a raiz de toda a poesia;» — e a verdade historica fórma em todo o poema o tecido, em que o poeta despreza os prodigios da mais risonha e maravilhosa imaginação. Analysae com o sr. Monteiro o admiravel episodio de Adamastor, e vereis que o temeroso vulto nasceu desde que os olhos de Camões pasmaram attonitos sobre a grandiosa realidade do cabo Tormentorio; nasceu na hora em que elle cortára com a qui-

lha do seu galeão as ondas d'estes mares embravecidos; foi alli que a visão surgiu na sua *medonha postura*, e que a alma absorta contemplou o gigante crescendo aprumado do seio do mar Austral, ás portas do Oceano Indico, entre vagas espantosas, e coroado de nuvens e procellas. Foi a realidade quem inspirou pois a creação poetica não menos sublime, que realça este magestoso episodio.

E' soccorrendo-se a estes principios e applicando-os habilmente que o sr. Monteiro firma a sua opinião, de que o auctor dos *Lusiadas* collocou a Ilha de Venus debaixo dos climas dos tropicos, no oceano indico: para chegar a este resultado lucta com exito com a sciencia um pouco prevenida do illustre Humboldt, e com as variantes de differentes commentadores. E, para alcançar victoria d'elles, o auctor da Carta ao sr. Norton não precisou sahir da interpretação natural do poema, e das fontes historicas que o dominam. A sua erudição amena e concludente feriu todos os falsos na armadura dos contrarios, sem nunca se deixar colher no laço que os apanhou a elles.

O sr. José Gomes Monteiro ha largo tempo que estuda profundamente as origens e os monumentos da litteratura portugueza. Alumiado pelos principios da critica moderna, sabendo que o livro é a expressão das idéas de uma epocha, não separa o auctor da sociedade, nem a obra do tempo, em que ella se escreveu. A união é mui intima e sensivel para uma se julgar independente do outro. Quem

estuda os bellos ensaios criticos, e as historias litterarias publicadas em França e na Allemanha desde Schlegel até Villemain, desde Lessing até Sainte Beuve não ignora as fadigas e a penetração, que exigem apreciações d'este genero, sobre tudo quando o livro é uma epocha inteira como succede nos *Lusiadas*.

O maior elogio que póde fazer-se á Carta impressa do sr. Monteiro é asseverar, que, a despeito do assumpto ser grave e a discussão d'elle erudita e extensa, tem amenidade e belleza litteraria para prender a attenção e interessar o leitor. E' que a interpretação nunca rasteja, nem o gosto se desmente. Por todas as paginas despontam as regras da arte moderna, e as idéas mais novas e mais luminosas sobre os deveres e a missão da critica. O que a theoria estabelece prova-o a analyse. Camões inspirou-se do passado, fez da historia a sua primeira musa, e ardeu na chamma do enthusiasmo e devoção civica; pois bem, a elles é que o critico irá pedir tambem a explicação das ficções—porque só elles sabem o segredo d'aquelle genio profundo, d'aquelle coração que nasceu immerso no infortunio e no amor.

Em uma nota o auctor da Carta ao sr. Norton, desenvolvendo uma das regras de Villemain, sustenta que — «é com as reliquias da verdade que se faz uma ficção;» porque o espirito humano nunca é absoluto nas invenções até das mais chimericas fabulas. De certo; e a applicação d'este principio aos romances *originaes* de cavallaria é tão

sensata como feliz. Estes romances não devem confundir-se com os cavalleirosos escriptos dos fins do seculo XV, em deante. Os segundos são apenas reflexos das ficções dos primeiros. O sr. Monteiro, para confirmar esta observação, offerece um dos mais famosos monumentos d'essa litteratura, o *Amadis de Gaula*, que tão distincto logar occupa na historia da nossa poesia. O estudo paciente e a investigação mais profunda convenceram o critico portuguez, de que na realidade o — *Amadis* — póde reputar-se como o mais notavel dos romances de cavallaria pelos elementos historicos de que se compõe. Em uma obra que tem já concluida, e que é o commentario da novella cavalleirosa, o sr. Monteiro, indagando curiosamente o texto, prova com evidencia que o maravilhoso, os personagens, e os episodios são todos urdidos no tear da historia do seculo XII, o mais rico em aventuras e feitos de armas de cavallaria real. Dissolvendo as fabulas em factos historicos, (e transcrevemos até as suas expressões) o auctor da Carta promette expôr a theoria completa do modo de inventar dos trovadores da meia edade. Oxalá que este bello trabalho não adormeça no bufete do critico, e entre quanto antes na imprensa. São obras d'este valor as que enriquecem as lettras e honram o nome de uma nação.

A Carta ao sr. Norton demonstra o genio critico e a profunda licção do sr. Monteiro; nunca a poesia de Camões foi apreciada com

tanta superioridade em tódos os pontos. Porque motivo, pois, ha-de quem assim escreve recatar-se tanto da luz publica, e apparecer tão raras vezes na imprensa? O estudo da historia litteraria portugueza, que o auctor do ensaio sobre a ilha de Venus continua sem cessar, habilita-o para soltar da sua pasta algumas monographias, que não cabem no quadro do livro pelos seus desenvolvimentos especiaes, e pelo contrario se adaptam perfeitamente á indole do jornal litterario. Na prosecução das suas explorações, o sr. Monteiro ha-de ter encontrado e (encontrará cada dia) d'estes episodios, que ornam a imprensa diaria, e sobejam no desenho mais severo das grandes obras.

Recommendamos com o interesse que ella merece a Carta sobre a Ilha dos Amores a todos os amigos e curiosos da nossa poesia. Nenhum delles, depois de a ter lido, lastimará os momentos que lhe consagrar; são estudos fortes e aprasiveis ao mesmo tempo. Ao sr. Monteiro, porém, se póde com elle alguma cousa uma recommendação nossa, pediriamos, que não levantasse mão dos seus trabalhos sobre o — *Amadis de Gaula*, — nem se deixasse vencer do desalento natural que o desamparo das lettras inspira a todos os escriptores em Portugal. Um dia mais risonho ha-de raiar por fim para os que ainda crêem, e ainda amam o velho Portugal.

(Da *Epocha*, 1849)

XIII

Thomaz Aniello (Masaniello)

Revolução de Napoles em 1647

(1852)

A historia da repentina elevação, e da tragica e precipitada queda do famoso pescador de Amalfi Thomaz Aniello tem constantemente servido de thema á inspiração dramatica, desde a bella opera da *Muda di Portici* até á ultima peça castelhana de um auctor contemporaneo. Pela sua origem e progresso, e pela grandeza da catastrophe, o assumpto mereceu até hoje a predilecção dos compositores, e o applauso do povo; e de feito poucas scenas eguaes a esta crearia a imaginação, tão ferteis em licções moraes, tão agitadas de vivo e profundo interesse! A verdade aqui desafia a arte, e vence-a. O drama nasceu perfeito, os caracteres saíram da realidade sem nada deverem invejar aos typos mais acabados da invenção poetica.

O vulto do concitador popular que uma rajada tempestuosa da praça publica atira ás eminencias do poder, e uma onda não menos ra-

pida logo enrola e despedaça aos pés da multidão voluvel, acclamado chefe e réu quasi ao mesmo tempo, esse vulto cheio de movimentos dramaticos, fadado com a predestinação singular dos entes, que o dedo de Deus marcou para serem os exemplos da Providencia, domina tudo, atterrando o espirito, e fazendo vacillar o animo. Masaniello é o retrato de todos os tribunos. As suas qualidades e os seus defeitos, a sua exaltação e a sua morte, resumem a dolorosa paixão do homem e da humanidade; e explicam em algumas letras uma parte do tenebroso mysterio da vida. Forte e omnipotente para desencadear a tormenta, quando tenta suspendel-a sente-se debil, e acha-se só; a lucta suffoca-o!

A noticia dos acontecimentos, que levantaram nos braços populares do seculo 17.° este rei ephemero, corre na versão vulgar confusa e inexacta. Nas paginas mais serias dos livros historicos encontram-se mais bem caracterizadas a acção e o agente; porém as particularidades escapam; os costumes faltam; e a propria physionomia do protogonista apparece apagada por acaso ou de proposito. O homem, sim, pintou o leão, mas pintou-o prostrado. Os castelhanos, que o braço do pescador de Amalfi obrigou a cederem e acceitarem por algum tempo o jugo que tinham imposto, eram juizes suspeitos; e a sentença que lavraram, na sua estudada concisão, é a primeira a accusar a parcialidade do amor proprio.

Cita-se a miudo o episodio da revolução de Napoles; e entretanto apenas se conhecem d'elle geralmente os lineamentos. As meias tintas, o que o drama tem de intimo, as causas que produziram os effeitos, debalde se procura; um véu espesso cobre-as; e tanto a arte como a historia, para as suas manifestações, carecem de abranger tudo. O quadro comido pelo tempo como está, só deixa aperceber esmorecidas e desbotadas algumas figuras; e assim mesmo não passa de uma cópia, infiel ás vezes. Descobrindo outro painel, que nos parece mais original, e mais verdadeiro do que a narração vulgar, entendemos que devia ser visto com gosto, e que os poetas, que o assumpto tem sempre convidado, nos levariam a bem a exposição de uma pintura extensa e bem conservada. Devemol-a a documentos filhos da epocha; e a mão que os traçou apertava talvez a mão calosa do plebeu rebelde, e os dedos macios e delgados do fidalgo hespanhol, um instante subdito do seu vassallo!

Quanto se vae referir é tirado das relações contemporaneas do successo, e traz o cunho especial de uma narração com informação copiosa, e ás vezes apurada pelo testemunho ocular. Inserimos egualmente no logar mais adequado os capitulos accordados entre o vice-rei, o duque dos Arcos, e o povo de Napoles para se pôr termo á revolução, e se firmar a concordia. E' um tractado negociado de egual a egual; e attestado pelos nomes mais il-

lustres da fidalguia de Napoles e de Castella!

A conquista e a posse das possessões de Italia foram sempre inquietas e amargosas para a Hespanha; e a oppressão, que arrancou da sua corôa os Paizes Baixos e Portugal, desmembrando a vasta monarchia de Carlos V, produziu em Napoles os fructos venenosos, que sempre tem produzido. O episodio, que estudamos, é mais uma demonstração fecunda do erro de se retesar de mais o arco em materia de governo. A corda estala, e fere a mão inexperiente que ousou brincar impunemente com o perigo. Começaremos pelas causas que provocaram os tumultos, e depois exporemos o seu desenvolvimento, e as variadas scenas em que figuram de um lado os plebeus, e do outro os senhores humilhados. E' a maneira simples e clara de offerecer o quadro no melhor ponto de vista.

O reino de Napoles tinha-se conservado pacifico, obedecendo ao imperio da casa de Austria desde a entrada de Carlos V em 1505; alguma alteração parcial no tempo de D. Pedro de Toledo (1547) e o caso notorio de Starace (1585) foram rapidas e leves excepções. Entretanto os impostos onerosos, successivamente lançados pela imprudencia insaciavel do fisco, com varias denominações, traziam o povo descontente e mais de uma vez ameaçaram conflictos e tumultos. O duque de Ossuna, desviado da côrte pelo ciume do conde duque de

Olivares, e acceitando do valido no vice-reinado de Napoles um desterro brilhante, achou a irritação aggravada pela nova taxa sobre as fructas, e usando do seu poder para suavizar os vexames, aboliu-a com geral applauso. Este exemplo de humanidade e de sabia administração serviu só de incentivo aos successores para a restabecer apenas elle decaíu; e apesar dos factos recentes de Palermo, (aonde a crueza dos supplicios de Horacio Strozzi, Francisco Angalone e José Amato déra o signal da rebellião) e dos carteis anonymos affixados nos logares publicos, contra a promulgação de mais tributos, o duque dos Arcos, allucinado e prepotente, mandou outra vez arrecadar a taxa das fructas, e decretou outra de vinte por cento sobre os vinhos. Os clamores augmentaram; o odio exacerbou-se; e pouco tardou que a explosão não rebentasse, convencendo os oppressores da temeridade com que desafiavam de sangue frio a paciencia dos subditos.

No dia 7 de julho de 1647, um incidente, que seria insignificante se a mina não estivesse carregada, e a menor faisca não bastasse para a fazer voar, veiu desenfrear as iras, principiando uma lucta que fez arrepender os provocadores da sua obstinada contumacia. Era domingo. O mercado estava apinhado, e havia ordem para se arrecadar o imposto das fructas chegadas á praça. Os compradores negavam-se a pagar a taxa, exclamando contra as extorsões dos exactores, e sustentando que o

valor d'ella havia de ser satisfeito pelo vendedor. Durava e crescia a contestação entre uns e outros, quando o magistrado do povo, João Baptista Naderio, se apresentou ordenando com ameaças aos compradores que levassem as fructas, e aos vendedores que as pesassem, entregando as quantias relativas ao tributo. De ambas as partes recusaram acceder; e por fim os quinteiros de fóra da cidade, exasperados, levantaram os logares, lançaram os fructos ao chão, e quizeram saír. Um bando de creanças accudiu em enxame a recolher os despojos da lucta, e no ardor do motim, que ía subindo, converteram os figos em projecteis, atirando-os, com mofas e doestos, ao rosto do magistrado; atraz dos figos voaram as pedras; e Naderio, conhecendo tarde a sua loucura, salvou-se do martyrio, fugindo no meio das vaias e dos arremessos do vulgacho, que o perseguiu até cheio de terror chegar á praia e entrar n'um bote.

Apenas o magistrado desappareceu, a indignação publica voltou-se contra a *casa da Gabella*, e incendiou-a com os moveis e livros que tinha. Passando a mais, e apparecendo-lhe a estimular-lhe a cólera o pescador de Amalfi Thomaz Aniello, a multidão levando na frente as creanças, e arvorando uma canna verde, como haste de bandeira, dirigiu-se ao palacio do governo, engrossando em cada rua, e animando-se progressivamente com o numero e com as exhortações reciprocas. Quando chegaram deante do paço o bando era já um exer-

cito, e o motim uma revolução. Romperam vivas á casa reinante e morras aos tributos. A guarda quiz dispersar as mangas de povo, que forçavam a entrada, e em um instante viu-se desarmada depois de curta resistencia. Subiram acima; deitaram pelas janellas os moveis, quebrando e rasgando quanto encontravam. O vice-rei assustado, e ignorando as circumstancias da repentina novidade, desceu pela escada falsa e retirou-se a S. Francisco. No caminho a plebe apesar do ouro e prata que lhe atirava, faltou-lhe ao respeito gritando:—«Não queremos dinheiro, queremos o pão barato!»

Do palacio, Masaniello e os populares partiram a arrombar as portas dos carceres de Santiago, guardadas por um posto de soldados hespanhoes. Depois foram abertasoutras prisões, restituindo-se á liberdade duzentos e quarenta presos. Os ferrolhos, cadeados, e livros eram queimados em auto festivo; os processos lançados ás chammas; e em roda das fogueiras as creanças e as mulheres dansavam, cantando em triumpho. Só exceptuaram a Vicária por ser o carcere real. Tudo isto tinha sido obra de um impeto; o motim tomára as proporções de uma revolução sem plano, sem cabeça visivel, e sem meios de exito combinado. O tumulto levantou-se de repente no mercado, varreu tudo deante de si, e, crescendo com a propria força, ganhou a victoria antes mesmo de cuidar em combater. As rebelliões preparadas falham muitas vezes, porque se fundam

na ambição, e tomam o desgosto ou os rancores de alguns homens pela causa do paiz; as grandes revoluções, pelo contrario, fazem-se a si mesmas; ninguem as inspira, ninguem as dirige, e ninguem as dilata, porque a idéa está na mente de todos, a injuria é commum, e o esforço reciproco. Em Napoles, ao romper do dia 7 de julho, nenhum dos actores da scena do mercado ao saír de casa era capaz de prever os acontecimentos, em que devia figurar. A medida estava cheia; uma gota de fel mais; e trasbordou!

A rapidez e a espontaneidade da explosão atou as mãos aos governantes, e fez crescer os brios da cidade e dos arredores. Pareceu-lhe que era chegada a occasião de se libertarem dos impostos e de abater a nobreza, causa da sua oppressão. Por um systema tenaz e implacavel, os fidalgos grangeavam os tributos, exhaurindo a substancia publica, e despojando as outras classes dos seus privilegios. Desde o tempo de El-rei Frederico que pendia o litigio entre o povo e os senhores, veiu-se ao ao accôrdo de escolher o monarcha para arbitro; e as decisões da corôa deram a razão ao povo. Os soberanos hespanhoes, faceis em promessas, e infieis no cumprimento d'ellas, repetidas vezes protestaram restituir á cidade as isenções usurpadas; mas os abusos permaneciam, e em logar do suspirado alivio, todos os dias recentes vexames se accumulavam aos antigos, carregando de taxas os mercadores, os vendilhões, e os estrangeiros; e converten-

do o fisco em uma prensa para extraírem até ao ultimo ceitil da substancia dos pobres, esmagados, em quanto a nobreza, livre de impostos pelas suas prerogativas, disfructava, á custa do suor do trabalho alheio e da indigencia, as delicias do fausto e do luxo. A tyrannia, desenfreando-se com a paciencia dos oppressos e a impunidade quasi certa, chegou a perder até as ultimas apparencias do pudor. As taxas lançadas serviam-lhe de machinas para novas extorsões, negociando-as com publico escandalo, a ponto de não esquecer mesmo o odioso trafico do contrabando no calculo dos seus lucros. O excesso subiu ao ponto de arrematar tributos a vinte cinco por cento, por um praso que equivalia á perpetuidade, tirando da sua administração mais de trinta ao anno!

Era sob a pressão de tantos males, e estimulada pela dôr de constantes violencias, que a multidão tomava as armas, e levantava em fim a voz imperiosa. Agglomerando-se no mercado e fazendo conselho entre si, os populares elegeram para seu capitão a Aniello Petrone, homem de grande sequito e de animoso espirito. Este começou por soltar os bandoleiros que estavam em ferros; mas, apesar da boa vontade que aparentava, as desconfianças sobre a sua lealdade tornaram-se vehementes, e os mesmos que o tinham elevado, depozeram-no como parcial conhecido do duque de Matalona. Foi em seu logar que entrou Thomaz Aniello de Amalfi, auctor do movimento,

mancebo de vinte e dois annos e pobrissimo pescador á linha, que não possuia nem um valor infimo de que podesse tirar dois palmos de rêde! Investiram-no depois de nomeado nas faculdades precisas para governar as armas e deliberar a execução das cousas essenciaes ao serviço da cidade, e prometteram-lhe auxilio e obediencia.

Masaniello, sem despir os trajos vis que o cobriam, congregou povo, e em assembléa, dictaram-se diversas ordens, assumindo elle quasi a auctoridade de capitão general. A mais importante das suas previdencias foi a pena de morte decretada contra quem matasse ou roubasse, valendo se da publica agitação. Seguiu-se dirigir aviso e convocação ás terras proximas pedindo-lhes ajuda, favor e correspondencia. Por ultimo considerando que a gente era muita e as armas poucas, resolveu apoderar-se das da cidade, investindo o posto de S. Lourenço, aonde se guardavam. Debalde! A nobreza tinha-o reforçado com cincoenta soldados hespanhoes, sob o commando de Biagio de Fusco, logar tenente. O combate foi breve, e assim mesmo custou a vida a um plebeu e a dois frades de S. Lourenço. O povo retirou-se, e o seu chefe passou a pôr em pratica outras medidas. Mandou pois que se buscassem as armas pelas casas dos cidadãos e mercadores d'ellas; e assim colheu muitas promptamente, sobre tudo nos armazens de João André Massollo, genovez, aonde acharam para cima de tres mil, com todos os adoreços

pertencentes ao fornecimento real, e que não estavam já entregues, porque o negociante recusava dal-as antes de receber o dinheiro. Apenas Masaniello se viu provido de armamento, repartiu-o por companhias que formou, nomeou os cabos, e entendeu em todas as outras disposições de guerra que podiam concorrer para a segurança da defesa, e para estimular os brios á revolução. O applauso e a estimação que soube ganhar grangearam-lhe a maior influencia. O povo, que em mangas de pé e de cavallo discorria pelas ruas, executava as suas ordens fielmente, e vendo-o coberto como andava com os andrajos da pobreza, reverenciava-o, como se a corôa de rei lhe cingisse a cabeça em vez do barrete vermelho dos pescadores de Amalfi.

O duque de Matalona tinha sido preso logo no dia 8 de julho pelo governo, como suspeito de fautor ou de cumplice nos tumultos da cidade. Este rigor pareceu grande erro a alguns dos conselheiros do vice-rei, e instaram para que o soltasse na certeza de ser o unico homem capaz de desarmar a rebellião, destruindo o chefe, por meio das intelligencias que trazia no mercado, e do poder que Petrone, seu cliente, conservava entre a gentalha, contando mais de tresentos bandoleiros e outra infima ralé, que o seguia. O duque dos Arcos accedeu; propoz-se o pacto ao preso d'estado; e Matalona não hesitou em o acceitar. Passadas algumas horas, o fidalgo italiano passeava solto pela cidade no meio do pasmo de quan-

tos sabiam o aperto do carcere, em que jazia, e ignoravam a secreta convenção, com que obtivera a liberdade. Quasi ao mesmo tempo os populares, indo tirar a polvora de um deposito perto da praia, descuidaram-se, o fogo pegou, e houve uma explosão, em que morreram perto de sessenta pessoas, a maior parte curiosos, que estavam admirando a novidade.

Solicito em agradar ao governo, e em preencher as clausulas do pacto secreto, o duque de Matalona veiu no dia 9 ao mercado, com o pensamento de mandar assassinar a Masaniello, e achando a facção perigosa, tractou de embaír o povo, socegando-o com falsas concessões. Para esse fim muniu-se de um privilegio apocrypho, que fingia ser de Carlos V, pedido pela cidade. Apresentou-se, e falou no sentido de aplacar as discordias com elle. Mas os credulos foram poucos. O maior numero, receioso de ciladas, advertido pela experiencia, e justamente desconfiado da brevidade da soltura do duque, repelliu o diploma, tractando-o de mentira, e guardando á vista por todo o dia o emissario, que já principiava a arrepender-se do encargo que tomára; só pelo declinar da tarde é que o deixaram livre, intimando-o para que saísse e não voltasse com similhantes mensagens, se queria evitar maior desgosto. A essa hora mesmo entrava na praça Carraffa, prior da Rocella, e alguns fidalgos a cavallo, trazendo uma trombeta do vice-rei, e offerecendo tambem outro privilegio, declarando ser o verdadeiro privilegio de Carlos

V. Chegando ao sitio onde Thomaz Aniello estava com os principaes do povo, a cavalgada teve de se deter; e o papel, examinado e convencido de falso, serviu de corpo de delicto contra a má fé do governo e dos agentes, que enviava. A simplicidade do pescador de Amalfi ainda uma vez humilhou a astucia dos conselheiros aulicos, dando-lhes licções severas.

Adeantando-se com aspecto carregado e gesto nobre, Masaniello exclamou: «Não, vós não sois emissarios do vice-rei, sois apenas falsarios e embaídores pagos para traír. Não é possivel que o governo commettesse a infamia de vos mandar mentir e enganar em seu nome! Não vos conheço!» Dito isto, voltou-lhes as costas, e ordenou que o trombeta fosse apeado, assim como os fidalgos, que não se escaparam pouco maltractados. O prior deveu ao seu caracter conciliador, e á sua conhecida probidade na questão da *gabella*, a segurança com que o deixaram retirar. Desfeito o primeiro trama, mas descoberto por elle o plano do governo, o chefe dos populares redobrou de vigilancia, e preparou-se para sustentar a lucta com vigor.

Algumas das freguezias do termo eram vagarosas em se mover, dominadas pelo temor dos hespanhoes, ou dirigidas pelos avisos da nobreza. Thomaz Aniello intimou-as para que se armassem immediatamente e accudissem ao mercado, assegurando que a sua deserção seria punida com o incendio das casas e das lo-

jas de venda. Como o bairro de Chiaya, apezar d'esta ordem, por ser distante parecia disposto a não cumprir, enviou-lhe um recado em termos grosseiros e cheios de ameaças. Dentro de duas horas tinham obedecido todos, e perto de tres mil marinheiros e pescadores vinham engrossar as forças da rebellião. Seguiu-se a proscripção dos argentarios cumplices nas extorsões dos impostos. A gentalha sedenta de vingança exigia-a em altos brados, e o seu cabeça, rude e devorado de eguaes paixões, nem queria nem podia conter o impeto á torrente. Formou por tanto uma lista de cento e vinte casas condemnadas a servirem de exemplo, por se terem enriquecido com o sangue dos pobres; e dadas as instrucções, e distribuidas as companhias, na seguinte noite soltou a cadêa ao tigre popular, e deixou-o cevar-se! As chammas levantando-se ao mesmo tempo de differentes partes, os clamores, o ruido das armas e do estrago, offereciam um espectaculo tremendo. As fazendas e os moveis que se encontraram, foram queimados ou atirados pelas janellas fóra; entretanto parece que nenhum roubo manchou de mais sombras as atrocidades d'esta scena lastimosa. O vento soprava fresco, e saccudia pelo ar as faiscas; os tectos desabavam com fragor; o clarão sanguineo dos incendios avermelhava as ruas e o céu, reflectindo-se longe. Era tudo horror, estrepito e luto. Muitos julgaram que tinha chegado o ultimo dia de Napoles!

Os religiosos saíram em procissão, de cruz alçada pedindo em penitencia a Deus que mitigasse a sua cholera, socegando as commoções. Os homens abastados, tremulos e pallidos, ajuntavam á pressa os objectos preciosos, procurando fugir de uma cidade sobre a qual o braço armado do povo fazia pesar indistinctamente o castigo e a vingança, a ruina e a assolação. Mesmo os mais innocentes nos contratos e nos rigores fiscaes suppunham-se expostos e calculavam com anciedade o momento, em que lhes tocaria o seu quinhão na desgraça commum. Nas casas dos principaes genovezes, que ainda não eram pasto das chammas, não se ouviam senão lamentos e gemidos. Implicados nas arrematações dos tributos, e assignalados como banqueiros do governo a preço de grossa usura, os monetarios amaldiçoavam já tarde os lucros exorbitantes, e dariam de bom grado a metade da sua fortuna por salvar a outra e as pessoas do risco eminente. E com razão. Quebrado o freio das leis, e solta a pedra da funda, quem poderia dizer o sitio onde ella iria bater?

O povo agora era o senhor; mas um senhor cruel e implacavel, ulcerado e offendido, que se compensava do passado soffrimento com as iras da victoria. Nem o palacio de Cornelio Spinola, cavalheiro qualificado, e valido dos vice-reis, homem honrado e estranho aos abusos dos impostos, foi isento da barbara devastação. Apenas teve tempo para salvar as alfaias mais ricas dentro do castello, accolhen-

do-as ás suas torres. A multidão logo depois, rufando tamboros e levantado gritas, arremetteu disposta a practicar o que fizera ás outras habitações. Uma ordem de Masaniello chegou porém ainda a tempo de impedir que lhe puzessem fogo, mandando-a respeitar. O mesmo succedeu com a de Navarreta, a quem o povo, por um dos seus caprichos usuaes, passando do odio ao enthusiasmo, acclamou por thesoureiro com maior assombro d'elle, que dos proprios vozeadores. O nuncio da cidade e o visitador deante das terriveis represalias da revolta, soltaram os presos, e mandaram reunir as milicias, encerrando-se com o mais precioso que tinham dentro dos muros da cidadella.

A obra da assolação consummou-se sem obstaculo; e ao outro dia as paredes requeimadas e os montões de ruinas no logar aonde eram as opulentas moradas dos potentados, como padrões de horror, contavam a historia da tyrannia passada memorando a catastrophe da tyrannia recente. A medida dos crimes e da demencia começava a encher-se contra o povo, como transbordára pelas extorsões e violencias da nobreza.

II

Uma vez solto da funda quem é capaz de prever aonde irá acertar o seixo? As grandes commoções populares são o mesmo. Os padecimentos publicos preparam-n'as; as repressões violentas exacerbam os animos; e um dia, qualquer cousa insignificante determina a explosão. Foi o que succedeu em Napoles. Antes das auctoridades accordarem do pasmo, que as tolheu de repente, o motim engrossando a cada hora, estava senhor da cidade, e aclamava na praça como rei da plebe o pescador de Amalfi, salvo arrastar depois o idolo, e vingar-se n'elle da obediencia que lhe prestára! O incendio das moradas dos monetarios e o armamento das companhias tinham assegurado temporariamente o imperio do povo, o primeiro pelo terror, o segundo pela força. Aproveitando estes elementos Thomaz Aniello cuidou em continuar a lucta, e em consolidar a victoria.

Quando appareceu defronte do posto militar de S. Lourenço, d'onde a disciplina das tropas regulares havia repellido as mangas desordenadas do vulgacho no anterior assalto, levava um corpo de dez mil homens armados, e o ataque foi dirigido com acerto, occupando-se as casas visinhas e o convento. A guarnição desfallecida pela fadiga dos repetidos rebates, e tão estreitamente bloqueada, que não pude-

ra receber viveres, rendeu-se sem combate, entregando as armas e artilheria do deposito. E' justo dizer que os vencedores não abusaram do triumpho, portando-se com humanidade, e concedendo a livre saída dos soldados hespanhoes, depois de no mercado lhes saciarem a fome que os devorava.

Conseguida esta vantagem, divulgaram-se as pretensões do povo; e eram ellas: extincção dos impostos lançados a contar do tempo de Carlos V; restabelecimento do privilegio original do imperador; amnistia para os implicados na revolução de 7 de julho; eleição de um popular com tantos votos, quantos eram os assentos da nobreza; entrega da fortaleza de Santelmo em penhor da boa fé do governo, e final ratificação de el-rei de Hespanha, conservando-se o povo em armas até ser publicada. A par d'estas condições nada suaves para o orgulho da auctoridade, os vencedores ainda propunham mais, que no caso de se faltar a qualquer das clausulas d'este accôrdo fosse licito em todo o tempo aos do mercado tornarem a sublevar-se sem incorrer por isso nas penas do crime de rebellião, insistindo para que de tudo se lavrassem quatro disticos em marmore, que ficassem erguidos como padrões de perpetua memoria. E' claro, que do lado dos fidalgos e do governo taes propostas encontravam a maxima resistencia. Concedel-as equivalia a abater na praça a corôa, e a assentir á propria abdicação. A derrota completa que mais podia arrancar-lhes, obri-

gando-os a tractar de potencia a potencia com o vulgacho, e a pôr nas suas mãos como refens tantos privilegios, e sobre todos a posse da cidadella?

Servia então de consultor em Napoles Julio Genovino, velho de 87 annos, ecclesiastico douto, e um dos politicos mais estimados pelo duque de Ossuna durante o seu governo. O conde de Olivares detestava-o pela sua amizade leal ao antigo vice-rei, e caíndo o duque não se esqueceu de lhe dar provas do seu odio, encarcerando-o injustamente, e desterrando-o depois para Oran na Berberia. Dotado de um caracter severo e rigido, Julio Genovino não se desmentiu nos trabalhos, nem se humilhou com fraqueza. A perseguição acrisolou ainda mais as raras e singulares virtudes do seu animo. No fim de vinte e dois annos cansaram-se de o opprimir; mas elle é que nunca se fatigou de oppôr o mesmo rosto inteiro á fortuna. Voltando á patria, na edade em que se destempera ordinariamente em todos a força d'alma e agudeza das faculdades, achava-se tão perspicaz de entendimento e tão forte de consciencia, como na epocha em que o seu conselho, egual á acção, eram tão proficuos ao vice-rei, amigo que não trahiu nem denegou apezar das exacções. Este consultor era auxiliado nas suas funcções por oito doutores anciãos, e tinha por secretario a Marco Vitale, natural de Napoles, e não só não foi estranho, mas suppõe-se que protegeu, dirigiu em parte e estimulou o movimento popular.

As cousas peioravam entretanto a cada instante; os tumultos cresciam, e noite e dia não se ouvia nas ruas senão tambores e arruidos populares. O negocio paralyzou-se, o despacho ficou suspenso, até o da camara real e do conselho, e a propria vicaria civil e crime fechou-se com receio da voz da justiça ser menos respeitada. Entre outros elementos de anarchia, formou-se um bando de tresentas mulheres armadas, e é inutil accrescentar que nada concorriam para socegar as inquietações. N'este estado não admira, que sabendo Masaniello que 600 soldados walões de Capua e Aversa vinham guarnecer o castello de Santelmo, mandasse marchar contra elles algumas das suas tropas; estas obrigaram os castelhanos a metter-se dentro da egreja de Nossa Senhora de Constantinopla, e cercando-a e deitando fogo ás portas, forçaram os soldados a abrir, e deixarem-se desarmar, indo depois d'alli para o mercado aonde se alistaram ao serviço do povo.

O ultimo revez experimentado pela companhia walona acabou com as indecisões dos governantes receiosos de levarem o mal a tal extremo, que depois não pudesse remediar-se. No dia 11, o cardeal arcebispo Filomarino tomou a iniciativa, e de intelligencia com o duque de Arcos, principiou a negociar a paz, mostrando desejos de a obter. No conselho do governo foi exposto o perigo sem disfarce, e lembrado o que succedeu em Flandres por causa do duque de Alva, o qual pelos seus

rigores metteu a Hespanha em noventa annos de cruelissima guerra, derramando-se tanto sangue (dizia o cardeal,) que seria bastante para fazer um rio navegavel, e dispendendo-se tanto ouro, que excedeu o que produziram as minas de ambas as Indias. Estas razões e outras muitas persuadiram o vice-rei, que auctorizou o principe da egreja a prometter a sua approvação aos capitulos do povo, ainda que alguns lhe custassem como funestos á dignidade do poder e ao esplendor da classe nobre. O accôrdo tractou-se, e concluiu-se, retirada a clausula relativa ao perdão da revolta, porque, observou o povo, era impropria, visto nunca ter sido victoriado senão el-rei de Hespanha. O vice-rei mandou então chamar ao paço Thomaz Aniello para se firmar o concerto; e oppondo-se os amigos d'este com temor de alguma cilada, o chefe declarou que iria, uma vez que ficassem como refens da sua pessoa dois dos filhos do duque d'Arcos. Tão apertada era a necessidade que o vice-rei sujeitou-se, não oppondo a menor duvida!

A maior questão consistia em não se poder descubrir o privilegio original de Carlos V, que se tinha perdido; o cardeal arcebispo, confessando-o, perguntou a Masaniello como se havia de substituir? Em quanto se não acha, ponham em vigor o antecedente de el-rei Fernando; sei aonde está! respondeu o caudilho. Como ainda era mais amplo do que o do imperador, o cardeal sorriu-se accrescentando: Não são teus, mas de Deus, taes accôrdos!

Mas no fundo da apparente submissão do poder estava a cilada. A nobreza ressentida via nas capitulações ajustadas a offensa e o abatimento da sua influencia. Abolidos os impostos, rescindidas ficavam desde logo tambem as arrematações contractadas sobre elles; e seccava-se a fonte copiosa dos seus rendimentos. Accrescia, que se achava comprehendida nas penas comminadas aos negociantes de tributos em virtude do privilegio de Carlos V, extendendo-se a acção egualmente aos monetarios nacionaes e aos capitalistas forasteiros. A consequencia da reforma das contribuições era ficar a fidalguia despojada da sua principal riqueza; e a cidade, que no tempo do imperador devia apenas duzentos mil cruzados, achar-se de repente onerada com uma divida de oitenta e sete milhões, tinha por isso jus a negar-se ao pagamento de outras sommas, visto o engano com que fôra opprimida! Assim a aristocracia perdia os vinte mil ducados, que formavam o patrimonio de cada um dos seus membros, quando alcançava o grau de eleito! Depois d'isto é claro que o odio entre ella e o povo devia augmentar-se, e as duas facções nada esqueciam para se hostilizarem, procurando supplantar-se á custa de todos os sacrificios.

O governo vivia de interesses eguaes aos da nobreza, e era natural por isso que em quanto o obrigavam a mostrar bom rosto á má fortuna, empregasse occultamente os seus agentes e recursos para semear a discordia e a des-

confiança no seio da colligação popular. O vice-rei tractava com ella; mas os factos provaram que a sua boa fé tinha muito de equivoca. No coração jurava a ruina dos atrevidos peões, que ousavam curval-o á sua vontade, e prender-lhe as mãos, fazendo-o passar por baixo do jugo de condições affrontosas. Um homem era a alma e a intelligencia da revolução; destruido elle, a cabeça caía, e o tronco sem direcção depressa se desmembraria. Por isso tanto a auctoridade, como a fidalguia puzeram o seu odio em Thomaz Aniello, resolvendo immolal-o ao restabelecimento do seu imperio.

A reacção principiou, tentando-se o povo com peitas; a corrupção porém encontrava resistencias. Os plebeus recusavam o ouro, respondendo que com tres carlins (120 réis) tinha cada napolitano a subsistencia diaria. Da sua parte o chefe não se mostrava menos inteiro, rejeitando as promessas com esta bella resposta: «Façam justiça ao povo, a quem obedeço, aquiete-se elle, e darei o meu cargo por findo, voltando alegre á vida que sempre tive. Tornarei a pescar com a minha canna.» N'estes termos os inimigos da reforma decidiram que não havia remedio se não ferir um golpe audaz; escolhendo para o descarregar a occasião em que o duque de Arcos vinha ao mercado jurar as capitulações. Urdiram o plano, dispozeram os instrumentos, e designaram para cabeça da empresa o mesmo Perrone, que por ciume a Masaniello, e devoção á casa de Ma-

talona se offerecêra já para assassinar o chefe popular no sitio mais publico. A recompensa promettida eram dez mil ducados, uma companhia de infanteria, e o perdão de todos os seus crimes. Eis a lealdade com que o duque acceitava o pacto, e o ía firmar!

Thomaz Aniello descobriu a conspiração e preveniu-se. Os bandoleiros apostados para o matarem estavam embuscados no Carmo, d'onde saíram a signal dado, desfechando sobre elle dez arcabuzes, que não lhe acertaram. Em um momento os bandos do mercado envolveram os sicarios, crivaram de feridas a Perrone e aos seus sequazes, e correndo ao mosteiro de Santa Maria a Nova, aonde José Caraffa e muitos da sua facção esperavam o exito do homicidio para romperem, puzeram-lhe cêrco, e colheram um emissario que expediam ao vice-rei, pedindo que mandasse disparar para o ar a artilheria do castello. Caraffa traçou fugir, mas foi preso e decapitado no mercado, assim como o sargento-mór Bernardino Grasso.

Masaniello lançou bando e pregão contra os nobres, condemnando á morte os que fossem encontrados nas ruas da cidade; enviou ordens contra o duque de Matalona, afim de lh'o trazerem morto ou vivo, e mandou collocar a cabeça e um pé de José Carraffa dentro de gaiolas de ferro suspensas sobre a porta de S. Jennaro. A entrada das galés reaes que aportaram n'este meio tempo, ainda veiu augmentar as suspeitas e a confusão. O aspecto

da capital tornou-se medonho. O castello em som de guerra ameaçava-a. As auctoridades cheias de receio não transpunham o seu recinto. O paço estava fortificado e com guardas dobradas de cavallaria. As ruas com tranqueiras feitas de pipas e saccos de terra; o pão e as subsistencias embarateceram, temendo os açougues e padeiros as violencias do povo. Os particulares ricos escaparam-se, e procuraram salvar as fazendas na cidadella e nos conventos. E nem ahi mesmo ficaram seguros; porque o dictador do mercado ordenou aos mosteiros que os expulsassem dentro de quatro horas sob pena de os queimar até aos alicerces. O terror, a expoliação e o sangue, cortejo ordinario da anarchia, seguiam de perto a mallograda tentativa da aristocracia, preparando ao mesmo tempo pelo horror dos excessos e iniquidade das vinganças do povo, a sua queda desastrosa. De ambos os lados se despenhavam cegamente no abysmo.

Não havia senão um meio de apaziguar os alvorotos e de pôr fim a um estado intoleravel. O cardeal recorreu a elle. Tornando a avistar-se com o pescador de Amalfi convencendo-o a dirigir-se para o paço para ter uma conferencia com o vice-rei. Thomaz Aniello assentiu, e tendo disposto em companhias armadas pelas ruas de Napoles o seu exercito (cento e quartoze mil homens!) foi ao largo do castello falar ao povo e publicar as condições. No fim levantando mais a voz perguntou: «Estaes contentes?» «Sim! sim!» exclamaram

todos em um grito unisono. Elle sorriu-se com tristeza, apertou a mão no peito, e com os olhos arrasados de lagrimas que não envergonham o homem forte, redarguiu: «Sei que hei de morrer por este feito; o perigo começa hoje para mim. Prometteis em recompensa do que vos tenho servido resar uma Ave Maria pelo descanço da minha alma?» A multidão tornou a victorial-o estrepitosamente, jurando defendel-o e sustental-o. Eram as exequias da sua popularidade, e elle sabia-o. Rude de instrucção, mas dotado da vista rapida e profunda, que só dá o genio, percebeu, que esta paz era uma tregua, e que o segundo e verdadeiro combate não se havia de dar senão sobre o seu corpo. Assim aconteceu. A essa hora mesmo tudo se preparava para o precipitar.

Meia hora depois d'esta scena, pelas Ave Marias entrou no paçó, deixando no largo vinte mil homens armados, e não consentindo que ninguem o acompanhasse subiu á sala aonde o duque de Arcos o estava esperando; beijou-lhe as mãos, apezar d'elle o levar nos braços, e ambos á janella viram desfilar o povo. A um signal de Masaniello as grossas e nomerosas filas gritaram tres vezes — Viva el-rei de Hespanha! — a outro aceno as vozes calavam-se, e o silencio tornava-se profundo. O vice-rei notando tão admiravel obediencia, abraçava cada vez mais o pescador, sorrindo muito, e os que o viam saudavam-n'o, julgando que na pessoa do chefe abraçava a revolução. Engano! Estava tomando a medida do

colosso para não errar o segundo tiro, como errára o primeiro. Repetia o abraço do monte das Oliveiras.

Thomaz Aniello não o desconhecia. O seu triumpho fazia-o pallido e humilde. Quando saíu do palacio, a alegria que representava no rosto era falsa, e as providencias severas que adoptou e poz em execução, provam que achára excessiva a benevolencia do duque, e se acautelava. O supplicio de diversos partidarios do duque de Matalona teve por fim lançar o freio do terror á facção da nobreza. Os impostos decretados, e que tanto o desconceituaram, levaram em vista preparar os meios precisos para sustentar a nova lucta, porque a julgava eminente; as eleições que inspirou tenderam a collocar os seus amigos fieis nos logares de confiança, e o sequestro de grandes fazendas, que fez em casa de Pedro Lubrano, João de Cevalhos, e outros muitos arrematantes de impostos, encubriam, sob pretexto de justiça popular, a necessidade de crear alguns rendimentos, que o habilitassem a sustentar as companhias armadas, o nervo e esteio da revolução. Estas providencias geravam odios e inquietações, e elle não o ignorava; mas tinha chegado ao ponto em que não lhe restava senão a escolha do modo, por que havia de succumbir. Não o fazendo, caía sem defeza, intentando-o arriscava-se ao golpe de um punhal, ou á balla de um arcabuz, disparado até d'entre os seus auxiliares! Effectivamente a traição já os minava, e os desconten-

tes não occultavam as queixas e murmurações. A catastrophe avisinhava-se a passos rapidos, tendo por guias a inveja e a venalidade.

N'este meio tempo é que se affixou o edital do vice-rei estabelecendo os privilegios da cidade, abolindo os impostos das subsistencias e declarando réus de pena capital os perturbadores da paz do povo. Seguiu-se a grande festa dada em Pausilippo a Masaniello, aonde lhe prodigalizaram attenções e regalos, propinando-lhe, dizia o povo, uma bebida envenenada, de que enlouqueceu. O fundamento d'esta versão foi a incoherencia e a melancholia, que depois d'este dia se notava no caudilho. Approximava-se a sua hora, e é de crer que mesmo no meio do banquete, e entre as danças, lhe viesse o presentimento da funesta sorte que o aguardava. Talvez percebesse no sorriso de muitos dos convivas o mesmo odio, que lêra na benignidade do duque dos Arcos. E' certo, que depois da sua ida a Pausilippo, a mente a miudo se lhe desvairava, e que alguns fumos de ambição lh'a offuscavam. Entretanto a conspiração progredia melhor planizada, e amadurecendo caminhava para o desenlace. Tudo estava disposto para o desthronar, e as medidas tomadas com tal acerto que nunca falhou. A contra-revolução rebentou no dia 16 de julho, junto do paço, por ordem do vice rei, como tudo parece comprovar, no posto das guardas de serviço. Intimando os soldados da parte de Thomaz Aniello, para

se retirarem, responderam negativamente e mataram o mensageiro, e sublevando-se discorreram pela cidade, gritando que o governo de mercado tinha acabado, e que ninguem obedecia ao pescador.

Um trombeta e um tambor á frente de alguns dos insurgidos levaram a noticia ao duque dos Arcos, que a recebeu como homem que a esperava. Logo depois o paço fechou-se e poz-se em armas, e o regente da Vicária, em uma liteira, saíu ás ruas com grande acompanhamento, dando vivas a El-Rei de Hespanha. A sorte estava lançada. Se o povo illudido se voltasse contra Masaniello, o seu poder e a sua vida ficavam nas mãos da aristocraçia. Foi o que succedeu. Os populares entregaram o seu chefe, esquecidos de que na queda elle os arrastaria comsigo infallivelmente.

Pelas seis horas da manhã Thomaz Aniello, que não ignorava inteiramente o que se dispunha, entrou no Carmo e fez um esforço para commover o povo com discursos, em que lhe manifestou que era chegado o quarto dia das capitulações, e que estava certo de que n'elle o haviam de matar. Depois, exaltando-se, protestou-lhes, que a perda commum seguiria a sua, começando a contra-revolução por subir o preço dos alimentos, e concluindo pelo restabelecimento das antigas taxas. Esta allocução pouco effeito fez, sendo ouvida até com alguns murmurios. Á saída, o caudilho encommendou a sua alma a Deus, e pediu que orassem a favor d'elle. D'ahi desviando-se do

concurso desceu os degraus do adro, e dera apenas curtos passos, quando caiu mortalmente ferido de dois tiros de arcabuz, disparados de uma embuscada. Os assassinos eram José Ardissone e Salvador Cataneo, parciaes ambos da casa de Matalona e seus criados. Arrastando o cadaver pelos cabellos e levantando vozes em nome do vice-rei, cortaram-lhe a cabeça, e levaram-n'a ao paço, seriam sete horas da manhã. Ahi levantaram-n'a em um pique, que o povo indignamente convertido já para a facção da nobreza, passeou por toda a cidade entre vaias e ultrages. O irmão de Masaniello salvou-se, fugindo. Sua mulher e irmã, presas, foram trazidas ao paço, e maltractadas nos mesmos sitios, aonde o duque dos Arcos honrára na pessoa d'ellas o vencedor de seu governo!

Assim, em poucos dias elevou-se e decaíu a fortuna do pescador de Amalfi, mais do que um rei em Napoles, e depois tão infeliz, que o seu corpo tornado em ludibrio serviu de joguete ás infamias da vil gentalha! Para ser completo o exemplo, não faltou a apotheose. A mesma plebe que lhe vendeu o sangue aos hespanhoes, desenganada de ter perdido n'elle a sua força, rebentou em novos tumultos, proclamando a innocencia do chefe assassinado, e pondo o seu corpo e cabeça em um estrado coberto de panno branco do Carmo, com uma espada na mão, e o bastão de commando, saíu em procissão com elle, acompanhado de duzentos padres e tochas, e seguido

do tres mil soldados arrastando vinte bandeiras ao som de caixas destemperadas. Iam no sequito innumeraveis mangas de povo, quinhentas mulheres chorando, e outras mais recitando psalmos e chamando-lhe bemfeitor da patria. A razão d'esta subita mudança era, logo no dia immediato ao da morte de Thomaz Aniello, (17 de julho) haver encarecido o pão, voltando aos antigos preços. Já se vê que o povo não se arrependia senão porque tinha fome.

Á uma hora da noite o cadaver conduzido com esta pompa chegou ao paço. O vice-rei, encerrado, estremeceu. Das suas janellas via arder os fornos do pão e os depositos de farinhas do Espirito Santo e dos Bancos Novos, a que os populares acabavam de lançar fogo. Para desviar a tempestade, mandou allumiar o palacio, imitando as casas particulares, á medida que o prestito ía passando. As exequias celebraram-se no Carmo, aonde Masaniello, simples pescador, foi sepultado com as honras não só de capitão general do povo de Napoles, mas com o estado e grandeza de um rei corôado. Os sinos de todas as egrejas dobravam por elle, nos mosteiros sem excepção prégou-se o seu elogio funebre, dizendo-se mais de duas mil missas, e a eleição de Palombo para capitão do povo pareceu o unico meio de distrahir as commoções causadas pela queda de Thomaz Aniello, que pareceu tão ameaçadora ao governo como a sua propria exaltação. O que é indubitavel é que os

acontecimentos posteriores confirmaram todos os prognosticos feitos, uma hora antes de expirar, pelo chefe assassinado.

(Do *Panorama*, de 1852)

FIM DO VOL. I

DOS «BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS»

INDICE

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXIV

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXIV

ESTUDOS CRITICOS — I

BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS

VOLUME II

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1909

BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS

XIV

A partida do infante D. Manuel

(1852)

Começamos a publicação das curiosas cartas, escriptas no anno de 1715, reinando el-rei D. João V, ácerca da saída do infante D. Manuel seu irmão. Este incidente, pouco conhecido, acha-se descripto com extensão na primeira correspondencia do secretario de estado Diogo de Mendonça, que hoje transcrevemos. Accrescentaremos algumas noticias que o pódem esclarecer, explicando os verdadeiros motivos que influiram no animo do infante para dar este passo temerario contra as ordens do soberano.

Em officio do embaixador de França em Portugal ao ministro dos negocios estrangeiros, M. de Torcy, refere-se o projecto, que tinha formado o infante D. Manuel de ir viajar pela Europa por tempo de dois annos. Estava-se em setembro de 1715, e parece que a idéa

de seu irmão não era desagradavel a D. João V, por isso que não se observa da parte d'elle o menor indicio de resistencia. Pelo contrario designou-se o sequito do principe que devia constar de trinta e seis pessoas, sendo doze das primeiras familias do reino; determinando o infante principiar pela Andaluzia e mais provincias de Hespanha até ao Russilhão; entrar no Languedoc; e seguir d'alli para Italia e Allemanha, voltando depois por França, com o cuidado porém de não se apresentar nas capitaes, aonde residisse a côrte dos soberanos, para evitar o ceremonial.

Foi no meio d'estes planos, que de repente se declarou a intenção de el-rei, que, a pretexto de uma promessa pia, resolveu fazer a romaria de Nossa Senhora do Loreto viajando por terra. O conde da Ericeira, encarregado pelo monarcha de dar aviso d'esta resolução aos diplomatas das differentes nações, não encubriu a nenhum d'elles o pesar que lhe causava. O sr. D. João V tinha fixado para 4 de outubro o dia da partida, querendo acharse pelo Natal no Loreto, decidido a percorrer depois a Italia, a Allemanha, a Hollanda, a Inglaterra, e a França, por espaço de um anno, levando na sua companhia seus irmãos, o secretario de estado, os condes de Assumar, de Unhão, da Ericeira, e o marquez de Marialva. A regencia ficava entregue á rainha, augmentando-se o numero dos ministros ordinarios com a nomeação dos marquezes de Alegrete de Fronteira, e com a do conde de Castello

Melhor, que, depois de largos annos de desterro e desagrado, tornava a ser bem visto.

Não é para aqui individuar os enredos postos em practica pela politica dos diversos gabinetes da Europa, uns procurando estorvar, outros desejando animar a projectada viagem; nem nos cumpre alargar esta rapida informação relatando os aprestos do estado com que o ostentoso monarcha se propunha realizar incognito a sua peregrinação. Talvez consagremos um artigo especial a este facto. Por agora basta insistir nos pontos, que têem intima relação com a fugida do infante.

A rainha amava seu esposo e era extremosa. Apenas lhe constou o plano da romaria, e a ausencia de um anno, a que no fundo tudo o mais servia de disfarce, declarou-se contra, e não omittiu meio algum para despersuadir el-rei da jornada, já com instancias proprias, já com avisos indirectos dos embaixadores de França e Inglaterra, já pelo voto dos mais auctorizados conselheiros. Mas os seus esforços não produziram outro effeito mais do que confirmar o monarcha na sua idéa. Achando deante da sua vontade maior resistencia, do que imaginava, pela sua indole tenaz, e orgulhosos espiritos, D. João V cegou-se sobre os inconvenientes, e a nada attendeu. Expunha-se a tudo, com tanto que provasse, que as suas decisões uma vez tomadas não se alteravam, nem cediam aos obstaculos.

N'este apuro occorreu á rainha, que o modo unico de embaraçar os desejos de seu marido,

cuja partida fôra transferida para março de 1716, consistia em lhe pôr deante dos olhos o exemplo de um principe, que por dever da corôa elle houvesse de estranhar. Para isso dirigiu-se ao infante D. Manuel, moço ambicioso e inquieto, ardendo em desejos de se mostrar e ganhar fama, cubiçando vêr o mundo, desvinculado da tutella da côrte do seu irmão. O infante achava-se descontente por se lhe frustrar a sua viagem em virtude da romaria real; e ouviu com a maior facilidade as suggestões da rainha prestando-se a auxilial-a. Tractou-se o negocio com o mais fechado segredo, e uma manhã a côrte accordou sabendo que o principe desapparecêra sem licença, e que se ignorava ainda a sua direcção. Como sua esposa previa, D. João V foi obrigado a desapprovar publicamente o procedimento do infante, suspendendo a jornada.

O infante passou-se depois á Allemanha, e tomou serviço nos exercitos imperiaes. Foi um dos capitães, que assistiram á famosa batalha de Belgrado, ganha em 16 de agosto de 1717 pelo principe Eugenio contra os Turcos.

Eis a primeira correspondencia expedida apenas se soube da sua fugida.

Hontem 4 do corrente pelas duas horas depois do meio dia se deu conta a Sua Magestade de que o sr. infante D. Manuel não estava no seu quarto, e que havia saído muito de

madrugada com o sr. Manuel Telles da Silva, filho de v. s.ª (o conde de Tarouca) e um reposteiro levando alguns bahus do seu fato. Logo deu cuidado a Sua Magestade a sua falta, por que não costumava saír o sr. infante do paço sem sua licença; e depois soube que fôra em uma sege com o filho de v. s.ª e o reposteiro á Cartucha (de Laveiras?) e alli se embarcára em um patacho inglez chamado *Tany*, capitão Marsham, que ía para Amsterdam. Como se teve tão tarde esta noticia, quando os avisos foram ás Torres já o navio ía fóra dos cabos segundo referiram alguns pescadores. E porque as fragatas da corôa, que estavam apparelhadas, andam fóra esperando a frota, e no rio se achava uma de guerra ingleza, que veiu buscar D. Paulo Methwen, me ordenou Sua Magestade lhe escrevesse para que ordenasse saisse a dita fragata em seguimento do navio, o que elle executou com tão bons termos, que veiu ao paço pedir a Sua Magestade o deixasse ír na fragata. E com efteito se embarcou logo pelas 10 horas da noite com o marquez de Marialva, que se achava de semana, que foi com carta da propria mão de Sua Magestade, para o sr. infante para que voltasse para esta côrte na dita fragata; e tambem se ordenou ao capitão de uma das nossas, que anda cruzando n'estes mares, que fizesse a mesma diligencia; porque além do grande dissabor, que causou a Sua Magestade a inconsiderada resolução de Sua Alteza, lhe dá grande cuidado o receio de que o possam apresar os mouros,

que têem tomado dez presas inglezas ha pouco tempo. Porém, sendo contingente encontrar o tal navio, havendo tantas horas, que havia saído com um vento rijo, é mui provavel que o sr. infante vá aportar a Amsterdam para onde ía o mencionado patacho, e para onde levava um credito de dezeseis mil cruzados passado por Manuel de Castro Guimarães, ao qual o sr. infante persuadiu ser-lhe necessaria aquella quantia para mandar pagar uma cama, que n'essa côrte tinha mandado fazer por via do sr. Thomaz da Silva Telles. N'este caso é Sua Magestade servido, que chegado que ahi seja o sr. infante, v. s.ª lhe entregue a carta de Sua Magestade, e lhe aconselhe faça o que o mesmo senhor lhe ordena, e que vá para casa de v. s.ª e ali esteja incognito, como costumam practicar os principes do seu alto nascimento nas côrtes estrangeiras; e que na mesma fórma se poderá recolher a este reino ou por terra ou por mar. Espera Sua Magestade da grande prudencia de v. s.ª e do seu grande amor e zêlo, que procurará persuadir a Sua Alteza que o que só lhe convem é executar o que Sua Magestade lhe ordena. E esta diligencia fará v. s.ª repetidas vezes, ainda que ache sempre grande repugnancia no sr. infante, difficultando-lhe todos os meios para poder continuar a jornada, e dizendo-lhe que não tem ordem para assistir-lhe com dinheiro, antes sim para embaraçar o que lhe puderem emprestar, e ainda a cobrança dos dezeseis mil cruzados do credito de Manuel de Castro

Guimarães, mostrando-lhe a ordem, em que elle o revoga, da qual v. s.ª se servirá para mostrar-lh'a, mas não para a pôr em execução. Alcançando v. s.ª do sr. infante a resolução de tornar para este reino por mar, pedirá v. s.ª em nome de Sua Magestade aos estados dois ou tres navios de guerra para transportarem a Sua Alteza, assistindo-lhe com o necessario para o seu apresto. E quando se resolva a vir por terra poderá vir com Sua Alteza o sr. Thomaz da Silva Telles, dando-lhe v. s.ª as letras necessarias para as despezas da jornada. E quando o sr. Thomaz da Silva Telles esteja já em Allemanha, virá v. s.ª com o sr. infante até parte, em que o encontre a v. s.ª pessoa ou pessoas que Sua Magestade mandar; para cujo effeito me despachará v. s.ª postilhão antecipadamente, remettendo-me o roteiro das villas e cidades por onde destina vir, para que as pessoas que forem sigam o dito roteiro. Porém se, não obstante as representações de v. s.ª, o sr. infante persistir em passar a Allemanha, como se entende, sempre v. s.ª trabalhará que se detenha até que cheguem alguns creados e meios, e que possa ír, ainda que incognito, com a decencia conveniente. E para a despeza que ahi fizer Sua Alteza se poderá v. s.ª valer das licenças dos estados, ou passar letras sobre o thesoureiro da casa de Bragança. E no caso que o sr. infante não queira ahi esperar, ou passe por essa republica, sem que v. s.ª o saiba, e vá em direitura a Allemanha remetto a v. s.ª essa carta de Sua

Magestade para o sr. imperador, de que vae cópia, para que, tendo v. s.ª certeza de que o sr. infante passou a Vienna, mande a mesma carta ao Barão Tioztti para a entregar ao sr. imperador. E será conveniente, que v. s.ª avise ao dito barão, que no caso de alli se achar o sr. infante lhe assista com as quantias de dinheiro, que lhe parecerem precisas, sacando da sua importancia letras sobre o thesoureiro da casa de Bragança; e n'este mesmo caso escreverá v. s.ª ao sr. infante remettendo-lhe a carta de Sua Magestade para que lhe conste o que o mesmo senhor lhe ordenava, aconselhando-lhe v. s.ª que volte para essa republica para d'ahi tornar ao reino em execução da ordem de Sua Magestade.

Remetto as duas cartas do proprio punho do dito senhor, de que acima faço menção, uma para o sr. infante, e a outra para o sr. imperador.—Deus guarde a v. s.ª—Lisboa, 6 de novembro de 1715.

Devo acrescentar ao sobredito, que Sua Magestade é servido que v. s.ª procure persuadir ao sr. infante, que, se não executar o que o mesmo senhor lhe ordena, nem o sr. Manuel Telles, nem o reposteiro o hão de acompanhar; isto mesmo deve v. s.ª dar a entender ao sr. Manuel Telles para que elle seja quem o persuada a que volte. Porém no caso que isto não baste para Sua Alteza mudar de resolução, e persista na de seguir a jornada, não embaraçará v. s.ª o acompanharem-n'o os sobreditos. Tambem devo dizer a v. s.ª de ordem do mes-

mo senhor, que o sr. Manuel Tellos póde voltar com o sr. infante na certeza de que não fará demonstração com elle por haver feito esta jornada; e espera Sua Magestade que elle instruido por v. s.ª procure persuadir ao sr. infante o que na carta do proprio punho ordena ao sr. infante, e lhe adverte diga o que v. s.ª lhe disser. — *Diogo de Mendonça Corte Real.*

De Sua Magestade para o sr. infante.—Meu irmão. Recebi a vossa carta, e fico com grande sentimento de que não fizesseis a vossa jornada por este reino como me havieis segurado; mas os vossos poucos annos desculpam esta falta, a qual espero emendareis, considerando que nenhuma acção vossa vos estará tão bem como fazeres o que vos mandar; pois não hei de ordenar-vos cousa alguma, que vos esteja mal. Como agora vos achaes n'essa côrte procurae sómente fazer o que fôr vontade do sr. imperador, meu bom irmão e primo, a quem peço queira encaminhar as vossas acções no pouco tempo que ahi vos detiverdes. Ao conde de Tarouca ordeno vos participe a minha resolução sobre os vossos particulares. —Deus vos guarde como desejo.—Lisboa, 4 de abril de 1716.—Vosso irmão—*João.*

De Sua Magestade para o imperador.—Serenissimo senhor, meu muito caro e amado

irmão e primo. Logo que o infante D. Manuel, meu muito amado e presado irmão, saíu d'esta côrte participei a Vossa Magestade a sua inconsiderada resolução, prevenindo o caso de poder-se encaminhar a essa; e sendo-me agora presente que assim o executára tendo-me segurado se restituiria de Haya a esta côrte, torno a pedir a Vossa Magestade o queira persuadir a que se recolha ao reino na fórma que tenho ordenado. E como isto é o que lhe convem, estou certo de que Vossa Magestade se empenhará, em que elle assim o execute; e que o sr. infante não se apartará, das prudentissimas persuasões de Vossa Magestade, porque só seguindo-as poderei dissimular o desgosto, que me tem causado as circumstancias da sua ausencia; e não duvido que os poucos dias que se detiver n'essa côrte, Vossa Magestade dirigirá as suas acções para que sejam conformes ás obrigações com que elle nasceu, e que eu fio do que lhe merece o meu amor, e pedem os apertados vinculos do nosso parentesco.—Nosso senhor guarde a Vossa Magestade como desejo.—Lisboa 4 de abril de 1716. —Bom irmão e primo de Vossa Magestade— *João.*

Carta para o imperador, a que se refere a antecedente.—Serenissimo Senhor, meu muito caro e amado primo. A inconsiderada resolução do infante D. Manuel, meu muito amado e presado irmão, saíndo d'este reino sem licen-

ça minha em uma embarcação pouco segura, me deixa com o cuidado, que pede o amor que sempre lhe tive; e porque se entende que o infante ía com animo de encaminhar-se aos dominios de Vossa Magestade, me pareceu participar a Vossa Magestade aquella resolução para que, inteirado das circumstancias d'ella, procure Vossa Magestade persuadir ao infante se recolha a este reino, na certeza de que o dissabor que me causou a sua ausencia se desvaneça na consideração de que n'esta jornada lhe resultou a fortuna de vêr a Vossa Magestade; e espero que com os seus prudentes conselhos moverá Vossa Magestade o infante a que execute o que lhe convem, que é restituir-se á minha companhia. E os estreitos vinculos da nossa amisade e parentesco me facilitam escrever a Vossa Magestade com esta carinhosa sinceridade.—Nosso Senhor guarde a pessoa de Vossa Magestade como desejo.—Lisboa, 5 de novembro de 1715.—Bom irmão e primo de Vossa Magestade—*João.*

O infante resistiu a todas as diligencias, e como dissemos tomou parte na gloriosa campanha contra os Turcos, em que a victoria de Belgrado immortalizou com mais um brasão o nome já famoso do principe Eugenio de Saboya. Mas o objecto, que a rainha de Portugal se propunha, excitando a ausencia do principe ficou plenamente satisfeito. Depois

da publica e solemne desapprovoção dada á partida de seu irmão, o sr. D. João V viu-se obrigado a desistir dos seus projectos de viagem; o que fez com repugnancia, e custando-lhe o dissabor uma aguda e longa doença. Consolou-se, porém, com os recreios e distracções, que a tradição e a historia são conformes em indicar quando se tracta do Salomão portuguez.

(Do *Panorama*, de 1852.)

XV

Introducção ao volume IX do «Panorama»

(1852)

Quando o *Panorama*, no fim de sete annos, interrompeu a sua publicação, a falta da unica folha verdadeiramente popular, que possuiamos, foi lastimada pelos amigos das letras, e sentida por todos os seus numerosos leitores. O officio, que acceitára, e continuou com trabalho e constancia, tinha realizado o objecto principal, que se propuzera. Na hora mesmo, em que retirava da imprensa, o gosto da leitura estava creado, e a saudade, com que geralmente o viram desapparecer, era a prova mais lisonjeira d'isso.

O resultado obtido em sete annos de duração cortou-lhe verde a palma, que pedíra ao começar a obra. Em quanto a admiração repetia os nomes mais famosos da epocha, sepultados na obscuridade de aridas e assiduas fadigas, mineiros da civilização nacional os escriptores votados a este lavor humilde, nas entranhas da terra, que revolviam, encontraram de cer-

to o ouro, e os diamantes, de que enfeita o seu diadema a moderna poesia das nações; mas tiveram o valor de resistir á tentação, e virando-lhe o rosto passaram adeante. A sua empreza não era pôr a cupula, mas crescer com o alicerce do edificio. Ao tocar o ultimo instante da sua carreira, estavam cimentadas todas as pedras da construcção. A outros mais felizes o cinzel que tira do marmore as graças da arte grega, ou levanta a estatua de Moysés no templo da inspiração christã!

O jornal popular, creado pelo modelo dos mais acreditados nos reinos aonde florece a cultura intellectual, foi de certo o *Panorama.* Se o não dourou a gloria das folhas scientificas, que extendem o sceptro sobre a litteratura activa; se não caminhou, como ellas, na vanguarda da civilização militante, é porque em Portugal, ainda tudo principiava, o ruído das grandes luctas e o estrondo das armas apenas se ouviam como echo de batalha longinqua em casal pequeno e solitario. Era preciso ensinal-o primeiro a andar por aquelle terreno, para depois o introduzir, sem sobresalto, no ajunctamento dos povos europeus confundidos na hora da fadiga. O erro dos que precederam o *Panorama* consistiu em julgar, que a medicina das nações fortes não repugnava á debil compleição de uma terra, que mal se podia dizer entrada na virilidade.

A imprensa, instructiva e accessivel a todas as fortunas e a todos os entendimentos, é um instrumento proprio para estimular os pro-

gressos em um paiz. O *Panorama*, distinguindo a differença que ha entre as publicações puramente litterarias, e o jornal d'esta especie, consagrou-se ao trabalho, não esteril, de escrever para o grande numero. Não foi o seu fim então, nem é hoje ainda, fazer a historia do estudo; cumpre-lhe só apresentar o seu resultado, resumido em breve quadro e popularmente. As altas questões sociaes, as polemicas de qualquer natureza, e o exame scientifico das materias d'interesse politico ou material, que occupam as columnas das grandes Revistas, ou dos periodicos scientificos, não entram na sua esphera. O logar mais humilde, e a tarefa menos elevada, que acceitou, reduzem-n'o unicamente a preparar a estrada a estudos mais profundos.

Sete annos foi este o pensamento do *Panorama*. Fez intimo e familiar o tracto da sciencia, facilitando a todos o prazer mais barato e innocente de quantos ha. O agricultor, o homem publico, o artista e o commerciante, nas curtas horas de repouso de uma vida laboriosa, sempre o receberam como bemvindo. No continente e nas provincias do Archipelago da Madeira e dos Açores a acceitação, que o accolheu provou-lhe, que tinha seguido, sem se afastar, a vereda, que marcára.

A Inglaterra, a França, a Allemanha, e a Hespanha tão nossa visinha, e desgraçadamente tão pouco conhecida aqui, exercem com proveito o sacerdocio de instruir com leituras aprasiveis e variadas milhões d'homens, que

furtam aos breves momentos de descanço o tempo necessario para refrigerar o espirito. N'aquelles paizes já se queixam de que as folhas e impressos crescendo como as aguas d'uma alluvião, ameaçam invadir até os dominios da rigorosa sciencia. Entre nós, por infelicidade, a escacez sécca muita força latente, que se perde á falta de cultura. O maior serviço que se póde prestar ao paiz é alimentar o fogo sagrado da instrucção; educar um povo dos mais aptos para aprender; falar-lhe á alma e ao coração, leval-o pelos instinctos nobres, que adormecem, mas não morrem, despertal-o da somnolencia pela memoria das tradições passadas e pela promessa do melhoramento, que o porvir promette á constancia e ao trabalho. Quem tomar sobre si esta obra acceitou uma grande missão, e póde contar que se não ha de vêr só no meio da estrada.

O *Panorama*, quando se apresentou na imprensa, não teve outro fim, e agora irá prender de novo aonde quebrou o laço que o unia a esta modesta mas fecunda tarefa. Accommodado ao gosto de todos, o successo, que o multiplicou por um numero d'exemplares, de que não ha noticia em Portugal, abona a sua imparcialidade. A religião e a philosophia, os sabios e os indoutos viram n'elle o amigo da civilização, e saudaram-n'o como auxiliar do progresso intellectual. Os espiritos serios e profundos debaixo da ligeira forma que vestia, apreciaram a intenção moral; os preguiçosos e leves, a principio, receberam-n'o como

recreio, depois acceitaram-n'o como licção amena.

Jornal de todas as classes e de todos os partidos nenhuma porta se lhe fechou. Hoje a sua divisa é a mesma. O que nos reinos estrangeiros se alcança pelo amor da associação já educada, pelo progresso nascido e creado em muitas gerações, pelo impulso da auctoridade, e por habitos ha tempo arraigados, creou-se aqui espontaneo, quasi pela diligencia individual, caminhou muito em poucos annos, afagado pelo generoso instincto do povo, e pelo sincero louvor dos doutos. Deveu tudo ao povo e a si.

O *Panorama* espera ser amado de todas as categorias de que se compõe a sociedade, porque, como disse em um dos annos, na abertura, a cada uma ha de ir buscar o que tiver de bom, honesto e proveitoso.

Ao Brazil deveu sempre amisade e estima. A desunião politica não diminuiu o interesse, que a lingua e as crenças estreitaram entre o vasto imperio além do Atlantico e o velho Portugal. Irmãos pela intelligencia, amigos por antigas ligações, e alliados pelo commum desejo de plantar a civilização, o reciproco interesse, que os enlaça, revela-se na solicitude com que se amam, e se comprehendem para auxiliar a renovação social. Como sempre costumou, o *Panorama* olhará para tudo o que pode ser agradavel ou conveniente ao Brazil, como para cousa sua, dividindo entre os dois irmãos com imparcialidade o que a

cada um d'elles cabe no glorioso testamento da monarchia que formaram.

Este jornal compor-se-ha, como d'antes, de tudo o que se julgar de prestimo em descubrimentos scientificos, em aperfeiçoamentos de industria, e nos inventos em artes, apar das novidades notaveis. Sem ser rigorosamente noticiador, acompanhará o andamento do seculo em todos os seus aspectos. — A gravura em madeira, introduzida por elle, e tão adeantada hoje, continuará a adquirir maior perfeição ainda em mãos portuguezas. Na linguagem ha de observar-se desvelo constante para que saia limpa de locuções estrangeiras, repugnantes á sua indole vernacula, e egualmente purificada dos requebros antiquados de palavras e phrases exoticas, e de periodos alatinados, que a desfeiam, soando mal na dicção corrente e clara; que taes obras requerem. Não esquecerão por ultimo as noções de sciencias naturaes, e as das sciencias moraes, opportunamente disseminadas aqui e além, afim d'o vulgo dos leitores poder tomar d'ellas a necessaria tintura.

Seguindo este systema é que o *Panorama* arraigou a sua reputação, e promettendo persistir n'elle nada mais faz do que continuar na profissão litteraria em que sempre viveu. Para penetrar nas cidades e villas, alegrar a solidão dos campos, e chegar até os remotos cazaes das provincias, recreando as longas horas do invernoso serão, não aprendeu nunca outro segredo. Para se tornar o hospe-

de certo das diversas classes limitou-se a contar-lhes o que tinham sido seus paes; a mostrar-lhes, além do estreito recanto em que existem, o vasto espectaculo do mundo, as gentes e os costumes differentes, os povos longinquos, e os usos estranhos; e a representar-lhes os seculos distantes e tão contrarios no caracter, ora fugindo na figura colossal de um homem notavel, ora revendo as feições n'um grande acontecimento, ou no drama de um facto interessante. O romance, a lenda, e a chronica retratarão com as côres da poesia nacional as maiores façanhas dos avós, de que descendemos.

A isto se reduzem as promessas, e para tão honrosa tarefa convergirão os esforços do *Panorama*. O benevolo accolhimento, que o distinguiu sempre, e espera merecer novamente, só lhe impõe de mais que na primeira vez a responsabilidade de não desdizer do passado, nem enganar o presente. Em breve o juizo publico dirá se o nome do jornal popular foi invocado em vão, ou se satisfez aos votos, que, tão lisonjeiramente para elle, o chamaram ao seu antigo posto na imprensa.

(Do *Panorama*, de 1852.)

XVI

Viagens de Beckford a Portugal

Cartas escriptas em 1787

(1855)

Começâmos n'este numero do *Panorama* a publicação das noticias da viagem de Beckford a Portugal, [1] aonde as riquezas e o trato agradavel lhe grangearam a amizade de fidalgos influentes, proporcionando ao seu talento observador e descriptivo a occasião propicia de retratar do vivo, e em vulto, as principaes figuras da côrte da rainha D. Maria I.

O quadro, que o viajante inglez traçou da sociedade portugueza mais illustre, no ultimo quartel do seculo XVIII, dois annos antes de rebentar em Paris a revolução franceza, que depois, crescendo como um incendio, invadiu as fronteiras de todos os estados, não se limita só a ser curiosa, é instructiva, e segundo cremos tambem é unica.

A não ser nas informações diplomaticas dos

[1] Na nossa edição só reproduzimos a prosa brilhante de Rebello; as *Cartas de Beckford* foram por outrem traduzidas e parte d'ellas está já publicada em volume.

Os Editores.

ministros estrangeiros difficultosamente se encontrará uma pintura mais completa e animada das ideias, costumes, e cultura do nosso paiz, em um periodo, que, apezar de proximo, para nós se tornou dos menos conhecidos e estudados.

Beckford escreveu com desenfado, e sem ostentação, deixando correr a penna á medida que a veia crítica o inspirava.

Tractando de egual a egual com os primeiros titulos, e admittido á intimidade das casas nobres, viu tudo pelos seus olhos, e pouco poderia escapar á penetração e viveza de que foi dotado.

O paço e a côrte, o clero e o povo, resáem nos seus paineis com a physionomia que lhes era natural. Os personagens, que nos offerece, respiram e movem-se deante de nós com a maior verdade individual. E o esboço dos logares e paizagens, em que as scenas se representam, nada deixa a desejar quanto á expressão e propriedade.

Logo se conhece que tudo aquillo é nosso, e não podia ser de outrem.

A malicia do auctor brilha com graça nos toques finos e ligeiros, com que levanta em relevo uma feição comica, ou com que oppõe á gravidade dos actores o ridiculo da posição falsa ou jovial, em que os descobre.

No mais, deve louvar-se a sua escrupulosa fidelidade, e grande benevolencia pela nação, e pelos amigos, que soube conservar.

Beckford, cavalheiro a todos os respeitos,

nunca abusa da confiança, que lhe abriu com hospitalidade as portas dos palacios dos fidalgos, e as camaras menos accessiveis dos ministros. Sabe tornar-se divertido e interessante sem se aviltar ás fabulas e calumnias, de que outros, por ingratos, não duvidaram servir-se, imaginando realçar os livros a preço de imposturas e escandalos.

O merecimento da obra provém d'ella mesma; e como é provavel que da sua leitura se gere a curiosidade de apreciar de perto o escriptor, aqui apontaremos rapidamente as noticias, que pudemos obter ácerca do opulento inglez, quasi naturalizado portuguez pelo seu amor á terra e aos moradores.

O viajante, de que tractâmos, era filho d'aquelle espirituoso William Beckford, que, sendo lord maire de Londres, com resolução rara dirigiu a Jorge III, em 1770, as severas queixas do povo contra o seu governo.

Este acto de valor, nada commum, mesmo em Inglaterra, e sobre tudo n'aquelle seculo, levou os cidadãos da capital a perpetuarem a boa memoria do magistrado, erguendo-lhe na casa da camara a audaciosa estatua, que sustenta no braço erguido a famosa fala origem da sua popularidade.

Grandes riquezas, e a importancia que ellas quasi sempre dão, unidas a um caracter vigoroso e respeitavel, tinham determinado a eleição de William; e parece que o conceito publico, nunca desmentido, o acompanhou até á sepultura, á qual desceu em edade pou-

co adeantada, deixando por universal herdeiro dos seus immensos bens, reputados em cem mil libras esterlinas de rendimento annual, a seu filho unico, ainda menor, que é o mesmo, que veiu a Portugal em 1787, e veremos estimado dos fidalgos, e bemquisto até dos plebeus, graças ao condão que possuia de saber insinuar-se.

O alicerce principal das riquezas de Beckford eram as suas valiosas propriedades coloniaes, situadas na Jamaica.

A educação, em que se esmeraram os cuidados de seu pae, dirigida com acerto, desenvolveu as prendas de um engenho dotado de grandes poderes litterarios, e, o que menos vulgar é, soccorrido do tacto subtil, e do gosto mimoso, tão essenciaes para ser juiz competente e delicado apreciador dos primores das artes.

Concluidos os seus estudos, o mancebo, notavel pela magnificencia do seu trato, e pelos grandes talentos, com que realçava, foi olhado como um dos cavalheiros mais distinctos de Gran-Bretanha, e a sua alliança invejada pelos orgulhosos fidalgos da antiga e poderosa aristocracia, que alli continúa com sabedoria as tradições politicas do senado romano.

A sua escolha não se demorou. Em 5 de maio de 1783 Beckford ligava a sua sorte, e offerecia os seus thesouros, á formosa e seductora Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, par de Escocia, e n'este doce enlace aben-

çoado por todas as venturas cifrava o jubilo e a esperança da sua mocidade.

Mas os mais felizes e opulentos estão expostos, como os pobres e humildes, aos mesmos rigores da fortuna.

No maior auge das prosperidades alcança-os de ordinario o golpe, e quasi sempre acontece, que vae direito ao coração, abrindo as feridas incuraveis, que sangram sempre. porque o espinho da saudade nunca as deixa cicatrizar.

Passados tres annos, quando os laços do amor conjugal, se é possivel, estavam mais apertados, a esposa de Beckford foi arrancada de repente aos extremos de seu marido, e sepultou comsigo no tumulo todas as alegrias que o ditoso consorcio havia feito nascer.

Dando á luz o segundo fructo da sua união, Suzana Euphemia, depois duqueza de Hamilton em Escocia, de Brandon em Inglaterra, e de Chatellerante em França, lady Margarida não poude resistir aos effeitos de um parto desastroso, e expirou nos braços de seu marido. A magua d'este foi sincera e longa; e a vista dos logares, que lhe recordavam os serenos dias tão curtos! do seu amor tranquillo, tornou-se-lhe insupportavel. Para não ceder á intima e desesperada tristeza, que o consumia, separou-se, pois, de suas filhas, e deixou a Inglaterra, procurando o allivio d'ella nas variadas sensações de uma viagem extensa, tentada na peninsula hispanica, e bem propria, pela diversidade do clima e dos cos-

tumes, para o distrahir da sua dor. Executou o projecto, em 1787, e começando pelo reino de Portugal, aportou a Lisboa, seguindo directamente de Falmouth.

Apezar do tempo, e da inquietação, com que de proposito queria sobresaltar-se, a sombra querida da esposa, não se lhe apagava da alma, e até no meio dos prazeres e regozijos o vemos de repente desviar-se para enxugar as lagrimas, que lhe arranca a suave imagem sempre viva no fundo do seu peito.

A carta XVII é uma prova do que dizemos.

Admittido a beijar a mão da rainha, e a assistir com a côrte a um festejo, o observador interrompe-se de subito para nos descobrir a nodoa indelevel, que lhe pizava o coração.

A similhança casual, que se lhe figurou achar entre o rosto da condessa de Lumiares e o da esposa que chorava, foi quanto bastou para logo se commover e arrebatar! Por mais que tente conter-se, foge-lhe dos labios a verdade; e por fim nem elle mesmo lucta já para a esconder. Ouçâmol-o.

«O conde de Sampaio, camarista de semana, ajoelhou, e offereceu assim o chá á rainha. Depois d'esta ceremonia, porque tudo é ceremonioso n'esta côrte cheia de ostentação, annunciou-se o fogo de artificio, e as reaes victimas acompanhadas das suas victimas entraram em outra sala. A marqueza de Marialva, suas filhas, e a condessa moça de Lumiares, vieram para o aposento aonde eu me achava,

e apossaram-se das janellas. Sete ou oito rodas de fogo, e outros tantos valverdes colossaes começaram a arder, lançando admiraveis foguetes por todos os lados, com grande alegria da condessa de Lumiares, que não conta ainda mais de dezeseis annos, e já é casada ha quatro. A sua jovialidade quasi infantil, e as louras madeixas, que se annelavam, emmoldurando as faces risonhas e vivas de côr, fizeram-me lembrar tanto da pobre Margarida, que a sua vista me infundia a mais terna melancholia. O estado interessante em que se achava, ainda augmentou a illusão; e em quanto ella, sentada á sacada, me apparecia por vezes envolta no clarão azulado dos foguetes que subiam silvando e estalavam no ar, eu estremecia, como se um espectro surgisse de repente, e dava por mim com os olhos banhados em lagrimas.»

Nos fins de 1787 Beckford passou a Hespanha, e escreveu ácerca d'esta segunda viagem outra collecção de curiosas cartas.

Depois recolheu-se á patria, e lá residiu, ora em Londres, ora na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que a sua inclinação ás novidades e ao esplendor o decidiram a enriquecer de magnificas obras no estylo gothico da renascença.

Em 1794 uma accusação grave, que se julga provada, obrigou-o a saír precipitadamente da Gran-Bretanha, refugiando-se em Portugal, para onde o attrahiam os laços da convivencia anterior, e as sympathias pessoaes.

Então é que edificou em Cintra, n'um dos

pontos mais pittorescos, a casa de recreio de Monserrate, sumptuoso capricho de uma imaginação que sabia crear e desejar.

O marquez de Marialva estimava o opulento inglez, e em casa d'este fidalgo, tão distincto pelo sangue e pela cortezia, é que elle avaliára o conchego amavel e a benevolencia íntima da hospitalidade portugueza.

Sabedor da causa que forçára o amigo a expatriar-se, e do processo que o ameaçava na sua terra, o marquez não poupou diligencias com o principe D. João, para o resolver a interpor a protecção, recommendando a Jorge III o negocio de Beckford, e alcançando, como a final obteve, do governo britannico, a promessa do mais completo esquecimento.

Em testemunho da sua gratidão, o estrangeiro pediu licença para offerecer á rainha quatro soberbos lustres de filigrana de ouro, destinados a ornarem a capella real; mas a soberana recusou-os, entendendo que não ficava airosa a sua corôa, acceitando de um particular presente de tanta valia!

Beckford, tendo vivido alguns annos em Portugal, requereu o titulo de visconde, e pediu a mão de uma filha natural da casa de Marialva, segundo se crê; porém a sua qualidade de estrangeiro, e a religião protestante que professava, não lhe permittiram obter nem uma nem outra cousa.

O fausto oriental do seu tracto pessoal eclipsava já a grandeza do throno, e conselheiros menos prudentes insinuaram a necessidade de

o constranger a abbreviar a sua residencia.

Seguiu-se esta perniciosa opinião, e o opulento proprietario, contra vontade e muito a seu pezar, teve de deixar o paiz, que desejára adoptar para patria, transportando para elle as suas immensas riquezas.

Voltando por França e Italia, e assignalando por toda a parte a sua passagem, Beckford recolheu-se a Inglaterra; e em Fontill, aonde morava quasi todo o anno, ostentou as posses da magnificencia, e o gosto delicado com que sabia utilizar os seus thesouros.

Em poucos annos a abbadia tornou-se uma verdadeira maravilha. O portico, no estylo gothico moderno, é reputado um portento architectonico.

A primeira sala, que se encontra logo á entrada, com 68 pés de comprimento e 78 em altura, apresenta-nos o tecto de carvalho, lavrado em molduras, e ornado de brazões á moda antiga.

Tres janellas com vidraças de côres, e de volta ponteaguda como as das cathedraes da meia edade, côam a luz, para a soberba escada, por onde se communica para o octogono.

Este não terá talvez egual nas obras d'arte, devidas á bolsa de um particular.

Do centro a vista domina-se de cima de 138 pés de alto, e abraça os pontos mais pittorescos, recreando-se, e admirando sem cessar.

A torre de 276 pés, d'onde se descobrem umas poucas de leguas em redor, custou a Beckford sommas incalculaveis.

No momento, em que já arremessava a sua corôa de ameias á altura em que havia de ficar, pegou-lhe fogo, e abrazou-se. Outro desanimaria, e as ruinas ennegrecidas testemunhariam longo tempo o desalento; mas Beckford não cedia assim.

Apenando todos os carros e viaturas do districto, a ponto de suspender os trabalhos ruraes, principiou a reedificar com maior vigor ainda.

Dia e noite andaram na obra para mais de 460 jornaleiros, revezando-se aos quartos, e nos rigorosos serões de inverno, pendurando-se dos andaimes com fachos nas mãos, faziam ver ao caminhante, que passava a distancia, o espectaculo quasi phantastico das luzes, fugindo, brilhando, e sumindo-se de novo, suspensas em alturas desconformes, no meio da espessa treva das noites tormentosas!

O parque em volta do castello abrangia sete milhas de circumferencia; mas a disposição do terreno era tal que podiam andar-se vinte e uma sem volver segunda vez ás mesmas alamedas.

As arvores e os arbustos correspondiam. Desde a mais humilde planta dos Alpes até á mais rara flôr dos Tropicos, tudo alli se encontrava.

Beckford, antes de cerrar os olhos, ainda teve a satisfação de receber em sua casa a neta de D. João VI, a rainha D. Maria II, quando veiu a Londres aguardar que a espada dos

portuguezes fieis á sua casa lhe restituisse a corôa dos seus reinos usurpados.

A abbadia de Fontill, depois da morte do proprietario, vendeu-se em hasta publica; e um capitalista, M. Farquhar, foi quem a arrematou por tresentas e quarenta mil libras esterlinas [1].

Eis o que pudemos apurar ácerca do homem singular, que tantos annos viveu entre nós, e até ao ultimo suspiro nos consagrou amisade e dedicação.

No meio dos primores d'arte, que ennobreciam o seu palacio, os objectos que recordaram a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro logar; e na sua instructiva conversação eram frequentes as saudades, com que o faustoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando

[1] Os primores encerrados na abbadia de Fontill, mesmo em Inglaterra, que é a nação das aristocracias e das opulencias, deslumbraram os mais experimentados amadores.

Porcelanas rarissimas; quadros de preço; trastes de ouro maciço, de ebano, e de tartaruga; quanto a arte póde conceber e a riqueza adquirir, ornavam os aposentos de Beckford.

Quando se annunciou a venda, tres concorrentes disputaram a compra, encarecendo, a cada qual mais, o valor da propriedade. Eram o duque de Wellington, o conde Grosvenor, e o marquez de Hertford. Nenhum poude chegar ao preço. O marquez consolava-se dizendo: Só o rei deve possuir este castello; um particular não sei como ha de viver aqui!

clima, e dos lindos olhos, que o levariam a esquecer a patria, se mesquinhas invejas lhe não cortassem os desejos, e não o afastassem para sempre.

(Do *Panorama*, de 1855.)

XVII

Coroação dos reis de Portugal[1]

(1855)

Nas vesperas da maioridade de el-rei o sr. D. Pedro V, pareceu-nos que não seria fóra de proposito colligir algumas memorias, que se encontram nas chronicas e noticias historicas, ácerca da solemnidade, com que sempre foi costume levantar os soberanos portuguezes desde a fundação da monarchia.

Os tempos mudaram, e com elles as idéas e os costumes; mas, apezar de muitas das ceremonias então usadas não caberem hoje na esphera das actuaes instituições, entendemos que nem todas mereciam caír no esquecimento. Ha n'ellas mais de um exemplo digno de menção, e como recordações de veneranda antiguidade justificam o interesse que podem excitar.

A grandeza, de que o throno se rodeava em taes occasiões, nascia, não do desejo de osten-

[1] Este artigo devia publicar-se antes do faustissimo dia 16 de setembro, o que não pôde acontecer por circumstancias independentes da vontade do auctor.

tar esteril pompa, mas do pensamento politico de ligar logo do começo o monarcha aos subditos, obrigando-os reciprocamente por um acto publico, revestido das circumstancias mais proprias para infundir respeito.

O motivo por que a religião nas grandes festividades não duvidou falar á imaginação e aos sentidos é o mesmo que de certo determinou as magnificencias empregadas na coroação dos reis desde remotas eras. Os factos, pelo menos, auctorizam-nos a suppol-o.

Examinando as alterações do cerimonial nas diversas epochas vê-se que concordam com o successivo desenvolvimento, que foi adquirindo a formula monarchica, á medida que declina a preponderancia das classes nobres, e que se estreitam entre o principe e o povo os laços de amor e confiança.

Mas entremos no assumpto, e o leitor ajuizará por si.

As cerimonias, usadas na coroação dos reis godos eram solemnes e augustas; e quando Brandão nos descreve a maneira, por que foi jurado Sancho I, fere logo a vista a côr moderna do quadro, e é preciso pouco para se conhecer, que o auctor, afastando-se dos antigos monumentos, adopta uma versão que os costumes e a historia repellem ambos.

A verdade é mais bella. O que se acha decretado no codigo wisigothico, talvez o unico seguido no começo da monarchia; as disposições dos concilios toledanos; e as practicas do reino leonez, são conformes todas em provar

que n'aquelles seculos a magestade humana invocava sempre a protecção divina, cobrindo-se com ella no acto de subir ao throno, cadeira da mais excelsa magistratura.

No prefacio do *Liber Judicum* (fuero juzgo) ordena-se que o rei seja eleito pelos bispos, pelos magnatas, e pelo povo. Na lei III diz-se, que, antes de empunhar o sceptro, o monarcha deve jurar o codigo wisigothico; e na lei IX manda-se que os prelados o sagrem e abençoem.

Encontram-se analogas determinações em muitos concilios toledanos; e o costume de ungir o rei conservou-se em Leão, por longo tempo, como consta das chronicas e documentos.

Ha mais! O capitulo XVII do ritual de Silos, intitulando-se do modo de *abençoar e coroar o rei*, confirma a larga parte concedida á Egreja n'estes actos. Faltam, bem o sabemos, relações contemporaneas e exactas; mas a visinhança dos dois reinos, e a plausivel opinião, de que a muitos respeitos foram communs as leis e os costumes tendo Portugal saído do mesmo tronco, animam a conjectura, que arriscamos, condemnando a traducção moderna, que nos deixou do facto o escriptor da *Monarchia Lusitana*.

Dadas estas informações indispensaveis, passaremos a expor o que devia observar-se n'estes dias de jubilo e festivo applauso, cingindo-nos á letra dos rituaes, e ás noticias dos chronistas, que fizeram memoria d'elles.

Quando se lança os olhos para essas epochas, que tão distantes nos ficam já, e dos fragmentos, que restam, se procura restituir algum dos aspectos da sua vida guerreira, mas inspirada de nobres crenças, uma especie de saudade consoladora passa pelo coração, e parece alliviar a tristeza das inquietações presentes.

As sociedades na infancia compensam a rudeza pela ingenuidade dos sentimentos. Se absolutamente não são melhores, são mais sinceras, e menos corrompidas, do que as sociedades, que aprenderam em uma existencia longa os segredos da hypocrisia e a venenosa dissimulação, que ousa até dourar os vicios!

I

No anno de 1135 o rei de Leão Affonso VII entrou na capital com a rainha Berengera sua mulher, com a infanta D. Sancha, sua irmã, e com o rei de Navarra D. Garcia.

Concorreu tambem alli grande ajuntamento de monges e clerigos, e innumeravel povo, que vinha ver as festas, e ouvir falar a palavra de Deus!

No primeiro dia d'este vistoso concilio reuniram-se magnatas e populares no templo de Santa Maria, de accôrdo com o soberano, e tractaram de tudo o que lhes suggeriu a clemencia de Jesus Chisto para encaminhar a saudavel fim a alma dos fieis.

No segundo, em que a Egreja celebrava o

advento do Espirito Sancto, os arcebispos e bispos, os abbades, ricos-homens e cavalleiros, os cavalleiros villãos e a plebe tornaram a congregar-se na cathedral, resolvendo proclamar imperador a el-rei Affonso VII, visto obedecerem-lhe o rei D. Garcia, o principe sarraceno Zatadola, o conde Raymundo de Barcelona, o conde Affonso de Tolosa, e muitos outros condes e senhores de França e Gascunha.

Invocado, pois, o divino auxilio, assim o decretaram, estando presente o rei de Navarra, e a infanta irmã d'el-rei, e apresentando-se logo este revestido de uma opa riquissima, puzerem-lhe na cabeça uma corôa de ouro fino cravejada de pedras, e mettendo-lhe o sceptro na mão, conduziram-n'o em procissão ao altar de Santa Maria.

O rei de Navarra levava o imperador pelo braço direito, e o bispo de Leão pelo esquerdo; atraz seguiam em luzido prestito os outros bispos, abbades, fidalgos, cantando o *Te Deum laudamus*, e repetindo a acclamação de «Viva D. Affonso imperador!» Depois do monarcha receber as bençãos celebrou-se missa de festa, e acabada ella voltaram todos para suas casas a descansar.

«O imperador mandou preparar então um banquete esplendido nos seus paços, aonde condes e senhores foram os ministros que serviram á meza dos reis. Mandou egualmente largos presentes aos prelados e abbades, e distribuiu pelos pobres avultadas sommas em esmolas de comida e vestuario.

«No terceiro dia o imperador com os do seu conselho occuparam-se no palacio dos negocios do reino, e de toda a Hespanha, ditando foros, e costumes para o bom governo d'elles, e fazendo leis que restaurassem a agricultura e a prosperidade das villas assoladas pelas guerras que tinham abrazado os povos.» [1]

Affonso VII viveu nos dias de Affonso Henriques, seu primo; e mais de uma vez, nos recontros da fronteira, os cavalleiros leonezes quebraram as lanças no escudo dos robustos campeadores da independencia portugueza.

As ceremonias da coroação do filho de D. Urraca, como as refere o relator quasi coevo das suas acções, é mais do que provavel que fossem as mesmas, que se observaram na exaltação de Affonso I, e seus successores, no primeiro periodo, porque estão em harmonia com o texto das leis, e com as rubricas dos antigos rituaes.

Á proporção que a nação vae envelhecendo, e que as idéas se modificam com os usos, os formularios vão-se alterando pouco a pouco e as figuras, que a principio estavam mais na sombra, começam a avultar, e acabam representando um papel que nunca mais esquece.

Alludimos á magistratura e ao terceiro bra-

[1] Chronica Adefonsi Imperat. apud. Berganza—ANTIGUIDADES DE HESPANHA. Parte II, pag. 601.

ço, que mal podiam apparecer nos annos de Sancho I e Affonso II, mas que de D. Diniz até D. João I reconquistam grande influencia, e caracterizam vigorosamente a sua phisionomia.

Nos tempos mais proximos á fundação da monarchia, ainda que o principio hereditario prevalecesse, obliterando inteiramente o electivo, este era recordado de longe no ceremonial como costume de remotas epochas.

Os guerreiros asperos e indomaveis já não erguiam sobre os broqueis outro soldado como elles proclamando-o chefe no meio do arraial semeado de cadaveres; mas a tradição, fiel a esses dias de lucta e de gloria, não se esquece facilmente d'elles, e grava-lhes a feição fugitiva em alguns dos episodios da coroação.

O rei por muito tempo assentou ainda o diadema sobre o elmo de cavalleiro; e até D. João II, a nobreza quasi que nem encobria a orgulhosa idéa de o reputar apenas como primeiro entre os seus eguaes. Foi necessario feril-a duas vezes na cabeça e no coração para a trazer ao seu logar. Costumada a ser tudo, e a fazer seu dependente o soberano em muitos casos custou-lhe a convencer-se de que acima d'ella estava a lei e o monarcha!

O sr. Alexandre Herculano, traçando com mão de mestre o quadro historico da tomada de Silves, abre a scena pela solemne exaltação de Sancho I, e sem hesitar um momento res-

titue á ceremonia as antigas côres, de que a destingiu Brandão.

As fontes citadas pelo auctor da *Historia de Portugal*, pelo critico severo, e consciencioso das origens da meia edade portugueza, são as mesmas que temos invocado, e que ainda vamos produzir.

Seja-nos licito, pois, á sombra da auctoridade d'este nome, e firmados nos argumentos que ministram os documentos desenhar do vivo um d'esses autos; descrevendo-o como elle devia ser, e não pintando-o como o lapso dos annos o desfigurou depois.

Póde succeder, que seja engano, e que a verdade appareça n'outra parte; mas emquanto a questão não se esclarecer de novas provas, resta-nos a satisfação de errarmos em excellente companhia, se fôr erro a nossa hypothese! Eis a versão, que os dados historicos auctorizam.

Apenas cerrava os olhos o soberano reinante, o seu successor tomava logo sobre os hombros o pezo do governo, expedindo aos bispos e magnatas as participações convenientes, e cobrindo-se de lucto carregado.

A almafega e o burel substituiam as côres alegres, os recamos, e as bordaduras das vestes; e a voz lugubre dos sinos da cathedral dava o signal de dôr a todos os outros templos.

Depois seguia-se a solemnidade da coroação, que era ao mesmo tempo uma grande festivi-

dade religiosa. Ornava-se a egreja, e tornavam a apparecer os trajos de gala. Os bispos e prelados com as suas apparatosas vestiduras passavam por entre as armaduras refulgentes dos cavalleiros, e os tabardos variegados dos officiaes do palacio cruzavam-se com as garnachas e capas roçagantes dos sobre-juizes, e com os habitos monachaes. A povoação accudia ás ruas e praças, e vinha encher de alegria e ruido os logares ainda ha pouco sombrios e desertos.

A procissão do auto saía lentamente da sé, e encaminhava-se ao alcacer. Compunha-se dos arcebispos e bispos, dos abbades bentos e cistercienses, e dos conegos do cabido. Os ricos-homens com os donzeis montados nos seus cavallos de batalha, acompanhavam o prestito. O rei, apenas apontavam ao terreiro exterior da alcaçova, descia logo, e vinha curvar-se deante do metropolita de Braga, que o abençoava em uma curta e fervorosa oração. Depois, levando á direita e á esquerda dois bispos, revestidos de ricos pallios, sobre os quaes pendiam reliquias preciosas, e no meio da clerezia ornada de casulas, o principe dirigia-se á cathedral com passos vagarosos. Iam adeante d'elle o livro dos Sanctos Evangelhos, e duas cruzes alçadas que os thuribularios não cessavam de incensar, queimando aromas de grande preço. Os sacerdotes e os monges extendiam-se em alas até onde os senhores e cavalleiros fechavam o cortejo. Um dos córos entoava o *Ecce mitto Angelum meum*, e o outro

respondia: *Israel si me audieris*. Atraz de todos vinha o povo.

Chegados ás portas do templo, o arcebispo saudava o principe, repetindo outra breve oração, em que pedia a Deus o auxilio da sua graça para o reinado que ía começar, para que fosse prospero e ditoso; e assim que entrava na egreja, o clero levantava a bella antiphona *Domine salvum fac regem!* em quanto o metropolita tornava a invocar o Senhor dos imperios, rogando-lhe que livrasse o soberano de todos os perigos e adversidades, e lhe concedesse a paz da Egreja para merecer a paz eterna.

Era então, que o principe, defronte do côro despia as armas brancas, e a sobreveste, e que no meio dos dois bispos subia os degraus do altar, alcatifados de ricos tapetes, e cobertos de um docel soberbo.

Ahi, prostrando-se com a face no chão, e os braços em cruz, juntamente com os prelados, e presbyteros, ouvia as curtas litanias, que o resto do clero psalmeava no côro, implorando em seu favor a intercessão dos doze apostolos, dos martyres e dos confessores.

No fim d'ellas erguia-se o metropolita, e dirigia-lhe em voz alta estas perguntas: Quereis guardar a sancta religião de nossos avós, observando-a com boas obras?

Sim, respondia o novo monarcha. Sereis o defensor da Egreja e dos seus ministros? Regereis o reino que vos concedeu o favor de Deus, guardando justiça a todos como fizeram

vossos paes e vossos avós? Sim! replicava o principe, accrescentando mais que seria fiel em guardar a firmeza dos foros de seus subditos, e empenhando para isso as forças, e os meios que a Providencia lhe dispensasse.

Então, virando-se o metropolita para o povo exclamava: Quereis para vosso rei este principe, e juraes obedecer-lhe segundo a palavra do apostolo? E o clero e a multidão respondiam por uma acclamação immensa: Queremos! Assim seja!

Esta primeira parte da ceremonia encerrava-se com a oração rezada por um dos bispos, depois de se inclinar reverentemente.

Na supplica, que elevava ao Altissimo, o prelado rogava-lhe que ornasse o monarcha, que ía reinar, com o sceptro sublime de David, e lhe concedesse a paz e sabedoria de Salomão, para governar o seu povo felizmente, para se gosar de dias largos e ditosos, e para ser admirado entre os outros reis pela magnanimidade do seu animo, e a justiça das suas obras.

N'este meio tempo resoavam fóra as trombetas e atabales, e prolongavam-se estrondosas as acclamações populares, como echo festivo da saudação unanime da cathedral.

Seguia-se a uncção, administrada pelo metropolita, assistido dos outros prelados. Começava pelas mãos, dizendo o arcebispo: «Ungidas sejam tuas palmas de oleo sancto, como as dos reis e dos prophetas, e do mesmo modo que Samuel ungiu a David. O Senhor te aben-

çoe, e te faça bom e recto soberano d'estes reinos que te deu, para n'elle o servires, regendo com justiça.» E proseguindo na sua deprecação ajuntava logo: «Deus omnipotente, lançae os olhos sobre este glorioso rei, e assim como por vós Abraham, Isac, e Jacob foram bemditos, defendei-o dos perigos, e concedei-lhe o conforto espiritual da vossa graça. Favorecei-o com os orvalhos do céu, e a uberdade da terra, para que a abundancia reine com elle, e debaixo do seu sceptro tenha a patria saude e contentamento para que a paz interior seja mantida, e o esplendor da corôa refulja como luz clarissima. Deus omnipotente fazei que elle se torne fortissimo protector da sua terra, consolador das egrejas e mosteiros, triumphador dos inimigos, espanto e castigo das gentes pagãs e rebeldes. Que os grandes e os pequenos o amem e venerem como piedoso, magnanimo e justiceiro; e nasçam da sua geração outros reis que na successão dos tempos sejam a gloria da monarchia, e mereçam a eterna beatitude!»

Depois d'esta oração, o metropolita ungia-lhe a cabeça, o peito, as espaduas e as juntas, dizendo: «Esta é a uncção de rei que te dou com oleo bento em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Sancto!» e proseguindo, pronunciava outra forvorosa reza, pedindo ao Altissimo que abençoasse no seu throno o novo principe e lhe fosse propicio, para que as suas armas saíssem victoriosas de todos os encontros, a sua corôa fosse corôa de justiça e pie-

dade, e o seu coração ardendo em fé e virtudes sempre se desviasse do mal, e acertasse com o bem.

Seguia-se cingir-lhe o arcebispo a espada, exclamando: «Eis a espada dos teus reinos, que recebes das minhas mãos indignas para com ella os regeres com valor e fidelidade!» Vestindo-lhe d'ahi as armas e o pallio, e mettendo-lhe o annel no dedo, accrescentava: «Recebe o annel da tua dignidade, e sirva-te de signal na fé.»

Entregando-lhe o sceptro e o baculo dizia: «Acceita a vara da virtude!» e inclinando-se para lhe pousar o diadema na cabeça, concluia: «Recebe a corôa dos teus reinos!»

Immediatamente lançavam-se as benção finaes, que eram as seguintes, decretadas desde os tempos do synodo: «Bemdito sejas de Deus. Elle te defenda e sustente, e assim como te fiz rei te conceda a felicidade na terra, e a bemaventurança no céu. O clero e o povo, que te acclamaram de sua livre vontade, sejam os esteios do teu imperio, para que Deus te conte largos e ditosos dias.»

Com a corôa na fronte, e o sceptro na mão o novo rei descia então os degraus do altar, no meio dos bispos, e era conduzido em côro ao throno cantando os sacerdotes: *Desiderium animæ ejus tribuisti ei Domine!*

O metropolitano dizia depois: «Senta-te e permanece! Este solio é teu por successão paterna e direito hereditario!»

Assim que o principe se tinha assentado, o

arcebispo continuava: «Confirme-te Deus no throno, e Jesus Christo, Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores te faça reinar comsigo eternamente no reino da gloria.»

Ditas estas palavras dava-lhe o osculo de paz, e todo o ajuntamento religioso, congratulando-se ao som dos instrumentos, levantava o canto do hymno: *Te Deum laudamus!*

O arcebispo celebrava missa solemne, e a ceremonia finalizava por novas e ardentes supplicas ao Altissimo, implorando em beneficio do soberano e da monarchia a sua clemencia e misericordia. [1]

Terminada a funcção religiosa no templo, todo o prestito se dirigia de novo ao alcacer, compondo uma formosa comitiva.

O rei caminhava no meio dos bispos e abbades, dos mestres das ordens militares, dos ricos-homens e infanções; os ecclesiasticos em mulas possantes ricamente ajaezadas, os nobres seculares em formosos corseis, trazendo após si os vigorosos ginetes de batalha montados por donzeis imberbes, e segundo sua riqueza maior ou menor numero de cavalleiros e escudeiros, que seguiam o seu pendão.

[1] Antigo ritual do mosteiro de Silos, acabado de compor no anno de 1052 por Bartholomeu presbytero, abbade de S. Prudencio.—Apud Berganza, Ant de Hesp.—Append. Secção III cap. XVII, pag. 681 a 684· Este ritual abbreviou os outros mais antigos, que existiam antes, mas na substancia conservou todas as ceremoniras usadas no tempo dos godos.

Os homens d'armas da mercê de cada um acompanhavam-n'os com as suas lorigas de couro, e as azevans, ou lanças curtas encostadas no hombro.

Chegado aos paços acastellados o novo rei assentava-se no seu throno. O alferes-mór á direita levantava tendido o estandarte, ou signa real. O mordomo-mór, o meirinho da curia, o mordomo-menor, o chanceller e os mais officiaes da côrte rodeavam o soberano, que em toda a pompa e estado passava a receber dos grandes vassallos o preito e menagem pelas terras da corôa.

Os meirinhos ou adeantados das provincias os alcaides móres, os mestres das ordens, e os mais senhores prestavam successivamente o seu juramento nas mãos do monarcha: os meirinhos protestando fazer respeitar a justiça e os foros do reino a suprema auctoridade real.

Os alcaides, recebendo a investidura dos castellos obrigando-se a defendel-os até á morte, e não os entregar senão ao rei, ou a quem elle mandasse, e promettendo mais servir na guerra com um numero certo de lanças segundo as tenças, que tinham da corôa, e a accolher o principe ou os seus successores nos castellos, quando a elles chegassem.

Os mestres do Templo e das outras ordens, e os perceptores, ou commendatarios faziam egualmente preito e menagem em nome de seus irmãos, assim como os senhores, que possuiam bens da corôa.

Acabada a ceremonia, descia o rei do seu throno, e assomando aos eirados do alcacer, recebia as estrepitosas acclamações dos nobres e do povo, vivo testemunho do amor de seus companheiros na guerra, e de todos os filhos da terra portugueza que ía governar.

Um banquete solemne rematava na sala d'armas, segundo os costumes da epocha, os jubilos e as fadigas d'este dia. O rei era servido pelos seus officiaes, e os pagens traziam nas mãos as tochas que illuminavam a vasta quadra, aonde tomavam assento os prelados, os ricos-homens, e os fidalgos, a quem o seu nascimento conferia esta honra como um direito.

Os escanções enchiam as taças; os menestreis tocavam as suas harpas, orgãos e doçainas, e os jograes multiplicavam para recreio dos convidados os seus arremedilhos, saltos e gracejos.

Depois tudo caía no silencio, e se alguem velava ainda na alcaçova adormecida com as suas galas de festa era só o novo rei, que os cuidados como espinhos não deixavam descansar.

II

As noticias que nos offerecem as chronicas ácerca dos mais antigos soberanos portuguezes são tão incertas e escassas que não admira omittirem-se episodios e incidentes de ostentação, quando esqueceram, ou se confundiram feitos de importancia, e negocios de grande vulto.

Felizmente acha-se preenchida hoje até Affonso III a falta, que todos deploravam; e a historia dos primeiros seculos da monarchia, deduzida dos documentos, e allumiada pela sevêra crítica da moderna eschola, honra o nome de Alexandre Herculano, como na Allemanha e França trabalhos similhantes illustram a reputação dos Raumers, dos Guizots, e dos Thierrys.

Mas curiosidades, como esta, que nos occupa, e outras da mesma especie, apenas cabem nas relações de singelos narradores, ou nas memorias depositadas nos archivos.

O que importa ao livro historico são os factos, a sua ligação, e as suas consequencias; é o aspecto social e politico; são, emfim, os costumes e usanças, que pintam a existencia e avivam a physionomia das epochas. O resto merece apenas menção rapida em uma nota fugitiva; ou de proposito se põe de lado para não invadir o espaço reservado a estudos graves.

Até el-rei D. Duarte não se descobre nos livros dos chronistas, ou em narrações avulsas apontamento da fórma usada nos autos reaes da coroação, e a resumida descripção, que nos offerece a *Monarchia Lusitana*, querendo figurar a pompa do levantamento de Sancho I, se alguma cousa prova a nosso vêr, como já observámos, é que não só não era conhecida a verdade, mas que nem mesmo se formava idéa d'ella!

Fernão Lopes, o prosador-poeta, que tão animada e portugueza pintura nos faz dos reinados de Pedro I, D. Fernando e D. João I, encerra em dois traços sómente o seu dramatico e bello quadro da eleição do mestre d'Aviz nas côrtes tocando de leve as festas da acclamação.

De D. Duarte em deante é que principiam a encontrar-se mais largas e miudas informações, e que se torna comparativamente mais facil ir notando as alterações do ceremonial, á medida que os periodos historicos se completam, e que o pensamento politico se caracteriza. Até lá são tudo duvidas, ou conjecturas; mas não existe certeza, nem sabemos d'onde possa derivar-se.

Fernão Lopes, tão feliz em dar vulto aos menores traços, tão verdadeiro sobre tudo no retrato de D. João I, e da sua epocha, parece querer ainda realçar-se a si mesmo, relatando o que succedeu antes e depois do vencedor de Castella cingir no elmo a corôa de Affonso Henriques e Affonso IV. O painel que nos le-

gou, não só conserva os grandes lineamentos, como as feições mais delicadas do grande periodo que reproduz. Na ingenua phrase do chronista respiram as crenças sinceras e as nobres paixões d'aquelle bom e velho tempo, porque a penna escreveu o que disse o coração!

A revolução popular, que elevou o mestre d'Aviz ao throno de seu pae, remindo a independencia nacional do jugo castelhano, é geralmente conhecida. As gentilezas, os arrojos e rasgos heroicos do principe e dos cavalleiros, (geração de heroes, que não teve egual depois) enchem uma das mais formosas paginas da historia portugueza.

As invasões repellidas, os enredos dos parciaes estranhos descobertos e confundidos, e a forte vontade um povo assignalada nos cercos, e batalhas, mostram o que uma nação póde e sabe alcançar quando, confiada em Deus, firma nos brios da espada toda a esperança de salvação.

Nomeado defensor e regedor do reino, o mestre d'Aviz poz os olhos na corôa, mas decidido e estremado, desejou-a como premio de altos feitos, e não como alvo de avida ambição.

Não é para aqui descrever, nem de longe, as vicissitudes da lucta gigante, em que sobresaíu o valor e a lealdade portugueza. Seria acanhar em abortado esboço o que merece a tela mais vasta e o pincel mais rico. Seria quasi profanar o assumpto reduzil-o assim a

proporções, que elle não soffre. Deixando pois de parte o que se afasta do nosso proposito, e guiados pelo chronista-poeta, entraremos só no recinto das côrtes de Coimbra, aonde se pleiteiam os direitos do sangue, e os da gloria até por voto unanime se ornar com o diadema a fronte do futuro vencedor de Aljubarrota. Ahi a scena não foi menos bella, nem menos animada, do qne nos campos de peleja.

Achava-se o mestre d'Aviz sobre Torres Novas, que tinha a voz de Castella; e observando que a resistencia promettia ser mais aturada, do que lhe consentia esperar o aperto do tempo, determinou levantar o cêrco e marchar para Coimbra, aonde o chamava o ajuntamento dos bispos, fidalgos e procuradores, reunidos em côrtes.

Antes de partir, para os inimigos se não aproveitarem d'elles, mandou lançar fogo aos trons e engenhos, assestados contra as muralhas, e, depois de tudo disposto, deu o signal, e principiaram a desfilar as boas lanças, e as companhas de homens d'armas, que o serviam n'aquelle feito.

O termo de Lisboa, arrazado pelas tropas de Castella, padecia n'esta occasião grandes fomes, e outro tanto acontecia ao de Torres Vedras, e aos logares visinhos.

Sabendo, pois, os lavradores e populares que ahi moravam, que o mestre se retirava, e vendo que ficavam em poder dos castelhanos, com a ancia e magua do perigo e rodeados de mulheres e filhos, de velhos, creanças e adul-

tos, correram chorando e rogando que os não deixassem expostos á pobreza e necessidade, e nas mãos dos inimigos.

Apiedou-se D. João de suas lagrimas e concedeu-lhes o que pediam, levando de Torres Novas a todos elles, e guardando-os em quanto os desgraçados não cessavam de lamentar a sua miseria, abençoando quem os salvára de peior ruina.

Quando já tudo se estava abalando, um cego, que vivia no arrabalde, sentindo-se esquecido começou a bradar, em nome de Deus, que se compadecessem, e o não deixassem com os scismaticos, que lhe não perdoariam; e Nuno Alvares, que passava, como ouvisse as suas lastimas, condoído, mandou que lh'o puzessem de ancas sobre a mula, e assim o tirou d'alli com outros muitos. D'este modo saíu o mestre de Aviz de Torres Novas, similhante a Moysés, capitaneando os israelitas no deserto. A gente ía adeante, e elle, com seiscentas lanças atraz, fazendo jornadas curtas para não cansar o povo, que se foi aposentando nos sitios, em que achava sustento e commodidades.

Finalmente, negando-se o alcaide de Leiria, Garcia Rodrigues, a recebel-o, encaminhou-se para Coimbra sem demora.

Constando na cidade a chegada, moveram-se ao seu encontro, a clerezia em procissão, e os seculares com os jogos e trebelhos, usados nas boas vindas do rei, quando entrava de novo em alguma terra.

Os fidalgos e os procuradores dos concelhos, que alli se achavam para as côrtes, tambem accudiram á estrada, montados em bons cavallos, e enfeitados com as suas galas de maior valia. Mas, o que sobre tudo mais deu nos olhos foi o tropel dos meninos, que por fóra dos muros quasi uma legua adeante, em cavallinhos de cannas, correndo com pendões fingidos, gritavam a uma voz «Portugal, Portugal, por el-rei D. João! Em boa hora venha o nosso rei!»

O mestre de Aviz, Nuno Alvares, e muitos que o acompanhavam, alegraram-se, encarecendo o caso, tomando-o por feliz auspicio, e dizendo que certamente Deus é que falava pela bôcca d'aquelles moços, como por bôccas de prophetas!

Apenas o mestre descobriu de longe o clero, apeou-se, e de joelhos beijou a cruz com toda a humildade e reverencia; depois, não querendo tornar a montar-se, metteu-se na procissão e entrou com ella na cidade no meio das festas e acclamações, uma sexta feira 3 de março.

III

As côrtes de 1385 foram uma assembléa politica, um congresso que tomou por divisa sacramentar com o voto nacional a revolução, começada em Lisboa pelo mestre d'Aviz, contra a rainha Leonor Telles, e seu genro D. João de Castella.

Reuniram-se em Coimbra os senhores e cavalleiros, os prelados e os populares, fieis á independencia, para consolidar o poder na mão robusta do filho de Pedro I, dando-lhe o titulo de rei, quebrando de uma vez para sempre entre Hespanha e Portugal qualquer esperança de accôrdo, que não se fundasse na renuncia de exigencias odiosas ao caracter e liberdade da monarchia.

Bemquisto dos nobres, que applaudiam a constancia do seu animo, e a força do seu braço, e amado com ardor pelo povo, de quem sempre foi o idolo, o mestre d'Aviz nem por isso deixava de ter adversarios, que antepunham o brado da consciencia aos arrebatamentos do enthusiasmo e ás suggestões do interesse particular.

Leaes á causa da patria, e derramando por ella o sangue, esses fidalgos, cuja firmeza não cedeu senão á persuasão, não duvidaram apregôar como unica legitima e possivel a eleição dos infantes, filhos de Ignez de Castro, fechando os olhos a tudo, e desconhecendo o perigo de desunir vontades em presença de inimigo poderoso, e devorado de insaciavel ambição, qual era então o rei de Castella!

Nos poderes que lavraram aos seus procuradores, os concelhos mostraram-se decididos incluindo expressamente: Que por elles, e em seu nome, pudessem proclamar rei e senhor d'estes reinos o muito nobre D. João, mestre da cavallaria d'Aviz, fazendo-lhe preito e menagem, como a seu principe, e recebendo

d'elle a promessa de lhes guardar e manter os seus costumes e privilegios!

Lisboa, Evora, e as cidades representadas nas côrtes mostravam-se, portanto, conformes em inculcar a eleição do mestre, e declaravam-se antecipadamente por ella; porêm entre os fidalgos e cavalleiros os votos dividiam-se, falando uns abertamente contra, e occultando-se ainda outros dos que pareciam resolvidos a advogar os direitos dos dois infantes ausentes.

O cabeça d'esta parcialidade numerosa e influente era Martim Vasques da Cunha, juntamente com seus irmãos e alliados.

Nuno Alvares Pereira, com a maior parte dos cavalleiros moços, e com os populares, sustentava insoffrido o direito do mestre d'Aviz, e tinha a seu favor os serviços prestados por elle, o amor da nação, e a vantagem publica.

De ambos os lados se contendia com fervor, e segundo a rudeza do tempo passava-se facilmente das razões aos ditos fortes, e d'estes ás ameaças.

O arcebispo de Braga, e os bispos de Lisboa do Porto, de Lamego, de Evora, e da Guarda, que assistiam ás conferencias com o prior de Sancta Cruz e os abbades de Bostilhos e Alpendorada, bastantes vezes seriam obrigados a applacar com palavras de paz as paixões fogosas, e a indole violenta dos contendores, procurando conter as iras desenfreadas, e promovendo a conformidade de opiniões.

Foi n'este apuro, que o doutor João de Aregas, futuro chanceller, compoz o primeiro discurso, que não concorreu pouco, a par da espada de Nuno Alvares, para pôr a corôa na cabeça do mestre d'Aviz.

Entretanto, a grande affeição de muitos fidalgos aos filhos de Ignez de Castro não se rendeu logo; oppondo Martim Vasques, e os do seu bando, razões de pezo, para attenuar os argumentos do sabio doutor de Bolonha, ao passo que protestavam ao mesmo tempo, que serviriam como leaes e até morrerem o rei que os outros levantassem.

Nuno Alvares, porém, não desculpava nos outros opinião contraria á sua, e foi com difficuldade, que o mestre atalhou a tempo os conflictos provocados, impedindo como prudente que o sangue lhe maculasse a eleição.

Finalmente, João de Aregas pronunciou a famosa oração, acompanhada de provas que destruiu todos os escrupulos, tornando clara e evidente a illegitimidade dos infantes D. João e D. Diniz; e Martim Vasques, e os seus, não a podendo contestar, como sinceros e leaes, confessaram a verdade, e concordaram na eleição de D. João, por ser o mais digno, visto não existir direito superior.

Tomada esta resolução em côrtes os prelados, fidalgos e procuradores dos concelhos dirigiram-se em corpo aos paços de Alcaçova, onde morava o mestre, e rogaram-lhe que acceitasse a corôa, e assumisse o nome e dignidade de rei.

Não era o principe menos habil politico, do que valoroso capitão. Depois de os escutar attento, e de inculcar a suspensão requerida pela gravidade do negocio, começou a excusar-se, observando-lhe não ser elle sufficiente para tão grande honra, tanto pelo defeito do nascimento, como pela sua profissão de religioso militar, e advertindo que, vencidos os castelhanos, seria muito maior a sua gloria como cavalleiro; e que pelo contrario se Deus castigasse as suas armas, e saísse derrotado, tornar-se-ía irreparavel a vergonha da queda, porque prostrava o rei!

Esta resposta affligiu os fidalgos e procuradores, e desconfortou-os. Naturalmente, bem poucos estariam no segredo das verdadeiras intenções do principe; e ignorando-as, pouco admira que a maior parte tomasse á letra a sua modestia official, inspirada por motivos politicos.

A occasião era suprema. As armas de Castella preparavam-se para um esforço decisivo; e com razão entendiam todos, que a resistencia não seria como se desejava, se D. João, com o nome e dignidade de rei, a não capitaneasse, redobrando de zelo e vigor.

Sem elle o coração do povo devia crer-se que esmorecesse muito, e que a defeza se debilitasse com a desconfiança.

O mestre previa bem, que a sua recusa não faria senão confirmar ainda mais as primeiras resoluções das côrtes; e é licito suppôr, que a calculára para que melhor sentissem todos o

perigo da sua falta, e a necessidade de um chefe, laureado pelas victorias, e abençoado pelo voto quasi unanime dos populares.

De feito, se este foi o occulto movel do seu procedimento, não se illudiu. Ás suas excusas oppozeram os estados as vivas instancias do interesse publico, e o risco imminente da independencia nacional. Todos os escrupulos e discordias acabaram; e por consenso geral não houve mais do que uma voz e um sentimento.

Deante das lanças de Castella já enristadas contra o reino, todos puzeram os olhos no homem, que a Providencia suscitára, e que parecia apontar-lhes como unico salvador, jurando não saír do lado d'elle, em quanto lhe não dobrassem a vontade, resolvendo-o acceitar a corôa n'aquelles dias de tribulação e de lucta em que o sceptro se convertia em espada, e em que o throno, como o de Affonso Henriques, se levantava, não em paços mas sobre os escudos, debaixo da barraca de acampamento.

Assim decididos, falaram ao mestre como elle queria que lhe falasem. Protestaram ajudal-o com a vida e os bens, arriscando até á ultima gota de sangue e o derradeiro ceitil para o novo monarcha levar adeante a sua honra, e manter as liberdades do reino; e querendo desvanecer os temores de consciencia que allegava, por ser filho illegitimo de el-rei D. Pedro, e religioso militar, obrigaram-se a enviar a Roma embaixadores que alcançassem do papa Urbano VI as dispensas e graças necessarias para cessar o defeito do seu nasci-

mento, e elle ficar desembaraçado dos votos religiosos.

Conseguido isto, e provada d'este modo a sinceridade da eleição, não havia que hesitar. Accedendo aos rogos das côrtes, o mestre apparentou deixar-se coagir pela branda violencia e amor dos subditos, e deu o consentimento.

Dissipou-se, pois, a nuvem, e renasceu a alegria. E marcado o dia para a acclamação, dispozeram-se as cousas para a solemnizar com jubilo e lustre.

Grande era o prazer em todos; mas em ninguem sobresaía tanto como em Nuno Alvares, e no futuro chanceller João das Regras; os dois, a quem de certo o principe devia mais no conselho e no campo da peleja.

Incumbido de ordenar as galas e magnificencias do festejo, nos paços da Alcaçova de Coimbra, Nuno Alvares a custo reprimia a satisfação, que transbordava do peito; e a despeito do seu caracter, pouco inclinado a confidencias e exclamações, não soube conter-se, que não abrisse o mais íntimo do coração aos olhos dos menos perspicazes.

Andando pela sala, destinada ao banquete real, acompanhado de muitos, não pôde suster-se, que não dissesse virando-se para elles: «D'esta vez meu senhor, o mestre será rei, a prazer de Deus, e apezar de quem pezar!»

Uma quinta feira, seis de abril de 1385, contando D. João vinte e seis annos e onze mezes de sua florescente edade, foi acclamado

rei, com as pompas religiosas e o esplendor usados em taes actos.

Quaes fossem no templo e no palacio as ceremonias, não o podemos saber. O chronista, reputando-as conhecidas, apenas diz de leve, que tiveram logar, e só accrescenta que foi poderoso e real o estado como o novo monarcha merecia, e conformes com a alegria publica os grandes festejos celebrados.

Em Coimbra, e nas outras villas e cidades, fieis á sua bandeira, deram-se torneios e jogos militares, proprios da epocha, e n'elles provaram os cavalleiros a sua dextreza e robustez ao tavolado, nas justas, e nas corridas de cannas.

Em Lisboa, sempre leal e affecta ao mestre, fez-se uma procissão solemne, que saíu da Sé e foi a S. Domingos, ornada naturalmente das figuras e dansas, que era então costume ajuntar a estas devotas manifestações.

Depois, trouxeram pelas ruas o estandarte real, com pregão e acclamações, e alçaram na rua nova um grande e alto mastro, da parte do mar, que sem tomar a passagem, deleitou o povo.

El-rei, apenas cingiu a corôa, não se esqueceu dos amigos fieis, que lh'a ajudaram a ganhar. Nuno Alvares Pereira foi nomeado condestavel do reino, e mordomo mór; Alvaro Pereira teve o titulo de marechal da hoste (exercito); Gil Vasques da Cunha foi feito alferes mór; João Fernandes Pacheco, guarda mór; Rui Mendes de Vasconcellos, meirinho mór de En-

tre Douro e Minho; João Rodrigues de Sá, camareiro mór; João Gomes da Silva, copeiro mór; Lourenço Annes Fogaça, chanceller mór; e em seu logar, por estar ausente em Inglaterra, serviu o cargo o doutor João das Regras, que depois adquiriu a propriedade.

Concluidas estas, e muitas outras nomeações, em que o principe se mostrou reconhecido e munificente, seguiram-se identicos testemunhos de agrado ás cidades e villas dedicadas á sua causa, sendo Lisboa a que foi tractada com maior benevolencia, e a que na realidade o merecia mais, a par da cidade do Porto, contemplada do mesmo modo, e egualmente digna de o ser.

Depois de ordenadas as recompensas, e findos os festejos, principiou el-rei a cuidar da administração do reino, e a dispor tudo para a defeza não poupando diligencias para castigar com derrotas e revezes as ameaças de Castella. A Providencia, concedendo-lhe em Aljubarrota uma victoria milagrosa, e anniquilando a seus pés o immenso poder do seu contendor, quiz mostrar-lhe que abençoára n'elle os sentimentos mais nobres de um rei e de um povo, a fé em Deus, a constancia na adversidade, e o amor do proprio solo e da sua independencia!

(Do *Panorama*, de 1855)

XVIII

Jogos, festas, e espectaculos antigos

(1855)

I

Introducção

O theatro, e geralmente as outras recreações religiosas, populares e guerreiras da meia edade tiveram quasi todas o mesmo berço. Em França, na Italia, na Hespanha, e em Portugal, se examinarmos de perto a sua origem, acharemos que foi commum em grande parte, e que elementos muito similhantes constituiram os variados espectaculos, que em Athenas captivaram a inconstancia de uma nação voluvel, e em Roma distrahiram a perigosa ociosidade da plebe.

Nas duas sociedades, a antiga e a moderna, a imaginação pouco se afasta de certos typos, e guardadas as differenças essenciaes desenvolve-se em phases quasi identicas. O christianismo, lei espiritual e humana, proscrevendo desde o começo as cruezas dos amphitheatros,

e as obscenidades dos tablados mimicos, debalde lucta por longo tempo; e a final, para vencer é obrigado a substituir por scenas devotas, e autos licitos os abusos que condemnava no paganismo.

Assim mesmo não foram poucos os que sobreviveram; e buscando a ascendencia de algumas profissões, e de alguns costumes, iremos encontral-a, aonde menos se espera, nos jogos dos circos, e nas representações dos antigos theatros, que se modificaram com os seculos, mas que, apezar de gastas, conservam ainda feições assás caracteristicas para lhes denunciar a procedencia.

Uma breve noticia é sufficiente para o mostrar. Antes de penetrar no periodo especial, a que dedicâmos este estudo, não parecerá inutil, nem sobejo, levantarmos um canto do véu, e corrermos os olhos pelo passado grego e romano. A digressão, embora curta, nem por isso deixará de ser proveitosa e agradavel.

Na Grecia, os cantos epicos precederam a invenção dramatica. Nas grandes solemnidades religiosas e nacionaes encontrâmos os rhapsodos ou arnodes, como seculos depois veremos os menestreis, e até os jograes, nas côrtes dos principes, e nas opulentas abbadias, arremedando em grosseiro osboço mimico as acções notaveis, celebradas nos poemas.

Antes de Thespis, e da LXI olympiada já se abriam concursos poeticos, e os rhapsodos mais dextros, em porfia honrosa, disputavam n'elles a palma da justa. O assumpto d'estes

certames quasi sempre eram trechos escolhidos das obras de Homero, e os premios reduziam-se no principio a um cordeiro, talvez como symbolo de innocencia e de candura.

Parece que os Homerides (assim os denominavam) não exerciam a sua arte inteiramente isentos de preceitos, e que, na maneira de recitar, se acompanhavam de inflexões e gestos, que lembravam de longe a declamação dramatica. Considerando-os talvez por este motivo como accessores dos poetas, Platão, no seu Tratado do Republica (Liv. II), colloca os arnodes ao lado dos choreutas e comediantes.

Fundado o theatro, e abraçando no seu progresso as principaes cidades, nem por isso os rhapsodos cedem á torrente, e se retiram. Luctam corpo a corpo com a nova arte, e para se melhorarem, sustentando o agrado dos seus cantos, roubam á scena alguns dos meios, de que ella se valia para seduzir. Na CXVI olympiada alcançam auctorização de Demetrio Phalereu para subir á scena, e ahi representam á maneira dos actores, não só as poesias de Homero, como as de Hesiodo, Archiloco, e outros! Pouco a pouco foi-se obliterando a antiga designação de rhapsodos, e as denominações mais exactas de representantes, ou actores, substituiram-n'a. A palavra tinha deixado de corresponder ao facto, e a mudança do nome depressa indicou a modificação.

O oriente, fiel depositario das tradições, ainda hoje conserva a memoria da recitação epica

acompanhada de gestos, de sons, e de trajos adquados aos assumptos e ás figuras.

No diario da sua missão á côrte da Persia (de 1807-1811) refere Mr. Sheridan, que em um soberbo festim, a que assistiu em Schiraz, appareceram, segundo o uso da terra, diversos bailarinos e menestreis. Um jogral, acabando de imitar com a bôcca um repucho bastante ridiculo, saíu, e tornou a entrar na sala com as faces caiadas para figurar o demonio, que é branco na opinião dos Persas. Depois declamou assim caracterizado dois ou tres fragmentos da antiga epopéa de Shah-Nameh, ajudando a voz com a acção e tons apropriados ao papel.

Naturalmente d'esta fórma é que os rhapsodos cantavam os episodios da *Iliada*, e da *Odysséa*, e que na edade média se recitavam nos banquetes dos senhores os trechos selectos das canções de *gestes*.

Mr. Magnin, approvando a conjectura, accrescenta um exemplo, que serve de a confirmar. «Existe (diz o distincto escriptor) uma Biblia manuscripta, em verso francez, dos fins do seculo XIII, na qual os passos mais interessantes da Escriptura, como a historia de Joseph, e a de Moysés, salvo das aguas, estão dispostas de modo, que se prestam a passar-se da leitura ao canto e talvez d'este para a acção. Os logares mais patheticos encontram-se no fim da pagina postos em musica, e pelas margens vêem-se rubricas, similhantes a esta — *Judas cantando.*

«Este exemplo não é unico. Nos seculos XIII, XIV e XV acharemos bastantes obras compostas em fórma epica, como o velho conto em verso de *Aucassin e de Nicolette,* nos quaes certos lances do dialogo estão tirados com notação musical, mostrando destinarem-se ao canto, e talvez á representação por um, ou mais figurantes.»

Na India, por occasião do Ram-Lila (o anno novo), ou festa de Rama, numerosos actores representam só por accionados as scenas principaes do Ramayana, uma das grandes epopéas nacionaes, em quanto o côro dos brahmanes, do alto de uma tribuna, recita em alta voz os versos correspondentes.

Em algumas terras a festividade abbrevia-se limitando-se a queimar o manequin gigantesco de Ravana entre apupos de alegria; mas em outras seguem-se os ritos á risca, e o poema é representado com rigoroso escrupulo.

No anno de 1825, o rajá de Benarés esmerou-se na pompa e solemnidade com que dirigiu as ceremonias. Gastaram-se vinte e tres dias em ler a traducção do Ramayana, que monta quasi a vinte e cinco mil versos, e a cada incidente, que o permittia, os figurantes uniam o gesto á voz do côro.

O papel de Sita, esposada de Rama, e os de seus irmãos, eram desempenhados por meninos ricamente vestidos, com o rosto pintado de azul e amarello. Actores, de mascaras, representavam os personagens de Rama, do Bugio Hanoman, e outros de egual natureza. Os Ra-

kchass, ou genios maus, assim como os gigantes viam-se representados por figuras enormes de vime com braços immensos, e semblantes espantosos. As decorações usadas não cediam em illusão ás dos theatros europeus; e para nada se omittir até os machinismos trabalharam em imitações e visualidades.

Estas circumstancias, notadas nos povos mais antigos, ou mais fieis ás tradições o que provam?

Nos rhapsodos gregos, não descobriremos sem esforço os verdadeiros antepassados d'esses menestreis tão prezados de toda a edade media; e na sua degeneração, quando declinam do canto para a mimica theatral, será difficil achar a remota origem d'esses histriões, ou mimos que foram o recreio saboroso dos reis e nobres, que, embainhando a espada e encostando a lança, voltavam a descansar em festejos e folias das fadigas de luctas quasi permanentes?

Dos passos da Escriptura e dos dialogos postos em musica, para a declamação devota ou para a recitação profana dos jograes, aos autos e mysteríos representados depois, a distancia é muito menor do que se julga, assim como os accionados figurativos das historias do antigo e novo Testamento, acompanhados de palavras, ou sem ellas, que apparecem nos espectaculos chamados *pageants* pelos Inglezes, incluiram provavelmente o que os velhos diplomas designam entre nós pela denominação assás vaga e incerta de *arremedilhos*, confor-

mes na essencia ao que os costumes immoveis da India ainda hoje conservam em uma das maiores pompas religiosas, a representação mimica do Ramayana!

II

O exame dos usos scenicos da antiguidade ainda nos ministrará outras analogias não menos importantes.

De ordinario, para nós, a arte grega cifra-se toda no esplendor da sua poesia inimitavel nas graças e perfeições da sua estatuaria, ainda não excedida, e nos primores tragicos e comicos das admiraveis invenções dramaticas, que immortalizam os nomes de Eschylo, de Sophocles, e de Euripedes, de Aristophanes e de Menandro.

A grandeza d'estas manifestações na edade aurea da cultura hellenica deslumbra os olhos; e a magestade das representações e solemnidades religiosas e nacionaes, attrahindo toda a attenção a si desvia-a dos jogos mais humildes e obscuros, com que o povo se distrahia, e que os opulentos não desprezavam quando queriam duplicar o recreio dos convivas nos seus banquetes e festejos.

Se as Barons e Talmás foram herdeiros e successores naturaes dos actores de Athenas, e dos Roscius de Roma, os jograes e histriões da edade media podiam, talvez com egual direito, ligar tambem as suas habilidades ás de

typos quasi identicos, applaudidos com fervor nas praças ou nas salas cheias de ruido, aonde se apinhava a plebe, ou se inebriavam de delicias os poderosos!

Em todos os tempos os homens são os mesmos. Variam as exterioridades, modificam-se mais ou menos profundamente as idéas e os costumes, as civilizações exercem a sua influencia irresistivel; mas, no fundo, o coração humano, se o souberem interrogar, responderá sempre do mesmo modo; e o que mais novo, e mais distante se julgar das antigas epochas, arrancado o involucro moderno, patenteará logo a remota origem.

Os Gregos não se limitavam só ás danças e aos cantos serios. Amigos da variedade, e voluveis como a borboleta, o seu gosto fino e inconstante desejava apurar-se muitas vezes com o picante dos estimulos.

Os bailados, que as operas dos athenienses de Paris nos offerecem como flores de cada estação dramatica, como phantasias unicas da sua caprichosa e desvairada imaginação, eram conhecidos da cidade de Minerva, e até o proprio Aristophanes não duvida introduzil-os nas combinações das suas peças, para engrossar a risada ás zombarias.

Os córos de rãs, de vespas, e de passaros, que o auctor da comedia das Nuvens apresentou no theatro de Baccho pouco teriam que invejar á republica dos vegetaes, e ao reino dos peixes, de que se ornam certas magicas modernas, mais dignas de lastima,

que de censura, porque estão abaixo d'ella!

A differença entre o passado e a actualidade é só que Aristophanes foi um grande mestre, e que os parodistas, por fortuna d'elles, acabarão anonymos!

Os Gregos possuiram dansas comicas, com que satyrizavam os aleijões physicos, e os vicios moraes, escarnecendo-os sob o véu diaphano de parodias, em que figuravam os animaes como actores.

A do *grou*, por exemplo, de que tracta Pollux, (Liv. IV, cap. 14) e que os nomencladores confundiram sempre com a dança dedalia, imitando as evoluções com que estas aves nescias em bandos numerosos seguem uma, que as precede, não levaria em vista castigar por uma allusão, espirituosa a estupida servidão do vulgo a influencias pouco dignas de o captivar?

Havia mais a dança dos *abutres*, executada sobre andas, a da *coruja*, e a do *mocho;* mas quem penetrou em Aristophanes o sentido dos córos de animaes, de que entreteceu algumas das suas obras, parece-nos que acceitará a idéa, de que os nomes, e as figuras de certo encobriam a allegoria satyrica, aliás justificada pela indole dos espectadores.

A dança da *raposa*, de que em França houve uma procissão com o mesmo titulo no tempo de Filippe o Bello, e a do *leão* entravam egualmente no quadro da choreographia popular da Grecia. E' a razão por que o poeta Magnés baptisou tres peças com as designa-

ções exoticas de comedia das rãs, comedia das aves, e comedia dos mosquitos, sem causar admiração, nem espanto. Ha muito que se estava affeito a estas allusões malignas.

Depois de contrafazer os animaes, os inventores das dansas deram um passo adeante, e passaram a imitar os homens. Dos bailados das *corujas* e *mochos* fizeram sem custo a transição para a representação dos satyros, pans, cyclopes e centauros!

E por tal modo era violenta a execução d'esta ultima, que se dansava ao som do canto, composto por Lasus de Hermione, no meio de vazos e mezas, que Luciano *(De Saltatione*, cap. 48) affirma que de proposito se deixou caír em desuso, não a figurando senão os camponezes.

Julgaes que estes ensaios ainda rudes de imitação comica eram desempenhados por actores mudos, e que o leão, o abestruz, o macaco, e o grou limitavam os seus exercicios a saltos e posições ridiculas? Não.

As dansas, que notamos, foram acompanhadas de palavras; a raposa e o mocho das farças choreographicas falavam a lingua do fabulario de Esopo. O apologo em acção dialogava com o apologo escripto; e o drama satyrico, um dos tres generos capitaes do theatro grego, d'ahi procedeu.

A dansa, meio lasciva meio burlesca, usada nas festas de Ceres, e Baccho durante as ceifas e as vindimas; os pans de pés cabruns, os satyros de cabeça e barbas de bode, e as varie-

dades numerosas de bacchantes, que entravam nos córos phallicos e dionysiacos, executavam os bailados joviaes e fogosos, comprehendidos debaixo da denominação geral de *Sicinis*.

Thespis, e seus successores, quando converteram os coros dithyrambicos em coros tragicos desterraram os pans e os satyros para as festas bucolicas; mas os devotos de Baccho mostraram-se tão saudosos pelas divindades capripedes, que não houve remedio senão tornal-as a naturalizar, quebrando-lhes o exilio.

Um dos contemporaneos de Eschylo, Pratinas, encarregou-se da restauração, e, coisa, rara, venceu a difficuldade sem se indispor com os dois partidos!

Para satisfação commum resolveu-se que, depois de representadas as tragedias, subisse á scena uma peça mais pequena em que os silenos, os pans, e os satyros, formando o côro, tomavam campo á vontade para as suas travessuras.

Assim terminou o notavel pleito, ficando a musa tragica de posse das honras maximas, e conservando a *Sicinis* o seu logar disputado; como na comedia veremos a *Cordace* manter o seu posto depois de ter dado origem á festiva Thalia, tão applaudida dos maliciosos Athenienses.

A imitação dos animaes era o modo disfarçado de provocar o riso sem escarnecer directamente da dignidade humana. A dansa *cordace* foi o terceiro passo da satyra, que, fazendo-se mais audaz, já se atreve a contrafazer

os homens, ridiculizando as figuras que se prestavam ao escarneo pelos seus vicios, ou deformidades.

As cabeças calvas, as faces assopradas e rubicundas, os ventres obesos e as pernas delgadas, eram os typos representados de preferencia n'estas farças mimicas, que não perdoavam a nenhum defeito, idealizando assim a figura brutesca dos silenos, e depois a voracidade dos parasitas.

O escravo ebrio, e a velha tonta de vinho, antes de Phrynicus os introduzir nas suas peças já desafiavam o riso dos espectadores nos movimentos da mimica satyrica.

Como as quedas repetidas serviam de excitantes á alegria da plebe, quiz-se por todos os meios exgotar a veia. O jogo do odre, d'onde veiu o nome de *Ascolias* a certas festas de Baccho, celebradas nas aldeias, era a diversão mimosa dos camponezes. Quem se sustentava mais tempo sobre a pelle entumecida e untada de azeite, recebia em premio o odre cheio, e proclamava-se vencedor.

N'estes dias os aldeãos moços, com as faces ungidas de fezes de vinho, trepavam aos carros, e de lá choviam os motejos e as chufas sobre os ouvintes, juntando ás vezes os mais maliciosos aos seus repentes a recitação de diatribes em verso contra cidadãos conhecidos.

Do uso continuo de similhantes folguedos depressa nasceu uma arte; e as carretas, que passeavam de uma villa para outra, tornaram famosas estas jogralidades ruraes.

Na LIII olympiada, um dos burgos da Icaria prometteu recompensas ao auctor da folia mais digna de applauso, chamando-lhe comedia. Houve competidores; e Susarion, sobresaíndo, mereceu a cesta de figos, e a amphora de vinho destinadas ao concorrente mais feliz.

Comparando os bailados antigos, e as scenas burlescas dos carros dos habitantes da Icaria com as primeiras tentativas da arte dramatica na meia edade, quem negará a estreita intimidade que parece existir entre ellas e os momos e chacotas, que os nossos maiores empregavam a miudo para celebrar quaesquer successos auspiciosos?

As dansas que saíam a receber os monarchas portuguezes á entrada das terras, ou que íam no acompanhamento das procissões e prestitos de gala, se não foram exactamente as mesmas, que applaudia o povo de Athenas, eram comtudo autos mimicos, com allusões directas ao regosijo que as occupava, e unindo algumas vezes tambem a palavra ao accionado, como nos festejos feitos no reinado de D. João II por occasião do casamento de seu filho, o principe D. Affonso.

Quer viessem como tradições dos antigos usos, e atravessassem as edades para chegar desfiguradas aos seculos XIII, XIV e XV, quer fossem apenas uma simples transplantação dos costumes de outras nações modernas (como parece mais natural) é certo, que desde a epocha venturosa de D. João I achâmos ves-

tigios sensiveis d'estas recreações, estimadas em Roma e Athenas, e que provavelmente resistiriam melhor á invasão dos barbaros, e ás trevas da decadencia, do que as musas delicadas da Tragedia e da comedia.

Não antecipemos, porém. Ha ainda outras circumstancias a apontar, crédoras de attenção.

III

Quando se estuda a antigüidade de mais perto encontram-se em grande numero os artistas secundarios, que por modicos preços distrahiam o povo nas praças e ruas.

Primeiro notavam-se os musicos ambulantes, successores dos homerides, que percorriam as cidades cantando fragmentos de odes e epopéas.

Depois dos auletes, ou citharides, vinham os bailarins, não menos frequentes nos logares publicos. Aristophanes apresenta-nos uma dansarina d'esta qualidade, ainda menina, bem parecida ás alméas, que no Cairo ostentam a flexibilidade dos seus gyros defronte da mesquita de Hassan.

Nos largos, afóra os cantores e dansarinos, abundava a relé dos histriões. Desde os ventrilocos até aos acrobatas nenhum faltava. Parmenou imitava o grunhir do porco. Theodoro figurava o som pezado das rodas hydraulicas. Havia quem fingisse o coaxar da rã, e o cacarejar da gallinha. Os animaes tam-

bem serviam de espectaculo. E, ao que allude Pindaro, quando diz com o rifão nacional, «para os meninos o bugio, que se lhes mostra, é sempre o mais bonito!»

Os combates de gallos, antes de alterarem a fleugma insular dos opulentos jogadores britannicos, já excitavam a curiosidade e os votos dos Athenienses. A lucta entre as codornizes não era menos procurada, e todas as classes se deleitavam assistindo a estas pugnas.

Pindaro fala d'ellas (olympiada XII); mas parece que no seu tempo eram ainda espectaculo reservado só para os ricos da aristocracia. Com o tempo desceu dos jardins vedados até á praça, e a plebe accolheu-o com alvoroço.

Para as pelejas dos volateis armava-se um estrado em quadro no meio do theatro; e os gallos, sujeitos á dieta estimulante dos athletas, encontravam-se com redobrado ardor, armados de esporões de cobre.

Plinio, tractando dos duellos d'estes campeões emplumados, que vira em Pergamo, e que tinham logar na arena publica, não se esquece de os assimilhar aos combates dos gladiadores. Os gallos mais prezados eram os de Tanagra na Beocia, e depois os de Mélos e Chalcis.

O animal vencido reputava-se escravo do vencedor, e passava para o dono d'este. Em um camafeu antigo observa-se um agonothete distribuindo palmas e corôas aos gallos victoriosos, o que indica serem os vaidosos bipedes a parodia graciosa das luctas athleticas,

e por isso constituirem uma especie de divertimento em que havia um tanto de dramatico.

Mas estes jogos ainda se podem dizer nobilissimos em presença de muitos outros!

Nos annos de Aristophanes, de Isocrates, e de Theophrasto, a concorrencia dos charlatães, adivinhos, e prestidigitadores era tal, que entupiam quasi as ruas.

Abundavam os pelotiqueiros. Demado, o atheniense, exclamava: «As espadas lacedemonias são tão curtas, que um dos nossos arlequins é capaz de as sumir nas mãos!» Theodoro e Euryclides foram tão notaveis n'esta profissão, que os Orites levantaram no seu theatro uma estatua de bronze, com um pequeno disco, em louvor do primeiro, em quanto os Athenienses, não querendo ceder-lhes, puzeram o vulto do segundo no theatro de Baccho a curta distancia do de Eschylo!

Chegou o abuso a ponto, que as magestosas scenas, aonde se representavam os primores da Thalia e da Melpomene grega foram invadidas e infamadas pelos chocarreiros. Talvez que alli mesmo os saltimbancos pulassem sobre os odres, e sobre a corda bamba; mas o que não soffre duvida, é que no mesmo logar d'onde a voz applaudida dos grandes actores fazia ouvir a poesia sublime de Eschylo, ou de Sophocles, ousaram histriões vilissimos offerecer a parodia boçal dos seus espectaculos de titeres!

Cousa notavel, o povo mais espirituoso do mundo antigo adorava os gestos contorcidos

dos bonecos, movidos por fios, como em París os amadores desprezavam a scena classica para ir bater palmas ao tablado das *Marionnettes!*

Quando Socrates porguntava ao farçante Filippe qual era a sua esperança com similhante brinco, o truão respondia ajuizadamente: «Confio nos parvos. Elles é que me sustentam e aos meus bonecos!»

Dos funambulos antigos, taes como os descreve Aristoteles *(De Mundo*, cap. VI) aos *Fantoccini* de Roma e de Florença a distancia é tão pequena que mal se vê!

Mas ainda não parava aqui a variada collecção de bobos e histriões, que armavam á bolsa dos Athenienses ainda os menos abastados.

Actores abulantes, jograes, e farçantes divertiam a plebe por modicos preços nas ruas, ou na orchestra dos theatros, isto é, na parte situada abaixo do proscenio, e mais proxima do espectador.

Os que representavam nos largos e becos eram propriamente os chamados *planes*, pelotiqueiros publicos, de que os poetas comicos se não esquecem nos seus quadros satyricos.

No tempo de Filipe de Macedonia os truões tinham crescido a ponto de formar uma corporação, que se reunia no templo de Hercules, denominada «os sessenta.»

Os ditos chistosos, com que alegravam os seus auditorios foram tão prezados, que Filippe lhes enviou um talento, somma comparativamente avultada, pedindo ao mesmo tempo,

que o brindassem remettendo-lhe por escripto todas as agudezas e lances espirituosos da sua assembléa.

Os comediantes compunham egualmente uma confraria, de que Baccho era o padroeiro, e usavam da designação de *artistas dionysiacos*, subdividindo-se em distinctas e numerosas sociedades.

Os que entravam nas representações solemnes, cooperando para os concursos tragicos, comicos, ou satyricos, gosavam de grande conceito, e foram sempre reputados benemeritos. Não é raro ver em Athenas os actores de tragedia e de comedia incumbidos de embaixadas e missões. Os histriões, e os farçantes não.

Excluidos da scena, aonde os primeiros exerciam funcções consideradas como nacionaes e religiosas, a vileza da profissão recaía sobre os individuos. A sua ambição limitava-se ao dinheiro, que podiam extorquir aos ouvintes, ou aos espectadores, e a corôa honrosa da arte nunca premiava o seu talento por maior que fosse.

Entretanto, quasi por uma especie de compensação é esta classe subalterna a que sobrevive! Precursores de Thespis e do theatro nacional, depois de elle expirar permanecem largo tempo na posse do gosto e dos applausos publicos; os seus jogos perpetuam-se; e a edade media, sem o saber, confirma nos jograes os herdeiros dos antigos mimos, como louva nos menestreis os successores dos auletes e citharidas!

IV

Os mimos foram mais antigos do que a sua denominação; esta só apparece sendo archonte Euclides, e abrangia dois sentidos.

A mesma palavra significava as peças curtas e joviaes que constituiam um ramo bastardo da arte; e comprehendia ao mesmo passo os actores que as executavam.

Como na obra litteraria esta especie de entremezes, inspirados pela veia folgazã e solta, carecia da elevação, da regularidade, e da pureza de fórmas com que sobresaíam os tres generos de dramas classicos.

Creadas quasi ao acaso pela phantasia mais caprichosa, estas obras verdadeiramente populares revelavam o vigor e a mobilidade do genio grego.

Os representantes, que as interpretavam, não eram menos independentes no seu engenho e na maneira de as dizer.

Alguns, similhantes aos actores repentistas dos theatros plebeus de Italia, bordavam de gracejos espontaneos e de jogralidades a urdidura das scenas, infundindo-lhes, mesmo no palco, a alma, a vida, e o calor. Outros, limitando-se á execução dos papeis escriptos, contentavam-se com a fiel e perfeita imitação.

Os primeiros podiam levar as suas genealogias artisticas até aquelles farçantes, que, segundo Pollux, improvisavam de cima das mezas os episodios comicos e heroicos, ao

som dos córos dionysiacos, e com o progresso dos annos, as proporções, e o assumpto d'estes concisos dramas não se alargaram muito.

Sozibio, escrevendo na epocha de Ptolomeu Philadelpho, assegura que os mimos (peças) improvisados, pouco saíam do trilho batido.

Era quasi sempre um ladrão de fructa colhido em flagrante, com a mão no roubo, ou um medico pedante, carregado como uma azemola de phrases campanudas e citações esdruxulas.

Estas farças repentinas, inventadas no tablado, dissimulavam a pobreza do fundo á custa dos chistes e accionados do histrião, e assim coavam a sua existencia ephemera entre risos, silvos, e applausos de platéas tumultuosas.

Os mimos escriptos variavam muito. De ordinario compunham-se em verso, e cantavam-se com acompanhamento de flautas. As denominações, por que eram designados, nasciam da forma, ou da indole da peça; e d'ellas é que tambem tiravam os seus nomes particulares os actores mais peritos, e que realçavam mais.

Havia por exemplo os mimos ethologos, famosos sobre tudo em Alexandria que se dedicavam á pintura dos costumes, mas dos costumes baixos e corrompidos.

Havia os biologos, que faziam alarde de representar a vida humana; e alguns criticos

querem que o tentassem com a soltura e atrevimento da antiga comedia.

Os cinedologos avivavam com gestos as acções e os dialogos mais obscenos.

Ainda contemplados sob outro aspecto, os mimos classificavam-se pelos trajos, com que vinham caracterizados.

Assim o phallophoro sicyoniano, verdadeiro typo dos mimos primitivos, apresentava-se sem mascara, e com o rosto mascarrado de ferrugem, ou coberto de pelliculas de papyro. Este comediante de Sicyone, é o mesmo que em Roma veremos transformar-se em *planipes*, para depois, na meia edade, captivar os auditorios com os ditos populares do arlequim de Bergamo!

Os ithyphallos differençavam-se em usar de mascara. A que traziam figurava o rosto de um ebrio. As mangas roxas desciam-lhes a cobrir a mão; a tunica bipartida, metade variegada de assanhadas côres, e uma longa capa, que lhes chegava ao calcanhar, rematava o trajo invariavel.

Como os phallophoros representavam na orchestra dos grandes theatros. Entrando pela porta principal, caminhavam calados até ao meio da orchestra, e ahi voltando-se de subito para a scena exclamavam: «Arredae-vos! deixae passar o Deus! Elle está de pé e direito, e quer passagem livre!»

As parodias tambem foram assás estimadas na Grecia; e houve-as de todas as qualidades.

Eudicus, mimo celebre, distinguia-se pela

sua destreza em arremedar os luctadores e os combatentes do pugilato. Strato de Tarento era eximio em contrafazer os poetas dithyrambicos e Oenonas não o era menos em ridiculizar os citharides.

Foi elle quem contrafez a Polyphemo silvando gorgeios e trinados de rouxinol, e ao Ulysses, depois do naufragio, gaguejando o dialecto mascavado da patria do solecismo.

Hegenion de Thase elevou a parodia á scena, revestindo-a quasi das dimensões de comedia, na epocha em que ardia mais accesa a guerra do Peloponeso.

Não diremos, que a arte dos mimos, dos jograes, e dos truões da Grecia passou inteira e completa para a meia edade, usurpando foros de cidade em todas as nações; de certo não! O instincto dramatico é de todas as edades, e de todos os povos, e negal-o equivaleria a negar a acção espontanea, que o espirito humano exerce, e que é facil assignalar em todas as manifestações da arte.

Quando lançâmos os olhos para o passado, e lhe avivâmos algumas das côres e dos rasgos não levâmos em mente circumscrever ao circulo que elle abraça todas as invenções. Seria absurdo, além de falso.

Nem tudo o que se parece nos costumes modernos com os usos da antiguidade póde attribuir-se a imitação.

Os celtas e os godos tiveram os seus cantos, e as suas pyrrhicas sem precisarem moldar-se

pelos carmes dos irmãos Arvales, ou pelas dansas dos sacerdotes Salios.

As sociedades não se transformam por cópia. Na obra lenta e gradual da sua organização, ou da sua decomposição, a par do que esquecem, ou regeitam, o que mais importa é advertir o que acceitaram, apropriando-o ás necessidades physicas e intellectuaes.

Querer que tudo proceda dos velhos tempos significa ignorar a lei da espontaneidade, a força creadora dos elementos, d'onde deriva a physionomia original, e a iniciativa social do progresso humano. E' ligar, como no supplicio de Mezencio, o vivo ao morto, e suppor em ambos a mesma immobilidade!

Mas tambem não póde desprezar-se, sem erro grave, e pelo mesmo motivo, a combinação de outra lei, não menos activa e geral; a lei da tradição, em virtude da qual as idéas anteriores sempre entram com a sua parte no presente, modificando-o.

Determinar a verdadeira proporção, em que as duas se encontram e descobrir o modo por que concorrem, eis a suprema difficuldade, e muitas vezes o precipicio inevitavel da critica, ainda a mais sagaz!

Na historia do espirito tudo se prende, e se compenetra. Os factos geram-se dos factos. Se o christianismo, revolução moral immensa, revolveu as bases da arte, e mudou o alicerce politico, não foi repentino o seu esforço, nem a victoria saíu rapida e immediata.

Antes do triumpho, passou pela obscurida-

de, pelas provações e pela lucta. A braços com o poltyheismo, e com as superstições enraizadas n'elle, não cortou de um golpe unico tronco e ramos. Prevaleceu temporizando, transigindo!

O paganismo antigo corrente, antes de se confundir e perder na renovação christã, conserva-se tanto tempo separado e distincto, que não é possivel seguir a reforma, e apreciar-a sem o encontrar a cada passo.

Nas cousas intellectuaes, além d'isto, ha outra circumstancia digna de attenção. E' a lei das analogias.

Dadas condições similhantes (diz um auctor recente) e no grau da civilização correlativo os phenomenos litterarios caracterizam-se d'um modo quasi constante. Na historia poetica as phrases succedem-se *como na geologia as camadas da mesma formação*, segunda a expressão de Mr. Ampère, que é ao mesmo tempo uma bella imagem.

«Se desconhecessemos as origens do theatro moderno, estudando as do drama grego e romano, não poderiamos arriscar algumas conjecturas ácerca dos rudimentos da arte, e adivinhar até certo ponto como e quando se desenvolveu?

«Felizmente não carecemos d'isso. Os subsidios, que ha, chegam para ajuizar do estado da imitação dramatica na meia edade; porém, no meio das trevas de epochas remotas e confusas, quem deseja orientar-se para não se ver transviado a cada instante, precisa de saber os

caminhos, que trilhou a antiguidade para os não errar, e necessita do seu auxilio para pezar as razões de analogia, e poder extremar as solidas das que o não são, ou das que, illudindo á primeira vista, não passam de falsas similhanças.»

Estas observações de um escriptor douto, e dos mais competentes,[1] merecem todo o conceito, e fôra mais do que imprudencia deixar de as ter presentes.

As idéas e crenças da edade media, e a sua influencia sobre a indole dos modernos povos, e sobre a physionomia peculiar da arte christã, estão bem distantes por certo do pensamento, que animava as duas grandes sociedades, que dominaram o mundo antigo com a intelligencia, e pela espada; mas quando se deixam de lado os periodos de esplendor da scena de Eschylo e de Sophocles, para entrar no exame dos espectaculos mais humildes, as festas, os jogos, e os dramas populares tomam de repente outro ar e outro rosto; o que de longe parecia totalmente diverso, ao pé acha-se muito menos estranho, as analogias saltam á vista, e é preciso de proposito querer cerrar os olhos para não ver como as duas epochas, e as duas

[1] Devemos ao excellente livro, publicado por Mr. Charles Magnin em 1838, sobre as *Origens do Theatro Moderno*, muitos dos factos e não poucas das reflexões, de que se compõe este capitulo. Sem um guia tão esclarecido, e tão senhor do terreno, é mais que provavel, que não nos abalançariamos a este estudo prévio.

civilizações se desenvolvem, seguindo no começo quasi os mesmos passos!

E' o que procurou notar na concisa noticia, que acaba de se ler sobre as origens do drama plebeu, e sobre as recreações do povo nas praças das cidades gregas.

E' o que egualmente se verá na curta descripção, que vae tentar-se ácerca de Roma, e dos espectaculos, com que uma politica sagaz não cessava de amortecer o ardor e a ociosidade d'esses proletarios inquietos, que de um dia para o outro, se bem medissem as suas forças, podiam subverter em um terremoto espantoso o laborioso edificio de tantos seculos, a obra de tão robustos e gloriosos capitães!

(Do *Panorama*, de 1855).

XIX

O Padre Manuel Bernardes

(1644-1710)

I

Quando se comparam attentamente aso bras dos escriptores, que enriqueceram a nossa lingua, e conhecemos mais de perto os segredos do seu estylo, e o artificio da elegancia com que nos attrahem, ornando objectos quasi sempre pouco adequados aos vôos da eloquencia sublime, pasma-se da grandeza de engenho, que era necessaria para vencer a severidade dos assumptos, e vê-se o que seriam Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Manuel Bernardes, Fr. Thomé de Jesus, e tantos poetas em prosa, se as brilhantes pinturas apertadas pela estreiteza dos quadros podessem correr desafogadas, ou sobre a variada tela da historia, ou pelo espaçoso estadio, aberto aos outros generos.

Ligados pela aridez dos themas, e com as prizões das regras e da censura, assim mesmo o ardor da sua phantasia rompe a cada passo, revelando as raras qualidades do talento, e o

cabedal de saber adquirido em pacientes e aturadas vigilias.

Abra-se qualquer dos livros de Fr. Luiz de Sousa, e aonde menos se espera talvez, os olhos enlevam-se de repente, a alma foge com o auctor, e, perdido de vista o horisonte natural, sobe arrebatada na suavidade, ou no impeto dos affectos. O escriptor leva-nos comsigo attrahidos pela energia e propriedade de uma descripção, ou faz-nos esquecer as horas pela curiosidade de uma narração espirituosa e desaffectada, travando os episodios com sabor, e contrahindo os incidentes com discreção.

Na historia de S. Domingos, como nos captiva ainda hoje a lenda do demonio pendurado á corda do sino do convento, ou qualquer das infinitas tradições, que esmaltam a chronica da ordem, com interesse do leitor suspenso até ao fim na magia da phrase, e na gentil disposição das proporções!

Na vida do arcebispo, (verdadeiras memorias publicas e familiares de um varão distincto) como entretece com arte, e expõe com primor as acções miudas, e os lances mais vulgares da existencia quotidiana, não omittindo cousa por pequena que seja, e não enfadando, antes deleitando apezar d'isso a quantos seguem o prelado, desde a austeridade do claustro dominicano até ao arcebispado de Braga, e de lá pela visita das serras até á viagem de Trento, theatro das anciosas scenas do concilio tão vigorosamente esboçadas. Mesmo no

livro da sua velhice, em que a lima esmorece um pouco, e o buril descáe mais esquecido com o frio da edade, mesmo nos Annaes de D. João III, quantos capitulos nos merecem todos os louvores, subindo com os successos á elevação dos modêlos antigos da historia!

No pulpito, quando o argumento o não escravisa, quem compete com Vieira nos rapidos bosquejos, nas allegorias fogosas, na imagem concisa, e ás vezes na graça admiravel do periodo e da phrase? Quem herdou a sua mestria em desenhar com uma palavra, dobrando a lingua a todos os caprichos?

Que de paginas excellentes, isentas dos defeitos da epocha e do auctor, se podem apontar como typos esmerados á dilligencia e ao gosto dos curiosos?

Na copiosa, mas intrincada collecção dos seus sermões, quantas paginas immortaes sobreviveram, que, sacudindo o pó dos seculos e remoçadas pela novidade do estylo, e pela louçania dos vocabulos, nos apparecem bellas e perfeitas, como se outro Vieira as escrevesse hoje?!

Na elegancia desacurada das suas cartas, aonde os dotes da alma e do engenho se espelham sem disfarce, que thesouros não ostenta a lingua, e que padrões eternos não deixou gravados para imitação e exemplo dos que a prezam!

E' preciso vel-o a braços com as difficuldades, agora recordando as malicias de Tacito, como elle diz) nos incisos, a que a obriga lu-

ctando com a latina; logo reproduzindo a brevidade de Sallustio, na contextura nervosa, a que a obriga, a que a sujeita. Os verbos em Vieira pintam como os adjectivos nas inimitaveis quintilhas do Tolentino.

No meio da rede artificiosa de textos forçados, de conceitos refinados, e de logares communs, adduzidos para espeques do paradoxo, que tão frequentemente deslustra os seus escriptos e orações, quantas vezes rebentam encantadas e coloridas as descripções delicadas, as analogias espirituosas, e as digressões sublimes?

No *Xavier Dormindo*, por exemplo, quem deixará de admirar o rasgo de poesia, a que se eleva subitamente, narrando a navegação do sancto, e pintando na Africa e na Asia cada uma das terras pelos seus attributos, em forma que não desdiz da grandeza epica?!

O ardor, a viveza e a uncção do livro dos Trabalhos de Christo, disputam com os melhores traslados a palma da pureza.

Aquella ingenuidade picante e ornada sem ostentação das Peregrinações de Mendes Pinto, aonde se encontra senão no painel curioso, que nos legou da mais inquieta e occupada existencia?

A sinceridade portugueza, e o termo chão e cheio de singeleza no contar do velho Fernão Lopes nas Chronicas de D. Fernando e D. João I, ás vezes tão maliciosas apezar da simplicidade, quem as não gostará, admirando que em edade rude pudesse tanto a prosa de

uma lingua, que se estava formando ainda?

Barros, Lucena, D. Francisco Manuel, e numerosos outros, justamente louvados nos seculos de maior esplendor das letras patrias, o que têem que invejar á penna dos grandes prosadores contemporaneos da Europa?

No meio de taes riquezas é para deplorar o esquecimento, em que se deixaram caír tantas obras dignas de serem estudadas!

Invadiu-nos a sympathia pelos livros de fóra, e deitâmos para o lado, como se fossem moedas quebradas, os nossos bons auctores, tão intimos no dizer e no sentir com os costumes e crenças portuguezas!

Assustou-nos o ar usado, ou o cunho desmerecido pelos annos de algumas das suas locuções; e procurando o estimulo proprio de appetites embotados, deixamos escapar nas mãos, e ficarem sepultados tantos primores de linguagem, e de erudição, para sem escrupulo nos entregarmos ás leituras ociosas de novellas sem merito, ou ás fabulas e crendices de imaginarias viagens, que ordinariamente tomam do que nós desprezamos o melhor de seus quadros!

O nome de classico atterra a indolencia, e faz enfiar os distrahidos. Julgam pelo fastio de alguns titulos que pende o somno das largas paginas das chronicas monasticas, dos tractados theologicos, e das jornadas e miscellaneas, em que se entretinham nossos avós, e que encerram sob pezadas apparencias mais galas e instrucção, do que muitas das lustro-

sas superfluidades, em que se perde o tempo, se deprava o gosto, e, em vez de se confortar o espirito, se amollecem e envenenam os principios da moral.

Não somos dos que preferem o antigo só pelas datas; nem dos que tentam a resurreição absurda dos usos e estylo do passado. Os tempos não voltam; e se ha motivos de queixa para allegar hoje, não houve menores queixumes contra os que estão mais longe. Sobram os testemunhos.

A verdade entre os extremos é mais facil de achar.

Representam as lettras a genealogia intellectual de uma nação; e triste d'aquella que engeita os seus brazões, porque os não conhece!

Desligando-se das saudades e do orgulho das glorias anteriores, baixando os olhos para as grossuras rasteiras dos interesses physicos, pode contar por dias a existencia. Perdido o amor do berço, não espere do coração nenhum dos nobres impulsos, com que tantas vezes renascem de si mesmos os povos prostrados.

O que censurâmos é o aborrecimento injusto do que chamam velho, e a cegueira por tudo o que louvam de moderno!

Todos os seculos apresentam bellezas e defeitos, e em todos não falta que escolher e regeitar.

O Ariosto e o Tasso lêem-se depois de Chateaubriand e de Byron! Machiavel, ou os historiadores antigos de França consultam-se apezar dos trabalhos de Thierry e da recente)

eschola. Cantú não depoz os seus predecessores. Guizot não trancou as estantes de historia philosophica nas grandes livrarias. Gibbon não dispensou o estudo dos auctores, que lhe serviram de fonte; nem as copiosas obras sobre gregos e romanos proscreveram Tacito, Sallustio e Cicero, ou Thucydides, Xenophonte e Polybio!

Tudo se concilia e aproveita. Pode empregar-se uma hora em Fernão Lopes, e outra com Fr. Luiz de Sousa sem injuriar a fama de Schaeffer, ou a reputação de Victor Hugo. As aventuras de Fernão Mendes Pinto, pelo menos, valem as de Alexandre Dumas, de París a Cadiz! As viagens de Fr. Pantaleão d'Aveiro, do padre Manuel Godinho, e de varios peregrinos á Terra Santa, e a diversos logares, não prejudicam, antes incitam á leitura do itinerario de Chateaubriand, e da jornada de Lamartine, e das averiguações de Michaud e Poujoulat. São cousas distinctas!

Porque se ha de pois fugir do commercio dos poetas e prosadores das epochas notaveis da nossa illustração, recebendo atrazado e impuro o que ellas nos offerecem corrente e limpo? Porque se ha de ler tanto em francez, e tão pouco em portuguez?

Como se explicará o conhecimento do mais obscuro auctor de París, e a quasi absoluta ignorancia dos nomes distinctos dos nossos sabios, dos nossos oradores, e dos nossos poetas em verso e prosa; porque os houve na toga, nas armas e no claustro?

Não lancemos só a culpa ao gosto publico O mal reside na direcção geral do ensino. Separados dous ou tres auctores classicos, nas aulas não entram outros. Os compendios, os exemplos, e as citações tiram-se quasi sempre dos estrangeiros, e desde os annos tenros não ha quem nos desperte a curiosidade, e nos faça amigos e familiares dos escriptores portuguezes, como nos affeiçoam, desde a puericia, a Horacio e a Virgilio.

Camões e poucos mais, por excepção, escapam da sentença de desterro. O resto descansa, coberto de pó, nas estantes, e apenas é procurado por um ou outro amador, que lhe sabe avaliar o merecimento!

O modo de combater este erro nocivo, já um pouco modificado, (visto que não é possivel formar de repente a historia litteraria que nos falta) consiste em ir descrevendo por capitulos, (e quando o permittam as forças por monographias) as epochas e os engenhos distinctos, que mais preponderaram n'ellas.

Não ha outro meio de resgatar do desuso muitos primores, que não se apreciam por não se conhecerem

Se um dia se conceber o systema da instrucção classica, ou antes a educação litteraria em bases menos restrictas, um curso sobre o estado e progressos da litteratura portugueza nos differentes seculos, similhante ao que Villemain emprehendeu em França, creando um livro espirituoso e estimado, será lido nas escholas superiores das duas capitaes;

e outros mais resumidos nos diversos lyceus das provincias.

Até lá, e em quanto se disser que não chegam as rendas publicas, resignemo-nos a colligir e apontar os subsidios necessarios; porque, cedo ou tarde, as verdadeiras reformas hão de prevalecer.

E' n'este sentido que nos propuzemos desenhar alguns vultos, que mais sobresaíram na republica das letras; demorando, ou correndo o lapis, segundo a noticia que se obteve dos auctores, e tambem conforme a importancia e influencia demonstrada, que exerceram no adeantamento da civilizacão em Portugal.

Com isto não nos obrigamos a manter a serie chronologica, nem a mais do que pedem modestos ensaios biographicos.

II

Manuel Bernardes nasceu de paes honrados, na cidade de Lisboa aos 20 de agosto de 1644.

Seu avô materno, João Bernardes, avaliador do fisco real, e cavalleiro da ordem de Christo, foi sobrinho de um dos moços da camara de Filippe IV, chamado Antonio Leite Pereira, cavalleiro fidalgo e familiar do sancto officio.

Da parte de seu pae João Antunes, a geração do distincto prosador, não sendo tão luzida, não era por isso menos limpa.

Quando a Providencia os abençoou, concedendo-lhes successão, os dois esposos viviam com decencia e dispunham dos meios necessa-

rios para cultivaram as felizes inclinações, que seu filho desde os tenros annos principiou a revelar.

Seguindo os louvaveis costumes de então, administrou-se o baptismo de Manuel Bernardes sete dias depois de nascido, na egreja de Nossa Senhora do Loreto, e um dos seus biographos assevera, que, depois de derramadas as aguas da remissão, não houve nunca sentidos mais abertos para a clara percepção de todas as cousas do mundo presente e futuro!

E foi assim. A virtude da indole unida ao vigor do engenho, compuzeram um sujeito digno em tudo do respeito que inspirava, e da grande acceitação dos sabios estranhos e naturaes, que elogiaram á porfia a serena luz da sua alma, a desenganada renunciação das cousas mundanas e o sabor e uncção dos seus escriptos. A intelligencia madrugou em o favorecer. Desde os rudimentos começou a manifestar o que havia de ser.

Os seus estudos da ligua latina, então severissimos, correram com applauso dos mestres, que não se cançavam de admirar a facilidade com que percebia tudo, buscando de proposito as duvidas e os pontos obscuros, só pelo gosto de os desatar!

Quem versou os auctores romanos, e, vencido o enfado das aulas e das construcções litteraes, chegou a travar com elles conhecimento intimo, unico meio de apreciar os seus thesouros, sabe e confessa o poderoso auxilio, que podem communicar aos que estão no

caso de transportarem as riquezas de um idioma para o outro.

Muitas das elegancias de Vieira, de Camões e de Fr. Luiz de Sousa procedem das paginas de Tacito, Sallustio e Virgilio. Do sal picante de Horacio, posto que impossivel de refinar em outra lingua, encontram-se uns longes em mais de um poeta nosso, ou prosador, apurando o conceito na concisão, ou cinzelando com elegancia a phrase.

Ainda hontem Carlos Nodier, nas ultimas advertencias sobre a pureza do francez, aconselhando a maneira de o manter ornado e casto, encerrava todo o segredo na practica de lêr com reflexão, e todos os dias algumas folhas das obras de Cicero, e dos bons auctoros romanos!

E' o que faziam os nossos classicos; e por isso tantas vezes lhes saltam dos bicos da penna as malicias joviaes do grande lyrico, amigo de Mecenas, o nervoso traço de Tacito, e a rapidez de Sallustio. Tito Livio e Marco Tullio tiveram tambem admiradores e sectarios zelosos: João de Barros e Vieira! cada um d'elles em sua provincia, provaram a familiaridade e o amor com que os frequentavam.

Nada tão injusto como a especie de desprezo, em que por algum tempo deixaram caír as letras latinas. Aquelles modêlos eternos pelo proprio valor, e porque nos conservaram imitado muito do que produziram as grandes epochas da Grecia, não se desterram

da estante sem perdermos copiosos e agradaveis subsidios.

Os primores dos modernos são de outro genero e não supprem os antigos; a idéa n'elles se acaso sobe mais, e o sentimento allumiado dos clarões da religião catholica, se porventura vê o dôbro além do que alcançavam os Tibullos e Propercios, (embora um d'estes na elegia adivinhasse a melodia christã), cedem sem combate possivel ao esmero e cuidado do lavor, á linha subtil, e ao disvelo e correcção do todo, e das partes, que asseguram aos livros e poemas de Roma e da Grecia, quanto á fórma, inimitavel e completa superioridade. E em verdade era preciso que a sua belleza seja insigne, para não ficar desvanecida, e resistir ás novidades e transformações do mundo, e á continua acção dos seculos, gastando paginas abertas em linguas mortas!

Examinando as obras do padre Bernardes descobre-se, que elle colheu muitas das flores, que as enfeitam, na aturada convivencia dos mestres latinos, formando pouco a pouco o estylo na apropriação das galas, e delicadezas que por analogia podiam naturalizar-se. N'este commercio com os mais elevados engenhos da civilização antiga, redobrou as forças, retemperou o genio, e aguçou as faculdades, não sacrificando, o que importa sempre salvar, a indole original da lingua e do escriptor.

Estas eram as vantagens da applicação paciente, e do uso quotidiano dos livros classi-

cos. Hoje lastimam-se os mezes empregados em saltear alguns capitulos dos prosadores, e alguns cantos dos poetas!

Se a instrucção, regulada pelas inclinações e estado das pessoas, fugisse dos extremos, e procurasse mais o util e o verdadeiro, seria diversa a maneira de dirigir o ensino, e maior o proveito d'elle.

Aos que se destinam ás artes fabris sobejam os rudimentos, que, não chegando para saber, de nada servem para as occupações que seguem. Os que se destinam a pizar as carreiras litterarias e scientificas, com dois annos escassos de latim, não ficam em circumstancias de entenderem mais do que os compendios! Para uns é de mais, para os outros não basta!

Um curso extenso, feito com escolha, e regido com boa critica, era uma necessidade para a firmeza dos conhecimentos, e para o desenvolvimento do gosto; sendo possivel, e até facillimo entrelaçal-o com a frequencia das disciplinas, que entram na educação classica, e essencialmente dependem da construcção latina.

No seculo 17.º era outro o systema, e não espanta, que os fructos correspondessem. Manuel Bernardes, Vieira, Sousa Macedo, e todos os engenhos elogiados cultivaram as grandes disposições, reveladas desde a puericia, nas aulas dos professores, que não reputavam mal empregado o tempo, que se applicava á interpretação dos auctores romanos. Quando

passaram a estudos superiores já iam armados do valioso cabedal para atravessarem os passos escabrosos sem tropeço. Foi cousa simples exprimirem-se correntemente na lingua de Scipião; e se não attingiam a graça e a fluencia ciceronica do bispo Osorio, nem eram como elle tão perfeitos imitadores, que fosse custoso discernir a copia do modelo, debaixo da sua penna o idioma da capital do universo nunca padeceu injuria, antes foi sempre festejado e applaudido.

Concluidos os estudos latinos, Bernardes cursou a philosophia, não como hoje os trabalhos das differentes escholas a têem apurado, mas como se aprendia n'aquelle seculo propenso ás subtilezas e argucias de palestras nebulosas, intrincadas e sophisticas.

Entretanto o abuso da disciplina encerrava certas vantagens. O juizo afiava-se, o espirito adelgaçava, e a attenção, costumada a assistir sem desmaiar a enredados problemas, podia melhor com as emprezas laboriosas. Era uma como esgrima intellectual, d'onde o engenho se recolhia mais agil, adestrado e sabedor de todas as suas posses.

O exemplo vivo do bem e do mal, que envolvia o methodo, acha-se particularmente em Vieira.

O que desfeia as suas obras, o amor exagerado da novidade na concepção e na exposição; a queda repetida para o paradoxo, e a rede embaraçada de conceitos, e de brincados pueris, pertencem mais á epocha do que ao escriptor.

Aquelles defeitos usavam-se no estylo como os signaes, os donaires, e os riçados altos, se empregaram por moda, desfigurando a physionomia, e as proporções do corpo. O que não tinha sabor de artificio e de elegancia violenta, julgava-se inferior á fama de um auctor notavel, e, mais ou menos ferido, ninguem se eximiu d'este contagio!

O aproveitamento de Manuel Bernardes consta das suas obras. Percorrendo-as encontram-se os documentos a cada passo.

Por entre o labyrintho de formulas escholasticas, e as agudezas exteriores ha paginas cheias de agrado e substancia, nas quaes o raciocinio e o saber se ligam vigorosamente.

De certo é preciso vencer o enfado de muitos logares communs, e cansar a attenção por muitas voltas, que hoje reputamos amaneirados trocadilhos; mas no meio de toda esta pobrissima riqueza empregada sobre posse, sobejam as provas da gentileza e a elevação do seu engenho!

Aonde o auctor se desvia do termo vicioso da epocha, e não cuida de arrebiques postiços, a graça, e o sabor natural do estylo, e da indole litteraria, correndo com a penna desaffectada, de ninguem são excedidos na pureza, concisão e energia.

Quando narra, pinta; quando sobe ás idealidades, e se suspende sobre o tenebroso vacuo das especulações arrojadas, poucos como elle levariam o vôo tão sustido e tão ligeiro, não se remontando a tanto que desapparecesse,

nem descaíndo nunca das nuvens até ao chão!

Mestre em philosophia, graduado pela universidade de Coimbra, applicou-se logo ao direito pontificio, grangeando n'elle os maiores creditos, e preparou-se com a distincção dos seus estudos para a frequencia da theologia, na qual obteve grandes applausos, que citam os seus biographos.

Depois de se ordenar, o bispo de Vizeu, D. João de Mello, movido pela fama, que de Coimbra chegava já a todo o reino, designou-o para seu confessor, e quiz que o ajudasse a trilhar com menos perigo a espinhosa estrada, em que é facil, com o pezo das obrigações, errar-se o caminho, ou caír de todo.

Mas os costumes do mundo repugnavam ao padre Bernardes; apenas entrado na carreira suspirou pela solidão. Como presbytero, desatando-se dos primeiros laços tinha adeantado um passo largo para ella. Agora o seu desejo ardente era sacudir o encargo dos negocios, voltar costas aos cuidados, e metter-se na sombra de um claustro, onde, em paz comsigo e com os homens, pudesse dedicar a vida ao estudo e ás devoções.

Pouco decisivo por genio, e bastante demorado nas resoluções, dispoz-se de vagar, sondou os diversos institutos religiosos, comparando-os, e meditou sobre a escolha. Preferiu a final a congregação do Oratorio, recentemente introduzida no reino por Bartholomeu do Quental; e na edade de trinta annos, satisfazendo aos votos da sua alma, vestiu a rou-

peta, e descansou no porto, tantas vezes appetecido.

A congregação, já n'esse tempo era o que sempre foi até aos ultimos dias; um seminario fecundo em varões doutos, ajustados na vida, e irreprehensiveis na reputação. Em nenhuma das outras se cultivaram as artes e sciencias com mais lustre, nem se aponta maior, ou egual numero de sujeitos verdadeiramente dignos de elogio.

A sua extincção causou perda sensivel ás letras e ao ensino, não havendo pretexto, mesmo utilitario, que a desculpe.

Desde os rudimentos das humanidades, como observa o sr. Castilho, até aos cumes da eloquencia, da historia, da theologia, e das sciencias physicas e naturaes, tudo se estudava com ardor, e tudo se conhecia até aos ultimos progressos. As bibliothecas, e as escholas fundadas por ella, e as academias, que ornou de professores conspicuos, abonam a profundidade varia da sua doutrina. Foi sempre alli o retiro dos homens desenganados, amigos dos livros, e tementes a Deus. De portas a dentro o erudito encontrava á mão, e promptos, sobre qualquer assumpto, as obras e os mestres necessarios, a conveniente censura, e o merecido louvor. Grandes nomes attestam os serviços prestados á civilização pelos congregados, e os fastos do Oratorio encerram, elles sós, mais padrões de gloria, do que a enfezada existencia de outros corpos collectivos menos modestos, e mais apparatosos.

Trinta e seis annos viveu Manuel Bernardes na sociedade dos que eram seus irmãos no habito e na inclinação das lettras, sempre occupado em estudar, escrever, e cumprir os deveres do instituto. Pontual e exemplar nos exercicios devotos, e gastando n'elles o mais do tempo, austero sem demasia com os outros, como director de consciencias, na aula, no confessionario, e no pulpito brilhou pelo calor e luz, que deu por titulo a um dos seus melhores tractados, e com que resplandecem tantas paginas excellentes das suas obras.

Egual e serena a sua existencia correu sem alteração até aos dois ultimos annos, que foram os primeiros da sua morte.

O dia de hoje nascia para elle similhante ao dia de hontem, e se lhe faltaram os lances, e as peripecias na grande scena do mundo, de que foi tecida a vida do padre Antonio Vieira, tambem poupou a inquietação do espirito, as murmurações, e o ingrato esquecimento, que atribularam até á derradeira hora o famoso jesuita, mais lembrado das vaidades do seculo algumas vezes, do que parecia permitir a humildade e abnegação da roupeta de Sancto Ignacio.

Manuel Bernardes não alcançou a provecta edade, e não teve a consolação de acabar, como Vieira, senhor das suas faculdades.

O entendimento n'elle falleceu primeiro do que o corpo. Apagou-lhe Deus quasi de re-

pente o formoso engenho e a intelligencia, que tantas verdades ensinaram, e tantos vicios castigavam!

Anoiteceu-lhe o espirito estando sem lesão sensivel; e mais de vinte mezes padeceu, desterrado de si mesmo, e com o talento em trevas, aquelle que fôra luz brilhante da Egreja e da moral!

A principio sentiu só as faculdades entibiadas, e ainda chegou a conhecer que uma nevoa espessa lh'as ia toldando a pouco e pouco. Desconsolado, mas com a vontade sempre firme, redobrou no fervor das practicas religiosas. Depois, foi-se retirando gradualmente a claridade intellectual, até a razão ficar totalmente ás escuras, e os superiores viram-se obrigados a prohibil-o de celebrar. Degradado do exercicio das ordens, chorou, rendeu-se, e a final succumbiu.

Eclypsadas as idéas mais nobres, e com pequeno intervallo depois as mais communs, via e ouvia sem entender, nem conhecer! O mundo passava por elle como elle passava para o mundo.

A cellasinha em que habitava o amortecido velho, era como um sepulchro. Livros fechados e inuteis, manuscriptos incompletos ao pé do tinteiro secco e da penna mirrada, uma phrase eloquente, deixada em embryão talvez, e deante de tudo isto, e sem o comprehender por espaço de dois annos, com o mesmo traje, com o mesmo rosto, ainda com mais cans, o homem a quem todos invejaram, de quem

todos aprenderam, fechado sobre si como um livro de sete sellos !?

Esta bella descripção de um seu biographo moderno, o sr. Castilho, (cujo escripto nos ministrou valioso subsidio) pinta com vivissimas cores tudo o que tem de triste, de instructivo e de doloroso a cruel enfermidade que o assaltou. Para homem de fino engenho, e de elevada intelligencia, descaír assim da mais alta esphera, perdendo-se de si mesmo, encerra o maior dos supplicios, é um martyrio de fazer tremer!

Por fim, a 17 de agosto de 1710, acabou de penar; e os seus restos mortaes foram sepultados na antiga casa do Espirito Sancto, d'ahi a quarenta e cinco annos arrasada pelo terramoto, e substituida, no mesmo logar, pela egreja riscada por Ludovice filho.

Hoje, sobre a terra em que os seus ossos descansaram, levanta-se a frontaria da propriedade do sr. barão de Barcellinhos: aonde se repartia ao pequenino o pão da alma e da intelligencia, armam-se as mezas de uma hospedaria, e cruzam-se os ruidos e ociosidades da vida profana!

Qual dos dois terremotos seria maior? Aquelle cujas ruinas o marquez de Pombal reparou, ou o que nós fizemos, e não queremos reparar no que merecia emenda e restituição?

III

A reputação das obras de Bernardes tem levado tempo a estabelecer, e ainda hoje não é tão geral como pediam os merecimentos do escriptor.

Procede a culpa da natureza e volume dos seus tractados e da repugnancia com que os mais intrepidos mesmo recúam deante da espessura cerrada de largas paginas de argumentação escholastica e theologia ascetica, cortadas a cada momento de citações latinas e de invocações dos sanctos padres.

Para alcançar as riquezas que encerram é preciso sacrificar primeiro a paciencia á fadiga de desbravar e n'esta parte a curiosidade de ordinario cansa antes de chegar ao termo.

A collecção dos livros compostos pelo sabio congregado sobe a dezenove tomos, e sem receio de sermos desmentidos podemos affirmar, que é tão difficultosa de reunir, como difficultosissima de ser lida inteira. Bastam os titulos para o mostrar.

O sr. Castilho prestou ao auctor, pouco popular, e ás letras patrias relevante serviço de separar em todos os generos os melhores excerptos apresentando-os despidos da aridez, que no texto os rodeia e escurece.

Os primeiros volumes da *Bibliotheca Classica* offerecem as flores e galas do estylo de

Bernardes, e não omittem um só aspecto importante do seu talento.

Desgraçadamente este nobre empenho de tornar vulgares as bellezas dos nossos engenhos, logo ao principio do seu caminho encontrou indifferença e a falta de cooperação, com que entre nós se destroem á nascença os projectos uteis e as idéas fecundas.

Se nas aulas houvesse direção conveniente e illustrada ha muito, que estaria encarregada pessoa habil de ordenar um compendio de leitura, em que entrassem os trechos mais formosos e agradaveis dos livros de Bernardes, de Vieira, de Barros, de Fr. Luiz de Sousa, e de tantos outros dignos de andarem nas mãos da mocidade, e de lhe encaminharem o gosto desde os annos tenros.

Um trabalho seguido com reflexão, e regrado pelo excellente modêlo das licções de *Pascal e Noel* ainda está por fazer, e é uma vergonha nacional, com tantos thesouros, que não só esteja feito, mas que nem lembrasse!

Desde a simples leitura até ás disciplinas, antigamente denominadas humanidades, quem sufficientemente conhecer as preciosidades, de que dispomos, tem d'onde escolha á larga desde as singelas narrativas até aos rasgados vôos da prosa poetica e do verso legitimamente verso; desde a anecdota historica com o fino sal, a que sabe na penna de Vieira e do Bernardes, até ás viagens e ás scenas guerreiras e maritimas de Godinho, Fernão Mendes e João de Barros.

Sendo apto o collector, e o seu zêlo feliz, duvidâmos que appareça exemplar estrangeiro, capaz de disputar a primazia ao que podiamos facilmente expôr.

Apreciar n'um juizo desapaixonado e claro as qualidades que revelam as obras de Manuel Bernardes assevera o sr. Castilho (e é exactissimo) ser empreza ardua, e pouco de contentar.

Effectivamente, postos de parte os louvores exaltados da censura official, e chamada á lide a razão e o gosto, a difficuldade cresce, e poucos subsidios socorrem a crítica entregue a si.

A natureza dos assumptos, o pezo das formas escholasticas, e os defeitos usuaes da epocha ainda a carregam de mais obstaculos.

Depois, n'este escriptor, ha a attender o periodo da publicação.

As primeiras obras n'elle são as optimas, e as segundas melhores do que as ultimas, salvas (é de ver) as excepções que devem guardar-se.

Convem considerar, que o auctor cegou das faculdades mentaes antes de poder accurar e corrigir os escriptos que ía compondo, e reservava a derradeira lima. Não admira pois, que não lhe saíssem primorosos, como os que acompanhou até á estampa, e cuidou com maiores disvelos.

E das que lhe ficaram sobre o bufete ha ainda a separar as que se acharam quasi promptas das que destinava a passarem por apertado exame.

Por isso não duvidâmos admittir a classificação do sr. Castilho, porque junta á perspicacia o fundamento mais rasoavel.

Só foi dado a poucos fundirem de um jacto a estatua perfeita; e o que em contrario nos assegura a historia litteraria dos grandes mestres assás o comprova.

A prosa e o verso, que mais realçam pela naturalidade, e que figuram caírem sobre o papel sem esforço e da primeira vez, sabe quem não é novo nos segredos da composição, o muito que custaram a ornar d'aquella graciosa singeleza.

O artificio mais delicado é o que occulta a todos o artificio.

Quem ler as bellas paginas do *Telemaco* ha de cuidar, pela simplicidade que inspiram, que as concebeu e exprimiu o auctor sem voltar atraz; e entretanto ninguem ignora as emendas e transformações a que Fénelon as sujeitou até as reduzir á forma que hoje têem.

Os livros de Fr. Luiz de Sousa, que parecem fundidos de uma vez, denunciou-nos o autographo dos *Annaes de D. João III*, o trabalho que lhe pediam; e a *Nova Heloisa*, que aturada lima não soffreu para ficar no que hoje é!

Quanto mais natural o estylo corre, tanto maior fadiga suppõe no escriptor para o purificar de obscuridades, e gastar de asperezas. A affectação é menos difficultosa do que a verdade.

Virgilio e Horacio não chegaram á altura a que subiram senão pela pausa e esmero com

que escreviam. Não se demoravam só no risco e no plano das suas obras; buscavam o primor e a graça. O desenho da phrase, a viveza da pintura, e a collocação das imagens não lhes mereciam menos do que o todo. Conheciam que da boa symetria das proporções e do acabado de cada membro procede a perfeição, e por isso de cincoenta versos apuravam sete ou oito.

Perguntassem ao Tolentino, se as imitaveis quintilhas, aonde vive toda a jovialidade da musa satyrica, rindo sem fel com a physionomia mais portugueza, lhe saíram feitas de um lanço, ou se á reflexão e á critica deveram a propriedade das palavras, a certeza do traço, e a finura das pinturas?

Isto que se nota nos bons auctores não é arrojo presumir-se em um prosador como Bernardes, affeito a vestir qualquer episodios das galas proprias, e dextro em variar de tom e de côres á medida, que lhe passavam pela phantasia os quadros mais oppostos de que se havia de valer.

Contar como elle, descrever como elle descreve, subir ás nuvens da meditação extatica e embevecer-se na contemplação, e um instante depois baixar de subito, e retratar as malicias da politica, ou embrenhar-se pelos labyrintos da erudição, não se consegue sem grande vigilancia, sobre si mesmo, e sem immensos poderes de crítica e de saber.

A anecdota narrada pelo abbade Barbosa Machado (a pag. 194 do 3.º volume da *Biblio-*

theca Lusitana) não a recebemos senão como tradição e para não a acreditarmos em todo o sentido, julgâmos que sobeja a simples leitura de um dos tractados de Bernardes.

A modestia espiritual do varão exemplar não carece do facto para sobresaír, e duvidâmos que o desprezo de si mesmo chegasse ao desamparo das obras, com que por obediencia religiosa procurou encaminhar os homens.

Barbosa Machado era propenso a receber sem criterio todas as informações, e a inseril-as no corpo das suas biographias com gual facilidade.

Vejâmos o que elle diz: «Para que não dominasse a vangloria, sendo naturalmente discreto e elegante, affectava explicar-se por termos humildes. Tão vil conceito formava do seu talento, que nunca compoz obra alguma das muitas, com que guiou as almas para a eternidade senão obrigado do preceito dos superiores, e, depois de escripta, não a revia e emendava; e se acaso a ouvia ler, se affligia excessivamente.»

Contra estas asserções peleja a evidencia, que logo salta aos olhos na leitura de qualquer das paginas do eximio prosador. A pureza e a propriedade respirando n'ellas attestam a reflexão e o cuidado com que as castigava.

Para escriptos mysticos viverem como vivem os de Bernardes, é necessaria que a perfeição do estylo alegre a severidade do assumpto; e o estylo não se apropria com tanto es-

mero senão á custa de diligencia summa e de lima infatigavel.

Foi esta a opinião dos maiores sabedores; e em quanto se falar e escrever o portuguez, ha de ser sempre a de todos os que prezam as nossas letras, e estão no caso de apreciar as posses da lingua e as suas difficuldades.

Em Bernardes os defeitos pertencem á epocha, ao passo que as elegancias e bellezas nunca envelhecem.

Posto que distincto do padre Vieira no gosto e nas formas, tem grande analogia com elle n'esta parte. Ambos possuiram o dom da correcção unido á graça; por isso o voto do jesuita, como crítico e em materia tal, representa a maior auctoridade em abono das obras de qualquer auctor.

Quando Vieira affirma de um escriptor o que geralmente se crê que assegurou ácerca de Bernardes, as provas estão tiradas, e pouco resta a accrescentar.

O sr. Castilho, referindo-nos o juizo do famoso orador n'aquelles momentos supremos em que o coração, despido de vaidades, sente e não disfarça a verdade, ganhou para a causa do douto congregado o testemunho mais valioso. Accrescem a occasião e a hora que ainda lhe augmentam a significação.

Eis como o cantor da *Primavera* e dos *Ciumes do Bardo* expõe o facto: «Corre em tradição, que achando-se este preclarissimo ornamento da sua patria (Vieira) já em artigos de morte, na cidade da Bahia, no anno de 1697 e

percebendo que entre alguns dos circumstantes se estava em baixa e sentida voz encarecendo o desamparo e viuvez, em que se ficaria a lingua portugueza, esforçando os ultimos alentos, mettêra inopinadamente a mão na pratica dizendo: «Em quanto vivo fôr o meu padre Manuel Bernardes, ninguem se amesquinhe por esta formosa lingua! Que testador, que herdeiro, e que herança!»

Depois de Vieira, os academicos incumbidos da composição do diccionario da lingua devem ser ouvidos e merecem-o. São juizes competentes, e das sentenças que proferiram poucas foram annulladas. Oxalá que tão bello e gigantesco trabalho não parasse logo acima dos primeiros alicerces!

No catalogo de auctores e obras, com que auctorizaram o diccionario, tractando de Bernardes, os eruditos investigadores explicam-se d'este modo: «Uma piedade solida, o zêlo mais efficaz do aproveitamento espiritual do proximo, copiosa erudição profana e sagrada, um estylo luminoso, nobre, e sempre constante, a belleza e vivacidade da expressão constituem os escriptos todos d'este insigne mestre de espirito, merecedores de universal apreço, pelo serviço que prestam á religião, e pela dignidade, interesse e calor, com que n'elles, com variedade e riqueza, se tractam as doutrinas asceticas. Entregue de contínuo á sua contemplação, de modo se eleva, quando d'ellas fala, que, arrebatando comsigo o leitor, não só lhe communica luzes superiores, mas

aquelle mesmo fogo, de que sua devota e fervente alma se achava penetrada.»

«Os *Exercicios Espirituaes*, o tractado com o titulo de *Luz e Calor*, *Meditações sobre os principaes mysterios da Virgem Santissima Senhora Nossa*, são, com especialidade, producções, em que a elegancia, a profundidade, a uncção, e a força se acham de maneira entre si connexas, que não deixam logar a distinguir-se qual é, entre tantas excellencias, a que mais sobresáe. Tudo é alli egualmente proprio a instruir e a inflammar. Dirige com prudencia, convence com efficacia, move com suavidade, e ás vezes em o sublime transporta os animos, que tanto afervora no amor da virtude, como illumina no exercicio da pura e bem entendida devoção. E ainda que estas e as demais obras suas se dirijam simplesmente a tão importante fim, á conta d'isso mesmo, são, como deveram ser todas em qualquer genero, trabalhadas com cuidado, delicadeza, correcção e energia; e o auctor, não só deve estimar-se qual na verdade é, um dos maiores escriptores mysticos, mas tambem um exemplar polido e eloquente da boa linguagem e elegante phrase portugueza. No seu estylo, cheio de imaginação, nenhum termo, por vulgar que seja, é destruido de alma, decoro e vehemencia; e quando alguma expressão, que parece familiar, se ajunta á grandeza das suas idéas, ou serve de lhe accrescentar vigor, ou de as tornar assim mais sensiveis e faceis á comprehensão universal.»

Finalmente Francisco José Freire nas suas

Reflexões sobre a Lingua Portugueza, a pag. 14 e 15 do I volume, escreve tambem um juizo menos falso, e mais sisudo do que muitos dos que se lêem na sua obra, para a qual mais lhe sobrava de certo a boa vontade, do que o soccorreram as forças.

«O padre Manuel Bernardes, (diz Candido Lusitano), filho do instituto do veneravel padre Quental, injustamente não hombrêa com os classicos do seculo passado, sendo um acerrimo imitador de Vieira; mas tempo virá em que a crítica mais recta lhe dê logar merecido, quando este auctor já não passar por moderno. Para esta distincção bastará observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não conhece tanto a lima da purissima locução, e (digâmos assim) o verniz da elegancia que só tem por legitima a linguagem portugueza. As suas *Meditações sobre os Novissimos do Homem* immortalizam a sua penna, ennobrecem a lingua, e honram a congregação do Oratorio, da qual foi exemplarissimo filho.»

Freire não tinha o fino tacto necessario para bem julgar das qualidades de qualquer obra. N'elle o espirito não acompanhava os esforços da vontade; por isso de ordinario vê pouco e mal, e, enganando-se como crítico, facilmente induz em erro os que o seguem sem precaução.

Esta observação do sr. Castilho deve repetir-se para atalhar o perigo de deixar correr sem correctivo um livro que os menos acaute-

lados poderiam receber com plena confiança, sobre tudo não sendo advertidos.

O sr. Cunha Rivara, quanto da sua parte estava, procurou melhoral-o, ajuntando-lhe judiciosas e instructivas reflexões, que attestam profundo conhecimento e lucida apreciação do assumpto; mas assim mesmo não cabia nas suas posses, nem nas de ninguem, curar o mal pela raiz sob pena de fazer uma obra nova e diversa a todos os respeitos.

Na breve noticia dada por Freire ácerca de Bernardes ha grandes verdades a par de grandes inexactidões.

Se acerta, quando assegura que é injusto não se equiparar o auctor da *Luz e Calor* aos classicos do seculo precedente, desvaira logo adeante, quando só vê em Bernardes o acerrimo imitador do padre Vieira, e quando antepõe as *Meditações sobre os Novissimos* ás *Florestas*, pondo estas inferiores ás outras obras, e censurando-as de pouca lima e de faltas de verniz e de elegancia!

Quem percorrer os volumes do douto congregado não carece de largo exame para se convencer do nenhum fundamento d'estas duas opiniões.

Nem encontra na côr do estylo a copia da phrase de Vieira, nem acha justificada a condemnação das *Florestas*, que pelo contrario (a nosso vêr) formam o mais aprazivel e trabalhado livro de Bernardes. A comparação dos dois mestres da lingua, e a classificação das

obras de Bernardes não se fazem de leve, nem se resumem em tres linhas escassas.

Os dois engenhos são tão distinctos e oppostos na indole e applicação dos poderes intellectuaes de que foram dotados, que parece incrivel que Freire os confundisse figurando o jesuita como exemplar eterno e invariavel de Bernardes, e asseverando que ao auctor das bellas paginas da *Floresta*, do *Estimulo Pratico*, e das *Meditações sobre os Novissimos* faltava o cabedal preciso para compor as tintas e afinar as scenas que nos offerece com variado primor.

Negar-lhe a individualidade do estylo, que é o *eu* do escriptor, não seria, caso a sentença fosse justa, infirmar na maxima parte os elogios que lhe dirige? Sem originalidade propria, e arrastando a phrase escrava atraz da imitação de outra phrase, que energia verdadeira podia ter a lingua na penna de Bernardes?

Candido Lusitano não percebeu que uma das suas proporções matava a outra; e que não devia collocar o congregado ao lado dos classicos do seculo dezeseis, se era exacto que o seu merecimento se limitava todo á acerrima imitação do estylo de um contemporaneo seu. Felizmente a boa crítica diz outra cousa; e entrando no estudo mais íntimo das prendas e defeitos do prosador theologo, provaremos, que nas bellezas e nas sombras foi egual a si, e a ninguem deveu.

IV

A reputação dos escriptos de Manuel Bernardes, como notámos, foi por muito tempo inferior ao seu merecimento.

Uns não o conheciam, outros conheciam-n'o mal; e para isso concorreu o genero a que se dedicou.

Era necessario algum valor para abrir aquelles volumes asceticos e theologicos, e para vencer o susto, que a severidade dos assumptos inspira.

Houve entretanto quem se abalançasse a fazel-o e desde esse momento viu-se que as riquezas compensavam largamente a fadiga.

No meio dos labyrinthos de argumentos e de citações, encontram-se a miudo quadros alegres na perspectiva e no desenho.

Aonde menos se esperava descobriram-se oásis cheios de amenidade.

A imaginação achou logares deleitosos aonde descançar. O gosto marcou trechos admiraveis pela viveza e correcção.

A' medida que se progredia, posto de parte algum enfado, foi-se percebendo que a viagem seria mais do que paga pelos thesouros, que encerravam tantas minas virgens; e d'ahi por deante as obras de Bernardes sairam do esquecimento, e pouco a pouco ganharam o conceito devido.

Quem as estudou, e conseguiu familiarizar-

se no seu trato, não póde deixar de repellir a opinião de Candido Lusitano, já citada.

Longe de observar a imitação de Vieira, pura invenção de Freire, observa um estylo rico, mavioso se o objecto o pede, singelo sempre, e accommodado aos pontos sobre que discorre.

Comparados os dois, sente-se logo a immensa distancia que os separa, e o absurdo de estabelecer entre elles falsas competencias, ou analogias.

O sr. Castilho definiu com grande tacto, e resumidamente o que os approxima, e o que os distingue. «Vieira (diz o auctor da *Primavera*) fazia a eloquencia; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o genio; em Bernardes o amor, que, em sendo verdadeiro, é tambem genio».

Ambos eram engenhosos no discurso, puros e esmerados na expressão; eis a similhança. No mais, accrescenta ainda o sr. Castilho, pareciam-se como entre si se podem parecer duas arvores de especies diversissimas!

E é da maior exactidão.

O jesuita, mestre da lingua sem rival, e a muitos respeitos unico, não podia ter com o congregado, senão a affinidade das prendas, que constituem o verdadeiro estylo classico.

Dado aos negocios, e habil em os dirigir amigo de emprezas temerarias, e sequioso de novidades e applausos, debaixo da roupeta pulsa-lhe o coração mundano, e nos mais altos vôos da sua eloquencia vê-se baixar a aguia

das espheras celestes para os cuidados e interesses da terra.

No pulpito não tira os olhos do auditorio. Nas missões tanto olha para os homens como para Deus. Estadista, julga as cousas com a consciencia facil dos politicos; individuo, busca a reputação, préza a influencia, ama a côrte e o favor dos principes, anceia os triumphos e as victorias do talento em todos os circos, e com todas as armas.

Bernardes não. E' o opposto. Alma contemplativa, desarraigada do mundo, e absorta nas regiões mysticas d'onde a muito custo desce, a terra apparece-lhe como desterro, como valle de lagrimas, porque a sua verdadeira patria começa além do tumulo, na immortalidade!

Vivia todo dentro da sua cella sem saudades de mais nada, entre os livros, entregue á meditação e aos exercicios espirituaes.

A vaidade não tinha entrada n'aquelle peito. Sincero e crente, as suas paginas respiram só verdade mesmo quando, por credulas, admittem o erro e o engano.

Se illude é porque o illudiram, ou se illudiu a si.

O que aconselha, e reprehende, brota-lhe da consciencia ; e julgar-se-ía reprovado se acaso sacrificasse o mais leve escrupulo ao desejo de deslumbrar, ou de colher louvores.

Vieira pelo contrario. Nunca se esquece de si; nem dos que o cercam. Se fala recolhido no interior da cella é para dominar com mais auctoridade. Se atravessa os mares e as tem-

pestades, e busca os trabalhos, arrostando com as injustiças e perseguições, leva sempre a vista no que dirá o mundo, e na admiração que grangeia.

Exaltando a gloria de Deus, sustentando os principios religiosos e moraes, e celebrando as prosperidades do estado e as do Instituto de Sancto Ignacio, nunca pode comsigo tanto, que olvide a propria fama, ou que deponha os aggravos, e os jubilos pessoaes.

Nas cartas familiares, onde o homem se revela sempre mais, é facil de penetrar as inquietações, a contradicção perpetua, e a perenne lucta d'aquella alma, de certo uma das maiores de Portugal.

Nos sermões, a verosimilhança e a verdade não o detêem e sobre argucias, e ás vezes sobre puerilidades, arroja a eloquencia, e compraz-se no estrepito dos applausos, arrancados a preço de perigosos abusos de talento, e de ruins exemplos para a religião e para as lettras.

Com opposições taes de indole, de vida e de doutrina como haviam de encontrar-se? O estylo é o homem; e os auctores, por mais que se disfarcem, não são senhores de impedir que a phrase lhes escape, e que as idéas os atraiçoem; sem o quererem retratam-se; um instante de descuido basta para os descobrir.

Sendo tão diversos em que podia Bernardes imitar Vieira? No gosto? Vê-se que não!

Nas tendencias para brilhar pela originali-

dade da invenção, da palavra, e do desenho? Nem sombras!

Na contextura do periodo, no verniz da linguagem, e no cunho da phrase? Nem Bernardes, tão opulento de si, carecia pedir emprestado o que possuia como poucos, nem o exame rigoroso dos seus escriptos auctoriza a conjectura, quanto mais a affirmação.

E' como se dissessem de Vieira que se moldára pelo exemplar de Fr. Luiz de Sousa ou de João de Barros!

Escriptores do vulto dos dois religiosos não mendigam, nem obedecem servilmente. Enriquecem-se pelo estudo, additam os thesouros adquiridos no trato dos bons poetas e prosadores com a convivencia dos doutos, e, depois de seguros das posses, e de conscios das forças, marcam as suas paginas com a expressão particular e pessoal, que é a alma do estylo, e o typo da individualidade.

E em Bernardes o estylo não se confunde, nem revela as indecisões timidas do copista, ou do noviço ao encetar a carreira, pouco certo ainda dos passos.

Nas suas obras predomina o profundo affecto e o vivo imaginar. O jubilo, o terror, a esperança e a serenidade reflectem-se nos seus quadros com a luz propria, na proporção conveniente, e quando o assumpto os chama.

Por mais variados que debuxe os seus paineis nunca mistura as côres, e as gradações não se confundem. Quer suba ás espheras superiores nas azas da contemplação, quer pouse

na terra meditando, quer mergulhe até ao fundo dos abysmos para trazer exemplos espantosos, a natureza e a vida, os prodigios e os horrores, são representados com a propriedade e viveza que a pintura exige.

Nos esbocetos de costumes, as suas narrações tomam uma graciosidade infantil, que enleva. Nas anecdotas prazenteiras acha-se o sal de uma malicia innocente, que é picante, mas não queima.

Não ha assumpto a que não applique, discreto, e com regra, as tintas e o claro escuro opportuno, e que não varie com a maior naturalidade. A sua palheta ministra-lhe toques apropriados a todas as delicadezas e a todas as transformações.

Se de uma vez desejaes admirar os melhores paineis do mestre, collocados em exposição adequada, a *Livraria Classica* do sr. Castilho vol-os offerece, colligidos em sete pequenos volumes, de facil e recreativa leitura.

E' uma galeria de amador, na qual os olhos não se cansam de ver e de applaudir.

Quem estimar as narrativas dramaticas, em fundo historico, encontral-as-ha nas *Maravilhosas Conversões de Philemon e Ariano* (1), extrahidas de paginas 51 do tomo I da *Nova Floresta*, assumpto fecundo, e talhado para convidar a phantasia do romancista. E a par d'este outros quadros egualmente bellos, como *A conversão de S. Pedro Publicano* (2), *Os Se-*

(1) Livraria Classica, vol. I pag. 22. (2) Vol. II, pag. 29.

tenta Conselhos (3), *A Conversão de Sancto Ephrem* (4), e o *Bispo tornado a escravo* (5).

Os que preferem pinturas de costumes não saírão descontentes depois de gostarem, em esbocetos primorosos pela viveza e simplicidade, os trechos intitulados *Gallé dos Mundanos* (6), *Vaidades Femenis* (7), *Arrebiques de Cortezãos* (8), *Cellas de Freiras Levianas* (9), e *Emprego de Tempo* (10).

Além do merito da composição, todos elles offerecem preciosos subsidios aos poetas, ajudando-os a restituirem a physionomia obliterada das gerações passadas.

Nos limites da erudição, propriamente dita, o antiquario achará, os *Pharizeus* (11), os *Banqueteadores* (12), as *Grandiosas Edificações* (13), os *Grandes Homens Pequenos* (14), as *Grandezas de Roma Antiga* (15), não menos dignos de attenção.

No genero engraçado occorrem cheios de agrado os paineis tão finos pela ingenuidade chistosa do *Monge na Taberna* (16), do *Grão Lama* (17), de *Furtar a Ladrão* (18), do *Feitiço contra o Feiticeiro* (19), dos *Oculos Moraes* (20), e da *Velhacaria Sancta* (21).

(3) Vol. III, pag. 73 (4) Vol. III, pag, 146. (5) Vol. III, pag. 133. (6) Vol. I, pag. 103. (7) Vol. I, pag. 108. (8) Vol. IV, pag. 49. (9) Vol. V, pag. 24. (10) Vol. VI, pag. 134. (11) Vol. I, pag. 6. (12) Vol. II, pag. 69. (13) Vol. II, pag. 82. (14) Vol. III pag. 107. (15) Vol. V, pag. 25 (16) Vol. I, pag. 12. (17) Vol. I, pag. 138. (18) Vol. II, pag. 5. (19) Vol. III, pag. 82 (20) Vol. IV, pag. 71. (21) Vol. V, pag. 17.

Parece-vos já a variedade infinita, e o desempenho cabal? Observae mais, e com pausa, e depois direis!

O mesmo pincel, que vos trouxe enlevados do maravilhoso para o comico, e da gravidade archeologica para a intimidade familiar dos costumes, depressa, mudando as cores, e transformando-se, ensaiará novos e mais arduos assumptos.

Querereis singeleza amoravel, e uma graça toda innocencia e mimo? Olhae, e achareis a *Castidade de Sancta Ermelinda* (22), *Os Dois Amantes* (23), *Necessidade e Appetite* (24), *Amar o Amor* (25), *As Flores Milagrosas* (26), *Rende-te, Coração* (27), *Justo e Pastor* (28), e quantos mais!

Acabastes alli de contemplar? Passemos adeante. E' já outro genero. São as scenas cujo tecido dramatico a imaginação meridional sempre ambicionou, e que aviventam as tradições da edade media, allumiadas d'aquella meia luz, confusamente tirada dos reflexos da fé e da superstição, abraçadas na mythologia popular.

Mysteriosas, sombrias, e repassadas de terror e anciedade, disputam em novidade e interesse a competencia ás mais notaveis apontadas em Matheus Pariz, e outros legendarios.

(22) Vol. I, pag. 5. (23) Vol. I, pag. 16. (24) Vol. I, pag. 133. (25) Vol. V, pag. 50. (26) Vol. V, pag. 56. (27) Vol. V, pag. 82. (28) Vol. VII, pag. 11.

O *Flautista Impio* (29), o *Testamento do Inferno* (30), a *Lenda dos Bailarins* (31), o *Concilio dos Mortos* (32), o *Abraço do Morto* (33), *A Noiva do Diabo* (34), *O Conto dos Tres Beijos* (35), e o *Palacio Encantado* (36), escolhidos entre muitos, provam o colorido incomparavel de Bernardes como prosador.

O que mais espanta em pintor tão dextro é o que a respeito d'elle consta por noticia vaga. A sua memoria foi muito fraca, e só á força de trabalho conseguia apurar a profusa erudição dos seus escriptos! Em crítica mostra-se pouco sagaz, e adopta as invenções da superstição, e até as lendas ridiculas como pontos dignos de crença.

O cuidado em distinguir a verdade da mentira, e a fabula da historia não o prendia nunca. Tudo recebia, e afeiçoava sem exame, não para enganar, mas illudido.

O grande merecimento, a prenda iminente que o recommenda, assegurando ás suas obras reputação duravel, é a graça, o vigor e a formosura da linguagem, e a rigorosa diligencia com que a castigava.

Não só ostenta pureza e correcção, como conserva sem eclipse a clareza, a sobriedade e escolha dos ornatos, e a propriedade dos vocabulos.

(29) Vol. II, pag. 62. (30) Vol. I, pag 64. (31) Vol. II, pag. 64. (2g) Vol. II, pag. 75 (33) Vol. IV, pag. 7. (34) Vol. VI, pag. 76. (35) Vol. II, pag. 140. (36) Vol. V, pag. 71.

As palavras n'elle pintam o que exprimem com admiravel primor, e a elegancia de collocação e de distribuição da phrase é tal, que ainda não as vimos excedidas, e raras vezes egualadas.

A harmonia acode-lhe naturalmente, e os periodos sem violencia cáem-lhe da penna melodiosos, bem feitos, e em geral afinados pelo numero e rythmo conveniente.

Este segredo, que encerra a summa delicadeza, e tambem a maxima difficuldade do escriptor, possuia-o Bernardes por vocação natural, e desenvolveu-o com o estudo dos bons modêlos.

Rica de sons distinctos e abertos, sem demasia de vogaes que a amolleçam, e sem excesso de consoantes que a tornem aspera, a lingua portugueza presta-se como nenhuma á composição de uma prosa musical, que, em relações diversas, pode hombrear com o verso, lisonjeando o ouvido; mas para escrever assim, não basta reproduzir as idéas em phrases claras e correntes, fugindo de falsos arrebiques; resta alcançar as qualidades rarissimas, que fazem a fortuna dos bons livros, salvando-os do esquecimento.

Preceitos não ensinam a compor uma prosa rica, afinada e agradavel, na qual as graças da imaginação e os ardimentos do estylo se combinem com a elegancia e sobriedade casta. O ultimo grau de perfeição não se attinge senão depois de grande fadiga e de elaborada meditação. As bellezas não se transportam de idio-

mas estranhos, e não se criam no proprio, senão á custa de aturado estudo, e por meio de comparações e graduações melindrosas, em que só o gosto muito educado deixa de se confundir, ou de se enganar.

Entre as obras de Bernardes, Candido Lusitano prefere as *Meditações sobre os Novissimos do Homem*, e condemna as *Florestas*. Pelo contrario os auctores do Diccionario da Academia no seu catalogo não exceptuam as *Florestas* do elogio, com que honram os escriptos do douto congregado.

A sentença dos academicos passou em julgado por sisuda e verdadeira, em quanto a opinião de Freire attesta falta de tacto, ou ignorancia do livro que proscreveu.

As *Florestas*, pela variedade dos assumptos, pelo calor, riqueza do estylo, e pelo copioso da dicção, foram, são, e sempre nos parece que hão de ser a mais lida, e mais propria para se ler das composições classicas de Manuel Bernardes.

Em nenhuma outra brilham com tanto agrado, nem se revelam com egual viveza os dotes do grande prosador.

Depois de citarmos os merecimentos, falta-nos apontar os defeitos.

Na mais vistosa tela ha sempre imperfeições, e escondel-as, ou negal-as equivale a cegar a razão, annullando a auctoridade do louvor sincero.

Bernardes, de certo, apresenta maculas, mas d'aquellas com que Horacio não se offendia.

Propende, como Vieira, para os trocadilhos e voltas de palavras; mas sem a insistencia que no jesuita determinava o habito vicioso.

Algumas vezes a concorrencia de alguns vocabulos forma sons duros, e tautologias desapraziveis.

Nas conjugações dos verbos e na syntaxe, succede-lhe tomar o plural pelo singular, deixar a phrase sem regencia por ellipse, e pôr dois verbos, cujas acções se referem á mesma occasião, um em um tempo, e outro em tempo diverso.

Estas e outras incorrecções parciaes, e quasi imperceptiveis, indicadas pelo sr. Castilho, não toldam a pureza geral da linguagem, nem embaciam o lustre do estylo; mas devem ser advertidas para não arrastarem os incautos a imital-as.

A lingua portugueza na penna de Bernardes dobra-se a tudo e reflecte os mais tenues cambiantes do pensamento, e da imagem que o desenha.

E' singela sem ser rasteira, castigada sem ostentação de austeridade, opulenta e magestosa sem alarde de riqueza.

Aonde o pede a occasião, a palavra, a phrase e o periodo sobem ao sublime e ao grandioso com uma vehemencia, e ao mesmo tempo com uma facilidade, que fazem pasmar. Por detraz do assumpto, da scena, ou dos personagens não se percebe nunca o artificio do auctor.

Quem lê, e está pouco habituado a prescru-

tar os segredos da composição, persuade-se que todas aquellas paginas saíram logo assim, não se podendo limar, ou riscar-se nada. Tal é a propriedade, o nervo, e a elegancia desaffectada dos termos! Entretanto, (como observamos) por isso mesmo que nos encantam á força de naturalidade é licito desconfiar de que não brotaram espontaneas. A graça que as anima não costuma ornar as obras dos poetas (porque Bernardes é tambem poeta na prosa) senão depois de muito requestada.

Com Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Manuel Bernardes, e D. Francisco Manuel, tudo o que a linguagem portugueza sabe e pode, se patenteia ao estudioso. No seu tracto e combinação admiram-se as galas nativas do idioma, e as bellezas mais esquivas do latim, do italiano e do hespanhol, origens legitimas a que devemos recorrer em qualquer pobreza.

Meditem-se e comparem-se, e o gosto, descriminando o que ha de separar do que lhe cumpre admittir, formará um cabedal copioso, em que achará as formas, as cores e a expressão apropriadas para todos os objectos.

Sem se converter em copista servil, ou em imitador pueril, o escriptor dotado de engenho e de estylo deve aproveitar, tanto na conversação d'estes grandes mestres, como o bom pintor defronte dos quadros de Raphael e do Ticiano, ou o estatuario deante dos primores de Miguel Angelo e de Benvenuto.

Entre os numerosos prosadores distinctos, que illustram as nossas letras, os quatro que

indicamos reunidos representam o conjuncto de todas as qualidades eminentes, e o thesouro de todas as prendas necessarias para se falar e escrever a lingua, não só esmerada e correcta, mas elegante, colorida e capaz de exprimir quanto a alma sente, e os olhos vêem dentro dos limites dados á palavra para retratar os sentimentos e as sensações.

E' pelo menos a nossa opinião; e estamos longe do louco orgulho de a suppor um voto infallivel, ou uma sentença auctorizada. Expomos uma simples persuasão; e se alguma cousa desculpa a temeridade d'ella, é o cuidado que houve em não a formar de leve.

Como ensaio de que ha a colher-se em muitas das narrações de Bernardes escolhemos a *Conversão de Philemon e Ariano*, abrindo por ella, com as feições do romance actual, a serie de historias maravilhosas fundadas em pias crenças ás quaes talvez um dia depois de colligidas ousemos pôr o titulo de LEGENDARIO POPULAR. Respeitando o que a Egreja crê e manda acreditar, não nos julgâmos inhibidos de converter ás formas menos severas da novella as versões de milagres e de portentos contadas pelos auctores monasticos, mais poetas, e quasi sempre mais inventivos, do que os escriptores condecorados com o titulo official de ministros de Apollo, de pastores do Menalo, de bardos e menestreis; ou como na chancellaria das musas em direito melhor fôr.

A narração de Bernardes, pelos prodigios que descreve, e circumstancias que aponta,

lavra sobre o fundo circumspecto das *Acta Martyrum Sincera* de Reinart uma completa lenda, em que a imaginação deve mais á crença do povo, e a vagas tradições, do que a relações historicas sisudas.

O mesmo jus nos assiste para com diverso fim alargarmos o painel, decorarmos a scena, e darmos quanto possivel aos personagens a physionomia e os costumes do tempo, e ao mesmo passo o caracter que requer a grandeza da lucta, entre o paganismo expirante e o christianismo ainda perseguido, mas já proximo da victoria, que a sua doutrina de amor e de esperança, e as promessas de Jesus desde o principio tinham assegurado aos seus fieis.

Sabemos que a execução ficará inferior ao assumpto; mas com isso nem perderá o engenho com que Bernardes urdiu a sua lenda, nem ao genero será imputada a culpa alheia.

Os Martyres de Chateaubriand ahi estão de pé, como verdadeiro monumento da arte moderna, para dizerem que o estro de um poeta sabe crear interpretando uma grande epocha.

A missão do legendario é mais humilde, porém as liberdades compensam de algum modo o que lhe falta. Mera tentativa, o nosso esboço não caíndo de todo, enceta um caminho amplo e rico de perspectivas novas que outros ennobrecerão; e atraiçoando as forças, assignala ao menos os primeiros escolhos, avisando os que vierem depois para se acautelarem mais, fugindo de illusões perigosas.

(Do *Panorama*, de 1854).

XX

Diogo de Mendonça Côrte Real

(1658—1736)

I

Entre os homens notaveis pelo saber e pelo engenho, que ornaram a epocha de maior esplendor no reinado de D. João V, um dos que mais avulta é o secretario das mercês, depois nomeado secretario de estado, Diogo de Mendonça Côrte Real.

Nacionaes e estrangeiros são concordes nos seus louvores; e o nosso estimado politico D. Luiz da Cunha, por indole bem contrario a adulações escrevendo para Londres a Sebastião José de Carvalho e Mello, ainda se lembra com saudade, em 1740, do ministro fallecido em 1736, lamentando a confusão das cousas, depois da sua perda, e encarecendo a destreza com que elle as tinha sabido guiar nas circumstancias mais delicadas.

Nos importantes extractos dos archivos dos negocios estrangeiros de França, de que o sr. visconde de Santarem enriqueceu o tomo V do seu Quadro Elementar, encontram-se iden-

ticos e desinteressados testemunhos. Os diplomatas de Luiz XIV e de Luiz XV formam, em geral, o mesmo vantajoso conceito da cortezia, da consumada experiencia, e da habilidade, com que o antigo secretario das mercês costumava dirigir os negocios; e observam por occasião da sua morte, que a sua falta será difficil de remediar.

O grande defeito, que alguns lhe notam encerra o elogio insuspeito da sua probidade. Não se inclinar ao partido francez, ou ao inglez, e apparecer firme e decidido defensor dos fôros e brios portuguezes, é a prova real do merecimento e fidelidade do ministro. Depositario dos segredos do seu rei, guarda-os com recato, e sem hesitar; pizando com indifferença peitas e suggestões, não se desvia um só momento do dever, e nem sequer olha para o bom, ou para o mau rosto, que podem apresentar as conveniencias estrangeiras, incansaveis nos enredos, e insaciaveis na ambição!

D. João V, que apreciava as qualidades e os serviços do ministro, honrou-lhe a memoria com demonstrações de sincero sentimento.

Sem descer a baixezas para captivar o valimento, Diogo de Mendonça possuia a arte de se insinuar, e o condão mais precioso de conservar a afeição e confiança, uma vez adquiridas. Instruido, sagaz, e sobre tudo alluminado por uma prudencia rara, que de longe via e acautelava o risco, soube tornar-se indispensavel sem nunca se fazer pezado.

Conhecendo os escolhos da côrte, como o

melhor piloto sempre navegou desviado d'elles durante o largo espaço, que a cursou. Acabando de assistir ao ultimo suspiro de Pedro II, passou a receber as primeiras confidencias do seu successor, crescendo em honras e empregos.

Jovial com gravidade, mordaz nos conceitos e nos ditos, esquecido por calculo, e remisso por habito, os requerentes amaldiçoavam-n'o pelas costas, e não podiam deixar de se applacar, ouvindo-o. Ninguem excusava tão graciosamente uma falta de palavra. A sua polidez nunca se desmentiu; era egual para todos, quer adoçasse a repulsa, quer avivasse o favor.

Dado aos prazeres, e por causa d'elles demorado no expediente dos negocios, se a urgencia o apertava, cortando por tudo, trabalhava encerrado dias e noites sem lhe esmorecerem as faculdades, ou as forças o atraiçoarem.

O seu conselho reputava-se de grande pezo e sizudez; e quando occorriam complicações, ou obstaculos repentinos, depois do velho conde de Castello Melhor, ninguem acertava mais depressa com a solução adequada para evadir, ou para desatar o nó da difficuldade.

D. Pedro II, principe das letras bastardas e de curto alcance, mas de juizo são e positivo, encostava-se ao voto de Diogo de Mendonça, antepondo-o muitas vezes ao dos fidalgos mais conceituados do seu conselho.

D. João V fastuoso, ciumento da dignidade do throno, e presumido de atilado e de politi-

co, louvava-lhe a inteireza, com que, em alguns lances arriscados, não tinha duvidado expôr-se a perder em um instante a boa sombra do seu agrado no leal cumprimento das obrigações combatendo as opiniões, e commentando as ordens do monarcha mais absoluto por amor proprio, e mais zeloso do poder soberano.

De certo, um estadista menos flexivel nas maneiras, e menos perito nas desculpas caíría sem remedio deante da ira do principe, que se prezava de mandar sem replica, e de não admittir na sua presença senão subditos complacentes, e obediencias mudas e passivas.

Mas Diogo de Mendonça, como o Camões do Rocio, sabia de uma corda secreta no caracter do rei, que, ferida com tacto subtil, nunca deixava de responder. Temperando-lhe com o riso o que podia haver de amargoso e desagradavel nas cousas; e falando-lhe á generosidade, e aos estimulos cavalleirosos abrandavam-n'o no maior impeto, e sem quasi o sentir, traziam-n'o de um extremo ao outro, persuadido, sempre, de que era elle quem arrastava os outros!

Naturalmente espirituoso, D. João V custosamente resistia ao ascendente dos homens engraçados, que sabiam conter-se respeitando-o embora não respeitassem mais ninguem.

Sotto Maior (o Camões) e Diogo de Mendonça valiam-se d'esta inclinação para os seus fins, e entre algumas risadas, filhas das suas invenções satyricas aproveitando o lanço, in-

troduziam a tempo os conselhos maduros e avisados, arrancando ao soberano resoluções oppostas ao parecer, a que o viam mais ligado.

D'este modo é que o ministro em mais d'uma occasião conseguiu dobrar o animo do soberano, desviando das nossas costas e fronteiras o raio da guerra, que uma imprudencia orgulhosa podia desafiar; e el-rei, caíndo em si, e depois de passada a crise, medindo a extensão do erro, agradecia interiormente ao seu ministro a habilidade com que o afastára do perigo, sem lhe dizer que o havia!

A carreira de Diogo de Mendonça foi longa e socegada. Collocado nas eminencias do governo, aonde os furacões subditos são frequentes, e as quedas inopinadas se repetem, atravessou dois reinados sem sobresalto, e cerrou os olhos tão tranquillo, como se o escudasse a obscuridade da vida domestica.

Os emulos mesmo não se congratularam com a sua falta. Nenhum sentia os hombros bastante robustos para acceitar indeviso o pezo do immenso encargo, que elle supportára na velhice com semblante alegre, desempenhando-o sem fadiga. Foi uma herança, que se repartiu, e que por isso mesmo perdeu metade da importancia.

II

Diogo de Mendonça Côrte Real, secretario das mercês d'elrei D. Pedro II, seu enviado extraordinario na Haya, e depois na côrte de Hespanha, e secretario d'estado d'elrei D. João V, nasceu na cidade de Tavira, no reino do Algarve, aos 17 de junho de 1658.

Foram seus paes Diogo de Mendonça Côrte Real, e D. Jeronyma de Lacerda, ambos pessoas nobre se ligadas em parentesco ás casas mais distinctas de Portugal e Castella.

Desde a infancia madrugou em Diogo de Mendonça o talento e a inclinação ás lettras, aproveitando-se como em terreno fertil os cuidados com que desveladamente assistiam á sua educação os melhores mestres.

No estudo das humanidades notou-se a viveza do engenho e a promptidão da memoria; matriculado na universidade, e applicado á lição da faculdade canonica, admirou-se a lucidez da intelligencia, a assiduidade da frequencia, e a comprehensão extraordinaria.

Obtido o grau de doutor, com applauso dos condiscipulos, que excedêra, e merecido louvor dos lentes, que o apontavam como exemplo, passou á côrte despachado em premio com uma *conducta* em canones em 1686, e outra de leis em 1687. A intimidade da sua familia com os fidalgos e funccionarios de mais valimento depressa lhe abriram a carrei-

ra dos empregos. Começou por um logar dos mais apreciados, sendo provido na corregedoria da camara do Porto, com a distincção de poder usar de béca.

N'aquelle tempo reputava-se este cargo o morgado da magistratura, tanto pela residencia em cidade tão rica e populosa, como por existir alli a casa do civel (de que eram governadores hereditarios os marquezes de Arronches) composta de ministros conspicuos e experimentados, uns pelo exercicio do magisterio nas cadeiras da universidade, outros pela practica das leis, adquirida no desempenho das funcções senatorias mais conceituadas.

Principiando a servir, Diogo de Mendonça fez-se logo bem acceito pela sua rectidão como juiz, e pelo agrado das suas maneiras discretas. Sem affectar falsa austeridade, nem ostentar intractavel rigidez, depressa conheceram que a sua virtude, por ser alegre e risonha, não era por isso facil em ceder, ou commoda de tentar.

Amaciando, quanto podia, o rigor ás leis, a sua inteireza da administração da justiça tirou as esperanças ao patronato, e cortou as azas ás peitas, que desgraçadamente não poupavam o ascoso contacto da sua vileza a nenhum caracter publico senão depois de repellidas e desprezadas. N'esta lucta, Diogo de Mendonça, sem alarde, nem clamores, soube honrar a toga, e o sangue illustre de seus avós.

Decorridos poucos mezes apenas, já ninguem ousava levantar sequer os olhos para o

idolo corrupto, que d'antes se adorava quasi abertamente, e sem disfarce.

A noticia do zeloso serviço, e dotes do novo magistrado, chegou á côrte; e D. Pedro II, informado do que podia esperar-se da capacidade de Diogo de Mendonça, expediu-lhe em janeiro de 1691 uma ordem para deixar o emprego, embarcando sem demora para Hollanda com o caracter de seu enviado extraordinario.

Na edade de trinta e tres annos, contando quatro de exercicio na magistratura, o futuro secretario de estado despiu a béca para não a tornar a vestir mais, e entrou na administração e nos ministerios pela porta, então a mais brilhante, a da diplomacia!

O seu despacho foi datado do mez de janeiro, e a 3 de março seguinte já elle em um navio hamburguez seguia para Hollanda, affrontando-se com os mares grossos e os ventos ponteiros, que não cessaram de lhe atravessar a viagem. Debaixo da cerração tempestuosa, e cortados de susto, os navegantes chegaram finalmente á bôcca do canal de Inglaterra, infamado pela frequencia dos naufragios. Ía-lhes succedendo ahi a ultima catastrophe! Pouco practicos, os pilôtos, em vez de marearem o verdadeiro, tomaram pelo falso canal; e se um vento favoravel os não soccorre, dando logo a safar-se o navio dos escolhos, todos ficariam perdidos sem remedio.

Mas o naufragio, que n'esta occasião tiveram deante dos olhos, e de que os livrou só

um acaso venturoso pouco se demorou. Passados tres dias, em sabbado de Alleluia, 14 de abril, tocou a embarcação em um banco de areia na costa de Inglaterra, e o capitão, e a tripulação, por tal modo esmoreceram com o desastre que por largo espaço faltava quem mandasse, e não havia tambem quem quizesse obedecer.

O perigo augmentava de instante para instante; e na confusão geral não procurava o remedio, nem se curava de atalhar o mal.

Entregues a lastimas e a maguas, deixavam fugir preciosos momentos, e nem o torvo aspecto da morte, que os ameaçava, e prestes íam beber nas aguas, lhes inspirava aquelle valor decidido, que muitas vezes, em casos desesperados tem sabido subjugar a fortuna!

Diogo de Mendonça era dotado de animo viril, e de admiravel presença de espirito. Sujeito, como todos, aos temores proprios do homem, possuia a força necessaria para se vencer, e oppor aos grandes perigos as grandes resoluções.

Na perturbação geral só elle media o risco a olhos firmes, e calculava o modo de o attenuar.

Depois de se preparar, como christão, para o lance, que promettia a extremidade em que se viam todos, tractou de incutir nos officiaes e marinheiros os alentos indispensaveis para se não deixar colher sem defeza pela ruina, d'ahi a pouco inevitavel. Á sua voz lançaram-se as lanças fóra, cortaram-se os mastros, e alijou-se a carregação ao mar. Tudo se execu-

tou com rapidez, e sem perigo; e mettendo-se em uma das lanchas Diogo de Mendonça com toda a sua familia e o capitão, e na outra a gente da tripulação, fizeram-se na volta do mar, em quanto o navio se ía a pique.

Toda a noite estiveram pairando; sobre a manhã puzeram a prôa em terra, e descobriram uma dilatada praia cheia de aspera penedia. Approximaram-se com cuidado, e já sol alto aferraram o porto, salvos da tormenta, e, por milagre, livres da morte.

III

Terminados os trabalhos de tão desastrosa navegação, passou Diogo de Mendonça a Londres, de lá embarcou para Haya, côrte dos estados geraes de Hollanda, aonde fez a sua entrada publica, adequada ao caracter que representava, e á magnificencia e luzimento com que era costume então realçarem os ministros a dignidade da missão.

Seguiram-se depois ás fadigas das viagens, e aos incommodos dos cortejos os cuidados e diligencias de uma negociação laboriosa, consummada com tanta utilidade do reino, quanta foi a gloria que lhe resultou, e a capacidade e prudencia, com que se abonou para a vencer.

O objecto da enviatura de Côrte Real a Hollanda eram as queixas do nosso commercio, e as offensas da corôa, nascidas do atrevimento com que os vassallos de Hollanda, sem fé nem

razão, ultrajavam a bandeira portugueza, aprezando navios, que ella cobria, e desprezando a segurança de uma paz de muitos annos, jurada e mantida entre as duas potencias.

Á estranheza do caso uniram-se em Lisboa os clamores dos interessados, e antes que o descontentamento, lavrando, chegasse a rebentar em incendio, rompendo a guerra entre as duas nações decidiu o gabinete de D. Pedro II tentar as vias de conciliação, compondo por meio de um ministro habil as divergencias, e resguardando o decoro e os interesses da monarchia.

Diogo de Mendonça desejava desempenharse com lustre d'este primeiro encargo, certo como avisado e previsto, de que em todas as carreiras são sempre os primeiros passos os que influem no futuro.

Tomando, pois, o pulso ás difficuldades, não as achou menores do que receiava, nem viu nos homens aquella lisura e clareza, que facilitam em vez de entorpecer; logo conheceu que tinha de travar demorada porfia com a avidez e a dissimulação, oppondo a agudeza os artificios da ultima, e a firmeza ás ambiguidades da primeira.

Os Hollandezes não podiam negar a verdade patente, nem as injurias da nossa corôa, nem ousavam abraçar tambem abertamente a causa dos piratas, que, á sombra da amizade, vinham roubar fazendas e embarcações navegadas na lealdade dos tractados; mas desculpavam-se com a indole audaz e indisciplinada

dos naturaes de Flessinga, com a cubiça que os arrastava, e com a falta de repressão, que os animava a fazerem pouco ou nenhum caso das leis e dos deveres.

Prolongaram-se as conferencias sobre o assumpto, mudando de aspecto a cada phase, e variando os negociadores nas palavras e no accôrdo, mais zelosos de fugir á reparação, do que de satisfazer ás obrigações de sincera correspondencia.

Finalmente, a 22 de maio de 1692, conseguiu Diogo de Mendonça o que se propunha, e a nossa côrte confiára do seu talento, ajustando todas as dissidencias no tractado assignado na mesma data, e concluindo-as com tanta honra da corôa portugueza e credito de sua pessoa, que os estados geraes se responsabilizaram ao pagamento de oitenta mil patacas, como indemnização das prezas, as quaes de feito se arrecadaram pelo rendimento do sal de Setubal, consignado á republica em virtude do tractado de 31 de Julho de 1669, e depois de cobradas se repartiram na devida proporção pelos interessados, precedendo a prévia avaliação das suas perdas.

Este serviço relevante não foi, entretanto, o unico que prestou Côrte Real na sua enviatura.

Aproveitado o ensejo, occupou-se de resolver outro negocio, ainda pendente, que tinha sido o escolho de anteriores negociações, e até á sua vinda offerecêra sempre graves obstaculos a um ajuste definitivo. Eis o caso.

Na guerra da America, movida contra as possessões portuguezas pela ambição de Hollanda, o amor ardente da independencia, e o esforço heroico dos habitantes, menos soccorridos a principio pelo reino de que era justo e necessario, acabaram por desopprimir a capitania de Pernambuco do jugo e dominio dos capitães e commissarios dos estados, encerrando-se a lucta de longos annos pela entrega do Recife, ou cidade Mauricia, ultima e fundada esperança dos conquistadores, debaixo de condições que foram ratificadas, mas que por motivos differentes a nossa côrte não tinha cumprido ainda inteiramente.

Versava o litigio sobre a clausula, que nos obrigava a restituir a fazenda a alguns Hollandezes, em virtude da promessa feita sobre as armas. No momento em que a republica nos compensava o damno das prezas maritimas, pagando oitenta mil patacas, era impossivel deixar de confessar o direito, que lhe assistia para exigir de Portugal identico procedimento para com os subditos, a que dera a sua garantia.

Como habil acceitou logo Diogo de Mendonça todas estas consequencias, applicando-se na discussão e nos apertados exames que estabeleceu, a diminuir, e a attenuar mesmo de um modo consideravel a extensão e importancia das indemnizações. Assim o obteve.

Ponderadas as suas rasões, e em presença de um rigoroso inquerito, lavrou-se o tractado de transacção de 27 de novembro de 1697, se-

guido da convenção de 28 do mesmo mez, pela qual nos obrigámos a pagar a cada um dos herdeiros de V. Douker, e de G. Wit a quantia de onze mil cruzados, cedendo elles d'ahi em deante de todas e quaesquer allegações de compensação.

Em 19 de fevereiro de 1694 ratificaram os estados geraes solemnemente os dois tractados, os litigantes convieram e applaudiram-se, e este fermento de discordia foi removido com pequeno sacrificio e a contento de todos os interessados, depois de entreter perto de quarenta e um annos os dois gabinetes, servindo em repetidas occasiões de pretexto á má vontade dos ministros hollandezes, inspirados pela influencia que exercia o interesse particular de duas familias, que souberam empenhar a seu favor toda a auctoridade da republica.

IV

O exito da sua missão na Haya exaltou o merecimento do ministro no conceito do soberano; e determinando mandar um enviado extraordinario á côrte de Carlos II, rei de Hespanha, lançou os olhos sobre Diogo de Mendonça, nomeando-o por fins de 1693 para desempenhar aquelle novo cargo.

Obedeceu o vassallo com satisfação, porque via na mudança o galardão dos serviços passados, e o agrado do principe; e em maio do seguinte anno encontramol-o em Madrid, fa-

zendo a sua entrada publica, e confirmando com a pessoa os louvores que o nome já lhe havia grangeado.

Em Hespanha as qualidades e a instrucção de Diogo de Mendonça foram apreciadas do mais lisongeiro modo. A amenidade do tracto, a cortezia das palavras e acções, e a graça espirituosa da sua conversação, depressa o tornaram não só bemquisto, mas prezado e querido.

A nobreza castelhana, tão orgulhosa de sua linhagem e titulos, com frequencia o elegia seu arbitro nas contendas, que nasciam entre ella, e desuniam os fidalgos, e as vontades menos doceis timbravam em annuir aos conselhos, com que moderava a paixão em uns, e invocava a grandeza d'animo dos outros, sempre no intuito de os applacar.

Por sua intervenção se ajustaram assim pacificamente discordias, que promettiam graves conflictos, e se uniram por casamentos corações, que antes se aborreciam mais do que se harmonizavam.

A morte de Carlos II veiu perturbar o socego do ministro de Portugal, e a paz da nação hespanhola. A guerra da successão, posto que não declarada ainda entre as potencias, já se annunciava nos armamentos que dispunham as mais guerreiras.

Vendo assentado no throno de Carlos V e Filippe II um Bourbon de França na pessoa de Filippe de Anjou, neto de Luiz XIV, a Europa assustou-se com a ambiciosa prepon-

derancia da casa de França, e colligou-se para lhe disputar a posse da corôa de Castella.

No principio, Portugal não se associou a esta idéa, antes reconheceu Filippe de Anjou como legitimo successor de Carlos II; mas reflectindo com mais pausa, e considerando o estado das cousas, e o perigo tão proximo para nós do ascendente da dynastia franceza em Madrid, resolveu o conselho de D. Pedro II que era de summa conveniencia atalhar o mal a tempo, adherindo á grande alliança de Inglaterra, da Hollanda e do imperio.

Coroado rei de Hespanha em Vienna d'Austria o archiduque Carlos, os tres gabinetes resolveram introduzil-o em Castella pelas fronteiras portuguezas; e sabido isto em Hespanha, se não ardêra ainda a primeira escorva, era claro que tardaria pouco a atear-se o fogo da guerra, e nas duas côrtes de Madrid e Lisboa tudo se predispunha para a sustentar valorosamente.

Ao passo que Diogo de Mendonça se recolhia ao reino, acompanhado até á raia por um corregedor do crime e uma companhia de cavallos, o enviado extraordinario marquez de Capecelatro atravessava o Alemtejo, e junto do Caya, entre Elvas e Badajoz, despedia-se, não sem pezar, de um reino aonde achára sempre agradavel e delicada hospitalidade.

Em dezembro de 1703, restituido á côrte Diogo de Mendonça, não aguardou muitos mezes ocioso as ordens do monarcha. A 2 de abril de 1704 recebeu a nomeação de secreta-

tario das mercês e do expediente de el-rei, passando-se-lhe a respectiva carta em 24 de março do seguinte anno.

N'este meio tempo aportou á barra de Lisboa (9 de março de 1704) o archiduque Carlos, com uma armada de duzentas velas; e D. Pedro II, unindo á empreza começada as tropas e a pessoa, saíu da côrte a 28 de maio, marchando para a provincia da Beira, por onde o plano anteriormente concertado riscava que devia intentar-se a conquista.

Côrte Real acompanhou o monarcha, servindo-lhe de secretario d'estado; e é de crer, que na sua previsão cautelosa antecipasse o pouco successo de tão apparatosas armas, e o desgosto de el-rei por não achar que a campanha correspondesse ás disposições tomadas para ella se fazer rapida e brilhante.

A enfermidade de D. Pedro II apressou a sua volta para Lisboa, aonde chegou a 17 de novembro de 1704, confiando a Diogo de Mendonça, além das funcções proprias do exercicio do seu logar de secretario das mercês, a administração de todas as repartições e municiamentos da guerra, as quaes o ministro dirigiu até á conclusão e firmeza da paz em Utrecht, a 6 de fevereiro de 1715, muito depois da morte de el-rei.

D. Pedro II falleceu em dezembro de 1706, e D. João V, seu filho, succedeu-lhe em edade ainda tenra. Ouvindo muito os conselhos do padre Luiz Gonçalves, da companhia de Jesus, affeiçoado ao partido austriaco, e attendendo

não menos o voto do conde de Vianna e do marquez de Alegrete, principiou a reinar, mais notado de timido e perplexo, que de audaz e resoluto. A mocidade e a pouca experiencia é que o tolhiam.

Apenas tomou com tacto mais firme o pezo ás difficuldades, e aprendeu a conhecer melhor os homens e as cousas, ergueu a cabeça, e não sem admiração o viram todos dispensar valídos e ministros do despacho universal, decidindo pelos seus olhos e regulando todos os negocios civís e militares da administração.

A reputação merecida de Diogo de Mendonça tinha disposto a favor d'elle o animo do principe, e logo em abril de 1707 alcançou a mais agradavel prova d'isso. Em memoria dos serviços relevantes, prestados ao defuncto rei D. Pedro, D. João V nomeou-o seu secretario de estado, mandando-lhe passar a carta competente a 27 do mesmo mez.

Pareceu acertada a escolha, idonea a pessoa, e bem aconselhado o soberano. Chamando para o seu lado um homem de reconhecida aptidão, rico de saber e allumiado de luzes practicas, o novo monarcha poupava-se a grandes dissabores, e principiava o seu reinado por um acto de prudencia, cujos effeitos afortunados havia de colher dentro de pouco tempo com satisfação publica, e applauso proprio.

V

Quando el-rei D. João V tomou as redeas do governo, e distinguiu a Diogo de Mendonça, elevando-o ao cargo de secretario dos negocios estrangeiros, o estado do reino era triste, senão assustador.

Ardia entre Portugal, Hespanha e França a guerra da successão, e as armas invasoras, a principio felizes e audazes, recuavam das fronteiras inimigas, e a custo guardavam as proprias.

Filippe V, recobrando o animo no meio dos desastres, e Luiz XIV, seu avô, retemperando a resolução, em presença das injustas exigencias que lhe dictavam as côrtes alliadas, apontando-lhe a espada aos peitos, mostraram-se ambos dignos da corôa, e dos sorrisos da fortuna, que tardou pouco em os proteger.

Ha momentos na vida dos homens, e na existencia dos povos, que decidem de uma vez do seu futuro. O archiduque de Austria (Carlos III) perdeu o mais propicio por inercia, ou pusillanimidade, e os seus contrarios souberam aproveitar-se do erro; segurando a occasião pelos cabellos, não descansaram em quanto não mudaram o rosto ás cousas, repellindo com favoravel marte as tropas victoriosas das potencias, e reconquistando sobre ellas as provincias e as praças, que no primeiro impeto haviam cedido, ou tinham pactuado.

N'estas circumstancias, por um lado desfallecidos os contendores, e pelo outro mais do que arriscada a sua empreza, serviu de motivo a morte do imperador Joseph I (em abril de 1711) para se dar um passo no sentido pacifico.

A queda do partido wigh, capitaneado pelo duque de Malborough, e a entrada dos tories no poder, não concorreram menos para aplanar as outras difficuldades.

Manobrando com arte, o gabinete de Versalhes apalpou as oppostas conveniencias que esta profunda e recente alteração fizera nascer, e principiou a atar as negociações, não descontinuando de as seguir, ajudado pelas ultimas victorias dos seus exercitos. Em fim logrou separar o governo britannico da alliança pela suspensão de hostilidades estipulada em agosto de 1712; e assignando-se outra por parte de Portugal com os plenipotenciarios francezes em 7 de novembro do mesmo anno, convertida depois no tractado de paz e amizade de 11 de abril de 1713, obteve-se o appetecido accôrdo, satisfazendo-se assim, e sem quebra, os vivos desejos de el-rei D. João V, e a primeira e mais urgente necessidade dos seus subditos.

N'este ponto delicado coube a Diogo de Mendonça pelo seu cargo a direcção principal, e de certo se deveu o bom e honroso successo á sua reconhecida prudencia politica.

Encarregando das negociações, em Utrecht dous diplomatas de subido merecimento,

quaes eram D. Luiz da Cunha, e o conde de Tarouca, tomou de antemão as possiveis fianças da habilidade, com que os nossos interesses haviam de ser advogados; e accudindo ás diversas phases da questão, e ás suas intrincadas complicações com os arbitrios e instrucções apropriadas, provou que era capaz de ver bem e de longe, não se torvando com falsas apparencias, nem sacrificando de leve á perigosa illusão de ambições cheias de temeridade, e por isso mesmo sujeitas a desastroso desenlace.

Os apuros internos da monarchia eram grandes, entretanto, e o pezo das despezas, que a guerra demandava, excessivo para as forças dos contribuintes. Um dos agentes secretos que a França sustentava em Lisboa para se informar, traçou-nos tal pintura do estado das cousas, e da escacez com que se luctava, que á vista d'ella, mesmo rebatendo o que póde ter de exagerada, só ha a admirar a constancia com que se insistiu ainda alguns mezes em florear inutilmente a espada, n'uma contenda cujas perdas eram certas, e cujas vantagens cada dia se tornavam mais contingentes.

De 1711 a 1713 o quadro carrega-se de côres sombrias. Deviam-se ás tropas onze mezes de soldos; e para occorrer aos gastos de mais precisão foi indispensavel arrancar 150 mil cruzados ao cofre dos defunctos e ausentes. O dinheiro cada vez se fazia mais raro, sendo a moeda exportada em avultadas sommas pelos inglezes, e achando-se a côrte e

o povo reduzidos á maior pobreza. As tropas, por falta de paga, desertavam em grande numero; e só por Badajoz, fugiram para Hespanha mais de dois mil soldados!

El-rei entrava na flôr da juventude, e apesar de haver sido chamado ao despacho nos ultimos tempos de seu pae, carecia ainda do tacto e firmeza, que só o uso e a madureza podem dar aos principes.

Suppoz-se no começo, que o duque de Cadaval exerceria todo o ascendente; mas pouco se demorou o desengano. Sem desattender o duque, ou o sequestrar da direcção dos negocios, repartiu el-rei a sua confiança com o conde de Vianna, e marquez de Alegrete, e ouvia-os ainda mais a miudo do que ao conselheiro antigo de Pedro II. O padre confessor, o jesuita Luiz Gonçalves, participava em grau egual d'esta especie de privança, que durou pouco.

Advertido logo pela indole rebelde a soffrer dominio estranho, ou a admittir influencias, que de algum modo offuscassem a preponderancia absoluta e pessoal, que desde tenros annos timbrou em ostentar, o rei moço desligou-se ainda mais cedo do que o imperador Carlos V d'estes laços, e com raro discernimento, convocando o conde de Castello Melhor para tomar exercicio no conselho de estado, collocou ao seu lado este ministro habil e experimentado, que, junto com Diogo de Mendonça, o ajudou a debellar os grandes embaraços exteriores e internos, que tanta

circumspecção exigiam para se vencerem.
O cardeal da Cunha e o duque de Cadaval depois foram aggregados aos dois homens eminentes, que D. João V escolhêra, e que o serviram com zêlo e diligencia, tanto no despacho das differentes repartições, como nas discussões e direcção diplomatica d'esta grande epocha, em que figuram como generaes e estadistas os maiores nomes do seculo XVIII na Europa, e se pleitearam e resolveram muitas e ponderosas difficuldades de politica internacional.

VI

As occupações do ministerio não pareceram novas, nem pezadas a Diogo de Mendonça.

Affeito a deslindar os enredos, e a descobrir as verdadeiras causas por baixo das apparentes, foi-lhe facil desde logo tractar os homens e os negocios com a destreza e consummada pericia, que amigos e adversarios, sempre lhe reconheceram.

Jurisconsulto habil, e praxista habilitado, não necessitava de saír da sua livraria para desempenhar com elogio as obrigações do officio.

Dotado de grande reminiscencia, e habituado a amadurecer comsigo as questões arduas, o seu voto era seguro, compendioso e decisivo. Como descia á raiz das cousas não lhe succedia tomal-as pela rama; e soccorrido com os dotes oratorios, em breves e concisas

palavras dizia quanto devia e quanto bastava.

N'aquelle tempo os partidos que hoje combatem nos comicios, e se contrabalançam na imprensa e na tribuna, não existiam nem sequer nos delirios da imaginação mais arrojada. Outras idéas e outros costumes entretinham a actividade publica.

O agrado ou o desagrado do monarcha, e os maiores ou menores quilates da sua benevolencia, alimentavam as intrigas e as murmurações. No paço nasciam e morriam todas as esperanças e ambições; porque um sorriso e uma phrase decidiam da fortuna, ou da queda de um estadista.

O povo, menos forte e menos senhor de si, queixava-se em pasquins, e apupava em cantigas os valimentos illegitimos, e os actos injustos e ineptos.

As letras e as sciencias, perfumadas, guindadas e mesureiras, padeciam de lisonja incuravel, e não se levantavam das continuas genuflexões aos poderosos, senão para irem espojar-se em tablados ignobeis, ou em satyras indecentes, nos theatros, nas pulhas metricas, e nas loas e outeiros dos cirios, abbadessados e anniversarios.

Tudo dormitava, embora sentisse já vagas impaciencias e se doesse a miudo, ainda ignorava a molestia, ainda se desconhecia a causa e o remedio d'ella!

Meio freiratica, meio dissoluta, a sociedade culta gastava os annos pelas salas reaes, pelas procissões e novenas, pelas grades

dos mosteiros, e pelos galanteios e festejos.

Descuidada, ou confiada na sanctidade do seu direito, e na cega obediencia de todas as classes, a monarchia, mais paternal do que severa, cercava-se de pompas e de magnificencias, identificava a sorte do reino com a sua, e prodigalizava a riqueza publica como propria, olhando para o futuro sem receio, porque julgava que o throno e o altar estavam tão altos e tão firmes, que não havia braços que lhes chegassem, nem paixões que cedo ou tarde os abalassem!

A politica occupava poucos eleitos, no sentido mais restricto do vocabulo.

O rei governava e reinava, rodeado de tribunaes, e contido por elles e pelas leis geraes de certo modo. Os ministros agora dirigiam, e logo eram simplices secretarios. Os conselheiros de estado, ouvidos nos casos graves, falavam com liberdade antiga, sem se lhes levar a mal, e preparavam em largos relatorios oraes, ou em consultas escriptas, as decisões que o principe não ousava adoptar por si.

Nos conventos rezava-se, prégava-se, faziam-se procissões, murmurava-se d'este fidalgo, e elogiava-se aquelle, disputando-se de tudo, quer divino quer profano, com audacia tão aberta, que varias vezes julgou o rei indispensavel reprimil-a, desterrando alguns dos tribunos tonsurados, ou advertindo os seus prelados para que os contivessem, deixando ao mundo o que pertencia ao mundo.

Em todos os lances e em todas as inquietações da epocha os frades representam sempre um papel notavel. Servindo-lhes o habito de couraça, e o fervor religioso de pretexto, subiam as escadas do paço, para dominarem de lá, ou os degraus do pulpito para troarem d'alto contra o partido opposto ao seu.

D. João V, pouco propenso a soffrer resistencias, soube moderar a tempo os excessos d'estes murmuradores incansaveis, e, encaminhando-os pela estrada das devoções, deu-lhes claramente a entender em mais de uma occasião, que fóra d'ella só encontraria o seu rigor.

Desassombrado das dividas politicas, que a usurpação fizera contrahir a seu pae, quiz ser, e foi em tudo, rei absoluto. Fidalgos, populares e religiosos, obrigou-os todos a inclinar-se deante da corôa, falando-lhe com o respeito de vassallos.

Não menos inteiro, ou ainda mais se é possivel, com os estranhos, do que o era com os naturaes, manteve intactas as prerogativas reaes, forçando sempre a prompta e cabal reparação qualquer descommedido, que directa ou indirectamente o ferisse no seu orgulho, ou na honra e no brio da nação.

As qualidades, e os defeitos de Diogo de Mendonça acommodavam-se com summa flexibilidade ás feições do tempo, e ao caracter do monarcha.

A amenidade do seu trato, o riso jovial e o gracejo constante das suas respostas, até adoçavam as repulsas na sua bôca.

Sagaz e astuto, fugia em tudo dos maus encontros, evitava as resoluções rapidas e extremas, e accolhia-se, sempre que podia, ao circulo vicioso das delongas, dos rodeios e dos equivocos, gastando a paciencia, e muitas vezes até a longanimidade dos requerentes e negociadores.

Arrancar-lhe um despacho ou uma decisão, era victoria que se cantava como rara!

O proprio rei, costumado a mandar, e a não permittir demoras, com elle via-se obrigado a esperar; e como os seus votos de temporisação tinham produzido bom fructo em muitas circumstancias, a habilidade junta com a fama da pessoa desculpava frequentes vezes a inercia e a preguiça do ministro.

Rigido em probidade, e só zeloso do serviço e gloria do seu rei, tractava com desapego identico as côrtes estrangeiras, repudiando-lhes as exigencias nocivas, e as perigosas tentativas.

Nem inglez, nem austriaco, nem francez era a sua divisa, e foi o pensamento, e o segredo do seu ministerio. O soberano acompanhava-o n'estas idéas, e prestava-lhe o auxilio preciso para as sustentar; e por isso em quanto Diogo de Mendonça viveu, Portugal nunca deslisou um apice da sua dignidade de monarchia independente, nem consentiu que outras potencias se louvassem de influir, ou de preponderar nos seus conselhos!

VII

Este procedimento nobre e habil, grangeou-lhe a confiança do monarcha, e o respeito dos proprios que na occasião se feriam d'elle. O agente Viganego, informador do gabinete de Versalhes em Lisboa, antes da chegada do ministro, o abbade Mornay, querendo descrever a nossa côrte, e os interesses reciprocos que a paz com a França poderia crear, retrata differentes pessoas notaveis, taes como o cardeal da Cunha, os duques de Cadaval, os condes de Castello Melhor e Aveiro, e os marquezes de Fronteira, das Minas e de Alegrete. Chegando a Diogo de Mendonça, accrescenta, que sendo com elle que os embaixadores tinham mais relações, era bom saber-se, que não se mostrava inclinado á França. Que fôra enviado na Hollanda, e depois em Hespanha, e que tinha sido confidente dos maus intentos e correspondencias dos catalães. Eis o grave crime que lhe imputa! Ministro de um soberano, empenhado na alliança ajustada contra a ambição da casa de Bourbon, quereria talvez o agente de França, que Diogo de Mendonça hostilisasse ou repelisse os povos da Catalunha, sublevados contra o mesmo dominio que as armas portuguezas combatiam! Mas apezar da paixão que lhe inspiravam estas phrases aggressivas, Viganego era o primeiro a confessar, que o secretario de estado possuia dotes

e prendas pouco vulgares, mesmo em individuos collocados em egual categoria. Escrevendo para o seu governo em 16 de janeiro de 1714 affirma de Côrte Real, que era homem douto e versado em negocios, falando com facilidade diversas linguas, mui entendido em assumptos politicos, e em extremo cortez e affavel nas maneiras. Ajunta que o accusavam de pouco seguro de palavra, e de muito vagaroso em tudo, por isso que perdia o tempo em divertimentos. Diz que el-rei D. João V o estimava e se acostumára com elle, e que o confessor e Mendo de Foyos tinham sido os auctores da sua elevação.

O abbade Mornay explica-se por outros termos quasi no mesmo sentido. Em officio de 13 de agosto de 1715 communica á sua côrte «que Diogo de Mendonça assegurava, que o rei Luiz XIV pouca ou nenhuma contemplação tinha para com os alliados, desamparando-os apenas deixavam de ser uteis.»

Era apreciar com finura e em um só rasgo o pensamento que dominou sempre a politica do principe francez. Para elle a gloria do seu nome e a ambição da sua casa significavam tudo. Queria instrumentos e não amigos; e apenas cessavam de lhe servir, ou se quebravam, largava-os com indifferença depois de os ter sacrificado!

O exemplo dos outros advertiu o nosso ministro; e conservando as relações pacificas, e benevolo accôrdo com a França, excusou-se como prudente de a seguir ou de a coadjuvar

nas emprezas, em que ella desejou por varias vezes que Portugal entrasse, acenando-lhe com promessas, ou procurando deslumbral-o com vantagens apparentes.

Quando falleceu Diogo de Mendonça, mr. de Montagnac, consul de França em Lisboa, participando o sucesso á sua côrte, accrescentou: «O rei de Portugal perde muito n'elle; porque não ha no paiz quem possa substituir dignamente a sua falta; razão porque devemos esperar graves mudanças no governo.»

O auctor de uma curiosa Relação sobre o estado de Portugal, redigida no anno de 1723, tractando de Côrte Real diz o seguinte: E' pessoa de engenho espirituoso, subtil e delicado: o trato ameno, a eloquencia insinuante realçam-lhe os outros dotes. Homem de bem, agradavel para todos e muito entendido, merece a plena confiança com que seu amo o preza.»

Este conceito, que soube grangear entre estrangeiros, que poucos motivos tinham para lhe serem affectos, conservou-o sempre na sua patria atá que exhalou o ultimo suspiro. Embora os invejosos e inimigos lhe exagerassem os defeitos, sobravam as qualidades relevantes para abonar os seus talentos, provados em lances arriscados, e em complicadissimos embaraços.

A carreira de Diogo de Mendonça foi longa, pacifica e ditosa. Honrado com a amizade de dois monarchas, deveu á paixão de Pedro II pela poesia os rapidos augmentos com que se

elevou, assim como se póde attribuir ao ciume das prerogativas reaes e á sua aptidão e firmeza diplomatica o favor insigne com que el-rei D. João V o distinguiu.

Em outubro de 1718 desposou-se com D. Thereza Bourbon, viuva de Alvaro da Silveira de Albuquerque, coronel do regimento de Cascaes, e do governador da provincia do Rio de Janeiro senhora de sangue nobre, e unida por seus paes ás duas casas illustres dos condes de Avintes e dos Arcos.

Celebraram-se as vodas com applauso da côrte e manifesto agrado do soberano, sendo abençoadas quatro annos depois com o nascimento de uma filha, D. Joaquina de Bourbon, baptisada com grande pompa pelo patriarcha D. Thomaz de Almeida, assistido de muitos fidalgos e cortezãos distinctos.

Um anno depois veiu á luz do dia um segundo filho João Pedro de Mendonça Côrte Real, de quem foram padrinhos D. João V e a infanta D. Maria Barbara, por seu casamento princeza das Asturias, prestando o monarcha as galas e ornamentos do seu palacio, para maior luzimento da ceremonia.

A estas demonstrações de benevolencia juntou el-rei outras de não menor apreço.

Vagando a commenda de Longroiva, da ordem de Christo, e fazendo mercê d'ella a Diogo de Mendonça, permittiu-lhe que a cedesse em seu filho João Pedro, com a clausula de se empregarem os rendimentos desde 1714 em juros ou propriedades, que seriam vinculados

no antigo morgado da Torre da Palma, um dos solares da familia.

Não contente ainda com estas graças, singularissimas para o tempo, determinou el-rei armar cavalleiro de Christo por suas proprias mãos ao mesmo João Pedro de Mendonça, o que se executou em setembro de 1732 no oratorio do paço, com a magnificencia que D. João V ostentava em todos os seus actos.

Estes premios, que não louvam menos o generoso espirito do soberano do que os merecimentos do vassallo, ganhou-os o secretario de estado, carregando com a responsabilidade excessiva de quasi todas as repartições, fadiga intoleravel, que nos dias de hoje, em que o bufete e a escrevaninha reinam sobre resmas de portarias, deve parecer fabula inventada pelos aduladores, ou invenção de apologistas sem criterio!

As occupações do ministerio que servia Côrte Real abrangiam então a secretaria de estado com todas as correspondencias e trabalhos diplomaticos, a secretaria das mercês, do expediente, e da assignatura, que abraçariam muitas das repartições de que actualmente se compõem os ministerios do reino e da justiça, e como se ainda não bastasse, accresciam os negocios de mordomia-mór, e o despacho dos cargos de monteiro-mór, e provedor das obras do paço, com outros empregos menores, que tambem expedia ao mesmo tempo.

Apesar das queixas contra a indolencia do secretario, e da natural propensão d'este para

as delongas, é preciso confessar, que não era sua toda a culpa da vagarosa solução que lhe imputavam. Tantas incumbencias excediam as forças humanas! A pé sempre desde as quatro horas da manhã, aproveitava o remanso da madrugada em dispor o serviço, que haviam de executar depois os seus officiaes, e em minutar os documentos, que tanta reputação lhe alcançaram entre nós, e nas côrtes estrangeiras.

A diligencia e habilidade com que se ouve nos tractados de casamento entre o principe do Brazil, D. José, e a infanta de Hespanha, D. Marianna, e entre o principe das Asturias e a infanta D. Maria Barbara, correndo com as instrucções, e assistindo ás conferencias em Lisboa, attesta que o seu zêlo, quando o pedia o momento, era capaz de multiplicar-lhe os recursos, supportando sem quebra as vigilias e fadigas.

A elevação a que subiu nunca o deslumbrou. A paciencia risonha e a benignidade do trato, tornavam-n'o bemquisto, até dos mesmos requerentes, que as suas desculpas e delongas traziam mais arrastados. Ouvia-os com animo sereno, e respondia-lhes com imperturbavel agrado, embora a ira os tivesse feito desmedir. Muitas vezes, a um tropel de palavras asperas e imprudentes, replicava só com um dito chistoso, que, proferido a tempo, emendava o erro alheio, e applacava as iras entre risadas.

A sua probidade foi apontada como irrepre-

hensivel até pelos emulos e contrarios. Na hora dos grandes arrependimentos e dos maiores terrores, deixou escriptas da sua mão, e quasi na presença de Deus, estas palavras finaes, que todos os ministros deveriam meditar: «A' fazenda real não devo nada, porque das duas enviaturas de Hollanda e de Hespanha dei contas de que tenho quitações e assim não tenho restituição alguma que fazer-lhe, nem do presente governo, nem do passado.»

Não menos escrupuloso na vida particular, sabendo, por morte dos administradores de alguns morgados de que veiu a ser herdeiro, que n'elles andavam encorporadas terras alheias, e não podendo a esse tempo separal-as, e restituil-as, pagou aos donos o preço das fazendas satisfazendo-lhes o valor com o seu dinheiro.

E' o que elle proprio nos assegura no seu testamento. Falando de si, declara que não leva a sua alma gravada em restituição alguma, pelo horror que teve sempre ao alheio, como manifestára nas cousas reivindicadas para os morgados; pagando-se sem figura de juizo, tudo o que os pobres lavradores haviam desembolsado e compensando-lhes o juro do seu dinheiro com grossas sommas da sua bolsa. Este rasgo pinta o homem, e dá a medida exacta da delicadeza do seu caracter!

Diogo de Mendonça falleceu quasi de repente no dia 9 de maio de 1736, contando setenta e sete annos de edade. Achava-se na sua quinta de Bemfica, e passeando sobre a madrugada,

assaltou-o uma dôr tão aguda e penetrante, que dentro de poucas horas lhe cortou a existencia nos braços do seu capellão.

Na vespera ainda tinha despachado com elrei, e a sua disposição inculcava uma velhice robusta, promettendo larga duração.

Depositou-se o seu cadaver na freguezia de Nossa Senhora do Amparo do logar de Bemfica, e ahi se lhe tributaram as honras funebres, acompanhadas de sinceras lagrimas, que derramaram os desamparados, de que fôra, e sempre foi desinteressado protector.

Diogo de Mendonça Côrte Real era homem de gentil e magestosa presença, de elevada estatura, pouco cheio de carnes, rosto comprido, nariz aquilino, testa espaçosa, olhos azues, e tez branca e rosada. Cortezão primoroso, notava-se a promptidão e agudeza das suas respostas, e a graça e erudição das suas conversações.

O retrato que lhe tirou o flamengo Francisco Harwin, reputava-se o mais parecido e perfeito, e diz-se que existiu muito tempo na sala das conferencias particulares da academia de historia, instituida por D. João V em 8 de desembro de 1720. Entre os cincoenta academicos de numero, com que se fundou, contavam-se Diogo de Mendonça, José da Cunha Brochado, e o padre D. Raphael Bluteau.

Assim viveu honrado, e assim acabou contricto e tranquillo de consciencia um dos maiores estadistas portuguezes do seculo XVIII. A escuridão, que ainda cobre a historia tão

proxima e ignorada do longo reinado de D. João V, concorreu para quasi inteiramente serem desconhecidos o nome e os serviços de um dos seus ministros de mais fama.

Seja-nos relevada, pois, a ousadia, se, levantando um canto ao véu, mostramos em traços rudes tão grande vulto.

(Do *Panorama*, de 1855).

FIM DO SEGUNDO VOLUME DOS
«BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS»

INDICE

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXV

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizio
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXV

ESTUDOS CRITICOS — I

BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1909

BOSQUEJOS HISTORICO-LITTERARIOS

XXI

A Victoria do Christianismo

A egreja, cubrindo-se de lucto n'esta semana, recorda os mysterios sagrados da redempção.

Deante da cruz, em que padeceu o Homem-Deus, aos pés da arvore, d'onde a esperança tornou a levantar-se, os animos crentes aprendem a humilhar as vaidades, e as illusões.

Abrindo os braços no Calvario, Jesus conquistou o futuro, morrendo pela verdade. Os martyres e os confessores vieram depois, e attestaram á sociedade, que expirava, que o mundo transformado ia renascer, arvorando por estandarte o instrumento affrontoso da morte do Justo.

O orgulho da falsa sciencia, e os sophismas da impiedade luctaram contra a evidencia Debalde! Vinte seculos conformes na promessa do Messias, são o pedestal de Christo; e o sacerdote no templo, apresentando o filho de

Maria, e exclamando: «agora senhor, pódes despedir o teu servo em paz, segundo a tua palavra, porque os meus olhos já viram o salvador! », o sacerdote não fez senão dar voz e sentido ao ancioso desejo do genero humano.

A religião catholica não é de hontem, e não venceu pela força, mas triumphou pela persuasão.

Antes dos Cesares dobrarem o joelho deante da corôa de espinhos do Nazareno, quanto sangue innocente não fecundou a doutrina?! O valor e a constancia nos tormentos foram as armas dos christãos; os carceres, os tractos, e as feras do amphitheatro responderam pelo paganismo.

A idolatria defendeu-se encostando-se aos algozes, a lei nova prevaleceu pela paciencia e pela fé.

Os exercitos, que plantaram o Evangelho, e divulgaram até aos mais remotos povos as suas maximas consoladoras, eram apostolos pobres e desprezados; e apezar d'isso uma revolução immensa se operou em dois seculos á voz dos humildes e dos convencidos.

E' que o exemplo falava alto como o preceito!

O fausto da opulencia romana envergonhou-se da austeridade, que o accusava sem descerrar os labios. A soberba dos poderosos confundiu-se, vendo em ruinas o que tinha julgado firme, e quasi eterno. A crueldade, mesma, cançou-se de ferir a todos os instantes o soffrimento.

As nações dividiram-se; os colossos desabaram, e a unidade moral não se obteve, senão quando a promessa de Christo assentou em Roma a cadeira dos Apostolos, e o capitolio da redempção!

As raizes da arvore do Golgotha haviam crescido a ponto que no principio do terceiro seculo rebentavam já no foro, no paço dos imperadores, no senado, e em toda a parte! Chegavam tão longe, que Tertulliano, o Bossuet da antiguidade, a aguia da eloquencia n'aquella epocha de grandes homens e de grandes cousas, podia dizer aos perseguidores sem receiar, que o desmentissem: «Se esta multi«dão (dos christãos) vos desamparasse, refu«giando-se em logar remoto, a perda de tan«tos cidadãos de todas as classes seria o maior «castigo vosso, porque vos enfraqueceria ac«cusando-vos. Terieis então horror, da soli«dão, do silencio, e do espanto do mundo, que «pareceria morto. Buscando subditos acha«rieis mais inimigos, do que irmãos. O que «faz actualmente que os inimigos se julguem poucos é o numero dos nossos!»

Que espectaculo sublime, e nunca visto, antes, nem depois!

Quando se elevou com egual esforço o coração humano, ou quando resplandeceu a virtude assim, pizando as tentações mais insidiosas, e os temores, que mais affrouxam o valor?

Apontam-nos Socrates, e a resignada placidez, com que a sua alma heroica esperou tran-

quilla o somno da cicuta, morrendo por uma ideia generosa?

Mas Socrates, victima das invejas e ciumes de emulos crueis, contava á roda de si, n'esses momentos, chorosos e inconsolaveis os engenhos mais illustres de Athenas, e sabia adivinhar com jubilo, que ao menos tinha por elles segura a posteridade, a victoria.

E esses velhos, que já tropeçavam com a sepultura, e essas creanças faceis de assustar e distrahir, e essas donzellas, mimosas, ás quaes a vida era tão doce, recusando incenso e culto aos idolos, o que as alentava perante ferozes proconsules, e em presença dos verdugos e dos supplicios?

Em vez de mãos amigas para lhes enchugarem as lagrimas com piedade, e lhes confortarem o espirito deante da tremenda prova, o que encontravam os mais d'elles com frequencia no seio da sociedade, e no meio da familia até?

Indifferença nos paes, odios nos irmãos, desprezos e imprecações nos parentes! Vicios, escarneo, e idolatria em todos!

E entretanto rompiam animosos estes vinculos tão estreitos, e tão intimos; e a esposa não seguia o esposo, e o filho não obedecia ao pae, e o irmão não cedia ao irmão.

As mulheres, fracas e timidas, entravam no circo, risonhas, castas, e firmes, como se as chamasse algum amor puro e desejado.

Os que hontem eram ainda ricos e acatados despiam as opulencias sem a menor saudade,

e trocavam os marmores e os deleites da devassidão romana pelas trevas dos carceres humidos, e pelos eculeos e tenazes ardentes dos algozes.

Levantando os olhos, e desviando-os das grandezas e seducções da terra, qual d'elles padecendo pelo Evangelho, concedeu um suspiro á vida, ou um gemido ás dôres do corpo?

Que testemunhas da verdade não eram aquelles primeiros apostolos de Jesus, vozes gloriosas da sua missão, enviados do seu amor, e confessores da sua fé?

O mundo velho, decrepito e vacillante, coroava de flores a sua lenta agonia; e o mesmo senado, que tinha adulado em Sejano o valido omnipotente de Tibeiro, manchava-se com a realeza nova de o condemnar a um aceno do tyranno.

A plebe, que nos dias de prosperidade emmudecia medrosa, tremendo das varas dos lictores, a plebe vingava-se da covardia passada com a infamia recente de arrastar um cadaver mutilado ás gemonias!

As sombras da idolatria cubriam a terra; e exceptuando os Judeus, já n'esse tempo infieis depositarios da lei de Moysés, todos os povos, curvados ao jugo romano, adoravam as paixões, e as fragilidades humanas, symbolizadas nas falsas e absurdas divindades dos diversos ritos.

Qual era o vicio, por asqueroso, que não apontasse para o seu altar, e para o seu quinhão no culto? A luxuria e a impudicicia cha-

mavam-se Venus; o adulterio chamava-se Jupiter, ou Marte, e o roubo Mercurio; as torpezas mais ignobeis e dissolutas tinham protectores no Olympo, ou representantes sagrados no orco pagão, e viam correr em honra sua o sangue dos sacrificios.

Para se dobrar o joelho, cercando de perfumes e sacrificios as suas aras impias, era preciso, que a humanidade perdesse a memoria, e suffocasse o sentimento das religiosas tradições dos patriarchas.

A liberdade, que fôra o timbre das republicas gregas e o orgulho dos primeiros romanos, a liberdade apunhalada nas luctas de Mario e Scylla, de Pompeo e Cesar, veiu cair moribunda, vilipendiada, e escarnecida aos pés da dissimulada crueldade de Tiberio, em Caprea, e da demencia sanguinaria de Nero e Calligula!

Mesmo antes, seria ella a idéa nobre e pura, que regenerou a sociedade pela acção de muitos seculos?

Estaria com os captivos, ligados á gleba, ou com os clientes, bando servil, que se rojava aos caprichos do patrono, cujas migalhas respirava?

Estaria com os libertos, que empallideciam deante do olhar do Senhor, escondendo com a toga os stigmas do açoute e a marca da infamia?

Os escravos eram cousas, e valiam menos do que brutos, se é possivel!

Cleopatra provava n'elles os seus venenos;

Flaminio decepava-lhes a cabeça para mostrar aos seus convivas as agonias da morte violenta; Pollion engordava as moreias dos viveiros, lançando-lhes esta carne *desprezivel*, ainda palpitante!

O amo recosta-se em brandos coxins, á mesa, e a turba servil rodeia-o. Este enche as taças, trajado em roupas de mülher, aquelle apaga de joelhos os vestigios enojosos da embriaguez; uns velam a noite inteira entre a embriaguez e a sensualidade; outros, reservados para os prazeres infames, aguardam convulsos e tremulos a hora dos devaneios lascivos e ferozes! Os thesouros do mundo avassallado correm sem cessar para as arcas dos generaes, dos pretores, e dos uzurarios, e sustentam todos os commodos e delicias imaginaveis.

Não dizia o avarento M. Crasso, que eram para elle pobres, quantos não possuiam cabedaes para estipendiar exercitos á sua custa?

E' por isso, que mesmo a phantasia mais luxuosa recùa deslumbrada em presença do fausto e magnificencias, que ostentam os senhores do mundo nas vesperas da sua quéda, e quando já principia a escurecer o crepusculo da decadencia.

Cada habitação valia um thesouro. A casa de Publio Clodio custou-lhe tresentos contos; a de Lucullo duzentos; a de Cicero cento e doze! Hortencio, o orador, testava oito milhões; Emilio Scauro trinta e dois; o comediante Roscio oito, e Esopo, o tragico, dois!

Os riquissimos marmores de Lesbos, de

Paros e de Africa, revestiam as camaras dos sumptuosos palacios; o ouro e o marfim compunham os embutidos dos intercolumnios; os paineis, as pinturas preciosas, as estatuas e os vasos corinthios e murrhinos ornavam os aposentos, dispostos com arte e profusão.

A gula e a embriaguez acompanhavam outros appetites.

As mezas triangulares gemiam com o pezo das baixelas de prata, e dos manjares exquisitos, invenções mais da prodigalidade do que do gosto.

Um opulento, para illustrar a sua meza, pagava por um conto e duzentos mil réis um prato de aves raras. Cesar devorava em um festim o rendimento de tres provincias, o dobro do que possuia o erario publico. Lucullo em uma ceia, dada casualmente a Cicero e a Pompeo, dispendia seis ou sete contos de réis!

Eis o que era Roma, quando o Filho de Deus veiu offerecer a paz, e alargar ao homem os horisontes, que o polytheismo acanhava, trazendo ao seu lado a Fé, que lhes apontou alem do tumulo, e acima da terra, a morada celeste, verdadeira patria dos descendentes de Adão.

Desde esse dia, a egualdade na presença de Deus nivelou o poderoso com o indigente, e o oppressor com o opprimido. Os homens ficaram irmãos, e a marca affrontosa da servidão foi-se desvanecendo da fronte das graças proscriptas.

Uma revolução immensa, a revolução da

verdade divina e da lei moral, rebentou das raizes d'aquelle madeiro de ignominias, aonde o odio dos phariseus, e a cumplicidade dos romanos imaginaram afogar a idéa nova em zombarias e tormentos.

Mas para a doutrina sancta e pacifica de Christo prevalecer, e se diffundir, heroica na constancia, e efficacissima na acção, para ella domar a soberba, a cubiça, e as seducções da opulencia, que paciencia nos padecimentos, e que ardor de persuasão não foi necessario ostentar?

Ao lado d'esses ricos, ainda pallidos das devassidões de hontem, e d'essas damas, cujos desvarios lubricos o pejo das linguas castas se envergonha de nomear, passavam pobres, humildes, e sós os discipulos do Nazareno, victimas votadas ás recreações barbaras do povo-rei; alvos da calumnia dos principes e dos sabios; e objectos de horror para a plebe, costumada a vel-os morrer para seu deleite como criminosos, indignos de compaixão.

Desligados das affeições e dos laços, que prendem o homem, obedeciam á voz, que os chamava de cima, e sem hesitar, largando tudo iam pegar na sua cruz.

No eculeo, nos jardins de Nero, ou debaixo do cutello dos verdugos, anteviam o paraizo entre as cruezas, e com saudades do ceu não desejavam senão a brevidade da existencia mortal.

Eis a tua victoria, oh Christo!

Achaste o universo apagado em vil tristeza,

as trevas da idolatria por toda a parte, e os vicios e a perversão triumphantes, usurpando o incenso, só devido á divindade e á virtude; mas a tua palavra, rasgando o veu, illuminou a terra com as alegrias da esperança; em vez da mentira fez que fosse adorada a suprema verdade; e com a face no pó deixou prostrados os carrascos da innocencia e do pudor.

Os teus inimigos, Jesus, cravando-te na cabeça a corôa de espinhos, e mettendo-te na mão, por escarneo, a canna verde como sceptro, imaginaram sepultar para sempre comtigo na irrisão as consolações da tua promessa; mas o teu sceptro partiu o d'elles; a tua coroa resplandeceu luzente de estrellas, e o teu sangue derramado gotta por gotta, em cada uma das partes do mundo aonde cahiu, fez surgir uma egreja, levantando exercitos de martyres para cantarem os teus louvores, e hastearem, como estandarte da nova era, a tua cruz!

No horto da oração o suor da agonia escorreu-te dos membros, e provando o calix das amarguras, mesmo sendo filho de Deus, a carne tremeu em ti, e os teus labios gemeram com a dôr da angustia! Ensinaste aos homens o temor da morte, como expirando com o perdão na bocca lhes mostraste, que a clemencia e a misericordia são as azas divinas, em que a alma se estriba para subir aos ceus.

No meio dos tractos, exposto ás ignominias e baldões da plebe, que pedia a liberdade do malfeitor, e a condemnação do justo, as tuas lagrimas correram compassivas, e, olhando

para a Jerusalem endurecida, que lapidou os prophetas, dissestc a suas filhas, que te seguiam: «Não choreis por mim, chorae sobre vós «mesmas, porque virá tempo, em que serão «felizes as entranhas e os peitos, que não «conceberam e não crearam. N'esses dias direis «aos montes: cahi sobre nós, e aos outeiros: «cubri-nos! Se isto succede ao madeiro velho, «o que será com o madeiro secco?»

Os cegos não te viram, nem os surdos te ouviram. Segundo a tua palavra foste alçado na eminencia do Golgotha, e abriste os braços, pregados nos braços da cruz.

Das tuas chagas manaram rios de sangue; e inclinando a fronte chamaste por Aquelle que acceitára o teu sacrificio sublime em remissão.

O que succedeu?

Jerusalem cumpriu o seu destino, e as suas ruinas assoladas ergueram o pregão eterno da justiça que a puniu. Do colosso romano, nem cinzas restam. O sopro árido dos seculos dispersou-as no furacão dos ventos. O mundo convertido rejuvenesceu baptisado na fonte viva do teu sangue, e abraçando a cruz, aonde padeceste, disse ao futuro a promessa, que em vão tinhas annunciado ao presente tantas vezes!

Nos teus braços de pae, abertos e extremosos, refugiou-se a humanidade; e a regeneração moral, levantando-se do Calvario, poz a liberdade aos pés do Evangelho.

Da tua morte nasceu a vida, do madeiro do

teu supplicio brotaram os frondosos ramòs da arvore da civilização, e da tua palavra, semente fecunda, nasceu, á voz do tempo e da verdade, o astro, que illumina a sociedade moderna no seu caminhar incessante para a perfeição relativa.

(Do *Panorama*, de 1856)

XXII

Introducção aos «Annaes de Sciencias e Letras»

Este Jornal, publicado debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias, e que tem consagrada á inserção dos seus trabalhos officiaes uma parte das suas paginas, vem preencher uma falta geralmente sentida no paiz, e promovendo o progresso das sciencias e das lettras, não produzirá effeitos menos uteis nas questões que interessam os melhoramentos de toda a ordem, e que tão poderosamente influem no equilibrio das relações sociaes, e nos phenomenos geraes da civilização.

Uma publicação periodica, podendo considerar-se o meio termo entre o Jornal e o livro, unindo talvez a rapidez da acção que caracteriza o primeiro á solidez scientifica que deve distinguir o segundo, tendo por principal intuito approximar os homens de intelligencia e de estudo, parece-nos uma tentativa proficua em si mesma, e que, impedindo a funesta dispersão das forças moraes e intellectuaes, tão

frequentes nas epochas de renovação, dará maior unidade ao movimento litterario e scientifico da nossa terra, sem offensa das legitimas prerogativas do pensamento individual, que vive e se engrandece nas regiões fecundas da liberdade.

As investigações puramente academicas, os trabalhos meditados e profundos de critica transcendente, ou de cuidadosa e vasta erudição — dirigem-se forçosamente a um grupo limitado de individuos, e, não se traduzindo em fórmas mais accessiveis ao commum dos espiritos, penetram lentamente no dominio publico, e os seus resultados certamente se não perdem, mas demoram-se e suspendem-se indefinidamente.

Sem querermos fazer a demonstração de uma verdade, que nos parece incontroversa, não podemos, comtudo, deixar de recordar o que se observa na historia da nossa propria Academia. As immensas e preciosas indagações, que, desde os fins do seculo passado até á primeira decada do nosso seculo, emprehenderam os benemeritos fundadores d'este instituto illustre, sobre legislação, historia, antiguidades, sciencias naturaes e exactas, só agora se pode dizer que começam a aproveitar-se; e devemos advertir com magoa, que, possuindo elles noções tão lucidas e copiosas sobre administração, e sobre economia publica, apontando com tão nobre audacia os vicios do nosso estado social, e a deficiencia das nossas instituições civis, nem conseguiram abalar

a inercia da sociedade, nem poderam modificar no minino ponto as convicções e practicas do governo. Foi necessario que produzissem factos externos, que agitassem as classes e pozessem em fermentação os elementos da vida nacional, para que as idéas, que elles haviam attingido pela meditação e pelo estudo, desabrochassem, nos accessos febris, nas scenas tempestuosas que acompanham as revoluções politicas.

Ao contrario, a influencia do *Panorama*, o mais admiravel instrumento de iniciação intellectual, no atrazo relativo em que existiamos, manifestou os seus effeitos desde logo, e, redigido por algumas das capacidades mais distinctas do paiz, que hoje temos a honra de contar no numero dos nossos socios, aperfeiçoou a lingua, desenvolveu o gôsto pelas lettras, fez reviver as nossas tradições na imaginação popular, e por elle se deu vôo e impulso a essas vocações novas, que vemos gradualmente hoje ir sobresaindo em todas as espheras da actividade social.

Os tempos são diversos agora. O mundo litterario e scientifico é muito extenso; a civilização, penetrando nas leis e nos costumes, alarga as fronteiras do imperio intellctual; e ninguem põe em duvida que o espirito de uma sociedade se revela sobre tudo pela eloquencia, que é pela arte que ella possue a consciencia de si mesmo, e que antevê os seus futuros destinos.

Julgámos opportuna a occasião para tentar

uma publicação d'esta natureza. Temos até aqui existido, scientifica e litterariamente, incommunicaveis com o paiz, e este isolamento é por todos os modos lamentavel. A sciencia não só ganha, mesmo como sciencia, em deixar de ser puramente especulativa; mas o bem-estar individual, os phenomenos economicos e materiaes dependem essencialmente dos seus progressos, da sua propagação, do horisonte que ella possa conquistar no terreno practico.

Se as duas grandes fórmas que hoje dominam a actividade social — a industria e o pensamento — uma que se dirige mais especialmente aos interesses—a outra que influe e regúla os sentimentos e aspirações da sociedade, não se desenvolveram parallelamente, poderá sempre recear-se um choque imprevisto, que perturbe a harmonia que deve existir entre ellas, e sem a qual a civilização caminha n'um estado precario e convulsivo.

A excepção dos homens, que, por irresistivel vocação, se dedicam ás lettras e ás sciencias, ou os que as professam como meio de honrosa independencia, o geral da sociedade vive completamente estranho ao conhecimento dos problemas que se ventilam no mundo scientifico e litterario, no seio das nações mais adeantadas; e não sabemos que possa haver indifferença mais fatal á nossa propria regeneração e progresso.

Este Jornal procurará excitar a attenção sobre as publicações mais notaveis que apparecerem nos outros paizes, e a sua parte biblio-

graphica será, quanto possivel, esmerada na escolha, e justa nas apreciações.

Um Jornal que mantenha a sciencia e as lettras na sua elevada esphera, sem se desvairar por propositos de especulação, e sem se sujeitar aos caprichos ephemeros das imaginações frivolas, não pode deixar de ser accolhido como uma empreza generosa, e cremos que servirá efficazmente o nosso desinvolvimento intellectual.

(Dos *Annaes das Sciencias e Lettras*, 1857)

XXIII

Adivinhação e prophecia

Antes de correr o véu á prophecia dos futuros destinos de Roma, o poeta ainda nos demora alguns instantes nos vergeis da Grecia para assistirmos com elle á antiga festa de Baccho, e á explicação do sacrificio mais agradavel ao deus dos jardins.

Entre as nymphas dos bosques e das aguas, e o bando lascivo dos satyros, mostra-nos os deuses adormecidos sobre a relva. Socios e amigos de Baccho, o prazer cerrou-lhe as palpebras. Sobre as cabeças coroadas de pampanos, as arvores copam as sombras, e os arroios proximos espreguiçam a corrente, murmurando.

As nayades, de pé, ou deixam escorrer as tranças com requebro feiticeiro, ou as ennastram enfeitando as frontes graciosas. Aqui, vôa a tunica a uma, e indiscreta descobre-lhe o joelho, ou a espadua. Mais adeante, os véus mal conchegados abrem-se, e deixam ver os seios nus de outra a palpitar. Os pés delicados de todas fogem tão ligeiros sobre a fresca erva, que nem sequer magoam as flores, trilhan-

do-as. Nem só os pans e os satyros se abrazam; a chamma dos desejos ateia-se até no peito de Sileno, pezada carga do seu jumento, que vacilla.

Desmaiou e sumiu-se o sol. Suspira nas ramas a viração e por fim calla-se com a noite. Tudo repousa. Só geme o desditoso Priapo. Fere-o a dôr do affecto desprezado. Longe d'elle descança a formosa Lotis.

No meio do silencio ergue-se, e tão de leve firma os passos, que lhes furta o som; tão manso respira que nem os labios sentem o alento comprimido; chega, devassa o asylo secreto da nympha, e vai colher do somno, e não da ternura, as primicias do amor.

Já a mão impaciente apalpa as roupas, já a anciosa bocca treme sobre as rosas, que o pudor aviva quando resoa rouco e intempestivo o zurro do animal de Sileno. Lotis desperta, olha, vê o deus, e, assustada, esquiva-se aos braços, que vão estreital-a. Os eccos acordam com as suas vozes.

O jumento pagou com a vida. Desde a noite fatal, que viu a vergonha do nume do Hellesponto, foi esta sempre a victima mais grata aos altares de Priapo. Depois do quadro que o seu pincel vestiu de alegres côres, Ovidio, mudando de repente de tela e de tintas faz-nos admirar o vulto da mãe de Evandro. Que engenhosa mestria em graduar as transições! Que apuro em acabar com primor tantos paineis diversos, cuja variedade assombra! Como sobresahe o grandioso da prophecia de Car-

menta depois das folias e das danças pastorís!

Ainda o riso movido pelas desventuras amorosas de Priapo se não despediu dos labios, e já nos arrebata outro assumpto. D'esta vez a voz do futuro é que nos chama. *Magna vox!*

Entre o berço e a sepultura, a ignorancia do que nos espera cega sempre um homem no seu caminho. Em vão eleva, ou dilata a vista da alma para transcender os limitados horisontes da terra; os esforços quebram-se impotentes; a luz enganosa apaga-se ao primeiro sopro; e nem o dia de hoje poderá dizer o dia de amanhã.

A esperança aponta para o céu, o coração, saudoso do invisivel e do sobrenatural, pulsa inquieto, a razão admira o poder sublime, creador do universo; mas do que o porvir encerra, do que está ainda para ser, não é permittido rastrear nem uma lettra!

Quer ousemos interrogar as estrellas, quer nos abalancemos a escutar a voz do abysmo, nem a revelação descerá de cima, nem dos antros saírá senão a mentira. Oraculos, visões, sortes, astrologia, tudo, em presença da verdade confessa o nada das temeridades humanas. O futuro só Deus o vê.

O desejo inquieto de todas as gerações, desde que o homem abriu os olhos, sempre tentou roubar ao céu o conhecimento do porvir. Alongar a vida pelo espaço incommensuravel, que abraça a successão das eras vindouras, e saudar como presentes os seculos e os acontecimentos, que ainda não nasceram, desde re-

motos povos foi e ha-de ser a impaciencia de todas as eras. Chaldeus, Egypcios, Persas, Gregos e Romanos, attrahidos pela illusão de lerem o mysterio do seu destino, todos curvaram o joelho ao altar, d'onde as theocracias dictavam os oraculos; com os olhos nas estrellas debalde tentaram soletrar os segredos do pensamento eterno nos astros esplendidos, de que se corôa a abobada celeste.

Tecendo com tão admiraveis desenhos o poema dos *Fastos de Roma,* Ovidio não podia omittir este importante aspecto.

A prophecia de Carmenta lisonjeava o orgulho do imperio. Fugindo com o filho a sybilla, enxuga-lhe as lagrimas e consola-o das saudades da patria, illuminando por momentos a noite profunda, que ainda esconde aos olhos de todos as prosperidades promettidas a Roma. Antes de surgir a rainha do Tibre, e de se assentar no throno do mundo, já ella a vê despontar e crescer. Vê-a grande na lucta, e depois soberba e victoriosa, lançando algemas aos reinos conquistados.

O poeta de nada se esqueceu para revestir esta scena grandiosa do seu verdadeiro caracter. Evandro entra no rio, que tantos successos tornaram famoso. Sobre uma e outra margem descobrem-se apenas algumas choupanas aninhadas no seio das solidões. E' então que a sybilla com o rosto inflammado, e ardendo-lhe na vista o delirio da inspiração divina, desgrenhada e em sobresalto, trava da mão ao piloto, e, alongando o braço para a direita,

tres vezes fere o convez com o pé impaciente.

Cega, quasi louca de enthusiasmo, arremessar-se-hia por cima das aguas para mais cedo beijar a terra, que avista, se o filho a não contivesse. Ainda de longe saúda as ribas hospitaleiras, que um dia serão o berço da predestinada cidade.

A nobre figura da mãe de Evandro, avivada por Ovidio n'este bello trecho dos *Fastos*, não era nova, nem fabulosa para os Romanos. Sempre viva na memoria ligava-se pelos vinculos religiosos desde remotos tempos á gloriosa historia da capital do mundo; porque a voz, que o poeta repetiu, promettendo aos futuros povoadores os prodigios de um destino sem egual, era nada menos que a voz admirada da sibylla Cumeia.

Os eruditos pelejaram sobre o verdadeiro logar do seu nascimento, e divergiram ácerca do nome e da stirpe da prophetiza; porém se o pleito ainda se não acabou de esclarecer, e se a sentença espera por novas investigações para se lavrar, não faltam a despeito d'isso auctoridades, dignas de credito, que, representando-a com o cantor das *Metamorphoses* como a verdadeira nympha Carmenta, lhe derivem de *carmen* a poetica denominação, devida a sairem-lhe sempre os oraculos fundidos em verso.

Virgilio no terceiro livro da *Eneida* descreve o antro da prophetiza, e o modo por que vaticinava, escrevendo em folhas soltas. No livro sexto completa a pintura, accrescentando:

........Foliis tantum ne carmina manda,
Ne turbata volent rapidis ludibria ventis;
Ipsa canas, oro.

Em outro poema, não menos opulento e louvado que os *Fastos*, Ovidio que figurou com a rara viveza de seu estylo a caverna da sybilla:

Littora Cumarum, vivacisque antra Sybillae
Intrat: et ut manes adeat per averna paternos,
Orat: at illa diu vultum tellure moratum
Erexit, tandemque Deo furibunda recepto:
Magna petis, dixit, vir factis maxime.
Metam. lib. XIV.

Finalmente Claudiano, no panegyrico do quarto consulado de Honorio, exclama:

Chaldoei stupuere senes; Cumana que rursus
Intonuit rupes, rabidae delubra Sibyllae.

Escriptores orthodoxos e sinceros nas crenças, arrastados pelo natural pendor do espirito para o maravilhoso da antiguidade, não hesitaram em attribuir á prophetiza verdadeiros poderes de revelação, dando-a quasi como nuncia da nova lei de Christo. Illudidos pelas apparencias, ou mais exacto, pelos proprios preconceitos, quizeram que ella tivesse exaltado nos seus cantos o Deus Uno, creador e conservador do universo, e que além de o celebrar no seio do polytheismo, vaticinasse ainda o nascimento e a missão do Redemptor,

adorado pelos magos do oriente na gruta de Bethlem.

Os oraculos, que serviram de texto a este sonho foram os seguintes, que damos em latim como os cita um dos auctores a que nos referimos [1].

> Sparge pie semen: Dominus tibi donet ut ista,
> Aeternos fructus, aeternum lumen habebis.
> Vitam incorruptam, cum cunctos arguet igne
> ....

E mais notavel seria ainda outra prophecia invocada em favor da opinião, que apontâmos, se todos os signaes não estivessem denunciando de ser falsamente baptisada com o nome e auctoridade da sibylla: [2]

> Virgo sancta olim, cunctis et clarior astris
> Mirando infantem sanguine concipiet.
> Suffecto é coelis hunc nutriet alma liquore
> Uberibus propriis, lacteque virgineo [3].

Sessenta e tres annos antes de se abrir a era christã, divulgou-se na séde do imperio outra prophecia, assegurando que estava para nascer um rei ao povo romano. Este vaticinio designaria o Messias, o promettido das nações segundo os Hebreus? ou tirava a sua origem mesmo das trevas do culto pagão? Não parece

[1] Sibyllinorum versuum, lib. IV, in principio.
[2] Boissardus. De Divinatione p. mihi 227.
[3] Servatii Gallaei Dissertationes de Sybillis.

facil decidir. Ambas as hypotheses foram defendidas, e nenhuma prevaleceu de modo que excluisse a duvida. Não se lisonjeava um dos cumplices de Catilina de ser elle o rei annunciado pelos oraculos, e de estar proxima a hora de receber a corôa das mãos dos conspiradores, seus socios?

O que mais deve admirar-nos é que, apezar de separadas da communicação hebraica, algumas nações orientaes nunca deixassem obliterar a memoria da queda do primeiro homem, e a crença no dogma da expiação. A vinda do filho de uma virgem eleito para reconciliar a terra com Deus, encontra-se prognosticada nas tradições dos brahmines, dos magos, e dos bonzos. Muito antes de Jesus habitar o mundo já a idéa da necessidade da redempção dominando as antigas civilizações, tinha circulado por quasi todas as seitas, atravessando o Euphrates, o Indo, e os oceanos mais tempestuosos.

Na extremidade da Asia oriental Confucio declarava aos seus discipulos que o verdadeiro sancto nasceria no occidente. Na Idumeia, Job, o modêlo das virtudes arabes, esperava com alegria pela presença do Salvador, affirmando que o não veria, com os olhos da carne, mas só depois da resurreição, porque os tempos ainda estavam distantes [1].

Os indús, em um dos seus poemas, ensinam que ha de nascer um brahmine o qual fará rei-

[1] Job. cap. 19, vers. 25, 26, 27.

nar a verdade e a justiça, offerecendo o sacrificio. Finalmente Manchi, discipulo de Confucio, compara a expectação geral do mundo á impaciencia das plantas murchas, que suspiram pelo orvalho. Todos estes testemunhos o que provam, senão que o coração humano aspirava a novos destinos, e que, abraçando-se com as tradições quasi nascidas no berço da terra, procurava consolar-se da tristeza dos dias de tribulação e de obscuridade?

Tacito, o severo analysta dos desvarios do imperio, tractando, no reinado de Vespasiano, da guerra que terminou com a ruina de Jerusalem, cita as vozes vagas, que annunciavam, conformes com os antigos escriptos sacerdotaes, que o oriente n'esta épocha havia de sobresahir apoderando-se homens da Judéa da direcção das coisas.[1]

Suetonio, reproduz a mesma crença, dizendo que era opinião constante, que o destino tinha assignalado aquelle tempo para saírem da Judéa os dominadores dos homens [2].

Estes confusos vaticinios, que os dois escriptores não duvidaram repetir, e os prodigios narrados por Tacito n'esta occasião, procediam

[1] Quae pauci in *metum* trahebant: pluribus persuasio inerat, antiquis sacerdotum litteris contineri, eo ipso tempore fore. ut valesceret oriens, profectique Judaea rerum potirentur, quae ambages Vespasianum ac Titum praedixerant. Tacit. Historiar., lib. v, num. 13,

[2] Percrebuerat orente toto vetus et constans opinio esse in fatis: ut eo tempore Judaea profecti rerum poirentur. Sueton. Tranq. T. Vespasian. num. 4.

da astucia e má vontade dos inimigos do poder imperial? ou subiam mais longe, manando da mesma occulta fonte, de que em tão diversas e distantes partes encontramos os signaes?

Mas aonde os admiradores do maravilhoso descobriram mina mais rica foi na quarta ecloga de Virgilio tantas vezes invocada. A terna imaginação do poeta, que mais recorda a suave melancholia moderna, descrevendo as aguas, as arvores frondosas, e as campinas douradas pelas searas, suspende-se no meio dos quadros pastoris, e afinando a lyra para sons mais altos, rompe o mysterioso canto, vestindo o pensamento com as magnificencias do metro:

> Ultima Cummoei venit jam carminis aetas
> Magnus ab integro saeclorum nascitur ordo:
> ....
> Jam nova progenies coelo dimititur alto:
> Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
> Desinet, ac toto surget gens aurea mundo
> Casta fave Lucina, tuus jam regnat Apollo.

As difficuldades, que offerecem as allusões, em que Virgilio aponta para o berço auspicioso de um filho do céu, destinado a abrir as portas de ouro á edade nova, não se desatam, acceitando-se a explicação do imperador Constantino, e dos que intentaram applical-a ao nascimento do Messias. A visita de Herodes á capital do imperio, e a sua intimidade com os confidentes de Augusto, dariam certo pêso ao voto dos auctores, que se inclinam a ver nos

versos do cantor de Eneas a imagem das tradições hebraicas, se outros logares não favorecessem egualmente a opinião dos que attribuem ao conhecimento dos oraculos da sibylla a revelação da missão divina.

Estudando-o sem preoccupações, que ha de inspirado e de fatidico no poema, que tanto campo offereceu á critica? Idéas, figuras, e crenças tudo verte as côres do polytheismo, e se accommoda sem esforço aos louvores de Augusto e do filho de Asinio Pollião, segundo o parecer de commentadores judiciosos.

Para nós é evidente, sem nos apartarmos de Blondell, e de outros escriptores desapaixonados, que a piedade pouco allumiada quiz forjar armas contra os adversarios pagãos das transparentes allusões da poesia de Virgilio Prestaram-lhe as azas de fogo de vidente enlevado em raptos divinos, e pozeram-lhe na bocca o cantico da boa vinda do Messias, quando elle apenas enramava a lyra profana para celebrar entre jubilos o fausto natalicio do herdeiro do seu protector [1].

A fé nos deuses, o temor da sua justiça, e a veneração do seu poder sobrenatural, eram sinceras na gentilidade, á qual as risonhas ficções de um culto mundano e sensual inspiraram tantos primores, modêlos e desesperação da arte moderna.

Consultando Apollo em Delphos, Hammon

[1] Servatii Gallai Dissertationes de Sibyllis earumque oraculis. Cap. XVIII, pag. 363.

no Egypto, e outros oraculos, obedecia-se apenas ao uso, pagando tributo á credulidade da plebe e enfreando-a pelo terror religioso? ou na realidade acreditava-se que um espirito superior baixava sobre a cabeça da pythonissa, ou sobre os altares, facil em descortinar o futuro á voz do sacerdote, e dos que vinham pedir-lhe a revelação dos segredos eternos?

De certo não. O interesse das theocracias aproveitou com destreza as fragilidades da superstição, enriquecendo as aras com as offertas dos illudidos, que uma resposta ambigua despedia ainda mais incertos; mas os homens cultos e instruidos riam-se dos agouros, dos vaticinios e das sortes. Na Grecia, mãe e amiga das boas artes, que ennobrecem o gosto, na Grecia aonde falaram os oraculos mais celebres, discorria-se com impunidade contra elles, e havia quem os accusasse de impostura.

As seitas philosophicas dividiam-se n'esta disputa, como em outras, e se os stoicos e os platonicos defendiam a causa do sacerdocio, os cynicos, os epicurios, e os peripateticos zombavam dos milagres sem se encubrirem. Eusebio, affirma que não foram menos de seiscentos os auctores pagãos que escreveram contra[1].

Os fragmentos que nos restam de Oenomaus, tão solto nas palavras, como sceptico nas razões, espantam pelo arrojo. O Deus de Delphos, apodado de embusteiro, ouve em pleno paga-

[1] Euseb. Preparat. Evang. lib. IV.

nismo as ironias mais crueis. Mas, quem sobre todos deve admirar-nos é o proprio Cicero. Investido nas maiores dignidades da republica, no seio de Roma, tão grave e positivo na applicação dos principios de politica e de governos, vemol-o imitar nos seus livros as leviandades filhas da engenhosa agudeza de Athenas! A voz do grande orador flagellou tambem com motejos o que havia de mais sancto e acatado na religião, e escarneceu dos auspicios. Constrangendo com instancias victoriosas os adversarios a replicarem, que no momento do sacrificio os deuses podiam mudar as entranhas das victimas, accusa-os depois de demolirem a arte dos aruspices. Apezar d'isto não se estranhou a impiedade publica. Os collegios dos sacerdotes ficaram mudos, e o riso feriu no rosto as crenças, sem que se levantasse um vingador.

E' que a capital do mundo n'aquelles dias quasi que nem já tinha religião, nem existencia propria. Imagem do cahos, copia de mil differentes usos, cifrava o sentido e o destino da vida na posse dos bens physicos, sahindo dos banhos para os amphitheatros, e dos sacrificios e festas dos templos para as torpezas do lupanar, e para os excessos da mais dispendiosa gula.

O que era a virtude em Roma, depois de Mario e de Sylla e pouco antes de Cesar? Por que laços divinos se elevava a creatura ao Creador? Por que esperanças tendia no céu? Adeante do tumulo cerravam-se as trevas do anni-

quilamento. Depois da morte o nada! Era a opinião dos doutos. No senado Cesar exclamava que espirito e corpo tudo era um dentro do sepulchro!

Não se acreditava na religião. As irreverencias de Aristophanes contra os deuses nas suas comedias e sobre tudo na das *Aves*, não assustavam a devoção da Grecia, nem a de Roma. Ás gerações dos tempos de Numa e dos Lucomons, á singeleza viril da republica, succedêra uma épocha incredula, escrava sensual dos deleites. O antigo temor dos deuses convertêra-se na indifferença, filha do scepticismo pulido. Como não havia de ser assim se estava mesmo na indole do polytheismo o decair na proporção dos progressos intellectuaes?

Religião infamada pelas monstruosidades occultas de alguns de seus ritos offerecia no olympo exemplos de todos os vicios. Como levantaria a cabeça para o céu depois de tão envilecida? Roma chegára á final desgraça de não se lembrar nem das virtudes dos seus maiores, nem do nome das suas divindades.

A corrupção do sacerdocio acompanhava a perversão dos costumes. Os oraculos tornaram-se venaes. Dictavam-se de fóra as respostas, e doceis á voz dos interesses humanos raro seria que não obedecessem. Demosthenes não se queixava sem motivo de que a Pythia *philipizava*. O rei de Macedonia tinha o segredo de a inclinar a seu favor. Alexandre arrancava no templo a Hammon a saudação, que,

deshonrando sua mãe, lhe deu o titulo de filho de Jupiter; e Augusto, separando Livia gravida dos braços do esposo para a receber no seu leito, e consultando tambem os oraculos, não os achou menos lisongeiros do que os seus cortezãos porque se não envergonharam de coroar de bençãos um acto que merecia censuras.

Os artificios, de que se valiam os padres tambem não eram ignorados. As pias fraudes na antiguidade entravam como base do systema theocratico. Para os oraculos buscavam-se as cavernas. A escuridão e o horror da noite, que as entenebrece, com os accessorios habilmente dispostos, concorriam para ferir a imaginação. Nos tempos propheticos, aonde a natureza não proporcionava estes meios, a arte suppria-os. Os sanctuarios representavam especies de antros, em que a divindade se recatava dos profanos, e aonde só penetravam os sacerdotes. A Pythia em Delphos não subia á sua tripode senão em sitio obscuro, e separado do pequeno aposento, occupado pelos que a consultavam.

Na descripção do templo de Serápis, Rufino aponta a circumstancia, commum a todos, de estar elle cruzado de caminhos subterraneos por onde os padres se introduziam, e jogando com as machinas, graduavam os effeitos theatraes que desejavam produzir. O que a Escriptura nos diz dos sacerdotes de Belus, que Daniel cobriu de confusão, avivando-lhes os passos na cinza, era vulgar em toda a parte, e desde remotas eras.

Mas já é tempo de nos recolhermos; pedia o assumpto proporções mais amplas, e cinzel mais apurado. Entre os desvarios mais religiosos da antiguidade e superstições das eras modernas, e até das recentes, não seria difficultoso extremar os fios, ás vezes bem visiveis, que as prendem umas ás outras; o espaço não permitte porém, que abracemos, como desejariamos todos os aspectos de uma questão que avultou volumes, exgotando as posses intellectuaes de grandes eruditos.

Por aqui encerrâmos pois o quadro, porque adeantal-o mais fôra ao mesmo tempo abusar da paciencia dos leitores, e não conhecermos a propria debilidade.

(Nota 24.ª á versão portugueza dos *Fastos*, de Ovidio, por Castilho, em 1862).

XXIV

Introducção
á «Revista Contemporanea
de Portugal e Brasil»

A *Revista Contemporanea* representa uma ideia, que, sem ser inteiramente nova, nunca chegou entre nós a naturalizar-se, mais por culpa das circumstancias, do que por falta de accolhimento.

Diversas causas concorreram para se paralyzarem logo no começo todas as tentativas, que se arriscaram, e que só por um lance de fortuna extraordinario poderiam evitar a sua prompta ruina.

O pensamento de crear uma publicação, que participe a um tempo da seriedade do livro e da variedade do jornal, offerecendo uma galeria de quadros, em que as artes e as sciencias realcem o lustre proprio pela belleza do pincel, foi sempre applaudido com razão por quantos prezam as letras e auxiliam o seu incremento e esplendor; mas, ao passo que as vantagens se recommendavam por si mesmas, quem deixou de apreciar e de temer obstaculos, que, em toda a parte, e so-

bretudo em Portugal, costumam embaraçar uma empreza concebida com as amplas proporções que requer o plano d'esta?

Por mais lisongeira que saia a estreia, para se lhe firmar a existencia, são precisos recursos, que nem sempre acompanham os melhores desejos. A esta difficuldade, de si já bastante ardua, ainda accrescia outra egual, senão maior, e era a duvida de alcançar a collaboração activa dos escriptores mais versados nas diversas especialidades e mais estimados do publico, pela elevação do seu talento. Entrar na carreira sem estas duas condições preenchidas, equivalia quasi a desafiar a queda, que sempre castiga a temeridade infeliz.

A *Revista Contemporanea* se não venceu todas as contrariedades, pelo menos ousa assegurar, que não abalançou a occupar um posto perigoso na imprensa, sem primeiro pedir á prudencia as possiveis fianças de exito, preferindo principiar pelo moderado ensaio das suas forças, e não se aventurando desde logo, com precipitada ufania, a seguir, nos seus vôos mais altos e distantes, as obras da mesma indole, que largos annos de duração e repetidos triumphos sagraram com justo elogio como archivos riquissimos do saber, e, mais ainda, como verdadeiros monumeutos da litteratura das nações.

Um jornal, como o que vamos emprehender, não promette senão o que pode cumprir. A lisura e o decoro vedam-lhe os pomposos

programmas, que dicta de boa-fé a exaltação do enthusiasmo, mas a que raras vezes corresponde a realidade. Quem sabe como nasceu, e de que modestos principios se levantou a *Revista dos dois mundos*, por exemplo, não estranhará, antes ha de louvar que esperemos pelos progressos para os annunciarmos como factos verificados.

Publicações que exigem tantos sacrificios e perseverança, não passam de repente da adolescencia para a edade viril; nem, ao deixar o berço, apparecem logo gigantes.

O tempo alliado natural, e a experiencia, mestra de todos os dias, vão-lhe desfazendo as trevas do caminho, e alargando os horisontes. No fim de certo periodo de esforços constantes e de melhoramentos successivos, lançando-se os olhos para o que ficou atraz, é que se avalia a jornada feita e, com o inventario da riqueza adquirida na mão, é que se póde affiançar, que o mais difficil está conseguido, e que as boas esperanças são legitimas.

A esphera de acção que abraça uma *Revista*, como a que tentamos, é tão ampla, e tende sempre a alargar-se tanto, que de anno para anno se vê obrigada a engrandecer o primitivo plano, e a tirar dos resultados obtidos novos estimulos para não se mostrar inferior ao que necessita ser, e decahir da reputação conquistada. Querer, portanto, antecipar as épochas, e suppôr que impunemente se começará pelo fim, além de impracticavel, seria a prova mais evidente de incapacidade. Só quem

nunca navegou estes mares, tão sujeitos a naufragios, é que se atreveria a zombar assim dos escolhos que o ameaçam.

Para não desmentir a sua indole, e para se approximar dos grandes modelos que o precederam, que a todas as horas o estão avisando com o seu adeantamento, um jornal, que se propoz o fim que a *Revista Contemporanea* leva em vista, nunca póde esquecer que as suas paginas não fôram estampadas para se rasgarem com indifferença depois de satisfeita a curiosidade momentanea; mas que, lavradas com o cuidado que torna eterno o livro, a sua collecção, ao cabo de alguns annos, constituirá uma verdadadeira bibliotheca, em que se devem encontrar todas as questões, que interessam o desenvolvimento intellectual e politico do mundo.

Nada mais accrescentaremos. Estas poucas linhas sobejam para desviarmos qualquer equivoco. Dissemos o que somos, e que podemos, e aquillo a que aspiramos; o resto, as obras, e não as palavras o hão de accrescentar.

O verdadeiro prologo de um jornal, como este, é o primeiro anno da sua publicação. Se construiu com elementos duraveis, o alicerce supporta a edificação, e a obra principia a avultar; se errou as proporções, se não fundou em terreno firme, e se adormeceu nas horas de vigilancia, o menor sopro a sepultará entre ruinas.

(Da *Revista Contemporanea*, 1859).

PAGINAS DE ARTE

XXV

Academia de Bellas-Artes [1]

Renascem entre nós as boas artes: desde o reinado de D. Manuel até estes ultimos annos andaram perdidas, ou quasi esquecidas no crepusculo que ao depois se fechou em noite escura. Algum raio de luz mais vivo, algum clarão radioso sulcou momentaneamente essas trevas — mas só momentaneamente: — creação

[1] Este artigo era, na *Revista Universal*, d'onde o extrahimos, precedido da seguinte *Advertencia*, que se sabe ser de Castilho: «Pelo nosso grande respeito, — primó á liberdade das opiniões; — secundó ao bello talento do nosso amigo o Sr. *Rebello*, deixamos passar incólumes na introducção do artigo, que segue, asserções contra os frades, que nos parecem inexactas, e sarcasmos que reputamos pouco generosos, e pouco bem cabidos para 1843. — A nossa particular opinião, contrarissima n'esta parte á d'este brilhante e admiravel escriptor, expendida e fundamentada está já em artigo, que sobre o quadro de S. Bruno compuzemos para o 2.º numero (proximo a publicar-se) do *Jornal de Bellas Artes*.» — Achámos conveniente fazer a transcripção d'esta *Advertencia*, que explica e justifica o artigo immediato de Rebello da Silva, *Frades*.

legitima não a havia, era até impossivel havêl-a.

As causas não são de todos ignoradas, nem muito difficeis de acertar; prendem na historia, na serie dos acontecimentos successivos, que deram em resultado a formula da nossa épocha.

Não vem agora aqui a proposito o determinal-as; fôra longo, exigira maior alcance, maiores ambitos o estudo de cada um dos seculos, que medeiam entre o suspiro extremo da meia edade portugueza — pelo menos da sua classe mais caracteristica — no cadafalso do duque de Bragança e a transformação social obrada, ou, para falar mais exactamente, completada na regeneração de 1820.

N'estas chronicas da edade media e da unidade monarchica — tirando o poeta chronista Fernão Lopes — percebe-se de espaço em espaço a influencia popular — mas de longe — a uma luz bem tenue ainda. Ha alli muita pagina em branco, que não souberam, que não quizèram encher aquelles fidalgos-monges — ou monges fidalgos, que nos fizeram a mercê de converter a historia n'um cemiterio, n'uma pia baptismal, n'um boletim de campanha, ou n'uma taboa de numeros e datas. — Deus os illumine lá onde descançam! — boas consciencias de sangue azul tinham elles!—pouco faltou para nos darem um romanceiro real, ou titular de seis tyrannetes mitrados, seis monarchas á egypcia, dois cesares á Tacito, e doze pares de Portugal á Turpin!—Bispos, abbades,

e reis, condes, frades, e fidalgos, e nada de povo, nada de homens de capa, nada de *villões!* Coitados dos villões! Só lhes sabiam o nome para lhes sangrar a bolsa, e as veias nas côrtes, e nas guerras! Quando era caça de perigo chamavam-n'os; se venciam, para elles as quatro partes do leão, e para os villões o osso escarnado. — Se perdiam, Deus nos accuda! em quanto não doia o braço ao algoz — não doia o coração a suas mercês; — o purgatorio cá o penavam n'este sancto viver os pobres populares—para o outro mundo ao menos, levavam as contas ajustadas;—justas demais—Não, não haviam de levar!

Ora d'isto não rezam as historias—por falta de espaço já se vê! que valiam agora dez, vinte, cem açoutes nas costellas do mofino villão, o seu casalzito a arder, a noiva tomada de arção, as cubas arrombadas, a adega feita um lago, para se ommittirem — por amor d'elle, e dos mais — documentos de vulto; por exemplo o muito verídico acto do campo de Ourique, e a collecção de novellas d'aquelle frade typo em odes diplomaticas! d'aquelle delicioso Bernardo de Brito! Se o popular padecia, deixal-o padecer! chorava o que lhe levavam roubado, pois chore que logo se ha-de callar: manteavam-n'o como Sancho Pança por todos os modos: não se faça parvo, entre na religião; leigo ou frade de missa, pode deitar o coração á larga lá tem os coutos de Alcobaça, o nectar das vinhas, os quartos, os jantares, tudo alli lhe cae do céu sem bolir pé nem mão; a chuva

d'ouro de Jupiter apenas rasteja pela mortificação d'este cilicio do estomago e da carne! que sancta vida esta, quando todos a viviam de mouro! E ainda em cima ir á chronica! Não sei como do reino todo o masculino se não metteu frade: e freira o feminino! Valia a pena? Pois não valia?

Depois, quando os senhores aprenderam a lêr e a escrever, que já era muito, fizeram chronica de si e do seu *d'elles!* Os desembargadores armaram na ordenação os regalados privilegios, que tinham, os fidalgos a novena das suas virtudes; e deram as mãos para pôrem no escuro o bom povo; uns por vaidades de berço, os outros porque eram povo bastardo, peiores do que os nobres legitimos; — tanto teimaram que só acaso, e muito acaso, o triste povo nos apparece, e a furto, como assustada a boa da villanagem de chegar o nariz ao reposteiro de brazão d'aquelles senhores das excellencias philosophicas!

Por isso na chronica da meia edade os monges-fidalgos riscaram o popular;—na chronica da unidade monarchica saccudiram-n'o por escrupulo de beaterio aristocrata; só o marquez de Pombal se lembrou d'elle alguma vez para o enforcar, como se lembrava dos nobres para os degolar. Aquelle marquez sempre tinha bem boa memoria! — *Pão e páu* era a sua maxima; levava o povo *a páu e corda*, os nobres a *cutelo*, e *armarios* infectos debaixo do chão! Homem de antes quebrar que torcer! ainda hoje por ahi appellam para elle: olhem as rãs

da fabula; não venha em vez do *rei* madeiro, rei que as desime!

As chronicas, afóra as paginas em branco, trazem tambem muitas paginas de luz e muitas paginas tenebrosas. As que estão virgens pertencem ás artes, são do povo onde ellas se criam, e d'onde vem se as favorecem; nas paginas de gloria, de que o clero e aristocracia fizeram o seu patrimonio, ha grandes contas a assentar-lhe na margem na chancellaria de agora — as tenebrosas, apparecem-nos, similhantes aos mysterios eleusinos; é o labyrintho da côrte que se devassa por uma fresta, e deixa vêr de muita distancia uma lucta subterranea; o sangue da victima que espirrou debaixo do ferro e foi repintar nos pergaminhos a traços meio apagados um tremendo facto.

Ora eis o motivo do silencio em que estão o passado *impresso* a respeito da origem e progressos das artes entre nós; Grão Vasco é uma tradição confusa; dos seus discipulos nem memoria; porém sabemos por virgulas e pontos quando uma indigestão de dobrada levou para a vida eterna d'esta presente um cabeçudo abbade, ou um apopletico bispo dos seculos XII e XIII! Qual valia mais?

Mas deixemos por em quanto dormir o passado no seu sepulchro suspenso entre luz e trevas; virá opportuna uma occasião de lhe fazer um grandioso Josaphat; antes de se lhe sellar a loisa, ha-de primeiro resuscitar para a historia muitos nomes esquecidos, talvez

uma sociedade inteira que repousa. Que é do povo? onde apparece? não tem logar? Na penumbra do throno, fugiram as geraçõees da infancia e virilidade da monarchia, sem nos herdarem senão o reflexo de uma vã sombra no fundo do painel.

Hoje já não ha monges-fidalgos, nem fidalgos chronistas, que raspem da historia o nome dos artistas porque poderiam quebrar os espondeus da sua epopea em prosa. Estamos, e estaremos cada vez mais atrazados em armar arvores genealogicas. Cada qual tracta *de ser o Gustavo de sua familia* como dizia a uma d'essas toupeiras de brazão que o ía fazer descender de Noé, ou pelo menos de Nemrod; o Imperador Napoleão.

Com as causas desapparecem os effeitos. Na segunda exposição triennal, a Academia de Bellas-Artes de Lisboa provará a nacionaes e estrangeiros que se entre nós as boas artes não floresceram como lá por esses reinos mais abençoados de riquezas, e fórmas sociaes tem florescido, mal lhe alborece a aurora da liberdade, mal as aquece um raio fecundo do sol da sua patria, rebentam, em formosos ramalhetes, cem flores, que não são exoticas e de estufa, mas filhas do solo natal; ás passadas de Adamastor dos nossos grandes genios apenas falleceu terra pés: até agora a corôa, e palmas do talento se hão tornado espinhos que ferem, escarneo que mata e annulla; e a esse fado só a poucos é dado resistir.—Morrem os mais de magoa na pobreza; ao desamparo!

como as plantas do herbario, do naturalista, esquecidas e desprezadas: se forem a mãos de herdeiro boçal e aldeão, morrem desentendidos.

Ao bafêjo da terra natal, no regaço da sua tão florida primavera com bem fracos auxilios, a Academia-das-Bellas-Artes creou um presente, que em outra parte houvéra-lhe já alcançado maior nome; e nos affiança para o deante o mais esplendido futuro.

O talento, e a constancia dos seus illustrados professores venceram as difficuldades, que cercavam ainda no berço uma instituição nova, sem grandes meios proprios, nascida no centro de um reino pobre e dilacerado. Aqui o bello céu da patria, a natureza rica e luxuriante do meio dia suppre os thesouros; quasi que dispensa a educação artistica, que a civilização derrama por todas as classes das nações cultas e adeantadas. Vae mais uma hora d'este fecundo sol para fazer desabotoar as rosas, e os matizes da imaginação, do que muitos annos nos penhascos agrestes, ou nas geleiras do norte. Lá é tudo trabalho, força de vontade tenaz; aqui, como que desabrocham as artes espontaneamente, legitimas filhas do solo sorriem apenas brotadas, ao seio que as vivifica. Elles teem de dobrar as difficuldades; que avivar uma invenção de ordinario debil e pallida, nós carecemos de refrear os rasgos, os lapsos de um engenho ás vezes solto e livre demais para não descair no defeito contrario. Regrem-se com acertado estudo as inclinações naturaes

de tanto genio esperançoso e dentro em breves annos, se abrirão as fontes do bello antigo e moderno, e assim mesmo indigente como o vemos, dará o reino de Portugal mais de uma reputação gloriosa para se inscrever ao lado de outras famosas da Europa.

Exemplo e documento da verdade d'esta boa nova nos offerece já hoje a Academia-das-Bellas-Artes na exposição que em pouco ha de fazer das suas melhores obras.

O Sr. *Francisco d'Assis Rodrigues*, Professor da aula de esculptura, apresentará um grupo, representando o genio da nação Portugueza coroando a Camões — e em menor dimensão um esboceto de outro do mesmo assumpto modelado em barro. — O pensamento dos dois grupos, é o mesmo na sua concepção geral, mas diverso na fórma: na execução.—A poesia d'esta mimosa creação por si fala: orador do silencio cada grupo revê toda a eloquencia, toda a nobreza do affecto, que se traduziu, seguindo as condições da manifestação visual; prende a attenção, captiva os olhos pelo estylo gracioso e leve, pela perfeição do cinzel; convida a meditar, corridos os primeiros instantes consagrados á admiração dos sentidos; então o intellectual funde-se na fórma externa; a expressão, o sublime d'aquella idéa tão viçosa de poesia verdadeiramente portugueza, com o dedo se vae apontando no gesto, na attitude, nos accidentes—e ao saír d'esta contemplação aquelle a quem Deus concedeu intelligencia e peito que saiba sentir, não poderá

negar o *evohe pictor!* não poderá duvidar, que o ultimo canto dos Lusiadas, que um poeta dedilhou na lyra de Camões, julgada perdida, se trasladasse da poesia dos seus, para a poesia do marmore.

Se jámais houve alma devéras amante da terra natal, que no desterro, na amargura, e no desprezo a não renegasse nunca, foi a grande alma do cantor de Vasco da Gama; como é verdadeiro nos traços, nas feições, que nos revelam esta sancta e anciosa saudade! como debaixo dos dedos tudo se lhe repassa de côr nacional, e lhe esquecem até as reminiscencias latinas, e da sua educação classica! Camões é hoje, sempre ha-de ser a nossa gloria européa; a que respeitam, e confessam estrangeiros, e naturaes. O pensamento, de lhe cingir na fronte por mão do genio d'essa patria, que o não soccorreu vivo, que o não chorou morto, a tripilice corôa de soldado, martyr, e poeta, de lhe sorrir invisivel, aerio, d'entre o luminoso da sua essencia uma consolação, que o confortasse no desamparo da sua peregrinação terrestre, recorda a poesia da tradição na sua singela belleza.

Todavia realçando ambos em nossa humilde opinião, entendemos, que o esboceto modelado em barro excede em graça, em mimo o primeiro: e o heroico da figura de Camões, em pé, com o rosto virado ao céu, a vista accesa no vôo ardente do alto imaginar, e lyra desleixadamente caída como se lhe discorresse pelas cordas os dedos ao acaso de uma absolu-

ta distracção: a par do portamento viril, elegante, e brioso do poeta, aquelle anjo tão subtil no pousar sobre a nuvem o extremo da planta, e as roupas que se entufam, que já se alteiam ao bater das azas, como se deposto o diadema, aquella visão devesse logo perder-se no ether luminoso; n'este é á vida, no outro é ao busto que se concede o triumpho: eis a differença: ambos os grupos, pela facilidade, delicadeza, e outras bellezas, que se admiram com prazer, que se não esquecem mais, encantam, e suspendem.

Longe d'esta memoria da nossa epopéa nacional, ainda não de todo saciados, nos attrahe para si quasi contra vontade o esbelto das fórmas, o bem palpado da Nayade, em pedra, de oito palmos, obra do mesmo professor. As tranças soltas estão com o pezo d'agua ageitadas ao collo gracioso; escorridas pelo seio, parecem folgar ao sopro da aragem; e forcejar por se derramarem ao vento se o podérem; aquella attitude tão leve, aquella innocencia de virgem, que não adivinha o pudor, porque ainda não concebe o peccado, que expõe casta e descuidada o corpo gentil, os membros esbeltos; que está no ar e no modo indicando desejo de voltar para a veia do seu lindo rio, a debater-se entre risos e feitiços nas ondas, que lhe affagam o corpo amoroso; é d'uma verdade, d'uma perfeição admiravel.

A esta doce imagem da mythologia grega succede um quadro, severo e tragico — uma scena de horror um baixo relevo de tres pal-

mos e meio de altura, e quatro e meio de largo: O Sr. *Francisco de Paula Araujo Cerqueira* representou o juramento que dá Viriato sobre o cadaver da filha de tomar vingança da traição do Pretor Galba. E' heroico o gesto, e heroica a atitude do pastor-capitão, que fez tremer Roma, e arrastou no pó as aguias das suas legiões. — Com a mão no peito ferido da donzella, olhar entre cholerico e magoado; e no rosto as paixões todas que lá dentro lhe fervem no coração: parece Viriato ameaçar o romano até no centro do seu capitolio, no meio do senado rei. A idéa d'este baixo relevo é muito feliz; todo elle perfeitamente entendido e muito adequado ás situações.—Outro baixo relevo do Sr. *J. P. de Aragão* nos representa uma das scenas tão communs da nossa edade d'ouro na India. E' D. Bernardo Coutinho prendendo el-rei de Lamo na sua côrte no anno de 1589. — E' de curioso estudo, e boa execução. Sentimos não nos poder demorar, para fazer a cada um dos artistas a devida justiça, que lhe cabe porém não consente o espaço do jornal, nem; o tempo, que nos insta. Para a exposição nos guardamos.

Em architectura o talento e a imaginação do Sr. *José da Costa Sequeira*, á lampada das mil e uma noites, levantou uma casa de campo no gosto gothico moderno, que seria enlevo e inveja de principes; consta o projecto de duas plantas, tres fachadas, e um córte principal, primorosamente desenhado; de uma vista e effeito maravilhoso. Tornamos a repetil-o, pa-

ra ser uma realidade em Portugal, carecia d'aquella magica alampada de Aladino.

Do Sr. *Lucas José de Sanctos* e do Sr. *Manuel Joaquim de Souza* apparecerão varias obras de merecimento. O Sr. *Lucas* dará dois projectos um de monumento dedicado á memoria do imperador D. Pedro; outro para o theatro nacional: ambos conformes com o programma publicado; e executados em tres mezes.

O Sr. *Souza* em 1853 delineou o palacio real; a fachada principal tem 1:040 palmos, e as dos lados dos jardins 606: o edificio está só declarado pelo seu plano terreo, e planta do plano nobre; a frente principal, e a dos lados dos jardins; em esboço se acha a idéa geral do edificio, por falta de tempo e outros trabalhos tolherem maior desenvolvimento.

O Sr. *Antonio Manuel da Fonseca*, professor de pintura historica, exporá o seu quadro de Enéas fugindo de Troia com seu pae.

Seria vaidade tentar escrever as bellezas, a concepção poetica, o vivissimo colorido, e sobre tudo a expressão do rosto de cada um dos personagens. Era já visto o assumpto, mas o Sr. *Fonseca* deu-lhe novidade; fel-o seu; — a attitude de Enéas, tão heroica, tão esbelta, tão rica de desenho e de colorido na primeira luz do quadro contrasta com a physionomia do ancião, já inclinado para o sepulchro, que Enéas se figura na acção de accommodar ao hombro: os olhos de Anchises, todo o semblante respira aquelle sentimento, que a circumstancia exige; quer chorar, mas já não lhe

consente a edade esse allivio de infelizes; no decaír dos pés, no frouxo e no debil de todo o corpo graduou admiravelmente o Sr. *Fonseca* a differença dos annos, assim como no gentil e innocente Ascanio: é natural, é exacto segundo o coração o gesto de cada figura; traduz maravilhosamente os affectos, que luctam no interior: *Creusa* já distante um pouco recorda logo, apenas vista, o seu lastimoso fim. Os rolos de fumo, ferido de scentelhas vivas, que se extendem, como toldo sobre o logar da scena e ao longe declinam para já se acamarem, dão áquella atmosphéra lugubre e sinistra uma verdade pasmosa.

O quadro dos ultimos instantes de Affonso de Albuquerque, — é de uma graça, de uma poesia que arrebata: a ultima scena d'aquella vida do Hercules Portuguez é digna do pintor; e o pintor digno d'ella. Fôra pena estragar n'uma rapida analyse tanta perfeição; depois de exposto daremos as razões da nossa opinião sincera, assim como tambem havemos de avaliar com maior estudo o magestoso quadro de *Enéas*.

O Sr. *Caetano Ayres de Andrade* escolheu um dos mais interessantes trechos da historia da restauração de 1640; o genio da liberdade, quebra os grilhões, e ao lado da duqueza Luiza de Gusmão como que lhe inspira aquella afamada resposta, que para sempre ficou a par dos gloriosos feitos de uma épocha de nobres sacrificios.

Antes uma hora de rainha, do que muitos

annos de vassalla—foi a resposta que decidiu do destino de Portugal, e cortou o largo hesitar de D. João IV. Na sua tela o Sr. *Caetano Ayres* representou esta mulher de altos espiritos com um gesto, uma expressão, uma soberana magestade de Senhora e de Princeza, que realça ainda a timidez e incerteza, que se figura nos modos e semblante de D. João.— Afóra estas bellezas, sem affectação, venceu o artista uma difficuldade combinando a luz de tres diversos pontos, com harmonia e suave colorido.

Só a bella e viçosa natureza de tantos sitios formosissimos, que á força de por elles se espreguiçar a vista já pouco, quasi nada desafiam a attenção de quem os não estuda para a arte, podia na edade de setenta e mais annos produzir o lindo quadro—do *Pôr do Sol* do Sr. *André Monteiro*, professor de pintura de paizagem e productos naturaes.

Franqueza e correcção no desenho; imitação poetica que não resvala, em rasteira cópia, que sempre nos alvoroça o coração ao nascer d'aquelles ramos tão verdes, ao quebrar d'aquella agua tão verdadeira, que reflecte no seu espelho os objectos;—ao tomar em posturas graciosas, e naturaes aquelles rebanhos que trepam a encosta; vida, sentimento, affecto, e sobre tudo invenção de engenho novo, arrebatam n'este painel, onde tudo, desde a rustica ponte até aquelle céu puro, dourados pelos raios açafroados do sol poente, é de maravilhoso pincel.

Espadanando a fresca onda de ribeiro, por entre hortensias e boninas, engraçadamente mergulhados dois cisnes, alvos como o lyrio, innocentes como os rouxinoes, que pendem dos raminhos tenros, saudam o romper da aurora; da côr de rosas, que entreabre o botão de rubis, ao orvalho matutino, está o firmamento, que ao longe apparece por meio dos festões, e do arvoredo de uma primavera deliciosa, como são as d'esta nossa patria—é um florido abril, um perpetuo matiz de mil encontrados lavores campesinos este quadro — *do Nascer do Sol*—pelo Sr. *José Francisco*, professor substituto de paizagem: graça, verdade, e certa ingenuidade do painel, lhe prestam um mimo, uma belleza propria e original.

Consta-nos que serão egualmente apresentadas na exposição diversas gravuras de buril conhecido e apreciado.

(Da *Revista Universal Lisbonense*, 1843).

XXVI

Frades

(Carta ao Redactor da *Revista Universal Lisbonense*)

Sr. Redactor.—Sei que a sincera amizade, com que V. me honra nasce apenas da benevolencia de um animo excellente: não preciso que os outros me advirtam de que a não justificam, levemente sequer, talentos, nem a menor sombra de merecimento. Sou eu o primeiro a apregoal-o.

Não faço uma confissão armada ao orgulho por falsa modestia: o que entendo, digo-o: —cumpro um dever, obedecendo ás circumstancias em que me collocou a *advertencia*, que precede um artigo meu sobre a Academia das Bellas Artes em o n.º 16 da *Revista Universal;* e falando um pouco de mim no unico logar, onde o posso fazer, e deante da responsabilidade moral em que me põem as seis linhas da já alludida advertencia.

Com isto não me absolvo do peccado da soberba, que foi, que sempre ha-de ser inalienavel patrimonio da fragilidade humana, em quanto o mundo durar. Não alardeio abnega-

ção, ou claustral humildade; n'essa parte sou o que todos são; talvez peior.

Não poucas, senão muitas e repetidas vezes, com aquelle amor das letras, com aquella devoção de as florescer e animar, que realçam sobre outras prendas o seu caracter, V. interrompeu proveitosos trabalhos para allumiar com a experiencia dos annos maduros, com as reflexões de um gosto mimoso as tentativas do mancebo, que na edade em que tudo ou é paixão, ou enthusiasmo, cegamente se mettia ao caminho tão aspero, que leva ao sacrario d'esta religião, que ambos nós professamos; V. como sacerdote e inspirado cantor, eu como simples adepto.

Se me falta a vocação não sei, não posso remedial-o; ella não se faz; nasce; o mesmo é edificar sobre arêa, a ermidinha, onde a sós comsigo cada qual dá culto, e presta fé aos dogmas da sua crença; se elles lhe não tocaram o coração, se os não professa bem d'alma, largue a religião, e volva ao seculo: — o mais é um sacrilegio; sob pena de lhe caír a capella ao primeiro sopro de fóra; de lhe baterem as palmas, por escarneo como fizeram ao beato Labre de hypocrita memoria. Tambem ha Labres litterarios, se os haverá! Ora por desgraça não é d'essas a minha vocação!

Crenças sobre pósse, incutidas á força d'exemplo não fructificam, pelo contrario ameaçam queda villã; simelham aquelle vestido de certa historia que pela manhã enfeitava o creado, e á tarde servia ao legitimo dono. Deu-se

no roubo e o lacaio ficou na libré, que d'antes o não envergonhava porque a pobreza não faz pejo, mas que, depois do papel de Sozia, desafiou as risadas.

Sigo o preceito do adagio — antes pobre com o meu do que rico á custa alheia; apezar do respeito que nunca deixei de consagrar aos engenhos excellentes, se alguma das suas doctrinas repugna á minha particular opinião, aparto-me e vou atraz da que em minha e livre consciencia tenho por melhor.

Por isso na questão das corporações regulares, em parte já sei que sim, no todo ainda o não posso affirmar, me vejo forçado a confessar principios inteiramente diversos, dos que tão nobre e eloquentemente defende V.

Se o futuro me promette um raio de esperança, se do valor exaggerado a estas tentativas, algum lhes pode devidamente caber no conceito de juiz imparcial, e não no favor e illusão da amizade, o que n'ellas houver de toleravel, devo-o aos conselhos, á eschola do mestre e do amigo, que escolhi para modelo, sem resvalar em rasa copia, ou em triste lisonja. Devo-o ao segundo pae, que me encaminhou pela mão, mostrando-me os atalhos das sendas, que elle subiu com passadas de gigante, que outros trepam, como eu, assustados e a poder de auxilio; este amigo, este pae é o Sr. *Alexandre Herculano*, e depois d'elle V.

Deante da creação litteraria de ambos reconheço uma sagrada divida — conserval-a-hei sempre illesa e pura; provarei que se não fru-

ctificou em mim, como houvera fructificado n'outrem, ao menos a não desmenti e envenenei na sua essencia.

Na urgencia do momento farei fundada e largamente uma profissão de fé, que não fiz antes por não saber preludiar em cada paragrapho com um sermão de moral, e de doctrina; não me via, nem me vejo, constituido em dignidade de sacerdote, de ancião, ou de homem feito para prégar virtudes á sociedade no meio da qual vivo e passo desconhecido. Lembravam-me os meus vinte e dois annos; não estava bem certo na medida da paciencia humana. Acaso não podia ella desabafar innocentemente por uma gargalhada, puxada d'alma ao Simeão Stylita, regalado e mimoso do mundo, sem barba nem experiencia dos homens?

Falo unicamente de mim. Digo que me não chama Deus por aquelle caminho de Missionario beato; os outros abençoados sejam; se teem fé e constancia moralizem, que me não importa isso; até gosto!...

Entretanto se não fôra a obrigação em que moralmente me constituiu um equivoco da *Advertencia* do n.° 16 da *Revista*, ainda não publicava o meu sentir e crer, ainda me remettia ao silencio.

Porém a accusação de falta de generosidade, accusação que subentende outra mais grave, a de me aproveitar covardemente da situação dos frades, para me levantar em seu perseguidor com *sarcasmos* pouco cabidos em 1843,

calcando quem já se não póde defender, quem está caido em má fortuna, não consinto, que deixe de pé similhante imputação, que por falsa modestia me deixe gravar com as suas naturaes consequencias.

Não li, nem ouvi ler o artigo sobre S. Bruno a que se refere a *Advertencia;* é claro que não me inspira, n'esta defeza, a louca presumpção de o discutir; livre tenho, e sempre hei-de ter, a minha opinião; mas sem fazer injuria ás alheias, sem as penhorar na praça como contrabando perigoso. As de V. são para mim de tanto respeito, que antes, não de as combater mas de apresentar uma em tudo ou só em algum ponto diverso, tomei pausadamente o pulso a mim mesmo.

Nem levianamente me passou pela idéa a má tenção de affrontar, aviltando-as, as extinctas corporações regulares. Pintei-as como ellas eram nos seculos, que de relance esbocei; porém não póde commigo tanto a desgraça de muitos que me leve a disfarçar a verdade, que pertence á historia social e politica da nossa terra. Tenho de entrar n'esta questão; não posso, não sei bastante para a percorrer toda; e só hei-de tractar mais abundantemente os pontos, que fundamentam as opiniões já publicadas.—O facto, a que se allude na *advertencia*, permitta-me V. que lhe assevére, que não é de 1843, nem de 1834; é hóje da historia, caíu no passado. Desafogada e lisamente o hei-de encarar por todos os seus aspectos, e nem a philosophia elegante, nem a

graciosa satyra do seculo XVII, e nem as doctrinas ultramontanas, me desviam um passo do que julgo ser o justo meio termo.

Creio firmemente que V. se não negará a abrir a esta fecunda e bella these as columnas da REVISTA, e espero, que esta carta, que serve de introducção aos breves artigos, que tenciono dedicar ao assumpto, virá publicada em o proximo numero da *Revista*; tanto para não correr á revelia a lettra da advertencia, como para satisfação do Jornal e de V.

Sou com sincera devoção e amisade de V. amigo e admirador respeitoso—Calçada da Estrella, 9 de dezembro de 1843.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

Em seguida a esta *Carta* vem, no mesmo numero da *Revista Universal Lisbonense*, a seguinte *Resposta*, que achamos do nosso dever, como editores, publicar, para completar não só o artigo *Frades*, mas ainda o anterior—*Academia de Bellas Artes*, e a respectiva *Advertencia*, de Castilho. — Eis a *Resposta*, textualmente transcripta:

O Redactor da *Revista Universal Lisbonense*, que, mais de uma vez na imprensa e na conversação, se tem mostrado amigo sincero e verdadeiro admirador do Sr. Rebello da Silva, sente de véras, que se podesse attribuir a palavras suas, significação ou intenção contraria a tão manifestados e provados sentimentos.

Sem dever, nem poder acceitar a qualifica-

ção de mestres e similhantes louvores, que a urbanidade do Sr. Rebello da Silva se compraz de lhe offerecer, o redactor da *Revista Universal Lisbonense* entende com tudo—que um espirito, ainda dos mais mediocres, mas com 43 annos e grande carga de penas e cuidados, atina muitas vezes melhor em certos assumptos que um engenho, que tem o feliz defeito de só contar ainda 22. D'aqui a 21 annos estamos certos, de que já o Sr. Rebello da Silva, se quizer escrever sobre ordens religiosas, não verá n'ellas unicamente o lado vicioso ou ridiculo, mas tambem o que tiveram de virtuoso, de illustrado, de prestadio e de summamente respeitavel.

Quando, por exemplo, falar da historia, escripta pelos frades, não citará só o novelleiro Fr. Bernardo de Brito, mas tambem Fr. Antonio Brandão, o pae da historia critica portugueza. Quando se queixar de que os frades velhos não lançaram no assento de suas coisas as memorias artisticas, accrescentará, que todavia foram elles os que mandaram fazer, e nos conservaram todas essas admiraveis obras artisticas, de que nós hoje estamos aproveitando, e a propria casa onde fazemos os nossos artisticos alardos.

N'isso que deixaram de fazer, foram elles como todos os seculares seus contemporaneos; emquanto, no que fizeram, muito vantajosamente se extremaram d'elles.

Isto que o Sr. Rebello da Silva tão bem sabe como nós, e melhor ainda do que nós, pela

assiduidade e profundeza de seus estudos historicos, mas que elle dissimula por talvez julgar que, sem perigo para a sociedade, se não póde ainda hoje fazer aos frades toda a justiça que lhes é devida, virá tempo em que, desenganado de tal êrro, seja elle o primeiro a confessal-o.

Assim como estampamos lealmente a carta do Sr. Rebello da Silva, lealmente lhe respondemos.

As nossas opiniões ácerca das ordens religiosas já o dissemos. Vão sair no segundo numero do *Jornal das Bellas Artes.* Havemos de sustental-as em quanto não formos convencidos da sua inexactidão. Convençidos, havemos de retractal-as, como é nosso costume em todas as disputas. Mas tal discussão, que não póde deixar de ser larga, desejamos que não seja n'uma folha de tão apertados ambitos como esta. Seja qual fôr a decisão ultima, sempre nos ficará de contado a honra de termos esgrimido com tão illustre adversario e o proveito de havermos, com elle aprendido muita coisa.

(Da *Revista Universal Lisbonense*, 1843).

XXVII

A Epiphania

Cum ergo natus esset Jesus in Bethlehem Judæ in diebus Herodis regis, ecce Magi ab Oriente venerunt Jerosolymam dicentes: Ubi est qui natus est rex Judæorum?

....

Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret ubi erat puer.

....

Et intrantes domum, invenerunt puerum eum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham.

EVANG. SEC. MATTH.

O quadro que hoje offerecemos ao público é attribuido ao pincel do célebre Vasco, geralmente conhecido pelo appellido de Gran'-Vasco.[1]

[1] No decurso d'esta publicação, iremos colligindo todos os documentos, testemunhos de escriptores, e quanto mais podermos alcançar para se instruir devidamente a questão que pende entre os criticos sôbre a existencia, as obras, e a eschola de Gran'-Vasco. Não ousâmos, e sabemos que ninguem póde ousar porora, emittir sincera e fundamente nenhuma opinião decisiva a este respeito.

O desleixo em que teem vegetado entre nós as Boas-Artes, desamparadas d'auxilio de protectores e de vocação de protegidos, tirando alguma rara intelligencia, d'aquellas que medem n'um relancear d'olhos o futuro, e ousam e podem dar robusto impulso ao presente: este desapêgo por tudo o que é nosso, lavrou tanto que nos fez hóspedes da terra natal! Não sabiam, não queriam saber muitos das riquezas que por ahi andavam sepultadas nos mosteiros, arrumadas ao canto dos palacios, envergonhadas e perdidas, perdidissimas, pela ignorancia e estragado gôsto de algum bastardo amador que as trocava logo desapiedadamente por desgraçadissimas trivialidades, que lhe davam bem na vista pelo colossal e bruto das proporções, pelo tosco apastellar das côres: o optimo, em não trazendo este cunho de mediocridade, não o entendiam: e não trazia nunca; por isso ficava á porta! *C'est le sort des plus belles.*

Apenas um ou outro mais culto e estudioso se lembrava de que, n'esta pobre terra de Portugal—havia já muitos annos—passára um homem d'alto pensamento e rico imaginar, que sobre si tomára a missão de alçar um monumento d'arte que no porvir servisse de nobilissima resposta a estrangeiros.

O alheio não o temos, ou temos pouco, que somos pobres para o comprar; mas esse pouco não nos ha de tingir as faces de vermelho com uma satyra de conterraneo, registada nas obras de um grande poeta, como documento de vergonha nacional.

Aquelle ferrete do genio, estampado na frente de sua senhoria o nobre lord Elgin, não se nos imprimiu no rosto: é verdade que a tentação, que o arrastou a hesitar na sua elastica consciencia sôbre as *varridas theorias* de propriedade, fôra quasi irresistivel mesmo para almas mais escrupulosas. Os marmores athenienses valiam bem uma fragilidade aristocratica. Demais, o sangue azul e o berço aulico lavam nodoas ainda maiores. Peccou por fraqueza d'espirito o nobre lord, e o peccado amargamente o puniu.—Deixal-o.

Estes factos, e muitos mais, não os houveramos resuscitado do sepulchro pharisaico, onde alvura postiça cobre podridão hypocrita, e os estrangeiros nas *viagens* escriptas do tombadilho de algum vapor, ou dentro do agasalhado assento da carroagem regalada, se n'essas armadilhas de calúmnias, o pincel dos myopes que observam pelas portinholas de sege o progresso e aperfeiçoamento de um reino, nos não estivessem feirando no mercado, como rusticos e toscos aldeões da Europa civilizada. Raras e honrosas excepções se dão n'esta especulação litteraria, mas são pouco communs.

A defeza está prompta.—E' tudo o que nasceu aqui, no regaço d'esta boa terra, tão portugueza d'antes, e agora mesmo, apezar dos motes tão gastos e safados com que por ahi tem negociado quanto charlatão, de cabellos nazarenos e consciencia cosmopolita, viajou, carregado de luminosos salvaterios, para os

vender ás dóses, como elixir de vida. E' essa capella sextina das nossas glorias, tão invejadas sempre, e tão arrastadas d'estranhos, que agora vamos trazer á luz como brazão, e suave recordar d'amenas saudades.

Foi crença arreigada que o colliseo duraria em quanto Roma durasse. Roma não cahiu, tudo lhe desabou em redor, e ella de pé! E o colliseo lá se ergue tambem, envolto no sudario pallido que o luar d'estio lhe entorna pelas pedras amarellecidas. Lá está aquella ossada do imperio colosso a soltar o lento suspiro da morte, que lhe sacode as grinaldas de heras cingidas pelos seculos, como o louro triumphal na frente calva do primeiro Cesar, segundo o bello conceito de Byron. Lá está aquelle spectro da Roma de Adriano a contemplar, na sua quasi eterna immobilidade, a cupula imitada do Pantheon, vergar os membros do Titão de marmore chamado basilica. Lá está sentado sobre as ruinas do que foi, com tudo mudado em volta de si, e só elle o mesmo para o sentir. Através dos tempos, Roma e o colliseo abraçaram-se para não cahir—e não cahiram!

Temos egualmente um colliseo nosso, e só nosso: são os fructos da sciencia maduros aqui, quando começavam apenas de apontar em muitas partes: são as artes filhas legítimas d'este sólo de Portugal, que não podem accusar de bastardia: ellas que nos desaggravem. A arca da alliança, atravessada de tamanhos cataclysmos politicos, parece pousada agora

no chão da nova producção: parece bem assente; e o ramo em flor colhido na árvore da esperança descerra-nos horisonte vestido de risonhos futuros. Aquelles passos que démos não são, não podem ser perdidos: ha n'elles muito que ver — e que admirar tambem.

E' ainda ao glorioso reinado de D. Manuel, que vamos pedir as próvas; ao reinado mais portuguez, e mais das lettras, que abrigou e protegeu ao bafo da sua côrte, tudo o que nos conquistou grande nome no meio dos estrangeiros. Com o triplice diadema de poesia, do drama e da pintura ornou o elmo da guerra: no livro de pedra dos Jeronymos estampou as espheras, symbolo de um grande facto social: entre Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, entre o poeta de sentir profundo e o poeta da vida externa, o Gran'-Vasco, ou as artes plasticas a traduzirem nas suas côres sublimes mais um aspecto da arte—mais uma pagina inédita d'aquella Iliada!

Nas paginas da epopeia mais este poema, que se desdobra como livro para os olhos e para a alma; mais ésta glória, esplendida entre tantos esplendores; mais este suspiro de saudade; mais esta dor funda no amago do coração, para os que vemos o esquecimento ingrato em que tem jazido.

A composição do quadro que damos á estampa, e se conserva na Academia de Bellas-Artes, é a mais apurada de quantas temos attribuidas a Gran'-Vasco, sôbre o mesmo as-

sumpto, que nem são poucas nem de pequeno preço.

A singela narração do Evangelho de S. Matheus encerra toques de altissima poesia. O pintor comprehendeu-a; repassou-a pelo coração antes de a manifestar na sua arte, sahiu-lhe admiravel no pincel: alli uma viva e pura fé se revela logo.—E' o ideal transfundido no real com uma inspiração nascida da crença tão do peito d'aquella epocha.

Na humildade de um presepe, a grandeza divina abriu a scena da regeneração humana, na minima entre as terras de Judá—na desvalida Bethlem. Vinha falar ao coração e ao espirito — não vinha cegar os olhos. Umas palhas para leito, um tecto rôto aos temporaes, eis os regalos do Filho do homem Uma. criança reclinada no seio virgem de uma mulher, e n'este desconsôlo, alli, um pobre velho a ver aquelle desamparo: a côrte, uns tristes pastores ajoelhados, e desconhecida a luz de Israel, que lá nas alturas, áquella hora, saudavam hymnos de triumpho, e canticos de jùbilo dos choros celestes a pairar sôbre este berço de pobreza!

No céu, pelo silencio da noite, a estrella de Jehovah a caminhar á voz de Deus: um astro a adorar uma criança: a pagina de luz traçada no firmamento a annunciar o Verbo que segunda vez ia tirar a creação do cahos. Na primeira, do Verbo da creação surgiu o sol, que é vida e alegria do mundo physico.—N'esta, com uma gota de sangue, abriu o Eden da alma, e

collocou a immortalidade de pé sobre o sepulchro!—Era pouco um anjo para o annunciar—um astro bastava apenas.

Uma sociedade envelhecida, desfeita, apodrecia no tumulo branqueado, roída pela corrupção interna: o imperio dos Cesares apenas erguido—já a vacillar antes de se dessoldar, dando o som cavo das peças que bateram em terra, despegadas d'armadura de seculos: o culto do polytheismo ainda robusto, que se ia tornar agonizante no Capitolio e em Paphos, a segurar a irremediavel dissolução moral: e sôbre o crepusculo, em que andavam as crenças terrenas, para não desabar inutilmente o gigante do Aventino, a aurora a levantar-se coroada de luz: o Evangelho a converter inimigos n'uma familia d'irmãos, a ajuntál-os ao redor de um só pae, e a regar com o sangue do martyrio as raizes queimadas da árvore da vida—o Evangelho, que enlaça as sociedades pela unidade de Deus, e os homens pela esperança!

A terra de Judá adormecida nos braços de hypocritas, está como Rachel lavada em lagrimas inconsolaveis, e não as quer enxutas: alli trevas espessas; no Oriente o raiar do dia; a civilização dos Chaldeus e dos povos primitivos, que ajoelha e proclama a palavra de salvação; o berço do mundo prostrado deante do berço aonde balbucia uma sociedade nova; o Oriente que se curva, e arrasta no pó as tres coroas symbolicas, deante da realidade do symbolo!

A sabedoria antiga expirou, ao ler no céu que n'aquelle momento um imperio surgia em Bethlem; os Magos, que se encostam ao bordão de peregrinos, para depor as soberbas páreas do Oriente aos pés do novo rei d'Israel. E esse rei—propheta na sua terra—não tinha, nem teve uma pedra aonde descançar a cabeça: a sua purpura era irrisão, o seu throno o madeiro da cruz!

E ao depois olhou para os Cesares, e deu-lhes aquella purpura para mortalha; os espinhos da sua corôa de dor para remorsos; a canna verde poz-lh'a nas mãos o povo, quando a verdade do Golgotha apagou a servidão da face dos livres. Os Magos—imagem do podêr e da sciencia humana, vinham dar alli testimunho de que os senhorios da terra, deante do Eterno, são um pouco de pó revôlto em ondas de pó, de que nem um vestigio fica;—vinham, em nome do mundo, beijar o sólo da redempção, e dizer aos homens:—Só Deus é grande!

O poderoso humilhou-se para não ficar abatido: o abastado despiu-se dos thesouros para resuscitar como Lazaro, sem podridão, do sepulchro da existencia passada: e só o humilde foi exaltado. O cantico da Virgem, cantico de prophetica inspiração, principiaram os Magos a cumpril-o. Dezenove seculos ainda o não completaram.

Esta poesia entendeu-a o pintor—anteviu-a a sua religião do intimo. A'quelle Oriente, perdido pelos caminhos da idolatria, apontava a mesma estrella que já o guiára a Bethlem.

As quinas de D. Manuel, gravadas na frente captiva, não foram sómente signal de conquista, mas sêllo de regeneração social. Os Magos saudaram o novo berço do mundo em Judá; passaram quinze seculos, e sorrindo aos perigos, foi D. Manuel plantar-lh'o no seio dos seus palmares.

Se era allusão—a lisonja foi bem merecida —e é de crer. N'aquella epocha a arte envolvia-se toda no véu da allegoria; na sua manifestação satisfazia as condições da realidade, mas o symbolo e o mytho disfarçava-os nos recamos da fórma.

Vêde agora a execução, cujo transumpto damos, superiormente desenhado pelo distincto artista o Sr. P. A. Guglielmi.—Aquella attitude de recolhimento interior da Senhora, com o menino estreitado nos braços encruzados, como se o estivesse mettendo no coração; aquelle olhar tão puro, tão do céu, em que tansluz uma innocencia virginal, fundida na ineffavel doçura de mãe! o toque de melancholia que rapido lhe acena ao rosto, a modestia d'aquella situação a luctar com a viva alegria de mulher, que se revê toda na adoração, que, de joelhos, os poderosos fazem ao filho na sua humildade; e o sorrir que lhe leva a alma, e como que a transfunde n'elle, e só n'elle! Dir-se-hia que se percebe o arfar do seio por baixo das roupas; revelam-se alli traços apparentes da *Ancilla Domini* de Raphael: falta-lhe, todavia, a correcção, a sciencia, e aquelle vago e ao mesmo tempo delicioso colorido que des-

lumbra nos primores do célebre italiano.
E' mais um argumento em favor da opinião que julga discipulo de P. Perugino o Gran'-Vasco. Os quadros de Raphael, apenas sahiu d'aquella eschola, são uma fiel imitação do estylo do mestre, aperfeiçoada comtudo no acabado de cada uma das partes.—O estudo e as cópias do bello, artigo—as suas viagens a Florença e a outros locaes de uma terra rica em monumentos esplendidos, lhe alcançaram, a par do seu agudo engenho, aquella preeminencia. O nosso pintor, vegetando em sólo esteril nos fructos da arte, e sem na sua terra obter o tracto de homens proficientes n'este ramo das Boas-Artes, viu-se desamparado de meios, e forçado a crear tudo: por isso a eschola de Urbino sobresahiu tanto, e tão escuro e silencioso ficou o nome do portuguez.—Estas reflexões, que devemos á recta e sábia anályse do Sr. Antonio Manuel da Fonseca, distincto professor de pintura historica da Academia de Bellas-Artes, se nos afiguram de bastante pêso para raiar alguma luz sôbre questão tão controversa.

Mas uma das bellezas—a maior talvez dos quadros attribuidos ao Gran'-Vasco—é o typo espiritual encerrado no semblante de varias figuras dos seus quadros. A mais sublime, ao nosso ver, se representa a do *Menino entre os Doutores;* comtudo no rosto da Virgem, d'esta *Adoração dos Reis*, apparece o mesmo pensamento da crença íntima do seculo XV, antes do abuso da arte romana apagar no servil

do modêlo a expressão divina das obras da meia edade.

Morreu depois, a pouco e pouco, a idéa christã: foi-se fundindo no esmêro das fórmas da arte hellenica; acompanhou, em proporção decrescente, a fé pallida dos seculos que se lhe seguiram, ou das hesitações visiveis das seitas que se combateram.

Com o andar dos tempos, a formosura graciosa de muitas encobria o fundo do quadro. Alli estava a Venus de Paphos ou a Aspasia d'Athenas, a Venus de Phrine ou a prostituta de Cithera.

Ahi os devia de levar a cega imitação do bello greco-romano. Se nas suas *madonas* Raphael evitou o typo material, e, como o Corregio, descobriu nas suas linhas a triplice expressão da virgindade, do amor materno e da humildade pura, alguns dos seus imitadores apegaram-se ao relêvo das fórmas, e esqueceram na cópia a idea espiritual do grande pintor.

Sahiria obra de summa valia para a arte o estudo comparado das escholas de pintura com as suas relações externas, até se resolverem todas na cópia grega: os cambiantes graduaes porque lá desceram seriam de singular anályse, e de muita vantagem para a presente epocha. Era uma idea fecunda, e, segundo cremos, até hoje intacta.

N'este quadro—a resignada humildade que se mistura com o júbilo do amor tão sancto de mãe, e se matiza com o pudor de virgem —

idea dificillima de formular, gravou-a o pincel no rosto da Senhora, indelevel, sensivel, sublime.

E n'aquelle toque de tristeza, que passa por meio de tanto prazer, como n'uma renda negra transparece por entre o escuro da teia a alvura do lyrio, contém-se um drama, uma epopeia, a Messiada de Klopstock.—E' o futuro, ainda fechado na mão de Deus, que já assalta o peito da mãe, e lhe aperta o coração—preságio que trinta e tres annos depois se tinha de cumprir, quando sentada, como agora, em logar agreste, orvalhada de lagrimas, imbebida no sangue a gotejar em fio da cruz, o tornou a ter nos mesmos braços, frio, pizado, e cortado de chagas vivas! E tambem, então lhe arrugou a bocca outro sorriso, ao conchegal-o no seio que estalava de dor — o sorriso amargo da agonia, que não ha palavras que o revelem.

O bem deitado das pregarias, o ondear das roupas accusando delicadas fórmas sem as carregar, os bordados que recamam as orlas de azul, são preciosos:—o véu diáphano de um vago e suave colorido, conduzido em dobras mui bem entendidas, como que se intufa ao palpitar das carnes debaixo do vaporoso da pintura.

Lá do interior das ruinas, com um canto de cortina franzido nos dedos, assoma aquella vista curiosa, a sincera admiração, e o ar d'intelligencia sem entender de S. José, conforme com o retrato dos Evangelistas. Ha uma pro-

ga na testa entre os sobr-olhos, que exprime a confusão de pensamentos encontrados, com muita verdade, e no retrahido dos labios, descerrando a meio a bocca, na combinação do arqueamento d'aquella com as outras linhas que se caracterizam, distinctamente se descobre uma innocencia e simplicidade chã e sancta que cabe alli com muita graça. O acabado d'aquella cabeça, toda da maneira supposta a Vasco, é bello e bem sentido; as outras cabeças dos reis são do mesmo typo mas de maior perfeição: vê-se n'ellas o pincel do mestre.

Os tres reis, que estão deante da Senhora, para a esquerda do quadro, mostram grande estudo e trabalho. Da comparação de um painel, que representa o casamento d'el-rei D. Manuel, e se guarda na casa da Misericordia d'esta côrte, se colhem fundamentos para suppor que o artista, aproveitando-se do costume da epocha, collocou no logar principal, em acto de devota humildade, a el-rei: o que ajusta bem com a explicação que indicámos atraz sôbre a repetição do mesmo assumpto.

O vestido real bordado como damasco, aljofrado de joias, de mangas abertas, e as segundas da veste interior com silvado de relêvo, forros e debruns d'arminho; os franzidos da golla da camiza a modo de cabeção de clerigo; o inapreciavel trabalho da espada cravejada nos copos lavrados d'arrendado subtil; o esmêro de todas as roupas; e a certeza do pincel nas feições, que são do homem de quarenta annos, de boa presença, parecem con-

correr com as demais circumstancias para assentar a opinião de se ter alli tirado o retrato do rei.

Os outros apresentam não menos apuro; mas, como dissémos, as cabeças são do typo portuguez, julgado de Vasco; que não precisa ser entendedor para logo as palpar por suas: embora as dobras e alguns toques o assemelhem ao Perugino. Hoje por bons documentos, e sobre tudo, pelo juizo imparcial que ácerca de dois quadros attribuidos ao nosso Vasco, [1] emittiu o Sr. barão Camucini, primeiro pintor de Roma, consultado pelo Sr. Fonseca, na sua segunda viagem á Italia, está roborada a opinião geral de ter o auctor, necessariamente, estudado debaixo da direcção do Perugino, e ao mesmo tempo aproveitado muito da eschola veneziana, tal qual era n'aquelle tempo, e da ferrarense, porque o estylo se fundíra n'um mixto das tres escholas perugino-veneziano-ferrarense.

As bellezas d'este quadro são de muito preço, embora nos corpos nús se moldasse pelo estylo magro da eschola gothica antes de Alberto Durer; embora nas bordaduras e delicadezas de ornato, com muita grossura de tinta formasse pequeno relêvo, e nos estofos e

[1] São dois quadros, que pertenciam á Sr.ª marqueza do Louriçal, e foram postos á venda no convento dos Inglezinhos; e que, depois de estarem algum tempo em Inglaterra, foram ter a Roma.—Representava o primeiro o *Presepe*, e o segundo a *Resurreição.*

em alguns pannos, imitasse facilmente a maneira de Utrecht; embora na paizagem muito seguisse a eschola ferrarense, tanto no gracioso e distincto esmêro de partes, em árvores, pequenos castellos e ruinas, que apparecem nos seus fundos, como na pouca degradação dos planos; embora, natural como é, o seu desenho se acanhe por demasiado sêcco e servil; ficam aquellas cabeças de velhos, com o seu estylo proprio, para attestar, pelo menos, a maneira original do auctor dos quadros attribuidos a Gran'-Vasco.

Formosos pannos, colorido rico e vivissimo, o bem conduzido das pregarias, e o apuro das subtilezas nos enfeites e accessorios, dão a ésta pintura realce de merecimento, e desculpam a architetura *caprichosa* inclinando ao gôsto gothico, em uso no seu tempo, architectura impropria dos seus assumptos, quasi todos muito anteriores: egual reprehensão pedem os vestidos dos personagens, que, segundo o desprêzo com que n'aquelle seculo tractavam a verdade local da epocha, se trajam de roupas á feição das modas do tempo em que o pintor vivia: e sôbre tudo, a ignorancia das regras de perspectiva, desconhecidas então geralmente dos artistas, que apenas sabiam do ponto de vista, repetido ás vezes sem ideas claras do ponto de distancia, que marcavam arbitrariamente. Este defeito, tirando as figuras dos seus respectivos pavimentos, amontoa umas sôbre outras, tantas bellezas, que ficam pallidas, estragadas, e pouco bri-

lham em proporção do que brilhariam se alli houvesse maior sciencia de perspectiva.

Mas aquella falta de verdade local dá aos quadros attribuidos a Vasco, além do seu intriseco valor, outro inapreciavel para antiquarios. Alli está, viva, trajada e palpavel, uma grande epocha: alli se revêem os usos d'uma saudosa e esplendida côrte, com todas as suas gallas, com todos os seus primores. Muitos, por assisada relação, conjecturam que as outras figuras de typo portuguez são retratos de principes ou fidalgos do reino.—Dois senhores de garnacha preta mostram ser homens de serio tracto, e o terceiro da direita dá muitos ares do cardeal D. Henrique. Talvez que, a podêr de indagações e muito estudo, se chegasse a resolver este ponto, que não é de pouco interêsse para a parte amena da litteratura, e tambem para a grave, como hoje se cultiva e deve cultivar.

O quadro existe na Academia das Bellas-Artes: é pintado em taboa, e tem oito palmos d'alto sôbre seis de largo.

(Do *Jornal das Bellas Artes*, 1843).

XXVIII

Architectura portugueza

I

Quando para suavizar a tristeza da epocha, em que vivemos, os olhos se voltam para o passado, e o pensamento sobe até aos prodigiosos feitos que ennobrecem a historia d'este povo tão pequeno e tão heroico — sente-se a mais intima relação entre os homens que obraram tantas façanhas, e os monumentos que as consagram. Veja-se a Batalha, erguida á victoria, perto do campo onde se pelejou a grande lucta de Portugal contra Castella; como a sua architectura é elevada e bella! Que magestade respira o templo de D. João I! Contemple-se a antiga Cathedral de Lisboa, quasi collaça da monarchia, e, apezar dos adornos bastardos e das excrescencias disformes que a affeiam, note-se como é solemne e grandiosa a primitiva fórma!

Que importam as profanações modernas, e o gosto degenerado dos rebocadores áquelle que sabe vêr, que sabe distinguir a singeleza e a crença dos primeiros seculos por entre a

alvura emprestada e os ouropeis ridiculos que vestem as abobadas e columnas? Não se despe o coração humano das paixões e dos interesses, que o dilaceram, e um instante solto não sorri ás ingenuas recordações da infancia, não se banha nas illusões da passada innocencia? A imaginação como elle quebrando os moldes, que falsificam a belleza antiga que os ignaros chamam barbara—é que pode estudar em toda a simplicidade a idéa christã, e a expressão da fé severa que inspirou os vencedores do Islam e os soldados de Aljubarrota. Livre como elles só é que os poderá comprehender.

E a fadiga não fica sem premio, quando o que desce ao seio do passado e o sabe interrogar solettra ás vezes na pagina de marmore dos monumentos a palavra que se apagou da tradição popular. Estudando a architectura entre os antigos e modernos povos, e observando o estylo peculiar e o gosto diverso de cada nação, o espirito duvida e pergunta a si mesmo como sendo um só o bello, o traduziram as diversas raças do globo de tantas maneiras. Qual será pois a chave que abre o sanctuario da arte para revelar o motivo d'esta immensa variedade?

E muitos homens doutos e reflectidos cogitaram n'isto, interrogando os monumentos dos seculos que foram, sem poderem determinar a causa unica do phenomeno que se lhes representava. Creram uns desatar o nó da difficuldade, attribuindo exclusivamente o pomo da

formosura ao gosto architectonico dos Gregos, e regeitando como barbara e absurda toda e qualquer obra que se desviasse d'elle. A esta opinião acanhada cabe a culpa de ter preparado a ruina dos magnificos edificios da edade media, esquecidos uns, e arrazados outros muitas vezes para serem substituidos por falsas imitações da architectura grega formosa mas essencialmente local. Foi assim que na arte de edificar, como na litteratura, o esplendor dos antigos monumentos offuscou os modernos artistas, e, levando-os atraz da admiração esteril, os tornou escravos, que, sem estudarem o gosto nas suas causas, sem procurarem as naturaes tendencias da epocha nas opiniões dominantes, entregaram a palma ao passado proscrevendo a actualidade, que é a razão primeira das fórmas architectonicas. Servos da imitação correram longe da estrada que guiava a verdade e em breve a arte, continuando a ser grega nas particularidades, deixou de o ser na essencia; porque não fôra a idéa, a significação do todo que se estudára, mas sómente se esmerava a copia na reproducção dos accessorios. De certo para julgar as obras da architectura cumpre buscar a origem d'ella, e a causa que lhe deu o ser na terra. — Cumpre examinar qual foi o primitivo fim que teve em mente para podermos avaliar depois os diversos systemas, determinando qual é o mais adequado ao objecto da sua instituição. Eis a unica maneira legitima de considerar as artes, que nada mais são do que

harmonias de idéas, fixadas em imagens sensiveis.

A idéa primitiva e universal é a idéa de Deus; e d'ella nasceu o amor dos bons ao Eterno e o temor dos máus ao castigo. D'ahi veiu a necessidade de exprimir por symbolos estas paixões; levantaram-se então os altares e os templos; e a architectura appareceu assim no mundo. A historia e a philosophia do espirito humano provam, que a nenhuma outra cousa se deve attribuir a sua origem. Aquelles que lhe assignam como principio a necessidade de um abrigo para o homem acanham o assumpto e não o resolvem. O instincto das commodidades physicas póde crear desde a cabana do castor até ás habitações agradaveis das modernas cidades da Europa; mas architectura nunca. As boas artes em geral representam necessidades intellectuaes e poucas vezes necessidades physicas; ora seguindo a idéa constitutiva da choupana, havia de ser duvidoso que se chegasse a conceber o Templo de Minerva, ou o Odeon de Athenas.

Como se explicará além d'isto pela precisão de crear um asylo contra as injurias do tempo a fórma dos mais remotos monumentos da antiguidade? Como havemos de crer, que edificios descobertos servissem para abrigar o homem, ou que na sua infancia a arte se afastasse logo do objecto da sua instituição, se a origem de que falamos fosse a verdadeira?

Já houve quem, buscando a primeira razão da architectura, cuidou achal-a na imitação das

florestas:—o viu nos sycómoros, nos carvalhos e nos tis o typo dos templos gregos, e nos pinhaes esguios a origem das pyramides arrojadas da architectura chamada gothica. E é preciso reconhecel-o, a apparencia illude. As affinidades encontram-se seductoras; mas cavando mais fundo na historia dos monumentos descobre-se que esta opinião ainda não resolve a difficuldade; porque apenas por meio d'ella se explicaria o systema da architectura seguido pelos Gregos, e talvez ainda o gothico, se por ventura as fórmas dos edificios da edade media tivessem nascido no septentrião. Embora a architectura fosse a imitação das florestas, a questão ficava intacta. O verbo, o pensamento da arte ainda ahi não estava. Dizei porque e para que imitou o homem o bosque; porque tirou ao templo natural a seiva, o crescimento, e a vida? porque o privou do sussurrar do vento, do ranger das folhas seccas no outono, dos canticos das aves? Onde está o sol, a lua, e o brilho do rocio matutino? Porque amontoou pedras sobre pedras, todas palidas, todas silenciosas, todas mortas? Certo que elle na sua obra não quiz annullar a obra de Deus: certo que outra idéa foi a que escondeu nos seios duros dos gigantes de marmore e de granito.

E esta idéa, ou agglomeração de idéas, era um pensamento energico e forte; era um sentimento profundo que revelam desde os hyerogliphicos e os alphabetos até ás pedras runicas; que está escripto em todos os symbolos

que os seculos passados nos transmittiram com os fragmentos da sua existencia, a que chamamos historia. O pensamento, expresso na architectura de sua natureza metaphysico, vago e complexo unico pensamento possivel para a infancia da intelligencia humana, era a religião; é ella por tanto a primitiva idéa da architectura.

O homens traduz em gestos os affectos momentaneos do espirito; e quando os gestos não bastam á diuturnidade e intensidade dos affectos, traslada-as, imprime-as nos monumentos de um modo indefinivel e mysterioso para a philosopho; claro e intelligivel para a multidão que recebe a idéa, que a sente, unisona com o primeiro que a sentiu, sem saber, nem lhe importar como. Este *como* é o segredo do universo, é a harmonia do immaterial, é o objecto da sciencia e da metaphysica.

D'ahi vem o emblema: — e a architectura é o emblema da idéa viva, perenne, e profunda da religião. Se as crenças representadas variam, transformam-se com ellas as expressões monumentaes: — e detraz de cada fórma architectonica está o verbo que a explica, formando um som accorde. O livro escripto dos preceitos de qualquer religião é morto: o vivo está exarado na totalidade do templo; porque em um está a lettra, e no outro só é que o espirito se revela.

Buscae, por tanto, fóra da arte a sua razão primeira, que de outro modo ella será vã, inintelligivel e morta. Indagae a historia religiosa

de cada povo e n'ella achareis a chave, a explição, e por assim dizer, os perfis dos monumentos d'esse povo. Para gozar da harmonia de dois instrumentos accordes cumpre ouvir a um e outro.

E começando pelo Egypto veremos que ahi foi o seminario de todas as idolatrias; ahi se adoravam como numes os quadrupedes, os reptis, e até as plantas dos hortos: ahi a theogonia deificava a memoria de homens, cuja vida é um tecido de brutezas e crimes: ahi todas as paixões eram baixas, mundanas e impuras; e a idéa de outra existencia além da morte, apenas uma idéa de transformação material. Quando o sacerdote de Isis revelava ao profano os seus tenebrosos mysterios eram maravilhas physicas as que patenteava; e o iniciado, d'entre terrores, só trazia a certeza de que muitas leis e hermonias do mundo lhe eram desconhecidas, ou quando muito, que a sciencia sacerdotal confirmava certas maximas moraes, que estavam innatas na consciencia: mas o coração ficava vasio e desenganado de que o grito intimo e confuso da immortalidade não achára echo nos subterraneos do templo; e de que não era atravez de visões espantosas que se podia antever o mundo das intelligencias.

Com estes caracteres da religião egypcia conforma-se a sua architectura: tudo é maciço nos templos d'aquelle paiz: longas fileiras de grossas pilastras sustêem a pouca altura os tectos achatados, que de amplos e pesados pa-

recem esmagar o solo. Nos monumentos, que nos restam d'aquelle povo que passou, admira-se com pasmo a solidez da obra; porém nada eleva o espirito; tudo pelo contrario concorre para o curvar para a terra oppresso sob o peso das moles espantosas, agglomeradas pelo homem á voz de uma religião grosseira.

Devia ser materia de um livro a comparação da historia theologica do Catholicismo e do Mahometismo com as differentes fórmas da architectura na Europa e no Occidente. Por áquella achariamos explicadas as minimas variações d'esta; e posto que o trabalho havia de ser longo e penoso, ninguem póde prever até que ponto elle influiria na arte e na maneira de avaliar os seus monumentos!

Vejam-se os templos da edade media; as abobadas ponteagudas, como os braços do homem, quando os levanta para o céu; as columnas delgadas e subtis subindo a immensa altura como a imagem da oração, que se eleva até ao seio de Deus; ou unidas estreitamente entre si como um symbolo do amor fraternal e da caridade christã. Esses capiteis similhantes a um vaso de incenso, ao thurybulo dos perfumes deante do altar do Cordeiro; essas esguias janellas que lá de cima do templo trazem a luz do sol coada por vidros de mil côres a reflectir nas alvas lageas do pavimento; isso tudo é o vago, o indefinido, o melancholico, e o saudoso: isso tudo é o christianismo.

Comparae agora o templo com a mesquita arabe ou mourisca. Achareis n'ella a influen-

cia do sensualismo; os arcos de volta de ferradura ou pelo menos semi-circulares como as preces vãs e não acceitas, que na subida voltam e cahem na terra. Os globos de bronze terminando as agulhas dos corucheus como pensamentos profanos empanando a oração fervente. O baixo tecto da mesquita pesa sobre a cabeça do Mahometano como sobre as idéas de fogo que no coração lhe imprimiu o Koran está levantada a idéa de gozos immundos e torpes. Pelas janellas, visinhas do pavimento, só allumia a luz reflectida da terra, d'esta terra tão polluida de sangue, de crimes, e de lagrimas. E isto tudo é a contradicção do sublime, e do rasteiro, do espirito e do corpo—isto tudo é o islamismo. Em tempos anteriores, o sacerdocio, apartando-se da pureza evangelica nas imagens da mão do homem, abriu abundante fonte, em que saciasse a ambição. As consequencias d'este mal abrangeram com os seus effeitos a architetura christã. D'ahi proveiu cubrirem-se as abobadas, os muros, os portaes, e as columnas de invenções e de esculpturas ás vezes barbaras e sempre indignas da magestade dos templos neo-gothicos; todos esses delirios de imaginações desregradas, esses monstros, esses arabescos, todos esses vultos falam aos que os contemplam das superstições e da terra.—Se o christianismo tivesse, nos primeiros seculos da egreja, triumphado do catholicismo, a architectura da edade media, sobre tudo do seculo xv teria attingido a perfeição do ideal.

Dir-se-ha, que estes relevos e adornos, (os quaes, abstrahindo da sua impropria applicação, não se póde muitas vezes negar que sejam primores d'arte) eram um livro em que os homens d'aquelles seculos escreviam a historia dos seus costumes e habitos, e a das fórmas da sua existencia. E' innegavel, de certo pelo menos para quem os tiver estudado: mas era templo consagrado ao Eterno que os usos transitorios de um mundo vão e inquieto se deviam estampar? Era no logar da meditação, do silencio, e das preces que o passado devia ir contar ao futuro a historia dos seus costumes? Muito falam ainda dos antigos tempos os castellos feudaes, e as salas d'armas: muitissimo as tarjas e adornos dos manuscriptos, que nós homens ensoberbecidos com o progresso actual julgamos ainda um milagre do engenho, da arte, e de perfeição. Bem miudadamente se descreveu n'estes monumentos toda a edade média: intactos e puros cumpria, que ficassem tambem os monumentos religiosos. Elles não deviam falar senão das nossas esperanças vindouras; não podiam apontar-nos senão para a habitação celeste.

Mais ruinoso com tudo foi para a architectura (a que por excellencia podemos chamar christã) o presumido gosto dos modernos, do que a influencia dos Iconoclastas. Vemos columnas doricas e corinthias hoje a sustentar abobadas ponteagudas e os *frescos* e o ouro cobrindo tectos e paredes queimadas dos seculos; barbaridade bem similhante á dos edi-

ficios lombardos. Mas tão sublime era a architectura neo-gothica, que assim mesmo pervertida, ainda os seus templos ostentam a riqueza das inspirações que offerecem ao poeta, e as harmonias religiosas que enlevam os que se ufanam por desprezarem as recordações do Evangelho.

Estas reflexões occorrem logo a quem medita sobre a manifestação da arte que traduz no livro de marmore o pensamento das epochas; e sem ellas o estudo da architectura em qualquer paiz e em qualquer periodo ha-de ser confuso e incompleto. A influencia das idéas guia a mão do homem; — e cuidando ás vezes obedecer unicamente ao seu engenho, o artista não fez mais do que estampar no rosto da cathedral as feições moraes do seculo em que vive. O symbolo, expressão intellectual dos factos une-se á fórma, imagem sensivel do bello, e ambos elles formam o que Victor Hugo chama «a grande Symphonia de Pedra.» Uma serie de harmonias admiraveis ligadas por um pensamento capital — o pensamento christão!

II

Fomos uma nação fadada por Deus para obrar prodigios de valor, e maravilhas de engenho. Tão pequeno que as garras do Leão de Castella nos pousaram sobre o dorso, o coração foi tão grande que só pulsou á vontade, batendo entre dois mundos. Desde a laboriosa in-

fancia, em que resgatamos cada palmo de terra a preço de sangue, cruzando a espada com o alfange dos walis arabes, até á robusta virilidade, em que devassámos as solidões tormentosas de mares nunca navegados, a nossa existencia foi sempre uma perpetua lucta, ora com os filhos do deserto em Ceuta e Arzilla, ora com o poderoso reino castelhano em Lisboa e Aljubarrota, ora em fim com as innumeraveis gentes, que no oriente nos disputaram o imperio desde Goa até Malaca. Portugal, só, fez tudo:—mostrou os milagres de heroismo, de que é capaz um povo que quer ser livre; provou, que nem as procellas do céu, nem os terrores do oceano, nem as batalhas a todas as horas, de cem contra mil, podiam domar o esforço, ou enfraquecer a vontade dos que então erguiam na India o colosso do mais poderoso senhorio.

E nos tempos em que todos estes nobres feitos se consummavam, as artes renasciam, grandiosas como o seculo, bellas como a esperança dos aventurosos portuguezes, vivas e inspiradas como a fé que ria do perigo, e agrilhoava a victoria ás rodas do seu carro. Os triumphos acabaram; as conquistas perderam-se; a gloria declinou—mas os padrões levantados em memoria d'elles, esses vivem sempre. Monumentos vingadores da honra portugueza gravaram no marmore, pela mão da arte, a chronica poetica dos soldados de Aljubarrota e dos capitães da India.

Ainda parece que retumbam pelos mares,

que foram nossos, e hoje estão desertos, os brados dos galeotes das náus, cuja altiva quilha os arava então. Parece que vemos tudo resurgir, agitar-se, falar, e viver ao redor de nós, quando acabamos de lêr os capitulos de Fernam Lopes, o patriarcha da nossa historia, e os de Azurara seu continuador. Mas se olhamos para a Batalha, então é que sentimos, que o edificio póde, o que não pódem poetas-chronistas. E' que só o monumento resume seculos em breve espaço. E o do Mestre d'Aviz está alli, no antigo templo, com o seu espirito, com o seu pensamento, com a sua unidade moral. — «Aquella epocha tinha fé na gloria e em Deus; os cavalleiros de D. João 1 creram;» diz-nos a Batalha. Estas poucas palavras, cuja significação é immensa, escreveram-se em cada panno de muro, em cada fresta esguia, nas columnas, e nos arcos ponteagudos, do vertice dos quaes o artifice da grandiosa fabrica envia aos ares como um sorriso, d'entre lagrimas, similhante ao que do desterro se arremessa por cima do oceano, e chega até ás praias da patria. «*Crer*» é a victoria d'Aljubarrota, é a defensão de Lisboa, é a conquista de Ceuta. E o mosteiro da Batalha significa a expressão sensivel, o typo d'este verbo intimo daquelles homens generosos dos fins do seculo XIV, que, segundo rezam as chronicas, foram nossos avós.

O pensamento era de toda uma geração. O genio, que o revelou foi um só, ou lhe chamem Affonso Domingues, como a lenda patria, ou lhe deem outro qualquer nome. O ideal vê-o

a intelligencia, não o vêem os olhos; é pois necessario *crer* n'elle. O ideal não o demonstra a razão, revela-o a consciencia. No momento em que o artista duvidasse d'esse mundo, que Deus creou para elle (e na sua plenitude talvez só para elle) n'esse mesmo instante deixaria de ser artista.

A arte nada mais é do que o vasar em molde sensivel as inspirações de cima. O poeta, quer escreva no papel, quer no marmore, quer na tela, quer divague com os dedos pelas cordas da harpa, é e ha-de ser sempre na cadêa dos entes o annel que une o céu com a terra, o ideal com o real, o espirito com a materia. Dahi nasce a unidade das obras da arte; não a unidade inepta e impertinente dos rebocadores de Aristoteles, e dos poetas das Arcadias e Academias, mas a unidade do pensamento, a unidade que é uma condição da mente do artista, que é a medida que resulta da Synthese do ideal antes de se revelar pela expressão material; a unidade em fim, que o poeta não calcula, que lhe sahe da intelligencia, espontanea, inteira, perfeita, como Minerva brotou da cabeça de Jupiter.

E' esta unidade, este pensamento o que corre e se incarna por todos os membros da obra artistica, e que serve para a explicar; é o verbo d'ella, a sua razão d'existencia. O drama, a pintura, o poema, não é *um facto*, é *uma idéa*, que as multidões sentem, mas não percebem; que os rhetoricos e fazedores de poeticas não sentem, nem percebem. Esta idéa ressumbra da

primeira estrophe do poeta, está na primeira harmonia da peça musica, vive no primeiro vulto do quadro, e transfunde-se por toda a composição, ligando-a, e convertendo-a em uma só. Quereis a unidade? Vêde nos *Luziadas* o primeiro, o quinto, o ultimo canto; a primeira ou a ultima estancia de qualquer d'elles; ou de qualquer outro. Que pensamento achaes lá, embebido em cada verso, em cada phrase do divino poema do soldado d'Africa e da India? A gloria da patria. E' esse pensamento, que lança no mesmo cadinho poetico façanhas passadas d'Affonso Henriques, e façanhas presupostas de Sebastião; ousadias dos descobridores da India, e cavallerias dos de Inglaterra, Aljubarrota e Salado; Egas Moniz e Martim de Freitas; Ignez e Maria; não como foram na historia mas como Camões os creou na sua idealidade poetica. As glorias do velho Portugal estão alli todas, bellas, vivas, arrojadas á eternidade. E que dizem lá os *entendedores*, os carpinteiros da arte? Que dizem a regra, o compasso, o cortamão, e o livel?

Que o poema não tem unidade d'acção!

E' pena!

Este fundamento da nova e immensa theoria artistica é o unico verdadeiro. A obra artistica deve ser una e simples na sua condição absoluta—deve ser o que é o pensamento do artista sem o qual não existiria. Ouvi *Machbet*. O que achaes na opera de Verdi? uma paixão ardente, indomita, que abraza por onde vai, e que ás vezes deixa cahir algumas lagrimas no

mundo real dos magarefes das poeticas. Pois bem a peça magica variada na sua essencia, que é o *ideal*, variada nas suas diversas expressões, que são as formas, na idéa e no pensamento creador do Mestre foi uma só.

E' acaso alguem culpado de serem as cousas como realmente são? E' alguem culpado de ter sido por muitos seculos a critica uma cousa vã, inerte, absurda, ou do tribunal da censura litteraria vêr muitas vezes laceradas pelas mãos do povo as suas eruditas sentenças? E' alguem culpado de que até os barqueiros de Veneza entoem as estrophes do Tasso, apezar de Boileau; de que vinguemos a memoria de Camões do silencio dos doutos metrificadores seus contemporaneos; de que Shakespeare seja o principe do theatro, apezar de Voltaire e de um areopago de eruditos, que o condemnaram como barbaro, segundo a letra d'este ou d'aquelle paragrapho das ordenações poeticas de Aristoteles, ou de Horacio?

E' alguem culpado em fim das commoções solemnes que sentimos debaixo das arcadas profundas da cathedral gothica, obra selvagem, obra detestavel aos olhos dos discipulos greco-jesuitas de Paladio, de Serlio, ou de Barrozio? Será crime tambem d'este seculo descrido o preferir a meditação e o raciocinio á mechanica e insulsa repetição, do que disseram homens que muitas vezes nem meditaram, nem entenderam aquillo de que escreviam?

Se o drama é a fórma mais completa da ar-

te, porque vasa o ideal, não nas harmonias, não no desenho, não no rythmo da linguagem, mas no modo de existir da sociedade — a «vida»; a architectura, que o funde em móles de marmore terá a mais sublime expressão, não por si, mas porque revela a mais pura, nobre, e elevada de todas as idealidades,—o culto de Deus. O pensamento religioso de cada homem e de todos os homens; de cada nação e de todas as nações. Filha dos seculos e depositaria das antigas tradições os seus momentos, quasi eternos, duram mais que o livro, e falam pelos sentidos ao coração dos homens.

Tractando d'ella, não pelo aspecto technico, que é só do dominio dos homens competentes, mas na esphera litteraria, na qual o gosto e a reflexão habilitam a sentir e a admirar o bello — iremos percorrendo estes padrões levantados pelas mãos victoriosas de nossos avós, e reconstruindo com a historia, (onde a houver) e com a lenda, que é a historia do povo, onde a outra fôr muda, as memorias obliteradas dos edificios religiosos, que ennobrecem esta bella terra. De todo o sempre a imaginação do homem invocou o maravilhoso e o sobrenatural para com elle explicar o que mais admira; e na visita aos nossos monumentos architectonicos, ao passo que a verdade nos hade allumiar até ao mais obscuro recanto, e revelar alguns dos segredos, que o artifice confiou ao marmore, a lenda, a tradição popular, dará novamente vida ás paixões, que se gemeram antes dos seculos requeimarem

aquellas pedras, e dará de novo movimento e côr ás scenas diversas, que animaram as epochas, de que se inspirou o genio do esculptor ou do architecto.

Antes, porém, de começarmos a nossa peregrinação, diremos alguma cousa ácerca das differentes architecturas, que precederam a nossa e que tem com ella intima ligação. N'este caso está a architectura arabe — cujo cunho apparece gravado mesmo na frente de mui religiosos edificios portuguezes.

Antes de Mohammed não ha que dizer d'ella, porque o edificio da Caaba (Kaabah), em Meca, quasi o unico vestigio seu que resta, não dá lisonjeiros indicios do seu esplendor e cultura. Demais esta arte, que, para prosperar, exige uma intelligencia adulta, como havia de nascer espontanea nos areaes d'Arabia, aonde a pedra é tão rara, e onde a barraca volante basta para abrigar o homem?

Meio seculo depois de Mohammed é que o Khalifa Moawiah deu á architectura vigoroso impulso, transportando para Damasco a séde do imperio. Os magnificos edificios, de que se ornou a capital no tempo do seu reinado, e no dominio dos Ommyades, seus successores, foram obra dos artifices da Syria. N'esta carreira como na das sciencias, os Arabes começaram por imitar; depois é que ganharam a gloria de creadores.

Não é nosso intento enredarmos aqui o discurso nas discussões travadas sobre as origens da architectura arabe e mourisca, e da que

chamaram *gothica.* Entre estes dois estylos, que tantas differenças separam, ha todavia particular similhança na delicadeza e variedade dos ornatos; e por isso forçadamente quizeram deduzir d'ahi uma supposta filiação, que as datas e as idéas repellem. Entretanto não attenderam a que os dois estylos, nem tinham nascido um do outro, nem um depois do outro, como adverte com engenhosa critica M. de La Borde; mas foram gerados na mesma epocha, e ambos de uma origem commum—a eschola Byzantina.

Depois individuaremos as feições principaes d'essa eschola — por agora bastará notar que La Borde (Viagem Pittoresca de Hespanha, Tom. 2.º, 2.ª parte), estudando a alcaçova de Cordova e os admiraveis paços d'Alhambra, expendeu esta opinião com solidos argumentos. Mais completo, Hartwell (em Murphy) elogia-o com verdade, tractando do mesmo assumpto.

Na edade media, os dois ramos da architectura christã e arabe, encontram-se na arte byzantina como a de Roma e do Imperio do Oriente na da antiga Grecia. Estudemos na sua degeneração o estylo, e havemos de achar as alteradas tradições do genio grego, e o germen dos dois estylos, que mais tarde nasceram d'elle.

Degenerada, como era a arte byzantina, conservava ainda as ultimas tradições dos eternos principios da arte grega; do facho extincto viviam poucas faiscas ainda, e essas bastavam

para accender de novo a chamma no Oriente e no Occidente ao mesmo tempo. Os templos christãos, de que n'esta epocha se cubriu todo o Occidente foram bazilicas, mais humildes e menos ornadas, que as byzantinas.

A elegante columna do Parthenon encurta-se e torna-se macissa para suster abobadas mais pesadas; o arco romano, largo de mais para a altura das columnas, repousou sem entablamento sobre o capitel, e substituiu a graciosa folha d'acantho pelas brutescas fórmas de homens e animaes, aninhadas em capiteis exoticos, d'onde procederam depois os arrendados das Cathedraes, e os arabescos da Alhambra. Em fim as subtis e delgadas columnellas vestiram de aerias galerias as paredes das Bazilicas do Occidente.

Esta foi a primeira edade da architectura christã. Não diremos agora por que modo ella, a principio humilde, ergueu depois a fronte, elevando o vôo até aos céus; nem porque adoptou os tectos aprumados, altos, e inclinados para escoar as aguas. Desde as gigantes e frageis columnas que, nascidas para disfarçar o pesado pilar, levam comsigo ás alturas o pensamento do homem, até á magestosa curva da ogiva, que as domina, tudo tira a sua origem do mesmo principio. Os pinaculos e agulhas dos agudos corucheus, o mais arrojado esforço da arte humana, o emblema mais eloquente da oração, completam o pensamento. Basta que se advirta que o estylo christão, impropriamente denominado *gothico*, é filho legitimo

do estylo byzantino, e em toda a Europa os architectos desta eschola deixaram o germen da regeneração nas suas construcções. Estas filiações são directas e legitimas; vamos agora achal-as com egual lucidez nas obras do gosto arabe.

A architectura oriental, irmã, não mais nova, porém gemea da occidental, é como ella filha do Byzancio. Mas as elevadas abobadas e as largas frestas das Cathedraes christãs não convinham a climas, em que, longe de introduzir o ar e a luz nos edificios patentes, o homem se esforça pelos excluir. Por isso os Arabes adoptando para as Mesquistas de Damasco e Córdova as fórmas da Bazilica byzantina, rebaixaram as abobadas de modo, que determinaram as proporções de extensão e altura. N'este ponto o estylo christão offerece incontestavel superioridade ao arabe. Apesar do massiço das fórmas, e do máu gosto dos ornatos, em todo o edificio byzantino ha grande harmonia e notavel instincto das proporções, e a ousadia da execução unida ao primor das ornamentações. Tudo isto debalde se buscará nos architectos arabes. A mesquista de Cordova, typo completo da primeira epocha do estylo oriental, a despeito do prestigio da sua floresta de columnas, é um incorrecto e pesado edificio, excessivamente baixo para a extensão, o que lhe dá ares de mesquinhez no meio da propria grandeza. As columnas com o duplo arco que as domina, são demasiado delgadas para a massa que supportam, e curtas

em excesso até para a mediocre altura do edificio.

Entre tanto ainda que os Khalifas chamassem á custa de immensas despezas para a sua côrte os architectos de Byzancio, não foi só a Byzancio que o Oriente deveu a architectura. Os Arabes em toda a parte tinham encontrado as maravilhas da arte grega e romana, e d'ellas tinham guardado imagem viva na sua imaginação ardente. Antes de pisarem o solo da Europa, os monumentos de Palmyra e de Heliopolis (Rossiew S.te Hilaire, *Hist. d'Espag.* Tom. 2 pag. 39) excitaram o seu genio imitador. O que os feriu, sobre tudo em Byzancio, foi a profusão de ornatos, admiravel sobre tudo em obras de um estylo já distante da primitiva simplicidade.

O que os christãos copiaram dos Byzantinos era o macisso e a solidez; — os Musulmanos trouxeram de lá a riqueza d'ornamentação, e a graciosa invenção dos accessorios. Os mosaicos, os estuques de côres, usados no tempo de Constantino, foram imitados nos edificios arabes com mais engenho e gosto, e recordaram assim a abundancia de desenhos e côres que nos encantam nos estofos da India.

Pela mesma epocha os sumptuosos paços dos Kalifas tomam aquellas fórmas communs ás mesquitas e alcaceres, palacios por dentro, e castellos por fóra; e esta configuração, o clima pede-a tanto como a prudencia; — mas nos paços e mesquitas a grandeza consiste na extensão e nunca na altura. D'ahi provém a falta

d'arrojo, e o caracter mesquinho dos edificios da Hespanha musulmana. A distribuição interior é incommoda, e pautada para quem vive fóra de casa, ao ar livre. Do mesmo modo que nos edificios usavam os Gregos e Romanos para a vida intima as proporções são acanhadas, e o espaço marcado com avareza. Casa ou palacio, são sempre grandes muros alvos, que para dentro abrem em um ou muitos terreiros, com rosaes e flores, refrescados no meio por fontes, tanques, e repuxos. Esta distribuição, apropriada aos climas quentes, é de remota antiguidade no oriente. Acha-se em Palmyra e Persepolis; — no palacio de Salomão, e até já nos proprios paços do rei Priamo [1].

(Da *Epocha*, de 1849).

[1] Esta noticia é devida sobre tudo á bella dissertação sobre o estylo arabe, que offerece Rossiew St. Hilaire, no Tom. II da sua Historia de Hespanha. Poucas ha tambem escriptas sobre este assumpto mais arduo de tractar, do que parece á primeira vista.

XXIX

A Sé de Coimbra[1]

Coimbra, como as cidades, que decahiram, é hoje apenas a sombra do que foi. Pouco resta da côrte, d'onde os primeiros monarchas saíam a repellir a conquista arabe obrigando-a a ceder com a espada sobre o peito. Os crentes do propheta, apertados entre as lanças e o mar, disseram por fim a Portugal o mesmo adeus, que o ultimo rei mouro, suspirando, enviava depois ás torres de Granada. Dos filhos do Islam os mais felizes voltaram ao deserto; os outros, trocando o dominio pelo captiveiro, receberam os mesmos ferros, que tinham lançado; e as mesquitas consagradas ao culto catholico, e os alcaceres applicados ao uso dos principes christãos, attestaram por alguns seculos (erguidos e intactos) a opulencia, e o gosto dos invasores, a par da valentia rude

[1] Este artigo sahiu tambem em 1848 na notavel revista *A Epocha*; como porém, elle sahisse no *Panorama* posteriormente, mais ampliado e correcto, preferimos reproduzir esta versão.

Os Editores.

mas heroica dos guerreiros, que tão cáros pagaram a preço de sangue estes trophéos, orgulho das nações; porque as cidades, como os homens, tambem se desvanecem com as rugas e a pallidez cadaverica dos monumentos, que attestam a antiguidade da sua origem. Mais poderosas, escrevem no marmore a sua genealogia! Eis a differença.

Longe de estranhar a devoção pelo passado, entendemol-a e respeitamol-a; é a saudade do povo e o orgulho da patria. Aquelles tumulos são brazões; pó que está debaixo d'elles, mostra-lhe o que resta dos heroes estimados da sua memoria. Os templos, os castellos desmoronados. as ruinas, mais ou menos ultrajadas pelo tempo, recordam as scenas heroicas de que foram theatro. Quem passa defronte da antiga Sé de Lisboa, quando levanta os olhos e contempla as torres, a que os seculos deram aquella côr veneravel, não sente o coração batendo mais rapido?

Com a Sé de Coimbra succede o mesmo. Raro ha de ser o monarcha distincto, de que alguma d'aquellas pedras não lembre o nome, a começar por Affonso Henriques. A cathedral tem a sua historia lavrada a escopro e a cinzel, como os archivos guardam os pergaminhos do paciente, e ás vezes interessado zêlo dos chronistas. Quando se considera de mais perto e se estuda o livro de pedra, como diz Victor Hugo, n'este periodo de crenças profundas e de paixões sinceras, a imaginação quasi que nos restitue o vulto dos bispos e dos

reis, que dormem sob as suas abobadas. O silencio, a propria vetustade, e a grandeza solitaria que respiram, fazem saudade, e infundem respeito. Infeliz do homem que, ouvindo citar o appellido de um antepassado, ou vendo os restos de um edificio da edade epica, não sente, ou não percebe nada! Se fosse o povo, e não o individuo, a hora da sua absorpção estava proxima. A patria ama-se tanto pelo que é, como pelo que deixou de ser!

De todas as cidades historicas de Portugal, (permitta-se a phrase) Coimbra é uma das que mais attrahe e nunca esquece. Antes de a pizar, o desejo de a vêr não cessa; depois de a ter estudado, e de se estar longe, a ausencia recorda-a com as suaves collinas, que a fazem tão pittoresca; com os pomares e hortas, que a rodeiam de um cinto de flores e de verdura; com as aguas limpidas de que é banhada pelo rio, que se espreguiça no verão sobre a areia por baixo dos salgueiros descabellados, não parecendo o Mondego caudal, que as cheias arremessam no inverno embravecido e espumante! Vista de fóra, que aspecto risonho, que ar de festa e de alegria?! Vista por dentro, como Santarem, como Torres Novas, a cidade actual não é senão o sepulcro da cidade aonde passaram os amores de Ignez e de D. Pedro, e as scenas do ciume do infante D. João e da morte de Maria Telles. Entre as casarias novas e caiadas, os paços negros e carcomidos que se levantam aqui e acolá dizem-nos que a Coimbra moderna ainda não comeu de todo os res-

tos de Coimbra antiga. Os demolidores não a pouparam comtudo. Mais de uma ferida cruel e barbara mostra o logar, em que bateu o camartello. A alcaçova desappareceu. Os muros torreados do castello, famoso pela tradição de Martim de Freitas, estão rasos. Desde o Marquez de Pombal, que deitou por terra o alcacer (esse ao menos para honrar a sciencia!) até ao obscuro senador municipal que mandou pôr em leilão as suas portas chapeadas, a serie dos liveladores tem sido constante em todos os seculos. Não houve um só que entendesse que arrancar estas joias ao diadema da rainha da Beira era manchar-se com uma profanação vandalica!

O que resta hoje da Coimbra do seculo 12.º descripta por Edrizi? O que lembra a cidade, que o mouro vigiava do recinto inexpugnavel de Santarem e do seio da opulenta Lisboa? Aonde estão as boas muralhas, cinto guerreiro da graciosa collina, em que a filha do Mondego se reclinava? As tres portas, que abriam para o rio e para os campos, e os adarves, as torres da fortificação antiga, que é feito d'ellas? O que se encontra nas ruas, aonde se perfilam uniformes e alinhadas as casas modernas, que dê uma idéa remota das ruas ingremes, e engasgadas que se baralhavam n'uma rêde de vielas, becos e pequenos terreiros, formando um labyrinto de que temos fiel imagem nos bairros velhos, conservados na capital de D. José I? O piso espaçoso e a limpeza, que até ás villas offerecem agora, não existi-

am então na côrte. Estreitas e sombrias ladeiras, torcendo-se umas vezes, quebrando-se outras em quinas agudas, eram cortadas por enxames de barracas e de casas aninhadas ás tres e ás cinco, descendo do alcacer e da Sé, e enredando-se em bairros escuros e emmaranhados. Algumas habitações apenas rompiam a cinta dos muros, e íam levantar-se fóra das portas, na cêrca externa.

As casas, ainda arabes em grande parte pela construcção, erguiam-se dentro de altas paredes, rodeadas de galerias, e o eirado arrematava-as. Os pateos interiores uniam a fresquidão dos tanques e das fontes á verdura das arvores, e ao perfume das flores. Nos sitios menos antigos, os tectos esguios, a torre posta no centro, e a corôa de ameias, annunciavam a morada nobre; em quanto de um só andar, ou todas terreas, se encolhiam junto d'ellas, as tendas, segundo então chamavam ás casas populares. Tudo exprimia o odio do livel e do compasso, como succede nas cidades que não surgiram á voz de um só homem. Obra de raças e de crenças oppostas, a architectura e o plano representavam a resistencia das idéas e das epochas. Eram o documento irrefragavel da lucta de duas civilizações tenazes.

Quem pára deante da Sé velha de Coimbra, e olha para o carcomido e pallido portal, vendo as hervas e os musgos enleiando-se e vestindo as ameias, e a face rugosa do templo, perguntará se a mão da raça goda, ou a arte

arabe é que tinham elevado os pannos d'aquelles muros, a que o tempo deu a côr da verdadeira antiguidade. Estão alli duas escholas distinctas. Uma severa como a fé dos soldados de Ourique; outra caprichosa e florida como a esperança e o desejo dos navegadores, que além dos mares procuravam os reinos da aurora. Atraz dos lavores do seculo 16.°, estão as feições austeras de epochas mais rudes. A velha cathedral assistiria á queda dos invasores do norte; ou filha do Islam e sultana de orgulhosos walis, só depois de feita é que por baixo das abobadas e das arcadas ouviu soar a voz de Sisnando, e sentiu o som das grevas do conde Henrique?

A historia resolveu a duvida! A Sé de Coimbra tem a sua edade registada nos documentos; e as lendas do povo, por mais attractivas, não pódem obscurecer o testemunho dos seus archivos. Extractaremos dos pergaminhos nobiliarios as noticias mais curiosas relativas á cathedral; os costumes e o caracter da epocha, ainda que esboçados de leve, hão de caracterizar-se com relevo ao mesmo tempo.

Nos annos de 1139—1143 era bispo de Coimbra D. Bernardo, e a Sé como a vemos não corôava o outeiro, em que hoje está assente. Os paços episcopaes, a residencia do prelado existia em S. João de Almedina, memoravel pelos attentados do famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar. Mesmo n'aquelle seculo, costumado a assistir a scenas de violencia, pareciam inauditos os excessos commettidos

pelo prelado bracarense. Custa a crer que a soberba e a impiedade ousassem tanto, lendo-os descriptos em uma serie de documentos contemporaneos, aonde a verdade diz tudo pelo seu nome, e não teme applicar a merecida reprovação. O retrato do arcebispo é tirado do natural, e vê-se por elle quaes foram as suas feições moraes. D. João Peculiar era homem que o sacrilegio e o desacato não assustaram. Acima da sua vontade prepotente e do seu odio não conhecia que havia Deus!

As causas, d'onde procedeu a discordia, entre o bispo D. Bernardo, e o altivo bracarense, não são claras; sabe-se, porém, que o arcebispo devia gratidão e amisade ao cabido de Coimbra, por beneficios que as almas nobres não esquecem. Recolhido e educado por um dos priores da Sé, quanto foi deveu-o ao cuidado do seu generoso protector. Em quanto precisou, como os hypocritas, fingiu-se humilde, agradecido e obediente. Adoptado como filho, largou o habito de monge que vestia no tempo do abbade João Cirita, para se cubrir com as roupas de conego; e aspirando a maior elevação, poz os olhos no solio episcopal e não poupou esforços para o obter. N'esses annos os jejuns e as penitencias, de que fazia espectaculo, edificavam os fieis, e levavam longe, ao paço real até, o perfume das suppostas virtudes. Com a constancia da ambição latente, dissimulando o coração mundano sob as apparencias da sanctidade distrahida do seculo e só esperançada no céu, venceu

as paixões e os impetos da sua indole, e conseguiu á força de vontade o premio a que mirava. Apenas assentou a mitra na cabeça e apertou na mão o baculo, fez da primeira uma corôa de ferro, e do segundo uma clava de oppressão. Desde que não precisou da Sé de Coimbra, voltou-se contra ella e declarou-se inimigo mortal. O orgulho, o fausto, e a cubiça, tres tentações que lhe enfureciam o animo, precipitaram-n'o sem remorso e sem receio em toda a especie de violencias.

Por occasião das dissensões com o bispo de Coimbra, invadiu a cidade a mão armada, e, quebrando as portas da egreja de S. João, aonde residia D. Bernardo, virou as iras contra os altares, que arrasou, e contra os vasos e cruzes, de que juncou o pavimento. Os candelabros partidos, os frontaes dilacerados, e a hostia lançada por terra serviram de escarneo aos seus sicarios. Unindo ao sacrilegio a expoliação investiu com os celleiros do cabido, e arrombou-os para levar o que encerravam. Um troço de Arabes entrando vencedor no templo não seria mais feroz. O papa interpoz a sua auctoridade, mas a soberba e a crueldade do orgulhoso bracarense não vergaram. D. João Peculiar esperou firme, sem desviar um passo, os raios do Vaticano; e tempos depois, zombando das comminações de Roma, respondia aos vigarios apostolicos: *que elle nas suas terras era tanto como o papa!* [1]

[1] Et sigilum vestrum contempsit, sed etiam in ter-

Sobre estes acontecimentos, e attenuado apenas o horror do desacato, foi que o bispo D. Miguel se dedicou a edificar a Sé com o auxilio de D. Affonso Henriques no anno de 1177. N'esta empresa achou-se a braços com grandes obstaculos, e mais de uma vez teve de supportar as tribulações e opprobrios, que as memorias contemporaneas citam, e que parecem procedidos de novas invasões de D. João Peculiar (1175 a 1181), cujo odio e temeridade a allusão dos documentos torna a indicar. Pondo de parte estas scenas deploraveis, e fechando o Livro Preto, nas paginas consagradas á lucta sacerdotal, procuremos as curiosas descripções da fabrica da egreja, que elle nos conserva. Vejamos quem são os mestres, que a levantaram, qual o preço dos salarios, e a maneira de os receber. Este aspecto interessante da historia da cathedral deve-se ao pio zêlo dos seus archivistas. Sem elles o conhecimento de factos tão importantes pela luz que lançam sobre o estado social da monarchia, ainda na infancia, e principiando a crescer dos seus laboriosos rudimentos, seria completamente ignorado. As obras começaram com donativos dos conegos e do bispo. Além de grossa quantia de dinheiro, o prelado concorreu com uma formosa junta de bois, avaliada em doze morabitinos (pouco mais ou menos 19$200 réis.) O architecto Ber-

ra sua se ipsum tantummodo papa esse jactavit. Livro Preto de Coimbra fol. 247 in princip.

nardo, dez annos director das construcções, recebeu 124 morabitinos (198$400 réis) comendo á mesa do bispo, e tendo annualmente um vestido completo na valia de 3 morabitinos (4$800 réis). Apezar da importancia (para a epocha) d'esta remuneração, mestre Bernardo estava longe de ser um engenheiro irreprehensivel. Correndo as contas das despezas nota-se uma verba applicada no pagamento de outro architecto, Roberto de Lisboa, quatro vezes chamado a Coimbra para emendar a obra, e sobre tudo para se incumbir do trabalho do portal. Este antecessor de Miguel Angelo trazia comsigo um estado de quatro moços e quatro jumentos, que o bispo pelo contracto estava obrigado a sustentar, cousa menos facil do que póde figurar-se. Além da cevada, do pão, e da carne e vinho necessarios para o consumo dos homens e dos asnos, o mordomo episcopal pagou a mestre Roberto a somma avultadissima, visto o preço do dinheiro n'aquelle tempo, de 1:510 morabatinos (2:416$000 réis!) O architecto Bernardo, que, sob a tutella do mentor de Lisboa, dirigia a obra, falleceu durante ella; e o seu successor mestre Sueiro, varão menos importante ao que parece, não obteve as honras lucrativas do talher á mesa do bispo, dando-se-lhe em compensação um vestido por anno, um quintal de vinho, e um moio de pão.

O architecto Roberto, incumbido do desenho e lavor do portal e da correcção da obra, não foi o unico artista de fóra que veiu tra-

balhar na Sé de Coimbra. Entre outros apparece um estrangeiro, mestre Ptolomeus (nome byzantino), como auctor do famoso retabulo dourado do frontal, e do quadro com lavores de ouro da Annunciação da Virgem. Ptolomeus tinha por anno 150 morabitinos (240$000 réis), e o ourives Felix, que fez o jarro e a bacia de prata para o serviço da missa, recebeu pela mão de obra 7 morabitinos (11$200 réis.) Tanto na composição e ornato das aras e columnas do altar de Sancta Maria, como no pavimento das absides, lageado de mosaico em xadrez, dispenderam-se 40 morabitinos (réis 64$000.) A cruz de ouro fino, dadiva do bispo, era a maravilha do templo. Algumas lascas do santo lenho embutidas no metal precioso, e duas laminas tiradas da pedra do monte Calvario, tornavam-n'a extremamente devota. Em uma das laminas, ao meio da cruz, estava esculpida com grande primor a figura de Christo crucificado; e do outro lado a da Mater Dolorosa. A generosidade do bispo não se limitou a esta bella offerta. São innumeraveis as dadivas de vasos, vestimentas, e joias com que enriqueceu o thesouro da cathedral, subsidiando as obras, e estimulando-as de dentro mesmo da cella de Sancta Cruz, aonde se tinha recolhido padecendo de uma enfermidade aguda.

Não respiram toda a singeleza da meia edade estas noticias lançadas por um conego no registo da cathedral? Aquelle architecto que o bispo assentava á sua mesa, e ao qual dava

um vestido todos os annos, não provará a estimação das artes? A vinda de mestre Roberto para emendar as obras e presidir ao lavor do portal, sendo elle estrangeiro, como o nome indica, não nos explica o ar de parentesco de alguns monumentos nossos com os de fóra do mesmo periodo? Naturalmente o architecto chamado de Lisboa pertencia á raça do norte, tendo vindo em qualquer das frotas de cruzados, que entravam frequentemente no Tejo. Se a conjectura não é arriscada, acha-se mais do que provavel que o bispo, desejando que a nova Sé se levantasse egual na perfeição e na grandeza aos edificios religiosos da epocha, não poupou sacrificios para corrigir e aformosear a sua cathedral pela mão de um artista, formado na eschola, que produziu as bellas epopeias de pedra da França, da Inglaterra e da Allemanha. Com este mestre Bernardo podia aprender sem pejo; e Coimbra, acabado o templo, não seria orgulhosa exclamando: «a nenhum inferior no reino!»

De feito ha na Sé de Coimbra um caracter indelevel. E' a magestade sacerdotal na sua expressão elevada. Mesmo depois das renovações do bispo D. Jorge de Almeida em 1510 e do bispo Affonso de Castello Branco no seculo 17.º, o sentimento que predomina ainda é o da arte menos florida e mais crente do seculo da fundação. O typo austero conserva pura e intacta a severa belleza apezar dos estragos e das reparações successivas. Rodeada de uma corôa de ameias, fortificada com as

duas torres meio guerreiras, meio devotas, a antiga cathedral, como os seus primeiros pastores, era a imagem da egreja militante. Esta armadura de pedra assimilhava-se á couraça envergada sobre as vestes clericaes pelo bispo e pelos conegos nos dias de conflicto. Por fóra estava o castello; por dentro a casa de Deus, aonde a fé aos pés da cruz se abraçava com a esperança!

O que acabamos de expôr em resumo foi textualmente extrahido do Livro Preto de Coimbra, de um documento intitulado *Minutatio testamentorum sive hereditatum sedis S. Maria Colimbriensis*. Por elle é que se descobriu approximadamente a epocha da fundação da Sé, e as principaes circumstancias da sua origem e structura. Collaça da monarchia, e filha de Affonso Henriques, a cathedral, se não remonta aos Godos e aos Arabes, nasceu em um periodo sagrado pela victoria, e heroico pelos prodigios de valor e de abnegação, que o ennobrecem. A lenda que poeticamente queria levar a Sé a uma antiguidade fabulosa expirou deante da historia, como vacillava já perante o raciocinio critico. Era escabrosa na realidade de concordar a remota existencia attribuida á cathedral com a destruição completa de Coimbra! Só um milagre conseguiria, que, reduzida a ruinas a cidade, escapasse da assolação o monumento religioso para justificar os brazões archeologicos, inventariados pelos seus genealogistas.

(Do *Panorama*, de 1853).

XXX

O mosteiro da Batalha

Na vespera da Assumpção da Virgem, 14 de Agosto de 1385, achava-se o Mestre de Aviz, já acclamado rei pelas côrtes de Coimbra, nos campos de Aljubarrota, para se ver de rosto com o grande poder que o rei de Castella guiava contra elle, para lhe disputar a coroa.

Ambos os contendores tinham resolvido entregar a decisão do pleito ao exito de uma batalha ferida a todo o trance.

D. João I contava ao todo mil e duzentas lanças, oitocentos bésteiros, e quatro mil homens de pé.

Os inimigos vangloriavam-se de trazerem mais de cinco mil lanças, entre castelhanos, e cavalleiros francezes e gascões, dois mil ginetes, oito mil bésteiros, e quinze mil de pé.

A desproporção era immensa, e animos, que fossem menos firmes, do que o condestavel e o filho de el-rei D. Pedro I, já antes de se cruzarem os ferros dariam a peleja por perdida.

Mas a viva fé no auxilio de Deus, e o amor

da independencia da terra natal, retemperou de mais vigor ainda aquelles corações, que o perigo e a desegualdade do numero, estimulavam, em vez de abaterem.

Nuno Alvares Pereira, no viço da sua robusta mocidade corria por entre as fileiras, inspirando a quantos o viam o esforço, que alentava a sua alma heroica. Uma jaqueta de lã verde bordada de rozeiras, desenhava-lhe o corpo, e sobre ella vestia cotta, arnez, braçaes e grevas, com o estoque e a adaga ao lado.

A bandeira do condestevel ondeava com a briza, ao sol esplendido e abrazador do estio, no sitio em que depois a piedade do guerreiro victorioso erigiu a devota ermida de S. Jorge, padroeiro dos portuguezes, porque Sanctiago era invocado como seu defensor pelos castelhanos.

O Mestre de Aviz, ainda mancebo na edade, e ardendo em desejos de assignalar por um bello feito o seu nome, e a dignidade real, que acabava de acceitar, alçava o seu pendão no meio de setecentas lanças escolhidas, e soffreava a cada instante o corsel, não menos impaciente, do que o senhor, de topar em cheio com os esquadrões do estrangeiro, cujas trombetas soavam ao longe, em desafio, com brava alegria.

Quando o exercito do rei de Castella começou a apparecer e os olhos poderam apreciar em grosso aquella multidão armada, que não carecia senão de extender as alas, e de estreitar nos braços de gigante o pequeno vulto da hos-

te portugueza para a suffocar, nem os capitães, nem os cavalleiros, nem mesmo os homens de pé mais humildes, recuaram um passo, ou sentiram esfriar no peito a chamma do enthusiasmo, que os sustinha alli tão poucos, mas tão seguros para darem com a espada em punho o ultimo desengano ao invasor.

Mostrava-se tão vistosa e bizarra a ordenança das batalhas castelhanas, que em presença d'ella, diz o chronista Fernão Lopes, os portuguezes não pareciam mais do que o lume de uma pobre estrella deante da claridade da lua, em noite de mais resplendor.

Tinha o seu posto na vanguarda, em um plaino cuberto de urzes verdes, no meio da estrada por onde haviam de desemboccar os adversarios.

O dia já declinava quando os frecheiros, retesando os arcos e armando as béstas, despediram contra os inimigos uma chuva de setas e de virótes, e quando no meio dos apupos e alaridos d'elles, que o condestavel comparava a um pouco de vento, apenas digno de desprezo, invocando S. Jorge e Portugal, as boas lanças de Nuno Alvares se foram encontrar com as contrarias, travando logo a mais formosa e ardida pugna.

Todos sabem como ella terminou, e as proezas que immortalizaram o glorioso monarcha, e os seus companheiros d'armas, consagrando pela victoria o seu direito ao throno, e á liberdade da patria.

Em quanto a flor do immenso poder de Cas-

tella ficava nos campos de Aljubarrota, cortada pela espada dos guerreiros de D. João I, o rei estrangeiro ia esconder a sua vergonha atraz das ameias de Santarem, e o lucto e as lagrimas amaldiçoavam no seio das familias mais nobres a temeridade da sua ambição.

Quando as trevas da noite cerraram, do que horas antes fôra um grande e bem ordenado exercito, só se viam armas e lanças em montões, cavallos e cavalleiros mortos ou moribundos, e ao largo e bem longe, pela campina adeante, a perder-se de vista, troços errantes de fugitivos que os vencedores perseguiam com a espada alta, a todo o galope dos corseis.

A grandeza do successo não deslumbrou o Mestre de Aviz.

Pondo toda a esperança em Deus e na Virgem, accommettêra sem receio, e triumphára sem espanto. Antes de calar a viseira, e de entrar na batalha religioso e crente, como eram n'aquelle tempo de viva fé os corações mais elevados e robustos, D. João I fez o voto solemne de levantar um sumptuoso templo á Virgem, Mãe de Deus, se por sua intercessão saisse vencedor; e dois, ou quando muito tres annos depois, segundo as mais acertadas conjecturas, principiava já a cumprir a promessa, não se esquecendo nos dias prosperos do grito de angustia, que soltára no segredo do seu peito, durante as horas de anciedade, em que via sobre si quasi um imperio, e em que todos diriam, que só a idéa da lucta equivalia a tentar a Deus medindo-se com o impossivel.

Que importa vozes vãs, e loucos juizos do vulgo!

Os poucos derrotaram os muitos: e por um milagre de valor e ousadia a coroa de Affonso Henriques firmou-se no elmo do filho de Pedro Crú.

O monumento erigido para servir de padrão ao valor portuguez, de memoria á independencia nacional foi digno do principe e da grande épocha, que elle abriu n'aquelles campos; pela sublimidade e primor da execução, merece o assombro dos estranhos, e o justo orgulho dos conterraneos.

A epopéa das armas teve no livro de pedra da architectura gothica outra epopéa, não menos grandiosa.

O mosteiro de Sancta Maria da Victoria, usualmente chamado o convento da Batalha, é o brazão de um nobre feito, e ao mesmo tempo o testimunho do que sabe e alcança a arte, quando ao sentimento patriotico une o sentimento religioso.

O cinzel que escreveu no marmore aquella pagina admiravel era irmão da penna que traçou no papel e divulgou nos typos o canto dos Lusiadas.

Affonso Domingues, e Luiz de Camões são dois poetas sem rival, os ultimos da raça, crente e heroica, que levou a todas as partes do mundo as quinas portuguezas, hasteando-as triumphantes desde Ceuta a Arzilla, até Malaca e Ormuz, desde Safim e Tanger até aos

sertões da America, e ás praias inhospitas dos africanos.

Querendo levantar o edificio nas visinhanças do sitio, onde tinha sido dada a batalha, D. João I escolheu um valle, regado pelo rio Lena, e comprou a Egas Coelho e Maria Fernandes de Meira sua mãe, a *Quintãa do Pinhal*, como consta da doação, que fez ao mosteiro, datada de 14 de Agosto de 1434, em Coimbra.

Esta quintãa abrangia o local, em que se construiu o convento, parte da cerca actual, e o chão, onde se armaram telheiros para a execução de tamanha obra.

Á medida, que os trabalhos diminuiam, aforava-se a particulares a terra occupada pelas officinas, com a clausula expressa de fazerem casas.

A povoação correu assim; e hoje a villa, e o seu termo não comprehendem menos de 1:062 fogos, que formam a freguezia de Sancta Cruz.

O primeiro mestre, que dirigiu a fabrica do vasto e complicado monumento, o auctor do risco d'esta maravilha da architectura religiosa e das crenças heroicas do velho Portugal foi Affonso Domingues, poeta pela imaginação e cavalleiro por sangue e brios.

A tradição, talvez para exaltar o artificio da abobada suspensa da casa do capitulo, que por duas vezes desabára ao tirar dos simples, segundo se conta, attribuiu a gloria da difficuldade removida ao engenho de Affonso Do-

mingues, já cego, e dourou a lenda com o voto, deu causa á morte sublime do velho architecto, por tres dias sentado debaixo d'aquellas pedras, em jejum natural, para que ellas o sepultassem para sempre, se por deshonra sua tornassem a cahir.

O formoso romance da «Abobada» publicado no *Panorama* pelo sr. A. Herculano, tirou da narração popular um dos primores da eschola moderna e o modelo perfeito d'esses paineis inspirados, que Villemain nos cita como a melhor e a mais fiel interpretação da historia de uma epocha.

Affonso Domingues parece ter sido substituido na direcção das obras por mestre David Ouguet; e depois d'este foram seguindo-se todos os outros, que enumera a curiosa memoria do erudito Cardeal D. Francisco de S. Luiz inserta no tomo IX, parte I, da collecção da Academia Real das Sciencias, aonde se encontrará apurada noticia dos reinados e do tempo, em que se construiram as differentes partes do edificio, a historia critica d'elle e de cada uma das secções sobre si, e instructivas investigações acerca do estado das artes e officios que dizem respeito nas seculos XIV e XV.

El-Rei D. João já levava larga e adeantada a construcção do magnifico templo da Batalha, quando o doou á ordem de S. Domingos por carta de 4 de Abril de 1388, lavrada na cidade do Porto a pedido do seu confessor fr. Lourenço Lampreia, e do doutor João das Regras.

Quem diria ao fundador de Sancta Maria da Victoria n'esse momento, que a penna de um frade do mesmo habito, cavalleiro e fidalgo antes de se amortalhar no escapulario e na cogula monastica, havia de competir com o cinzel dos seus esculptores, e pintar no livro o que elles abriram na pedra, empregando côres de estylo tão finas e claras, que uma segunda maravilha da arte nascesse da primeira?

Quem viu o quadro do mosteiro, desenhado pela penna elegante de fr. Luiz de Souza, e o comparou com o monumento, não desmentirá a asserção, que arriscâmos. Em auctor, que tão formosa e alta sabia pôr a lingua portugueza, e que tantas paginas, quasi inimitaveis nos deixou, as que retractam com rara viveza toda aquella prodigiosa fabrica, não são de certo menos delicadas e admiraveis!

Ouçamol-o, descrevendo, pintando antes, a frontaria principal do edificio.

«Da parte de fóra da egreja ha duas entradas, uma que faz a porta principal, e outra a travessa que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesus... O portal e frontispicio da principal merecia só um livro pela qualidade da obra se houveramos de descriminar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de lavores e variedade de feitios desde a primeira pedra, que descobre sobre a terra até ao remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada plano tem tanto que ver de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade,

que, considerado com attenção, impossibilita o engenho, e embota a poesia, para o declararmos, e se entender com todas suas partes. Só um espelho, que se abre no alto em meio do frontispicio, para dar luz dentro parece que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas de agulha ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela fórma circular e redonda e pela representação de miudezas do feitio. Os vãos, que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes, que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas de côres finas e pinturas de varias armas e divisas do reino, de tenções e emprezas de el-rei. E como são muitos os vãos, por que o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz...

«Não será desagradavel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar, para credito do que dizemos, por mão de architecto. No alto da nave do meio ha 16 frestas, a 8 por banda, que sobem 18 palmos até aos capiteis, e tem de largura 9, dividida cada uma com 2 pilares, da grossura de um palmo cada pilar, para firmeza das vidraças»...

O interior da egreja corresponde á magestosa apparencia de todo o edificio, descripto por Fr. Luiz de Souza.

Só o corpo d'ella, desde a porta principal, aberta ao poente, e correndo contra o nascente, segundo o costume dos antigos templos,

mede 300 palmos de comprimento até ao primeiro degrau da capella mór; e junctando-se-lhe os 60 que vão d'este degrau até á parede, a que se encosta o altar mór, perfaz 360.

A largura é de 100 palmos. A altura até ao ponto mais subido da maior abobada alcança 146.

O cruzeiro tem de largo 30 palmos, correspondentes á quinta parte da sua extensão, que é de 150; e a frontaria d'elle a um e outro lado da capella mór, acha-se dividida em quatro capellas, duas por banda.

Não insistiremos, notando mais particularidades.

A elevação e sublimidade de pensamento, que inspiram a epopéa de pedra de Sancta Maria da Victoria, e a grandiosa expressão que tomou o marmore, crescendo da terra em lavradas molles, diz tanto ao espirito e ao coração, apenas se contempla, que a poesia d'aquella épocha cavalheirosa, unida á uncção do sentimento religioso, arrebatam, deslumbram e confundem o observador.

A admiração do bello, deante de uma das suas mais perfeitas manifestações sobresalta a alma, leva-a comsigo atraz da vista.

A Batalha, como a cathedral de Paris, merecia, que o pincel encantado de um novo Hugo a levantasse na tela maravilhosa do romance.

(Do *Archivo Universal*, de 1860).

XXXI

A torre de Belem

Quando el-rei D. João II, depois de ferir duas vezes na cabeça a fidalguia portugueza, voltou com mais zelo os seus cuidados para a navegação e os descobrimentos, tractou logo de defender a entrada do Tejo, que, nas suas ideias de engrandecimento, devia tornar-se em poucos annos um dos portos mais concorridos da Europa, senão o mais frequentado.

O rei popular, o Mestre de Aviz, pelo mesmo motivo tinha levantado na margem esquerda a Torre Velha, d'onde os canhões de bronze podiam varejar qualquer armada inimiga, que se aventurasse temerariamente a devassar as aguas do magestoso rio, em que se banha a capital; e seu neto, verdadeiro filho de Affonso V nas armas, e emulo na politica de Fernando o catholico, adoptando o pensamento guerreiro do vencedor de Aljubarrota, procurou completal-o por um systema de defesa, que para o estado da arte militar d'aquelle seculo parecia mais do que sufficiente para fazer arrepender as pesadas naus, ou as caravellas mais ligeiras, que, por um rasgo de arrojo, se atrevessem a affrontar as quinas hasteadas nos muros de Lisboa, debruçada sobre as extensas praias, que domina. Para levar a effeito o seu

proposito, D. João II imaginou a construcção de outra fortaleza, que pouco abaixo da cidade, e situada na margem direita, cruzasse os fogos com as baterias da Torre Velha, fechando assim a passagem ás mais poderosas esquadras: e Garcia de Rezende, o colleccionador do melhor Cancioneiro nosso do seculo xv, o confidente e chronista aulico do monarcha, foi o engenheiro ou o architecto incumbido de estudar o plano, e de traçar o desenho da obra.

De facto suppõe-se que chegou a formal-o, e a offerecel-o. Mas a fortuna, que ás vezes quer mostrar em tudo sempre os seus caprichos, a fortuna reservou para o seu successor mais este florão, como deixou intacta tambem para elle a gloria, de que Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, transpondo o cabo das tormentas, e visitando a India e a provincia de Sancta Cruz, ornaram a sua coroa, fazendo de Portugal tão pequeno a mais opulenta e poderosa monarchia do seu tempo.

D. Manuel, colhendo maduras e formosas as sementes, que o reinado precedente lançára á terra, foi o herdeiro ditoso das emprezas do infante D. Henrique, e das reflectidas e calculadas tentativas do neto de D. Duarte.

O esplendido monumento do mosteiro dos Jeronymos é o padrão erguido á memoria dos primeiros navegadores que, sugeitando os mares e as tempestades, abriram a nova estrada e a nova epocha; a torre de S. Vicente de Belem, edificada quasi pelo mesmo periodo, e posta no meio das aguas, foi a testemunha

muda, mas segura, d'esse immenso poder naval, cujos braços armados se alongaram até Goa, Malaca, Adem, e Ormuz, ao passo que assoberbava na Africa occidental as bellicosas tribus dos cavalleiros do Islam, e que na Africa oriental cravava os marcos de posse com os brazões da monarchia em perto de tres mil leguas de costa!

Os relevos e bastiões, que ornam a fortaleza construida por D. Manuel, as guaritas enfeitadas de variados lavores, nos angulos, as ameias corridas entre ellas, o eirado superior, aonde em tempos recentes se levantou o telegrapho, e o alto adarve sustentado em cachorros de pedra, e com abertas para de cima se arremessarem pedras, virotes, alcanzias, e panellas de polvora, descobrindo até ao sopé das muralhas, apar das cruzes da ordem de Christo floreteadas, que se veem entalhadas nas ameias, são tudo primores e bellezas, que realça o estylo grandioso e ao mesmo tempo luxuoso da architectura peculiar áquella epocha. Militarmente considerada, porém, e em presença do adeantamento que alcançou a arma de artilheria, a praça pouca ou fraca resistencia poderia apresentar. Embora as muralhas meçam duas braças de espessura, como são de cantaria, sobrariam alguns tiros para as derrocar; e para tolher o passo aos vasos de guerra, que forçassem a entrada, só a bateria casamatada, usando de balas vermelhas, offereceria obstaculo mais serio, estando guarnecidas as suas quinze canhoneiras.

O governo da Torre foi sempre reputado como um dos mais honrosos. Apenas rematou a obra, el-rei D. Manuel premiou com a capitania d'ella os serviços de Gaspar de Payva, por dôação de 25 de setembro de 1521.

Ainda não ha muitos annos, mesmo, que se cobravam n'este ponto propinas de certo valor; cada embarcação, que saía, pagava 3:800 réis, dos quaes 1:600 liquidos cabiam ao governador. Hoje acha-se abolida similhante peagem. A Torre de Belem é contemporanea do mais venturoso reinado, que viu Portugal.

Se não tremulavam ainda nas suas ameias as cores do estandarte nacional, quando Vasco da Gama se fez de véla em 1497, nem quando voltava dois annos depois, em 1499, com as naus triumphantes, que romperam além dos mares o caminho da India, assistiu meia erecta já á partida de outras armadas, e a onda, que gemia á raiz dos muros, tinha-se curvado primeiro debaixo da quilha dos galeões, que transportaram ao oriente Affonso de Albuquerque, Duarte Pacheco e D. Francisco de Almeida.

As armadas que fizeram tremer a Asia, empallidecendo com a verdade as proezas fabulosas das epopeias, correram, vento em pôpa, defronte dos seus alicerces; e o navio, que levou o poeta dos «Lusiadas», cortando as aguas, por mais rapido, que fugisse, não a perdeu de vista, todavia, sem saudade.

Que de grandezas e vicissitudes não teem contemplado silenciosas aquellas muralhas

de cantaria, que ouviram a grita e celeuma das galés de D. Sebastião, de voga arrancada para irem sepultar nas areias inhospitas de Alcacer o rei e a monarchia; aquellas baterias que troaram pela boca dos seus canhões, festejando a entrada de Filippe II, e que, sessenta annos depois, tornaram a soltar a sua voz de bronze, saudando a aurora auspiciosa da restauração e da independencia! Em tres seculos e meio, que conta de edade, como os homens e as cousas teem mudado, como se desfizeram em pó os colossos mais temidos, e desappareceram até do mappa do mundo nações inteiras, proclamadas em antigos dias como heroicas e felizes!

A Polonia, Veneza, e tantas outras, vivem só na historia, em quanto o monumento de pedra sem se inclinar aos tempos, continua a levantar a fronte coroada de ameias, bello pela sua velhice, e venerando pelas suas recordações.

Os povos succumbiram, os reinos dissolveram-se, os sceptros quebraram-se, mas o cimento da fortaleza de D. Manuel, mais rijo, não deixou desabar uma das formosas obras do seu reinado.

(Do *Archivo Universal*, de 1860).

FIM DO 3.º E ULTIMO VOLUME DOS «BOSQUEJOS HISTORICO LITTERARIOS»

INDICE